

Aula 03 – Sintaxe da Oração

Língua Portuguesa para UFMS

Prof. José Maria C. Torres

Sumário

SUMÁRIO	2
SINTAXE – CONCEITOS INICIAIS	4
<i>Frase, Oração e Período</i>	<i>4</i>
SINTAXE DA ORAÇÃO	8
SUJEITO	9
<i>Sujeito Determinado</i>	<i>9</i>
<i>Sujeito Indeterminado</i>	<i>13</i>
<i>Sujeito Inexistente</i>	<i>17</i>
TERMOS ASSOCIADOS AO VERBO	23
<i>Verbos de Ligação</i>	<i>24</i>
<i>Verbos Nacionais</i>	<i>25</i>
<i>Complementos Verbais (OD e OI)</i>	<i>25</i>
<i>Adjuntos Adverbiais</i>	<i>29</i>
<i>Passo a Passo da Análise Sintática da Oração</i>	<i>33</i>
<i>Agente da Passiva</i>	<i>36</i>
TERMOS ASSOCIADOS AO NOME	36
<i>Adjunto Adnominal</i>	<i>36</i>
<i>Predicativo</i>	<i>38</i>
<i>Adjunto Adnominal vs. Predicativo</i>	<i>40</i>
<i>Complemento Nominal</i>	<i>42</i>
<i>Adjunto Adnominal vs. Complemento Nominal</i>	<i>43</i>
<i>Aposto</i>	<i>45</i>
TIPOS DE PREDICADO	49
<i>Predicado Verbal</i>	<i>49</i>
<i>Predicado Nominal</i>	<i>49</i>
<i>Predicado Verbo-Nominal</i>	<i>49</i>
VOCATIVO	50
QUESTÕES COMENTADAS PELO PROFESSOR	51
LISTA DE QUESTÕES	131
GABARITO	185
RESUMO DIRECIONADO	186

Olá, meus amigos!

Vamos dar início à lendária análise sintática. Não há por que temer, vocês vão ver! Seguindo o passo a passo que eu vou ensinar de forma bem “mastigada”, vocês serão capazes de analisar qualquer oração.

Bom proveito na aula, moçada!

Estou sempre às ordens!



[@professorjosemaria](https://www.instagram.com/@professorjosemaria)



t.me/professorjosemaria



[/professorjosemaria](https://www.youtube.com/channel/UC.../professorjosemaria)

Sintaxe – Conceitos Iniciais

É muito importante conceituar o alvo de estudo da Sintaxe. Essa seção da Gramática está preocupada com a **frase**, no que se refere à sua construção. Veja bem, o objetivo final é construir de forma adequada uma frase. Lembre-se de que a Morfologia tinha sua atenção voltada para a palavra e a Semântica, para os sentidos produzidos. Essas três seções da Gramática ainda conversarão bastante, não demorará muito não, viu?

Para iniciar o estudo da análise sintática, é essencial que conheçamos três conceitos básicos: **frase, oração e período**. Vamos a eles!

Frase, Oração e Período

A frase nada mais é do que um enunciado linguístico de sentido completo. Ela se caracteriza por ser iniciada com letra maiúscula e encerrada com um dos seguintes três sinais de pontuação: ponto final, ponto de interrogação ou ponto de exclamação. A vírgula e o ponto e vírgula não encerram frase, ok? São pausas dentro da frase. *E as reticências, professor?* Elas, na verdade, interrompem uma frase.

Deixe-me perguntar uma coisa para vocês! Vou escrever na sequência um negocinho e queria que você me respondesse se se trata de uma frase, ok?

Fogo

E aí? *Professor, não se trata de uma frase! Temos aí apenas uma palavra, ok?*

Exato! Você está correto! Agora, veja o que vou escrever:

Fogo!

E agora, temos uma frase ou não? *Hum..., estou em dúvida, professor!*

Olhe novamente o conceito de frase. Meu caro aluno, temos agora um enunciado de sentido completo, concorda? Ora, se alguém invade sua sala de estudo e grita... Fogo! Você vai ficar parado? É para correr, rapaz! Tá pegando fogo! Rs. Observe também o início com letra maiúscula e o final com ponto de exclamação.

Trata-se de uma frase sim!

Daí tiramos uma importante conclusão: nem toda frase possui verbo! Há frases que classificamos como **nominais** - *aquelas estruturadas em torno de um ou mais nomes* – e outras que classificamos de **verbais** - *aquelas estruturadas em torno de um ou mais verbos*.

Exemplos:

Que bacana! (Frase Nominal)

Encontraram o professor tirando um cochilo na escola. *(Frase Verbal)*

A frase verbal, meninos, recebe um nome específico: período. A partir de agora, toda vez que nos depararmos com uma frase verbal, chamá-la-emos de **período**.

Tome nota, por favor! **Período nada mais é do que uma frase verbal**. Grosseiramente falando, é uma frase com verbos dentro – um, dois, três, ... cem, não importa, quantos couber!

O período, meninos, pode ser **simples** ou **composto**. **No período simples, temos apenas 1(uma) oração. Já no período composto, temos 2(duas) ou mais orações.**

E o que seria uma oração, professor? **A oração é toda estrutura – frase ou trecho de frase - organizada em torno de um verbo ou locução verbal**. Para contar o número de orações dentro de um período, contabilizamos quantas estruturas verbais - verbos e locuções verbais – nele possuímos. Se há apenas 1(uma) estrutura verbal, então teremos apenas 1(uma) oração no período; se temos 2(duas) estruturas verbais, então teremos 2(duas) orações; e assim por diante.

Professor, está na hora de um exemplo!

Vamos lá! Vou escrever um pequeno fragmento de texto e vou fazer algumas perguntinhas para vocês! Observe:

O professor pediu encarecidamente que seus alunos estudassem o conteúdo, pois este tem sido frequentemente cobrado nos últimos concursos. Muitos, no entanto, não deram atenção ao professor. Uma pena!

A 1ª pergunta que faço a vocês é: quantas frases temos nesse trecho de texto?

Nós temos, galerinha, **três frases**! Olhem para o início com letra maiúscula e busquem o sinal de pontuação que encerra cada frase. Vamos identificar as frases com cores:

O professor pediu encarecidamente que seus alunos estudassem o conteúdo, pois este tem sido frequentemente cobrado nos últimos concursos. Muitos, no entanto, não deram atenção ao professor. Uma pena!

A 2ª pergunta que faço a vocês é: quantos períodos temos nesse trecho de texto?

Nós temos, galerinha, **dois períodos**. Vejam que, das três frases, apenas duas delas são verbais. O período, mais uma vez, nada mais é do que uma frase verbal. Vejamos agora os dois períodos do texto:

O professor pediu encarecidamente que seus alunos estudassem o conteúdo, pois este tem sido frequentemente cobrado nos últimos concursos. Muitos, no entanto, não deram atenção ao mestre.

Vocês agora são capazes de classificar cada um desses períodos? É a minha 3ª pergunta!

O período de azulzinho é simples ou composto? Ora, ele é **composto**, pois nele há mais de uma oração. Como o senhor sabe que há mais de uma oração, professor? Ora, há mais de uma estrutura verbal nele presente, moçada. Para ser mais exato, são três as estruturas verbais – “pediu”, “estudassem” e “tem sido cobrado”. A última estrutura verbal, como podem ver, é uma locução verbal formadora de voz passiva analítica (verbo auxiliar SER + verbo principal no Particípio), concorda? **São, portanto, 3(três) as orações que formam o 1º período.**

Já o período de laranjinha é formado por apenas uma oração, pois nele identificamos apenas 1(um) verbo – “deram”. **O 2º período é, portanto, simples.** A única oração que o compõe recebe o nome de **oração absoluta**.

Uma última perguntinha conceitual é acerca da identificação das orações: como saber o exato ponto em que uma oração se encerra e a outra começa? Ora, uma oração precisa ser conectada a outra por meio de algum conectivo. Os conectivos, também chamados de conectores, são as conjunções e pronomes relativos, que serão amplamente estudados em Sintaxe do Período. O conector, portanto, é o marco divisório entre uma oração e outra: antes dele temos uma oração; a partir dele outra. Vale ressaltar que algumas orações não se conectam uma a outra por meio de conectores: é o caso das orações coordenadas assindéticas, das justapostas e das reduzidas. Não se preocupe! Estudaremos cada uma delas.

Vejam os 1º período do nosso exemplo:

*O professor pediu encarecidamente **que** seus alunos estudassem o conteúdo, **pois** este tem sido frequentemente cobrado nos últimos concursos.*

Destacamos os dois conectores nele presentes: o “que” e o “pois”. São eles que isolam uma oração da outra, como você pode ver.

Dessa forma, a 1ª oração do 1º período é “O professor pediu encarecidamente”; a 2ª oração do 1º período é “que seus alunos estudassem o conteúdo”; já a 3ª oração é “pois este tem sido frequentemente cobrado nos últimos concursos.”.

No caso do 2º período, como ele é simples, a oração que o compõe coincide com o próprio período: Muitos, no entanto, não deram atenção ao mestre.

Galera, dizemos que toda oração tem um dono. E esse “dono” é um verbo. Como podem ver, cada oração que listamos anteriormente está organizada em torno desses donos: “pediu”, “estudassem”, “tem sido cobrado” e “deram”.

Vamos para um exemplo mais complexo?

Caiu em prova!

Também é certo, por outro lado, que, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades que são impactadas por suas atividades e são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, o qual, é sempre bom lembrar, está se tornando cada vez mais fator de sucesso empresarial e abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.

O período acima é composto por

- a) seis orações.
- b) oito orações.
- c) nove orações.
- d) sete orações.

e) dez orações.

RESOLUÇÃO:

Ora, para contar a quantidade de orações, contabilizemos quantas estrutura verbais – verbos e locuções verbais - há no período.

A primeira forma verbal é “é”; a segunda, “aumentarem”; a terceira, “adquirem”; a quarta, a locução verbal de voz passiva “são impactadas”; a quinta, a locução verbal de voz passiva “são gratificadas”; a sexta, “é”; a sétima, “lembrar”; a oitava, a locução verbal “está se tornando”; por fim, a nona, “abrindo”.

São, portanto, 9 orações!

Detalhando um pouco mais, podemos identificar cada uma das orações. Observe:

*Também é certo, por outro lado, **que**, ao aumentarem a transparência do processo de tomada de decisões, as empresas adquirem o respeito das pessoas e comunidades **que** são impactadas por suas atividades **e** são gratificadas com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, **o qual**, é sempre bom lembrar, **está se tornando** cada vez mais fator de sucesso empresarial **e** abrindo novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.*

1ª oração: *Também **é** certo, por outro lado, ...* > o “dono” da oração é o verbo “ser”

2ª oração: *... **que**, ao **aumentarem** a transparência do processo de tomada de decisões, ...* > o “dono” da oração é o verbo “aumentar”

3ª oração: *... as empresas **adquirem** o respeito das pessoas e comunidades...* > o “dono” da oração é o verbo “adquirir”

4ª oração: *... **que** **são impactadas** por suas atividades...* > o “dono” da oração é o verbo principal “impactar” > a locução verbal “são impactadas” contabiliza apenas uma oração.

5ª oração: *... **e** **são gratificadas** com o reconhecimento e engajamento dos seus colaboradores e a preferência dos consumidores, em consonância com o conceito de responsabilidade social, ...* > o “dono” da oração é o verbo principal “gratificar” > a locução verbal “são gratificadas” contabiliza apenas uma oração.

6ª oração: *... **o qual**, **é** sempre bom...* > o “dono” da oração é o verbo “ser”

7ª oração: *... **lembrar**...* > o “dono” da oração é o verbo “lembrar” > observe que o verbo “lembrar” não constitui com o verbo “ser” locução verbal, haja vista que é possível desenvolver infinitivo (... **é** sempre bom **que se lembre**...), configurando, assim, duas orações.

8ª oração: *... **está se tornando** cada vez mais fator de sucesso empresarial...* > o “dono” da oração é o verbo principal “tornar-se” > a locução verbal “está se tornando” contabiliza apenas uma oração.

9ª oração: *... **e** **abrindo** novas perspectivas para a construção de um mundo economicamente mais próspero e socialmente mais justo.* > o “dono” da oração é o verbo “abrir”.

Gosto de fazer essa extensa introdução, conceituando no detalhe frase, oração e período, para que o aluno saiba em que chão está pisando. Esses conceitos, se não bem firmados, podem lá na frente se misturar e embaralhar nosso juízo. Portanto, moçada, interessa-nos na Sintaxe o estudo das frases, sobretudo as verbais, chamadas de períodos. Começaremos nossa análise pelo Período Simples, ou seja, da Oração, que será

dissecada dos pés à cabeça nesta aula. Na próxima aula, estudaremos o Período Composto e as relações de subordinação e coordenação entre as orações.

Sintaxe da Oração

Nesta aula, dissecaremos o **Período Simples**. A aula não é de Matemática, isso é óbvio, mas vamos apresentar a seguir uma “equação”. Ela começa assim:

$$PS = O \text{ (1)}$$

onde **PS** = *Período Simples* e **O** = *Oração*.

De fato, estudar Período Simples é estudar a Oração, já que só há uma oração nesse tipo de período.

Desenvolvendo (1), temos:

$$O = S + P \text{ (2)}$$

onde **S** = *Sujeito* e **P** = *Predicado*.

O Sujeito e o Predicado são os chamados **Termos Essenciais da Oração**. Isso significa que toda oração está montada em um sujeito e um predicado? Antecipando a informação, há orações que não possuem sujeito, ok? Nestas, **O = P**.

Desenvolvendo (2), temos:

$$O = S + V + CVs + \dots$$

onde **V** = *Verbo* e **CVs** = *Complementos Verbais (Objetos Diretos e Indiretos)*.

Moçada, essas contas são para mostrar para vocês a sequência que vamos adotar na **análise sintática da oração**. Começaremos com o sujeito; depois migraremos para o predicado, varrendo o verbo; depois os complementos; e na sequência, as demais funções sintáticas.

Ao final, queridos, teremos varrido as seguintes funções sintáticas:

I. Sujeito

II. Termos Associados ao Verbo

- *Complementos Verbais – OD e OI*
- *Adjuntos Adverbiais*
- *Agente da Passiva*

III. Termos Associados ao Nome

- *Adjunto Adnominal*
- *Predicativo*
- *Complemento Nominal*
- *Aposto*

IV. Vocativo

Sujeito

Se buscarmos uma definição conceitual de Sujeito, esbarraremos em um conceito vago. **Sujeito** é o termo do qual se declara algo em uma oração. Consequentemente, o **Predicado** é o que se declara sobre o sujeito.

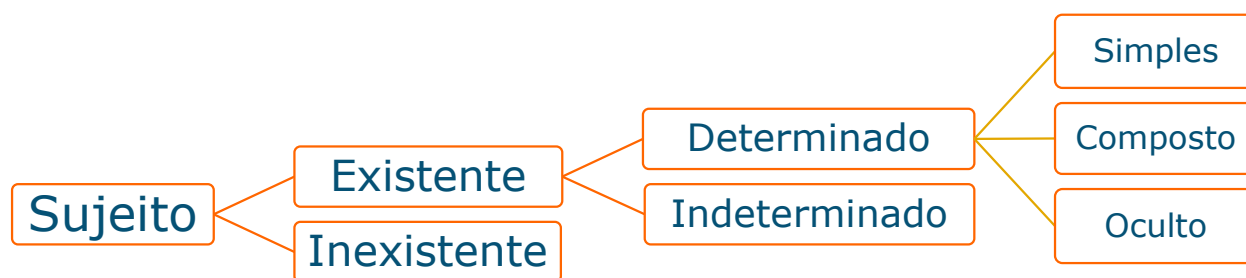
Veja que essas definições são corretas, porém muito pouco precisas. Como se trata de termos complementares (*o que não é sujeito é predicado, e vice-versa*), é melhor entendê-los caracterizando-os do que tentando buscar uma definição precisa (algo infrutífero). Dessa forma, vamos entender o que é sujeito, entendendo como ele se apresenta.

E, para encontrá-lo, vamos perguntar ao verbo da oração:

Quem + forma verbal? ou **O que + forma verbal?**

Vamos visualizar isso na prática, moçada!

Antes de partir para nossas primeiras orações, deixe-me apresentar-lhe o quadro de classificação do sujeito.



Vamos estudar cada um desses sujeitos? Vamos enfrentar nossas primeiras orações? Vamos lá!

Sujeito Determinado

Sujeito Simples

I - O professor cumprimentou o aluno pelo resultado no simulado.

- Vamos perguntar para o verbo "cumprimentar": Quem cumprimentou?
- A resposta será: O professor.
- O sujeito, portanto, é "O professor".
- Trata-se de um sujeito existente.
- Trata-se um existente determinado, pois é possível identificá-lo na oração.
- Trata-se de um existente determinado simples, pois há 1(um) só núcleo: "professor".

Professor, o que seria núcleo? Meu caro, **núcleo é a palavra principal, central, aquela à qual todas as demais estão ligadas, subordinadas. É função substantiva, desempenhada por substantivo ou pronome.** No caso da frase I, nosso sujeito é formado apenas por duas palavras: um artigo e um substantivo. O núcleo, portanto, será o substantivo.

II - O professor de Língua Portuguesa cumprimentou o aluno pelo resultado no simulado.

- Vamos perguntar para o verbo "cumprimentar": Quem cumprimentou?
- A resposta será: "O professor de Língua Portuguesa".
- O sujeito, portanto, é "O professor de Língua Portuguesa".
- Trata-se de um sujeito existente.
- Trata-se um existente determinado, pois é possível identificá-lo na oração.
- Trata-se de um existente determinado simples, pois há 1(um) só núcleo: "professor".

Professor, eu entendi que o sujeito existe. Eu entendi que o sujeito é determinado. Mas eu não consigo entender por que o sujeito continua simples! Gente, o sujeito é formado pelo artigo "o", pelo substantivo "professor" e pela locução adjetiva "de Língua Portuguesa". Definimos anteriormente que o núcleo é a palavra principal, central, aquela à qual todas as demais estão ligadas, subordinadas. É função substantiva, desempenhada por substantivo ou pronome. Ora, o sujeito continua sendo, portanto, "professor". *Mas professor, por que Língua Portuguesa não pode ser núcleo do sujeito?* Por um motivo muito simples, meu amigo! Observe que "Língua Portuguesa" está preposicionado, conectado pela preposição "de" ao substantivo "professor". Ora, se algum termo se encontra preposicionado, é porque ele está subordinado a alguém, logo não pode ser núcleo, captou?

Antes de avançarmos, pergunto a vocês qual a importância de identificar o núcleo do sujeito. Seria somente pela classificação do sujeito em si? Não, gente! Não mesmo! Vamos ainda estudar concordância, certo? Mas nada nos impede de compreender esse tão importante conceito desde já. Ora, o princípio geral da concordância estabelece que sujeito e verbo precisam concordar em número e pessoa. Vamos refinar esse princípio geral, ok? Quando dizemos que sujeito e verbo precisam concordar, estamos nos referindo ao núcleo do sujeito e o verbo, captou?

Na frase II, por que a forma verbal "cumprimentou" está no singular? Ela está no singular, queridos, para concordar com o núcleo do sujeito "professor", que também está no singular. Se este estivesse no plural – "professores" –, seria necessário flexionar a forma verbal no plural – "cumprimentaram".

Prestem muita atenção na dica que eu vou dar agora, moçada!

As bancas adoram isolar o núcleo do sujeito singular do verbo, contaminando-o com vários "penduricalhos" no plural. Quando isso ocorre, nossa distração tende a levar equivocadamente o verbo para o plural, resultando num equívoco de concordância. É a chamada **"contaminação por plural"**! *Professor, eu não entendi absolutamente nada!* Vamos ver na prática! Observe:

Cuidado com a contaminação por plural!!!

Observe a frase:

A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras sofreram queda acentuada nos primeiros meses do ano.

Queridos, nós cometemos um erro de concordância nessa frase!

Pergunte ao verbo "sofreram" quem é o sujeito dele. A pergunta será "O que sofreu queda acentuada nos primeiros...?". E a resposta será "A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras".

Viu o problema?

Qual é o núcleo desse danado?

Veja que o artigo "A" está subordinado ao substantivo "oferta". A este substantivo também estão subordinadas duas expressões preposicionadas – "de novos de trabalhos" e "nas principais capitais brasileiras". **Galera, o núcleo do sujeito é "oferta". O sujeito existe, é determinado e é simples.**

Mas veja que o núcleo do sujeito singular "oferta" e a forma verbal plural "sofreram" não estão concordando, certo?

É preciso estabelecer a concordância.

Como?

A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras sofreu queda acentuada nos primeiros meses do ano.

Você entende por que cometeu esse erro?

Não foi à toa. Os vários "penduricalhos" plurais ligados ao núcleo do sujeito nos induzem a flexionar o verbo no plural. A gente acaba indo no embalo, na inércia. **É a contaminação por plural.**

Amigos, as bancas adoram explorar a contaminação por plural nas questões de concordância.

Entendeu agora por que a figura do núcleo do sujeito é tão importante?

Caiu em prova!

Ao ser flexionada uma forma verbal na voz passiva, respeitou-se plenamente a concordância com seu sujeito na frase:

e) Sempre nos surpreenderão, em nossos longos deslocamentos pela cidade, o tempo gasto em meio aos congestionamentos.

RESOLUÇÃO:

Interessa-nos somente a letra E, pois nosso foco agora é o sujeito, mais precisamente a identificação do núcleo do sujeito.

Observe que a frase está toda fora de ordem, o que dificulta a identificação do sujeito e, sobretudo, seu núcleo. Quando perguntamos "**O que sempre nos surpreenderá?**", obtemos como resposta "**o tempo gasto em meio aos congestionamentos**", que funciona como sujeito de núcleo singular "**tempo**". Dessa forma, constatamos um problema de concordância, pois o verbo está numa flexão de plural "surpreenderão" e o núcleo do sujeito é singular.

A correção da frase ficaria:

Sempre nos surpreenderá, em nossos longos deslocamentos pela cidade, o tempo gasto em meio aos congestionamentos.

Sujeito Composto

O professor de Língua Portuguesa e o coordenador do Direção Concursos cumprimentaram o aluno pelo resultado no simulado.

- Vamos perguntar para o verbo "cumprimentar": Quem cumprimentou?
- A resposta será: "O professor de Língua Portuguesa e o coordenador do Direção Concursos".
- O sujeito, portanto, é "O professor de Língua Portuguesa e o coordenador do Direção Concursos".
- Trata-se de um sujeito existente.
- Trata-se um existente determinado, pois é possível identificá-lo na oração.
- Trata-se de um existente determinado composto, pois há 2(dois) núcleos: "professor" e "coordenador".

Na frase, por que a forma verbal "cumprimentaram" está no plural? Ela está no plural, queridos, para concordar com os núcleos do sujeito "professor" e "coordenador". Como o verbo tem agora que servir a dois núcleos (professor e coordenador = eles), o verbo se flexiona no plural.

Sujeito Oculto

Cumprimentamos o aluno pelo resultado no simulado.

- Vamos perguntar para o verbo "cumprimentar": Quem cumprimentou?
- A resposta será: "Nós". Descobrimos devido à desinência verbal "mos", que nos identificou o número e a pessoa.
- O sujeito, portanto, é "Nós".
- Trata-se de um sujeito existente.
- Trata-se um existente determinado, pois, como dissemos, é possível identificá-lo na oração. Nesse caso, sua identificação foi possível devido à desinência verbal.
- Trata-se de um existente determinado oculto, também chamado de implícito, subentendido, desinencial ou elíptico.

Entenda que **o sujeito oculto existe e é possível determiná-lo por meio da desinência verbal ou do contexto em que a oração está inserida.**



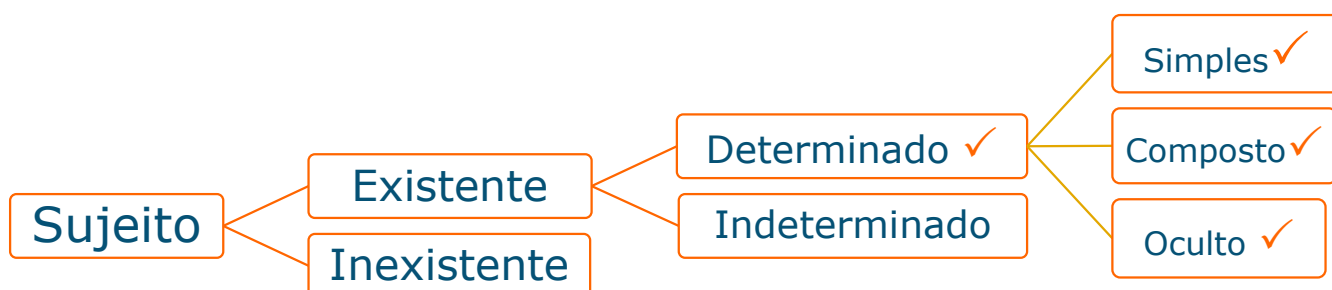
Observe que temos duas orações no período.

Na 1ª - "O professor pediu aos alunos" -, o sujeito da forma verbal "pediu" é "O professor". Trata-se de um sujeito simples!

Já na 2ª - que entregassem a tarefa ao final da aula -, o sujeito da forma verbal "entregassem" é "os alunos". Note que o termo "os alunos" não está explícito na 2ª oração, o que faz com que o classifiquemos como oculto!

Mas professor, por que não podemos chamar esse sujeito de simples? Simplesmente porque ele não está explícito na oração, e sim oculto! Percebeu a pegadinha?

Com isso, mapeamos todos os casos de determinação do sujeito. Em todas as frases apresentadas, foi possível apontar explícita ou implicitamente um termo que atuava como sujeito.



Sujeito Indeterminado

Se, numa oração, NÃO é possível identificar um termo que funcione como sujeito, dizemos que o sujeito é indeterminado. Observemos as frases a seguir:

Professor, que coisa chata! Quebraram a vidraça da minha loja nessa madrugada!

- Vamos perguntar para o verbo “quebrar”: Quem quebrou?
- Trata-se de um sujeito existente.
- Mas permanece a pergunta: Quem quebrou?
- Num primeiro impulso, a vontade é de dizer “Eles”.
- Mas necessariamente foi uma terceira pessoa do plural que quebrou a vidraça? Pode muito bem ter sido uma terceira pessoa do singular não identificada o sujeito da ação, não é verdade? Note que não é mais possível determinar com exatidão o sujeito da ação.
- O sujeito, portanto, é indeterminado”.

Definimos, assim, um **1º CASO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, que consiste na **forma verbal flexionada na terceira pessoa do plural, sem a possibilidade de o sujeito ser identificado contextualmente.**

Bateram à porta.

Roubaram meu carro!

Quando, de forma genérica, proferimos frases, como “Bateram à porta” ou “Roubaram meu carro!”, estamos indeterminando o nosso sujeito. Não é possível afirmar quem bateu à porta ou quem exatamente roubou o carro. Alguns até poderiam questionar: não seria possível afirmar que o sujeito é “eles”, já que o verbo está flexionado na 3ª pessoa do plural (*Eles bateram à porta e Eles roubaram meu carro*)? Veja bem, é possível mesmo assegurar que o sujeito seja uma terceira pessoa do plural? A resposta é não. O agente da ação poderia muito bem ser uma terceira pessoa do singular, por que não?

O emprego do verbo na 3ª pessoa do plural é, portanto, uma estratégia para não tornar possível a identificação do agente da ação verbal. Isso pode se dar por não conhecermos propriamente o agente ou, então, por não desejarmos explicitá-lo. Na frase “*Falaram mal de mim!*”, você até pode saber quem é(são) a(s)

pessoa(s) que está(ão) focando sobre você, mas você preferiu não identificar logo de cara o sujeito da ação verbal, criando suspense e gerando desconforto na(s) pessoa(s) fofoqueira(s).

Gente, só tomem cuidado para não tirar conclusões precipitadas. **Mesmo o verbo estando na 3ª pessoa do plural, muitas vezes é possível determinar o sujeito.** Veja um exemplo:

Caiu em prova!

No interior do crime reconstituído por escrito, o criminoso confesso desempenha o papel de verdade viva. Ato do sujeito criminoso, responsável e falante, a confissão é a peça complementar de uma investigação escrita e secreta. Daí a importância que todo processo de tipo inquisitorial atribui à confissão. Por um lado, tenta-se fazê-la entrar no cálculo geral das provas, como se fosse apenas mais uma: não é a *evidentia rei*; tal como a mais forte das provas, não pode por si só implicar a condenação e tem de ser acompanhada por indícios anexos e presunções, pois já houve acusados que se declararam culpados de crimes que não **cometeram**;

O sujeito da forma verbal “cometeram” (R.29) é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Analisemos o trecho:

... pois já houve **acusados** que se **declararam** culpados de crimes que não **cometeram**...

Os sujeitos das formas verbais “declararam” e “cometeram” não são indeterminados.

Na oração “que não cometeram...”, o sujeito da forma verbal “cometeram” é oculto, identificado no contexto como “acusados”.

Resposta: ERRADO

A questão anterior nos mostra que, **mesmo estando o verbo na 3ª pessoa do plural, se o contexto em que está inserida a oração tornar possível a identificação do sujeito, este NÃO será indeterminado.** Ao contrário, será Determinado da Silva.

Portanto, não confunda! Uma das estratégias para indeterminar o sujeito é levá-lo para a 3ª pessoa do plural, o que não significa que todo verbo flexionado a 3ª pessoa do plural terá sujeito indeterminado. Captou?

Vamos para mais uma frase!

Aquele bairro é muito aprazível! Vive-se muito bem lá.

- Vamos perguntar para o verbo “viver”: Quem vive muito bem lá?
- Se a frase fosse “Vivo muito bem lá.”, o sujeito seria “EU”; se fosse “Vives muito bem lá.”, o sujeito seria “TU”; se fosse “Vivemos muito bem lá”, o sujeito seria “NÓS”...
- Ao afirmar “Vive-se”, o sujeito não mais está especificado. Que seja você, que seja eu, que sejamos nós, enfim, quem quer que seja vive muito bem naquele bairro.
- Note que não é mais possível determinar com exatidão o sujeito da ação.
- O sujeito, portanto, é indeterminado.

Definimos, assim, um **2º CASO DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**, que consiste numa forma verbal flexionada na terceira pessoa do singular acompanhada do famosíssimo “SE” índice de indeterminação do sujeito.

Algumas observações são muito importantes aqui. Perceba que a construção do 2º caso de indeterminação do sujeito é típica de verbos que **NÃO** apresentam complemento direto. Essa construção ocorre com verbos **intransitivos, transitivos indiretos** ou, mais raramente, **verbos de ligação**.

IMPORTANTE!!!

Não podemos confundir o **2º caso de indeterminação** com as construções em **voz passiva sintética**. Nestas, os verbos possuem complemento direto (*verbo transitivo direto ou transitivo direto e indireto*).

Exemplos:

Discutiu-se o fato.

(O verbo “discutir” é transitivo direto > voz passiva sintética > “se” partícula apassivadora > sujeito paciente: “o fato” > equivale à construção “Foi discutido o fato”)

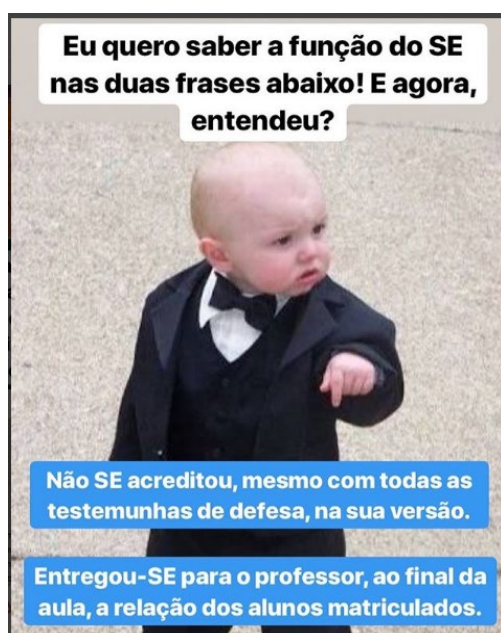
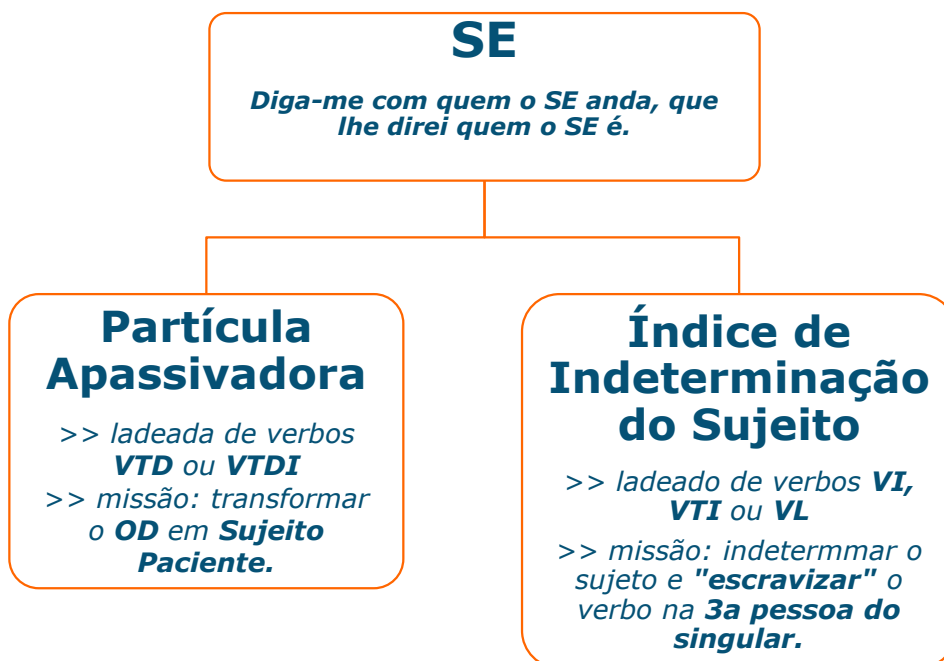
Desconfiou-se do fato.

(O verbo “desconfiar” é transitivo indireto > “se” índice de indeterminação > sujeito indeterminado - 2º caso)

Na aula anterior, ao discutir voz passiva, vimos que o **SE pronome apassivador** era responsável por **transformar o objeto direto em sujeito paciente**. Caso mexêssemos no número do sujeito, haveria a necessidade de flexionar o verbo, estabelecendo a correta concordância.

Na frase “Descobriu-se o fato”, o “se” apassivador transforma o objeto direto “o fato” em sujeito paciente. Se passarmos o sujeito para o plural, haverá a necessidade de passar o verbo também para o plural, resultando em “Descobriram-se os fatos.”

Já na frase “Desconfiou-se do fato”, o “se” cumpre a função de indeterminar do sujeito. Se passarmos o objeto indireto “do fato” para o plural – “dos fatos” -, o que diabos acontecerá com a forma verbal? A resposta é ... NADA! Ora, não sabemos quem é o sujeito, portanto não temos permissão de flexionar o verbo, **que fica “escravizado” na 3ª pessoa do singular!**

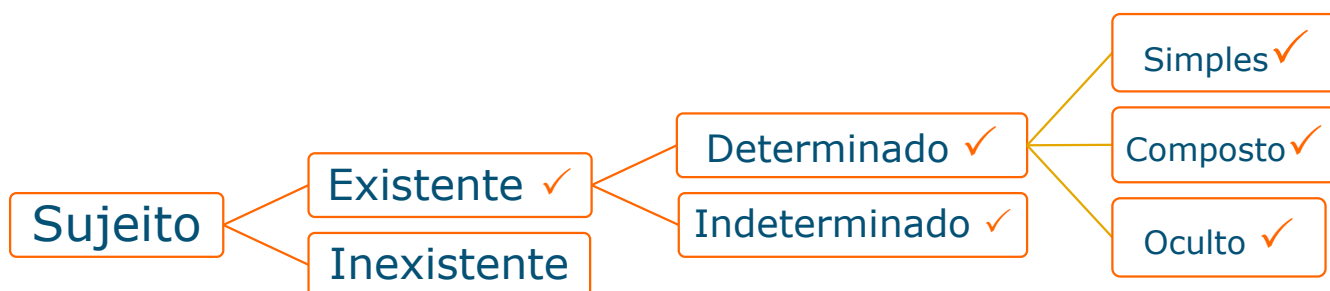


DIGA COM QUEM O SE ANDA QUE DIREI A VOCÊ QUEM O SE É!

Moçada, se o SE estiver ladeado de verbos que solicitam OBJETO DIRETO (VTD ou VTDI), o SE assume papel de PARTÍCULA APASSIVADORA. É o que ocorre na 2ª frase: o verbo ENTREGAR pede OD (*Quem entrega entrega para alguém ALGO*). Dessa forma, o SE assume nessa frase a função de **PARTÍCULA APASSIVADORA**.

No entanto, se o SE estiver ladeado de verbo que NÃO POSSUA OD (VI, VTI ou VL), o SE assume o papel de ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO. É o que ocorre na 1ª frase: o verbo ACREDITAR não pede OD, e sim OI. Dessa forma, o SE nessa frase assume a função de **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**.

Com isso, mapeamos todos os casos de determinação do sujeito. Em todas as frases apresentadas, foi possível apontar explícita ou implicitamente um termo que atuava como sujeito.



Sujeito Inexistente

A oração sem sujeito ocorre a partir de um **verbo impessoal**, em que a flexão de pessoa é ausente. Se não há pessoa, não há também sujeito. Portanto, estudar a inexistência do sujeito se resume a identificar quais os verbos impessoais, como o faremos já na sequência. Além disso, como não há pessoa, o jeito é impor uma pessoa ao verbo. E a escolhida foi mais uma vez a **3ª pessoa do singular!**

Verbo Impessoal NÃO possui pessoa, NÃO possui sujeito, NÃO possui plural.

É verbo flexionado na 3ª pessoa do singular!

Vamos, então, listar os verbos impessoais:

Verbos que denotam fenômenos da natureza

Amanheceu repentinamente.

- O verbo "amanhecer" expressa fenômeno natural.
- Trata-se de um verbo impessoal.
- NÃO possui pessoa, NÃO possui sujeito, NÃO possui plural.
- O verbo se flexiona na 3ª pessoa do singular.
- O sujeito, portanto, é inexistente

Choveu bastante nessa madrugada.

- O verbo "chover" expressa fenômeno natural.
- Trata-se de um verbo impessoal.
- NÃO possui pessoa, NÃO possui sujeito, NÃO possui plural.
- O verbo se flexiona na 3ª pessoa do singular.
- O sujeito, portanto, é inexistente

IMPORTANTE!

Verbos que indicam fenômeno natural, muitas vezes, são empregados em sentido conotativo. Nesse caso, não serão impessoais, apresentando, assim, sujeitos.

Exemplo:

Choveu dinheiro na sua conta bancária.

- O verbo "chover" NÃO expressa, na frase, fenômeno natural. Infelizmente não é natural chover dinheiro na nossa conta! Rs.
- O verbo "chover" NÃO é, portanto, IMPESSOAL.
- Isso significa que se trata de um verbo "normal": possui pessoa, possui sujeito, possui plural.
- Ao perguntar "O que choveu?", a resposta será "dinheiro".
- O termo "dinheiro", portanto, funciona como sujeito da oração.

Várias ideias relampejaram durante a reunião.

- O verbo "relampejar" NÃO expressa, na frase, fenômeno natural.
- O verbo "relampejar" NÃO é, portanto, IMPESSOAL.
- Isso significa que se trata de um verbo "normal": possui pessoa, possui sujeito, possui plural.
- Ao perguntar "O que relampejou?", a resposta será "ideias".
- O termo "ideias", portanto, funciona como sujeito da oração.
- Note que a forma verbal "relampejaram" concorda com "ideias".

Verbos HAVER, no sentido de EXISTIR, OCORRER, ACONTECER

Muito importante esse caso! É mais um daqueles tópicos que insistem em cair nas provas de concurso.

Havia muitas questões difíceis na prova.

Soluções para a crise haverá.

- O verbo HAVER está empregado no sentido de EXISTIR.
- Trata-se de um verbo impessoal.
- NÃO possui pessoa, NÃO possui sujeito, NÃO possui plural.
- O verbo se flexiona na 3ª pessoa do singular.
- O sujeito, portanto, é inexistente.

IMPORTANTE

O verbo "haver", no sentido de "existir", é flexionado apenas na 3ª pessoa do singular. Isso se dá pelo fato de ele ser impessoal.

Porém, o verbo "existir" sempre possuirá sujeito, concordando em número e pessoa com este.

São muito comuns questões solicitando a troca de um verbo por outro, com as devidas alterações.

Observe as duas frases a seguir:

Havia bons motivos para que nos separássemos.

(Oração sem Sujeito – Verbo na 3ª pessoa do singular; OD = bons motivos)

= Existiam bons motivos para que nos separássemos

(Sujeito: bons motivos)

Muita atenção nesse comparativo!

O termo **"bons motivos"** funciona como **OBJETO DIRETO** do verbo **HAVER**, que, no sentido de EXISTIR, não possui sujeito.

O mesmo termo **"bons motivos"**, no entanto, funciona como **SUJEITO** do verbo **EXISTIR**, que sempre possuirá sujeito.

Professor, posso logo afirmar que o verbo "haver" nunca possuirá plural?

NEGATIVO! NEGATIVO! NEGATIVO!

Cuidado! O verbo "haver" não possuirá plural no sentido de EXISTIR, meu caro!

Lembremo-nos de que o verbo HAVER também atua como verbo auxiliar, assim como o verbo TER, SER, ESTAR e tantos outros.

Observe a frase:

Os alunos do professor José Maria haviam estudado com profundidade o assunto.

- O verbo HAVER NÃO está empregado no sentido de EXISTIR.
- Trata-se de um verbo AUXILIAR do principal "estudar".
- Possui como sujeito o termo "Os alunos do professor José Maria".
- Note que a forma verbal "haviam" concorda com o núcleo do sujeito "alunos".



Verbos FAZER e HAVER associado à ideia de TEMPO DECORRIDO

Faz dez meses que iniciamos nossa preparação.

Fazia muito tempo que eles não se encontravam.

Não nos víamos há mais de dez anos.

- Os verbos FAZER e HAVER estão associados à ideia de TEMPO DECORRIDO;
- Note que "dez meses", "muito tempo" e "mais de dez anos" se referem a tempos passados, decorridos.
- Os verbos FAZER e HAVER são, portanto, impessoais.
- NÃO possuem pessoa, NÃO possuem sujeito, NÃO possuem plural.
- Flexionam-se na 3 pessoa do singular.

Verbos SER, ESTAR, PARECER, FICAR, FAZER, "PASSAR DE" indicando tempo meteorológico, cronológico ou condições naturais

Fez muito frio no mês de julho.

Já é tarde da noite!

Estava muito quente naquela sala.

Parecia noite durante a tempestade.

Ficou escuro de repente.

Passou de meia-noite!

Observação:

- Em construções do tipo "**Os dois candidatos ficaram dez minutos sem se falar.**", "**João e Patrícia fazem dez anos de casados**", o sujeito existe – "**Os dois candidatos**" e "**João e Patrícia**", respectivamente.
- O verbo "ser", na indicação de data ou hora, é impessoal, não possuindo sujeito, portanto. **No entanto, diferentemente dos demais verbos impessoais, concorda com o numeral indicador de hora e data.** Observe:

É meio-dia.

É 1h.

É 1h30min (A concordância se dá com o numeral indicador da hora, não importando a fração)

São 10h.

São 14h30min.

São 15 de setembro.

No caso de datas, também é correta a construção "É 15 de setembro".

São 15 (dias) de setembro. (CORRETA)

É (dia) 15 de setembro. (CORRETA)

Verbos "BASTAR DE" e "CHEGAR DE" em imperativos.

Chega dessa palhaçada!

Basta de corrupção!

Verbos Auxiliares Impessoais "POR TABELA".

Que história é essa, professor? Deixe-me explicar! Quando um verbo é impessoal, ele transforma o seu auxiliar em verbo impessoal também (o auxiliar seria, em linguagem popular, um impessoal "por tabela"). Galera, muito importante esse caso, fartamente cobrado nas provas, viu? Vejamos as seguintes frases:

"**Deve fazer** dez anos que não o vejo". (CERTO)

"**Devem fazer** dez anos que não o vejo." (ERRADO)

"**Deve haver** quadros na parede". (CERTO)

"**Devem haver** quadros na parede." (ERRADO)

Note que o auxiliar **DEVER**, que acompanha os verbos **HAVER** (no sentido de *EXISTIR*) e **FAZER** (indicando *TEMPO DECORRIDO*), será conjugado invariavelmente na **3ª pessoa do singular**, pois ele se tornou impessoal "por tabela". **A impessoalidade do principal contagia, portanto, o auxiliar.**

Isso posto, observemos as frases a seguir e escolhamos a forma verbal correta:

I – (Deve/Devem) haver saídas para a crise.

II – (Deve/Devem) existir saídas para a crise.

III – (Vai/Vão) fazer dez anos que casamos em 2019.

IV - Muitos problemas (tem/têm) havido na empresa.

V - Muitos problemas (tem/têm) ocorrido na empresa.

VI- (Haverá/Haverão) de existir saídas para a crise.

VII – (Haverá/Haverão) de haver saídas para a crise.

RESOLUÇÃO:

Em I, deve-se empregar a forma singular **"Deve"**, uma vez que este verbo se torna impessoal "por tabela". Isso ocorre porque ele auxilia o impessoal "haver", no sentido de "existir". **O termo "saídas para a crise" funciona como OBJETO DIRETO.**

Em II, deve-se empregar a forma plural **"Devem"**, para que haja concordância com o sujeito de núcleo plural "saídas para a crise". O verbo "dever" e "existir" são "normais". **Portanto, a oração possui sujeito.**

Em III, deve-se empregar a forma singular **"Vai"**, uma vez que este verbo se torna impessoal "por tabela". Isso ocorre porque ele auxilia o impessoal "fazer", no sentido de "tempo decorrido". **O termo "dez anos" funciona como OBJETO DIRETO.**

Em IV, deve-se empregar a forma singular **"tem"**, uma vez que este verbo se torna impessoal "por tabela". Isso ocorre porque ele auxilia o impessoal "haver", no sentido de "existir". **O termo "Muitos problemas" funciona como OBJETO DIRETO.**

Em V, deve-se empregar a forma plural **"têm"**, para que haja concordância com o sujeito de núcleo plural "Muitos problemas". O verbo "ter" e "ocorrer" são "normais". **Portanto, a oração possui sujeito.**

Em VI, deve-se empregar a forma plural **"Haverão"**, para que haja concordância com o sujeito de núcleo plural "saídas para a crise". Note que o verbo "haver" não está empregado no sentido de "existir". Ele é, na verdade, um auxiliar de "existir". O verbo "haver" e "existir" são "normais", portanto. **Dessa forma, a oração possui sujeito.**

Em VII, deve-se empregar a forma singular **"Haverá"**, uma vez que este verbo se torna impessoal "por tabela". Isso ocorre porque ele auxilia o impessoal "haver", no sentido de "existir". **O termo "saídas para a crise" funciona como OBJETO DIRETO.**

Caiu em prova!

O comportamento fundamental dessa mudança localiza-se no aumento das possibilidades do agir humano, na diversificação dos papéis sociais e na abertura para o futuro. Houve, em resumo, uma ampliação no grau de complexidade da sociedade.

Seriam mantidos a correção gramatical e os sentidos originais do texto, caso a forma verbal "Houve" fosse substituída por **Ocorreram**.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Na frase original "Houve, em resumo, uma ampliação...", o verbo HAVER é impessoal, ou seja, não possui sujeito. Isso se deve ao fato de ele estar empregado no sentido de EXISTIR, OCORRER, ACONTECER. O termo "uma ampliação" funcionaria como OBJETO DIRETO.

Trocando-se HAVER por OCORRER, o termo "uma ampliação..." se torna sujeito, o que faz com que o verbo tenha de ser flexionado no singular "OCORREU" para que se estabeleça a concordância.

Ufa! Chegamos ao fim de nossa primeira função sintática! *Caramba, professor! Parecia que não tinha fim sujeito!* Pois é, meu amigo! Trata-se de uma função das mais importantes, repleta de desdobramentos. Por fim, tenho apenas duas observações a fazer antes de adentrarmos o predicado. São elas:

Observações

- O sujeito pode se apresentar na forma de **oração**. É o chamado **sujeito oracional**, mais minuciosamente detalhado em nossa próxima aula, de Sintaxe do Período.

Exemplo:

Não foi possível comparecer à festa.

(Quando fazemos a pergunta "O que não foi possível?", a resposta é um sujeito oracional "comparecer à festa".)

- **O sujeito não aceita ser regido de preposição, o que impede a contração de preposição e sujeito.**

Observe:

Apesar **do Brasil estar em crise**, muitos investidores estrangeiros investiram no país neste ano. **(ERRADO)**

Apesar **de o Brasil estar em crise**, muitos investidores estrangeiros investiram no país neste ano. **(CERTO)**

(Note que "o Brasil" é sujeito da forma verbal "estar", o que impede a contração com a preposição "de".)

O fato **dele não ter aceitado o convite** já demonstra a firmeza de seu caráter. **(ERRADO)**

O fato **de ele não ter aceitado o convite** já demonstra a firmeza de seu caráter. **(CERTO)**

(Note que "ele" é sujeito da forma verbal "não ter aceitado", o que impede a contração com a preposição "de".)

Termos Associados ao Verbo

Depois da epopeia chamada SUJEITO, é hora de adentrar o PREDICADO. Começamos pelo verbo e mapeamos todos os termos a ele associados, a saber: **COMPLEMENTOS VERBAIS (Objeto Direto e Indireto), ADJUNTOS ADVERBIAIS e AGENTE DA PASSIVA.**

O primeiro passo é classificar o verbo quanto à PREDICAÇÃO VERBAL. *O que seria isso, professor?* Seria classificar o verbo de acordo a relação que ele estabelece na oração em que se insere. Isso posto, os verbos podem ser divididos em dois grandes grupos: **NOCIONAIS** e **NÃO NOCIONAIS**. *Professor, nunca ouvi falar nesses nomes, juro pro senhor?* Eu acredito, pois não são nomes corriqueiros em provas, embora algumas bancas cutuquem essas conceituações. Explicando de forma bem objetiva: os verbos NOCIONAIS são verbos que apresentam um sentido próprio, ou seja, possuem uma noção de sentido associada. Quando pensamos em "cantar", por exemplo, conseguimos associar esse verbo a um sentido próprio associado a uma ação; quando pensamos em "amanhecer", por exemplo, conseguimos associar esse verbo a um sentido próprio associado a um evento natural; e por aí vai. Basicamente os verbos que denotam ação e fenômenos são nocionais. Já os NÃO NOCIONAIS, conhecidos também pelo nome de **VERBOS DE LIGAÇÃO** – esse nome sim bem mais conhecido –, são verbos sem um sentido próprio, que carregam a ideia de **ESTADO** do ser.

Verbos de Ligação

Hum... Professor, entendi que ação e fenômenos naturais se enquadram como nocionais. Mas o senhor poderia exemplificar alguns verbos de ligação, estes tais associados à ideia de estado? Claro que posso! Vamos listar os verbos de ligação tradicionais: **SER (estado permanente)**, **ESTAR (estado momentâneo)**, **FICAR (mudança de estado)**, **PARECER (estado aparente)**, **TORNAR-SE (mudança de estado)**, **CONTINUAR (continuidade de estado)**, **PERMANECER (estado permanente)**, etc.

Exemplos:

Aquele aluno **é** inquieto. ("inquieto" é um estado permanente do ser)

Aquele aluno **está** inquieto. ("inquieto" é um estado momentâneo do ser)

Aquele aluno **parece** inquieto. ("inquieto" é um estado aparente do ser)

Aquele aluno **ficou** inquieto. ("inquieto" está relacionado a uma mudança de estado)

Aquele aluno **continua** inquieto. ("inquieto" está relacionado à continuidade de estado)

Note que os verbos de ligação são assim chamados, pois fazem uma ponte entre o nome e um atributo. Nos exemplos acima, os verbos de ligação fazem a ponte entre o nome "aluno" e o atributo "inquieto". Já antecipando, esse atributo recebe um nome especial: trata-se da função sintática do PREDICATIVO, a ser estudado com mais profundidade no tópico Termos Associados ao Nome. Mas já guarda essa informação: o verbo de ligação liga o nome a um predicativo.

Galerinha, vale ressaltar que **alguns verbos ora podem fazer menção a ações, ou seja, serão nocionais; ora podem fazer menção a estado, ou seja, serão de ligação**. Observe:

Ele **anda** muito depressa.

Ele **anda** meio irritado com a situação.

O verbo **ANDAR** é nocional na primeira frase, pois está associado a uma ação (troque "andar" por "caminhar"). Já na segunda frase é de ligação, pois está associado à ideia de estado (troque "andar" por "estar").

O garçom **virou** a bandeja sobre o cliente.

O técnico **virou** uma fera com a marcação do impedimento.

O verbo **VIRAR** é nocional na primeira frase, pois está associado a uma ação (dá para imaginar a ação "virar" a bandeja, correto?). Já na segunda frase é de ligação, pois está associado à ideia de estado (troque "virar" por "ficar").

Ele **vive** naquele bairro há dez anos.

Ele **vive** de mau humor.

O verbo **VIVER** é nocional na primeira frase, pois está associado a uma ação (troque "viver" por "morar"). Já na segunda frase é de ligação, pois está associado à ideia de estado (troque "vive de mau humor" por "está sempre de mau-humor").

Muito bem, feita essa breve exposição acerca dos verbos de ligação, voltemos nossa atenção para os verbos nocionais.

Verbos Nacionais

Os verbos nacionais se dividem em **INTRANSITIVOS (VI)** e **TRANSITIVOS (VT)**. Os verbos intransitivos se apresentam nas orações completos, ou seja, eles não precisam de complemento. Já os transitivos não são completos, necessitando dos tais complementos.

Os transitivos se subdividem em **TRANSITIVOS DIRETOS (VTD)**, que pedem **OBJETO DIRETO (OD)** como complemento; **TRANSITIVOS INDIRETOS (VTI)**, que pedem **OBJETO INDIRETO (OI)** como complemento; e **TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS** ou **BITRANSITIVOS (VTDI)**, que pedem OD e OI como complementos.

Lembre-mos que os **OBJETOS DIRETOS** são complementos que se ligam ao verbo **SEM** preposição. Já os **INDIRETOS** se ligam ao verbo **COM** preposição.

Complementos Verbais (OD e OI)

Algo que deve logo ficar claro é que o verbo pode ser o que ele quiser ser. *Como assim, professor?* Grande parte dos verbos pode assumir quaisquer das classificações anteriormente apresentadas. Isso irá depender da oração em que eles se inserem. **O máximo que nós podemos fazer é prever o que o verbo pode nos pedir e, na sequência, checar na oração se ele de fato pediu aquilo que previmos.** *Como assim, professor? Que complicado!* Não é complicado não! Você vai entender bonitinho isso, nem se preocupe.

Observe as frases a seguir:

*I – Aquele senhor **fala** demais.*

*II – Aquele senhor **fala** diariamente com os filhos.*

*III – Aquele senhor **fala** muitas histórias interessantes durante as aulas.*

*IV – Aquele senhor **fala** muitas histórias interessantes para os demais alunos durante as aulas.*

O primeiro passo da análise sintática é sempre identificar o dono da oração, ou seja, o verbo. Na sequência devemos ir em busca do sujeito. Nos quatro exemplos anteriores, o verbo é a forma “fala” e o sujeito, “Aquele senhor”.

Muito bem! Definido o sujeito da forma verbal, o próximo passo é encontrar os complementos verbais. Para tal, **“conversemos com o verbo”** com o objetivo de saber dele quais complementos ele pode nos pedir. Lembra como se conversa com o verbo? Eu dei essa dica na aula relativa a pronomes.

Quem fala fala ALGO A ALGUÉM.

ou

Quem fala fala ALGO PARA ALGUÉM.

ou

Quem fala fala ALGO DE ALGUÉM.

ou

Quem fala fala ALGO COM ALGUÉM.

...

Dessas simulações de conversa, o que tiramos de informação? Galera, o verbo FALAR está nos dizendo que PODE pedir um OD (=ALGO) e que PODE pedir um OI (A ALGUÉM, PARA ALGUÉM, DE ALGUÉM, COM ALGUÉM, etc.). Veja bem, eu disse PODE pedir. Se ele vai de fato pedir, é outra história. É necessário checar em cada uma das orações. Observe:

I – Aquele senhor **fala** demais.

- Em I, importa especificamente o que aquele senhor fala? Ele fala exatamente o quê? Isso importa? **A resposta é não!**
- Em I, importa especificamente a quem aquele senhor fala? Importa especificamente com quem ele fala? De quem ele fala? Ou para quem ele fala? **A resposta é não!**
- Conclui-se que o verbo FALAR na oração I não pede complemento. Portanto, ele é **INTRANSITIVO**.

II – Aquele senhor **fala** diariamente com os filhos.

- Em II, importa especificamente o que aquele senhor fala? Ele fala exatamente o quê? Isso importa? **A resposta é não!**
- Em II, importa especificamente com quem aquele senhor fala? **Sim! Aquele senhor fala COM OS FILHOS.** O termo **COM OS FILHOS** é complemento do verbo FALAR. Como se trata de complemento introduzido por preposição, está-se falando de um OI.
- Logo, o verbo FALAR, na oração II, é **VTI**, pois ele só pede OI.

III – Aquele senhor **fala** muitas histórias interessantes durante as aulas.

- Em III, importa especificamente o que aquele senhor fala? **Sim! Aquele senhor fala MUITAS HISTÓRIAS INTERESSANTES.** O termo **MUITAS HISTÓRIAS INTERESSANTES** é complemento do verbo FALAR. Como se trata de complemento que se liga ao verbo SEM preposição, está-se falando de um OD.
- Em III, importa especificamente a quem aquele senhor fala? Importa especificamente com quem ele fala? De quem ele fala? Ou para quem ele fala? **A resposta é não!**
- Logo, o verbo FALAR, na oração III, é **VTD**, pois ele só pede OD.

IV – Aquele senhor **fala** muitas histórias interessantes para os demais alunos durante as aulas.

- Em IV, importa especificamente o que aquele senhor fala? **Sim! Aquele senhor fala MUITAS HISTÓRIAS INTERESSANTES.** O termo **MUITAS HISTÓRIAS INTERESSANTES** é complemento do verbo FALAR. Como se trata de complemento que se liga ao verbo SEM preposição, está-se falando de um OD.
- Em IV, importa especificamente para quem aquele senhor fala? **Sim! Aquele senhor fala PARA OS DEMAIS ALUNOS.** O termo **PARA OS DEMAIS ALUNOS** é complemento do verbo FALAR. Como se trata de complemento introduzido por preposição, está-se falando de um OI.
- Logo, o verbo FALAR, na oração IV, é **VTDI**, pois ele pede OD e OI.

Entendeu agora quando disse que o verbo pode ser o que ele quiser ser? Nos exemplos anteriores, o verbo FALAR possui quatro classificações quanto à predicação verbal distintas.

Vejamos mais alguns exemplos:

*I – Os meus alunos **estudam** demais todo santo dia.*

- Conversando com o verbo ESTUDAR, tem-se: "**Quem estuda estuda ALGO**". Logo, trata-se de um verbo que PODE pedir OD.
- Na frase I, importa especificamente o que meus alunos estudam? **A resposta é não!**
- O verbo ESTUDAR, portanto, não pede complemento. Trata-se um verbo **INTRANSITIVO**.

*II – Os meus alunos **estudam** demais, todo santo dia, Português.*

- Conversando com o verbo ESTUDAR, tem-se: "**Quem estuda estuda ALGO**". Logo, trata-se de um verbo que PODE pedir OD.
- Na frase II, importa especificamente o que meus alunos estudam? **A resposta é sim! Os meus alunos estudam PORTUGUÊS.**
- O termo **PORTUGUÊS** é um OD.
- O verbo ESTUDAR é, portanto, **VTD**.

*III – Aquele rapaz **conversa** demais na aula.*

- Conversando com o verbo CONVERSAR, tem-se: "**Quem conversa conversa ALGO COM ALGUÉM**". Logo, trata-se de um verbo que PODE pedir OD e OI.
- Na frase III, importa especificamente o que aquele rapaz conversa? **A resposta é não!**
- Na frase III, importa especificamente com quem aquele rapaz conversa? **A resposta é não!**
- O verbo CONVERSAR, portanto, não pede complemento. Trata-se um verbo **INTRANSITIVO**.

*IV – Aquele rapaz **conversa** demais com a colega na aula.*

- Conversando com o verbo CONVERSAR, tem-se: "**Quem conversa conversa ALGO COM ALGUÉM**". Logo, trata-se de um verbo que PODE pedir OD e OI.
- Na frase IV, importa especificamente o que aquele rapaz conversa? **A resposta é não!**
- Na frase IV, importa especificamente com quem aquele rapaz conversa? **A resposta é sim! Aquele rapaz conversa COM A COLEGA.**
- O termo **COM A COLEGA** é um OI.
- O verbo CONVERSAR, portanto, é **VTI**.

Vale ressaltar que alguns verbos possuem uma classificação fixa. É o caso de **PRECISAR**, que é **VTI** (*Quem precisa precisa DE ALGO/ALGUÉM*); **CONCORDAR**, que é **VTI** (*Quem concorda concorda com ALGO/ALGUÉM*); **MORRER**, que é **VI** (*Quem morre morre, né?*). Independentemente de qualquer coisa, acho que você conseguiu perceber a importância da tal conversa com o verbo, certo? É ela que vai nos guiar na análise sintática.

Vejamos algumas observações raramente exploradas em prova.

Observações:

➤ OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

Algumas vezes, o objeto direto vem precedido de preposição. Isso ocorre em função de recursos estilísticos ou para evitar ambiguidade, e não por exigência do verbo.

Exemplos:

I - Não bebo dessa água.

Note que verbo "beber" é VTD. O uso da preposição DE ligando o OD ao verbo se dá por razões de estilo. Quer-se dar ênfase à água, por exemplo. Não se trata de qualquer água, e sim de uma água especial.

II - O filho o pai ofendeu.

Note que a frase é ambígua, ou seja, dá margem a mais de uma interpretação. Não se sabe se foi o pai que ofendeu o filho ou se foi o filho que ofendeu o pai. Há várias maneiras de desfazer a ambiguidade. Uma delas é utilizar um OD preposicionado. Perceba:

Ao filho o pai ofendeu. (Sujeito: o pai; VTD: ofender; OD Preposicionado: Ao filho)

ou

O filho ao pai ofendeu. (Sujeito: O filho; VTD: ofender; OD Preposicionado: ao pai)

➤ OBJETOS PLEONÁSTICOS

Os objetos pleonásticos – diretos ou indiretos – são representados por pronomes oblíquos átonos e fazem menção a complementos já citados na frase.

Exemplos:

Aquele carro que tanto desejava finalmente o comprei.

(Sujeito: Eu; VTD: comprei; OD: Aquele carro que tanto desejava; OD pleonástico: o)

A você eles nunca lhe darão o devido valor.

(Sujeito: eles; VTDI: darão; OD: o devido valor; OI: A você; OI pleonástico: lhe)

➤ OBJETO DIRETO INTERNO

Pode acontecer de um verbo intransitivo se tornar transitivo por meio do acréscimo de um objeto direto interno, que consiste num complemento cognato (de mesma raiz) ou de mesmo campo semântico. O núcleo desse complemento vem sempre acompanhado de algum elemento modificador, geralmente um adjetivo.

Exemplos:

Ele morreu uma morte trágica.

Ele **riu** um riso sincero.

Os verbos **RIR** e **MORRER** são tipicamente **VI**, mas foram transformados em **VTD**, por meio do acréscimo dos **OBJETOS DIRETOS INTERNOS** “uma morte trágica” e “um riso sincero”.

Professor, espera um pouco! O senhor falou que o verbo “morrer” é intransitivo! Sim, falei! Por que a pergunta? Professor, quando falamos que Fulano morreu do coração, “do coração” não seria um OI? Não, meu caro aluno! O termo “do coração” não é OI. Trata-se de elemento adverbial de causa, um ADJUNTO ADVERBIAL. É o próximo termo da fila associado ao verbo. Vamos a ele!

Adjuntos Adverbiais

Uma vez identificado o sujeito e mapeados os complementos do verbo, sobram os elementos adverbiais, os chamados **ADJUNTOS ADVERBIAIS**.

É muito importante que **diferenciamos o COMPLEMENTO do ADJUNTO**. O primeiro, como o próprio nome indica, completa o verbo, preenchendo uma lacuna de sentido. Já o segundo apenas modifica o verbo, agregando-lhe uma circunstância. *Professor, muito abstrato isso aí! Não entendi!* Fique tranquilo, meu amigo! Você visualizará essa diferença nas frases, pode ter certeza! Antes de partir para a análise sintática das orações, deixe-me fazer mais uma analogia: o complemento é o “feijão” e o adjunto, somente a “pimenta”. Mata-se a fome com feijão, não com pimenta. A pimenta dá só um gostinho. *Ih rapaz, acho que o professor enlouqueceu!* Haha! Enlouqueci nada. Quero dizer com isso que quem mata a fome do verbo é o complemento, não o adjunto.

Vamos analisar uma oração, moçada! Na oração “**Eu fiz...**”, o que você me pergunta? *Ora, professor, eu pergunto “Fez o quê?”*. Aí eu digo “**Eu fiz ontem...**”. Satisfeito? *Não, né professor! Fez ontem o quê?* Aí eu digo “**Eu fiz ontem, às pressas ...**”. Satisfeito? *Não, né professor! Fez ontem, às pressas, o quê?* Aí eu digo “**Eu fiz ontem, às pressas, durante o intervalo da aula ...**”. Satisfeito? *Ah, professor, já estou impaciente. Fez ontem, às pressas, durante o intervalo da aula, o quê, homem de Deus?* E finalmente digo:

Eu fiz ontem, às pressas, durante o intervalo da aula, as questões do simulado.

Veja quem matou a fome do verbo! Foi o termo “as questões do simulado”. Somente ele satisfaz o verbo. Os termos “ontem”, “às pressas” e “durante o intervalo da aula” apenas modificaram o verbo, mas não foram capazes de completar a lacuna de sentido deixada por ele.

Isso posto, o termo “**as questões do simulado**” atua como **COMPLEMENTO VERBAL – no caso, um OD**. Já os termos “**ontem**”, “**às pressas**” e “**durante o intervalo da aula**” são sintaticamente **ADJUNTOS ADVERBIAIS**, expressando as circunstâncias de tempo, modo e tempo, respectivamente.

Moçada, os adjuntos, portanto, são obtidos após a definição do sujeito e dos complementos. Os elementos associados ao verbo restantes na oração, após definido sujeito e complementos verbais, serão os **ADJUNTOS ADVERBIAIS**.

Outra maneira de identificar os adjuntos adverbiais é por meio do reconhecimento das chamadas **noções adverbiais ou circunstâncias verbais**. Há várias delas. A seguir, uma lista exemplificativa, e não exaustiva, das circunstâncias verbais:

- **Tempo:** *Amanhã eu falarei com ele.*
- **Modo:** *Marina pediu-me gentilmente que fosse vê-la.*
- **Lugar:** *Estão todos aqui?*
- **Intensidade:** *Ele falou muito.*
- **Causa:** *Devido à chuva escassa, muitas plantas morreram.*
- **Afirmação:** *Certamente atenderei ao pedido.*
- **Negação:** *Não podemos esquecer de nossas responsabilidades.*
- **Dúvida:** *Talvez haja alguns problemas.*
- **Finalidade:** *Convidei meus amigos para um passeio.*
- **Meio:** *Viajarei de ônibus.*
- **Companhia:** *Fui ao museu com meus amigos.*
- **Instrumento:** *Redações devem ser escritas a lápis.*
- **Assunto:** *Falarei com ele sobre o ocorrido.*

Qual a vantagem de se reconhecer uma ou outra circunstância verbal, professor? Ora, identificando uma dessas ideias listadas anteriormente, já podemos associá-la a ideias adverbiais e daí identificar os adjuntos adverbiais. Por exemplo, se visualizamos que um determinado trecho na oração expressa causa, já somos capazes de sintaticamente classificá-lo como adjunto adverbial, pois causa é uma das noções adverbiais, assim como lugar, tempo, intensidade, finalidade, modo, afirmação, dúvida, certeza, etc. Captou?

Isso posto, gostaria de chamar sua atenção para algumas circunstâncias verbais, em especial **LUGAR, CAUSA e FINALIDADE**.

Na frase "**O aluno tremia de frio**", uma dúvida poderia surgir acerca da função sintática de "**de frio**". Alguns poderiam associá-la a um objeto indireto de maneira forçada (*Quem treme treme **DE ALGO***). No entanto, se analisarmos de maneira mais minuciosa, veremos que esse trecho expressa uma ideia de **CAUSA**. Como assim, professor? Podemos reescrever a frase "**O aluno tremia de frio**" da seguinte forma: "**O aluno tremia DEVIDO AO frio**", "**O aluno tremia POR CAUSA DO frio**". Logo o termo "**de frio**" expressa uma **causa**, que é uma das noções adverbiais. Logo, o termo "**de frio**" funciona sintaticamente como um **ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA**.

Veja mais exemplos:

O pai do garoto morreu de desgosto.

- É possível reescrever a frase assim: "**O pai do garoto morreu DEVIDO AO desgosto**", "**O pai do garoto morreu POR CAUSA DO desgosto**".

- O termo “de desgosto” expressa uma ideia adverbial de causa.
- Logo, o termo “**de desgosto**” é um **adjunto adverbial de causa**.

O aluno errou a questão por desatenção.

- É possível reescrever a frase assim: “**O aluno errou a questão DEVIDO À desatenção**”, “**O aluno errou a questão POR CAUSA DA desatenção**”.
- O termo “por desatenção” expressa uma ideia adverbial de causa.
- Logo, o termo “**por desatenção**” é um **adjunto adverbial de causa**.

Na frase “**Cheguei hoje cedo ao escritório.**”, alguns poderiam confundir o termo “ao escritório” com um **OI** e, consequentemente, classificar o verbo “chegar” na oração como **VTI**. Há um equívoco nessa interpretação! Note que o termo “**ao escritório**” expressa a ideia do **lugar** aonde se chegou. Como lugar é uma ideia adverbial, **o termo “ao escritório” é um adjunto adverbial de lugar**. Consequentemente, o verbo “chegar”, na oração, é **VI**, pois não possui complementos. Associados a ele, temos dois adjuntos adverbiais: um de tempo – “hoje cedo”; outro de lugar – “ao escritório”.

Veja mais exemplos:

O aluno arremessou sua Gramática pela janela.

- O termo “pela janela” expressa o lugar por onde se arremessou a Gramática.
- Logo, o termo “**pela janela**” é um **adjunto adverbial de lugar**.

O aluno teve de ir, às pressas, ao cursinho preparatório.

- O termo “ao cursinho preparatório” expressa o lugar para onde o aluno teve de ir.
- Logo, o termo “**ao cursinho preparatório**” é um **adjunto adverbial de lugar**.

Uma outra ideia importante é a de **FINALIDADE**. Muitos a confundem com a ideia de CAUSA. Na verdade, para obter a **causa**, pergunta-se “**POR QUÊ?**”; já para se obter a **finalidade**, pergunta-se “**PARA QUÊ?**”. A finalidade, portanto, expressa o objetivo, o fim, o propósito.

Observe as duas frases a seguir:

I – Entreguei o relatório para o gerente.

II – Entreguei o relatório para correções finais.

A minha pergunta é: os termos “para o gerente” e “para correções finais” exercem a mesma função sintática? Muitos, num primeiro impulso, poderiam dizer que sim, são ambos objetos indiretos, pois são introduzidos por preposição e se ligam ao verbo. Eis o problema, moçada! **Há muitas coisas ligadas ao verbo por meio de preposição que não são OI. Tome cuidado!**

Na frase I, o termo “**para o gerente**” expressa **para quem** foi feito o envio, ou seja, “para o gerente” é **OI** do verbo “Entregar” (**Quem entrega entrega ALGO PARA ALGUÉM**).

Já na frase II, o termo **"para correções finais"** expressa o objetivo, a finalidade do envio. Pergunta-se para que se enviou o relatório. E a resposta é: para fazer correções finais, com a finalidade de fazer correções finais. Isso significa que **"para correções finais"** é adjunto adverbial de finalidade.

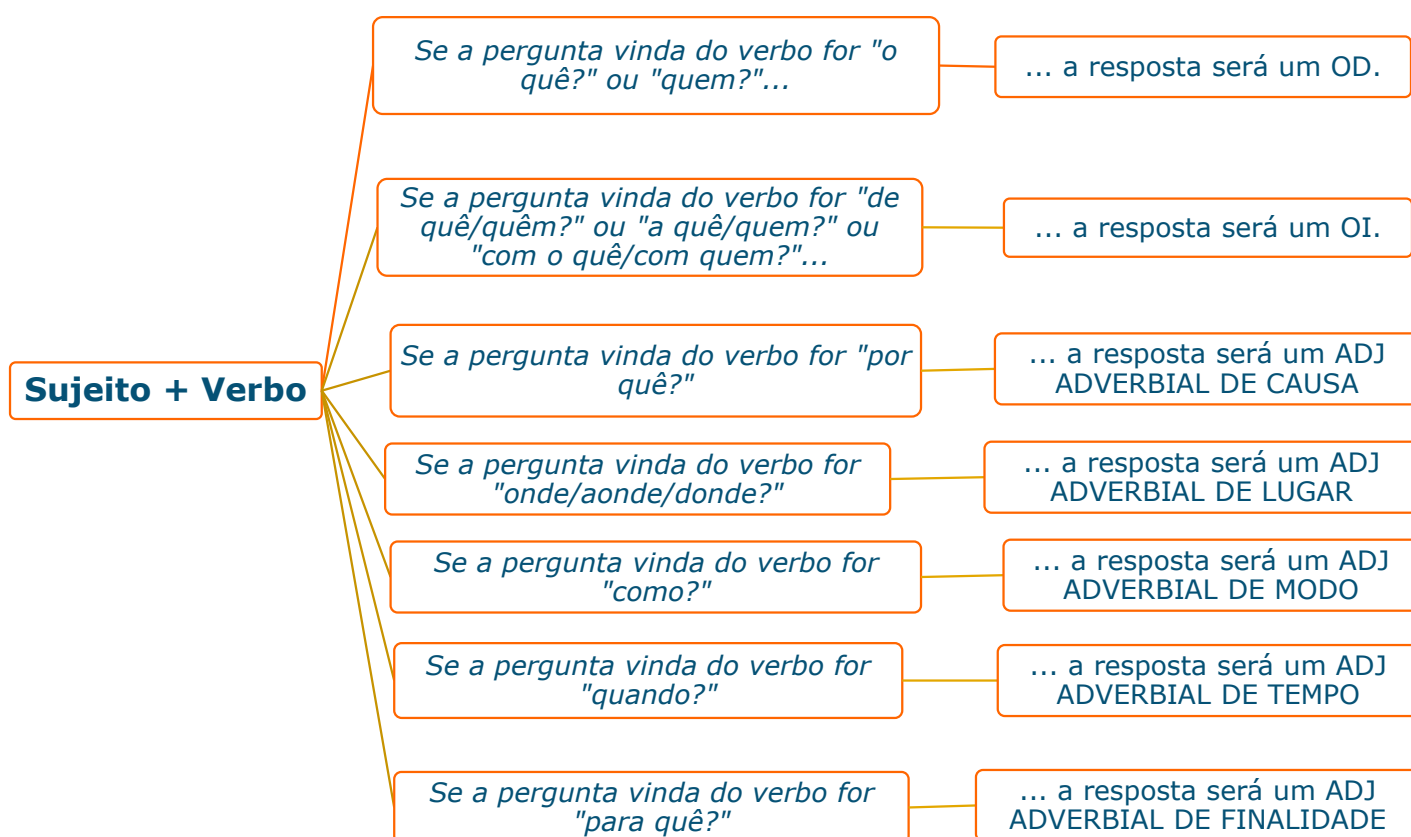
Ainda insistindo nesse ponto, as circunstâncias verbais não são taxativas, ok? Isso significa que a lista de ideias que apresentamos não é fechada. Sua prova pode, inclusive, criar circunstâncias verbais e você deverá julgar a coerência dessa ideia na oração em que ela se insere.

Observe a frase a seguir:

O funcionário deve enviar, o mais rápido possível, o relatório ao gerente.

Suponhamos que a banca destaque o termo "o mais rápido possível" e associe a este o valor semântico (significado) de **celeridade**. Você concorda em chamar esse termo de um adjunto adverbial de celeridade? Por que não? De fato, a ideia expressada nesse termo é de celeridade, ou seja, rapidez. Portanto, as circunstâncias verbais são das mais diversas.

Resumindo as "conversas com o verbo", teremos:



Passo a Passo da Análise Sintática da Oração

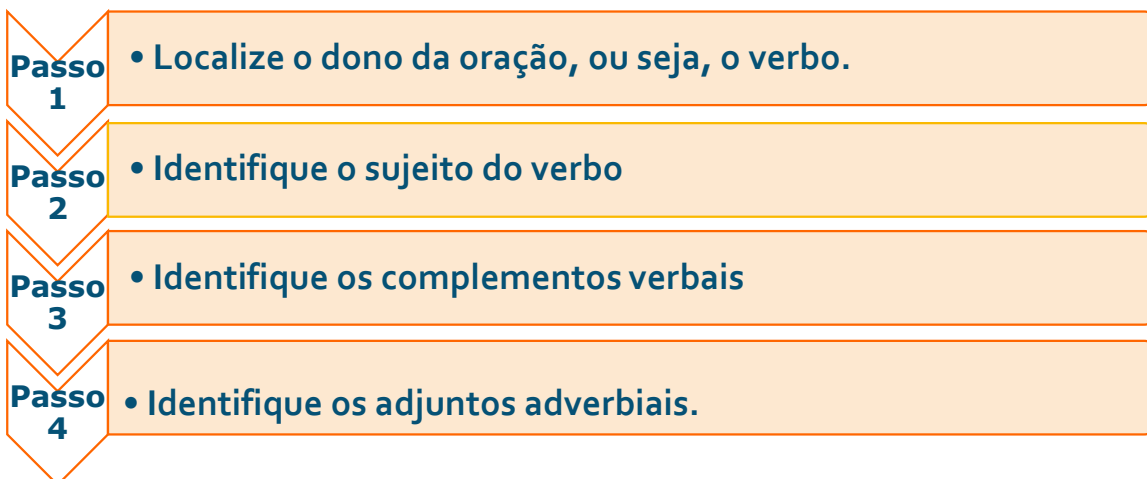
Agora que já adquirimos um pouco mais de maturidade, é importante que estabeleçamos seguinte passo a passo para analisar sintaticamente uma oração:

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Passo 4: Identifique os adjuntos adverbiais.



Vamos aplicar esse útil passo a passo na prática, nas mais diversas orações. Observe as frases a seguir:

Ainda nesta manhã, o aluno deverá enviar para a comissão julgadora, em caráter de urgência, devido ao prazo exíguo, as propostas de recurso.

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Resposta: O dono da oração é a locução verbal "deverá enviar".

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Resposta: O sujeito é o termo "o aluno".

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Resposta: "Conversando com o verbo", teremos: "Quem deverá enviar deverá enviar **ALGO PARA ALGUÉM**". Logo o verbo pede um **OD** (= as propostas de recurso) e um **OI** (=para a comissão julgadora).

Passo 4: Quais os adjuntos adverbiais?

Resposta: Quem sobrou após definirmos o sujeito e os complementos? Temos "Ainda nesta manhã", um adjunto adverbial de tempo; "em caráter de urgência", um adjunto adverbial de modo; "devido ao prazo exíguo", um adjunto adverbial de causa.

Por excesso de velocidade, o motorista atropelou dois pedestres na calçada.

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Resposta: O dono da oração é o verbo "atropelou".

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Resposta: O sujeito é o termo "o motorista".

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Resposta: "Conversando com o verbo", teremos: "Quem atropela atropela **ALGO/ALGUÉM**". Logo o verbo pede um **OD** (= dois pedestres).

Passo 4: Quais os adjuntos adverbiais?

Resposta: Quem sobrou após definirmos o sujeito e os complementos? Temos "Por excesso de velocidade", um adjunto adverbial de causa; "na calçada", um adjunto adverbial de lugar.

Esse passo a passo é muito útil, principalmente quando a oração apresentada está bem bagunçada, fora de ordem. Quer ver?

As informações sobre o caso, durante a coletiva, apresentou o delegado, de forma bastante didática e elucidativa, à imprensa sensacionalista.

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Resposta: O dono da oração é o verbo "apresentou".

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Resposta: O sujeito é o termo "o delegado".

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Resposta: "Conversando com o verbo", teremos: "Quem apresenta apresenta **ALGO A ALGUÉM**". Logo o verbo pede um **OD** (= As informações sobre o caso) e um **OI** (= à imprensa sensacionalista).

Passo 4: Quais os adjuntos adverbiais?

Resposta: Quem sobrou após definirmos o sujeito e os complementos? Temos "durante a coletiva", um adjunto adverbial de tempo; "de forma bastante didática e elucidativa", um adjunto adverbial de modo.

IMPORTANTE!

É muito comum a precipitação na hora de se analisar sintaticamente uma oração.

Na ânsia por responder rapidamente, cometemos equívocos frequentes.



Um exemplo disso está ilustrado no *meme*: quando vemos algo após o verbo, imediatamente queremos dizer que se trata de um OBJETO.

Calma!

É necessário seguir uma ordem, sem atropelos. Vejamos a seguir o passo a passo para uma correta análise sintática:

Passo 1: Identifique o verbo;

Passo 2: Identifique o sujeito;

Passo 3: Identifique os complementos verbais;

Passo 4: Identifique os adjuntos adverbiais.

Isso posto, vamos lá!

Passo 1: Identifique o verbo "Resta";

Passo 2: Identifique o sujeito, perguntando ao verbo "O que restou?". A resposta é... "uma esperança"

Passo 3: Somente depois de identificado o sujeito, é que vamos em busca dos complementos. Conversando com o verbo "Restar", chegamos à conclusão de que ALGO RESTA A ALGUÉM. O verbo "restar" pede OBJETO INDIRETO, representado no *meme* por "ao time".

Cuidado, portanto, com as seguintes construções:

Ocorreu **UM ACIDENTE**...

Faltou **UMA OPORTUNIDADE**...

Aconteceu **UM DESASTRE**...

Saiu **O RESULTADO**...

Nas provas que você fizer, o demônio vai tentar empurrar os termos em destaque como objetos diretos, o que está **ERRADO!**

Eles funcionam como **SUJEITO**.

NÃO ESTAMOS AUTORIZADOS A IR EM BUSCA DOS OBJETOS SEM ANTES IDENTIFICAR O SUJEITO, SOB RISCO DE COMETER EQUÍVOCOS.

Não passe para o Passo 3 sem passar pelo Passo 2. Você corre o risco de chamar de Objeto Direto um termo que na verdade funciona como SUJEITO!

Agente da Passiva

É o termo da oração que complementa o sentido de um verbo na voz passiva, indicando-lhe o *ser que praticou a ação verbal*. **A característica fundamental do agente da passiva é, pois, o fato de somente existir se a oração estiver na voz passiva.**

Na frase **"O barulho acordou toda a vizinhança."**, não há agente da passiva, simplesmente porque a oração está na voz ativa.

Já na frase **"Toda a vizinhança foi acordada pelo barulho."**, como se tem uma construção de voz passiva analítica, identifica-se no trecho **"pelo barulho"** a função sintática de **agente da passiva**.

Note que o agente da passiva é introduzido geralmente pela preposição "por". Há também possibilidade de outras preposições introduzirem o agente da passiva. Observe a frase:

O professor foi cercado de alunos.

O termo **"de alunos"** seria o **agente da passiva**. São os alunos que cercam o professor.

No entanto, devemos tomar o devido cuidado para não tirar conclusões precipitadas. Observe, por exemplo, a seguinte frase:

O transporte foi feito pela Rodovia BR 116.

Muitas pessoas diriam que o termo **"pela Rodovia BR 116"** desempenha função sintática de agente da passiva. Trata-se de uma conclusão precipitada, pois não é a Rodovia BR 116 que faz a ação de transportar. Ela é, na verdade, a via pela qual se faz o transporte. Portanto, o termo **"pela Rodovia BR 116"** é **adjunto adverbial**. Cuidado, portanto, para não considerar qualquer coisa introduzida pela preposição "por" como agente da passiva!

Termos Associados ao Nome

Amigos, agradeçamos ao verbo por tudo, ok? Foi ele que nos forneceu o sujeito, os complementos e os adjuntos adverbiais. O verbo cumpriu, portanto, sua nobre função. Agora é hora de mapearmos todas as funções sintáticas associadas ao nome. São elas: **ADJUNTO ADNOMINAL, PREDICATIVO, COMPLEMENTO NOMINAL e APOSTO**. Vamos lá?

Adjunto Adnominal

O Adjunto Adnominal é o termo que modifica um substantivo de forma direta, **SEM INTERMEDIÇÃO DE UM VERBO**. Trata-se de uma função adjetiva, desempenhada por **adjetivos e locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos**. Em suma, atuarão como adjuntos adnominais todos os satélites de um substantivo – *artigos, numerais, pronomes e adjetivos*.

Isso posto, identifiquemos na frase a seguir todos os adjuntos adnominais nela presentes:

Os meus queridos alunos do Direção Concursos conquistaram cem mil aprovações nos mais disputados concursos públicos do Brasil e do mundo.

Professor, que frase grande logo de cara! Por onde eu começo?

Vamos lá! Vou ajudar você. Meu amigo, os adjuntos adnominais modificam substantivos, ok? Dessa forma, identifiquemos primeiramente todos os substantivos, pode ser? Vamos listá-los: **alunos, aprovações, concursos.**

Ei, professor, mas o senhor não destacou Direção Concursos, Brasil e mundo? Eles também são substantivos, não é verdade? Sim, são! Mas observe que eles estão preposicionados, formando locuções. Deixemos esses termos guardados por enquanto.

Mapeemos agora todos as palavras e expressões que modificam cada um desses substantivos.

Modificam o substantivo "alunos": o artigo "os"; o pronome possessivo "meus"; a locução adjetiva "do Direção Concursos".

Modifica o substantivo "aprovações": o numeral "cem mil".

Modificam o substantivo "concursos": o artigo "os", que está presente na contração "nos (em + os)"; os adjetivos "disputados" e "públicos"; as locuções adjetivas "do Brasil" e "do mundo".

Prontinho! Enumeremos todos os adjuntos adnominais: **Os, meus, queridos, do Direção Concursos, cem mil, os, disputados, públicos, do Brasil, do mundo.**

Puxa, professor! Não é tão difícil assim!

De fato, não é esse monstro todo que pintamos.

Mas há sim algumas dificuldades nesse caminho ainda. Quando estudamos isoladamente essas funções associadas ao nome, não surgem tantas dificuldades assim. Mas quando as confrontamos, aí o bicho pega! Mas calma! Cada dia sua agonia. Vamos por partes, degrau a degrau, entendendo cada passo, ok?

IMPORTANTE!

Não confundamos o adjunto adverbial com o adjunto adnominal. O primeiro está associado a verbo, adjetivo ou outro advérbio, ao passo que o último só tem olhos para substantivo.

Exemplos:

Praticamos **dança de salão**.

- O termo "de salão" modifica o substantivo "dança"
- Trata-se de um **adjunto adnominal**.

Praticamos dança **no salão**.

- O termo "no salão" modifica o verbo "praticar" (*praticar ONDE?*)
- Trata-se de um **adjunto adverbial**.

Predicativo

O predicativo pode ser do sujeito ou do objeto. Dizer de quem é o predicativo não é tão complicado, pois basta verificar quem é modificado por ele, se o sujeito ou o objeto. Difícil é afirmar que é predicativo.

Por isso, precisamos definir de uma forma muito precisa esse termo. Podemos assim fazer apontando o predicativo como **um termo que caracteriza um nome (núcleo do sujeito ou do objeto) tendo um verbo como intermediário. O fato de haver intermediação por parte de um verbo na ligação do nome ao predicativo é o que diferencia este do adjunto adnominal.**

Como assim, professor?

Vamos explicar melhor! Para isso, dividamos o estudo em duas partes: o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto

Predicativo do Sujeito

Muitas vezes, a identificação do Predicativo do Sujeito se dá pela presença – **explícita ou implícita** - na construção frasal de **verbos de ligação**.

Presença explícita ou implícita, professor?

Isso! Vamos visualizar algumas frases:

O professor **ficou irritado** com a falta de respeito do aluno.

- Note a presença explícita do verbo ligação “ficar”
- O atributo que o acompanha – “irritado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “irritado” modifica “professor”, intermediado pelo verbo de ligação “ficar”.

O aluno **pareceu**, durante a aula, **desmotivado**.

- Note a presença explícita do verbo ligação “parecer”
- O atributo que o acompanha – “desmotivado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “desmotivado” modifica “aluno”, intermediado pelo verbo de ligação “parecer”.

O secretário saiu da sala de reuniões **irritado**.

- Não temos agora um verbo de ligação explícito na frase, mas é possível subentendê-lo.
- Veja que a frase pode ser assim reescrita: ***O secretário saiu da sala de reuniões (e estava) irritado.***
- Note a presença implícita do verbo ligação “estar”
- O atributo que o acompanha – “irritado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “irritado” modifica “secretário”, intermediado pelo verbo de ligação oculto “estar”.

Ele foi trabalhar hoje adoentado.

- Não temos agora um verbo de ligação explícito na frase, mas é possível subentendê-lo.
- Veja que a frase pode ser assim reescrita: **Ele foi trabalhar hoje (e estava) adoentado.**
- Note a presença implícita do verbo ligação “estar”
- O atributo que o acompanha – “adoentado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “adoentado” modifica “professor”, intermediado pelo verbo de ligação oculto “estar”.

IMPORTANTE!

O verbo é de ligação somente se ele estiver ligado a um predicativo.

Cuidado com as orações a seguir:

Eu fiquei em casa.

O verbo “ficar” não é de ligação, pois não está ligado a um predicativo. Como classificá-lo, professor? **Vamos chamá-lo, gente, de INTRANSITIVO.** Note que “em casa” é um adjunto adverbial de lugar.

Eu fiquei em casa, durante esta manhã.

O verbo “ficar” não é de ligação, pois não está ligado a um predicativo. Ele é **INTRANSITIVO**. Note que “em casa” é um adjunto adverbial de lugar e “durante esta manhã”, um adjunto adverbial de tempo.

Eu fiquei em casa, durante esta manhã, pensativo.

Agora sim, o verbo “ficar” é de ligação. Ele está ligado ao predicativo do sujeito “pensativo”. Os termos “em casa” e “durante esta manhã” são adjuntos adverbiais, respectivamente de lugar e de tempo.

Nem sempre, contudo, teremos a presença de um verbo de ligação. Vejamos os exemplos a seguir:

Beltrano da Silva foi nomeado Ministro da Fazenda.

Observe que “Ministro da Fazenda” é atributo de “Beltrano da Silva”, tendo a forma verbal “ser nomeado” como intermediário. O termo “Ministro da Fazenda” é, portanto, um predicativo do sujeito “Beltrano da Silva”.

O recurso foi julgado improcedente pela comissão

Observe que “improcedente” é atributo de “recurso”, tendo a forma verbal “ser julgado” como intermediário. O termo “improcedente” é, portanto, um predicativo do sujeito “O recurso”.

Os verbos “julgar” e “nomear” são denominados transobjetivos. A seguir detalharei essa categoria de verbos, ok?

Predicativo do Objeto

O Predicativo do Objeto ocorre geralmente com os chamados **verbos transobjetivos, responsáveis por indicar julgamento, opinião ou designação**. Entre os principais verbos transobjetivos, destacamos **julgar, achar, considerar, deixar, nomear, etc.** Esses verbos são assim denominados, porque estarão acompanhados de um objeto seguido de um predicativo do objeto. Vejamos alguns exemplos:

*A população o **considerou** um salvador da Pátria.*

***Deixei** minhas alunas revoltadas.*

***Julguei** impossível a classificação do time para a série A.*

***Achei** bem organizado seu projeto.*

***Chamaram-lhe** de impostor.*

Mais uma vez, note que o atributo se liga ao nome, intermediado por uma forma verbal.

Adjunto Adnominal vs. Predicativo

Há similaridades entre o adjunto adnominal e o predicativo, o que faz com que, muitas vezes, ocorram confusões na identificação dessas duas funções sintáticas.

A primeira e principal diferença é que o **adjunto adnominal se liga diretamente ao nome, sem intermediação de verbo**. Já o **predicativo se liga ao nome intermediado por verbos de ligação – explícitos ou implícitos – ou verbos transobjetivos**.

A segunda diferença é que o **adjunto adnominal é um atributo intrínseco, inerente, pertencente ao ser**. Já o **predicativo é, muitas vezes, um atributo momentâneo, circunstancial**. No caso do predicativo do objeto, este representa uma opinião, um juízo de valor, ou uma designação por parte do sujeito ao objeto.

A terceira diferença é que o **adjunto adnominal nunca poderá ser isolado do substantivo a que se refere por vírgulas ou travessões nem poderá sofrer grandes deslocamentos em relação ao substantivo**. Já o **predicativo pode ser isolado por vírgulas e distanciado do nome a que se refere**.

Vejamos os inúmeros exemplos a seguir

I – O comerciante irritado saiu do banco.

- Note que “irritado” está ligado diretamente ao substantivo comerciante, sem intermediação de verbo;
- Note que “irritado” é uma característica intrínseca, pertencente ao comerciante.
- Trata-se, assim, de um **adjunto adnominal**.

II – O comerciante saiu irritado do banco.

- Note que “irritado” está ligado substantivo comerciante, com intermediação de verbo de ligação oculto - **O comerciante saiu do banco (e estava) irritado;**
- Note que “irritado” não é um atributo intrínseco, permanente. Trata-se de um atributo de momento. Não se sabe por que o comerciante estava irritado.
- Note que é possível deslocar “irritado” pela frase - **Irritado, o comerciante saiu do banco; O comerciante, irritado, saiu do banco.**
- Trata-se, assim, de um **predicativo do sujeito**.

III - Minha filha quer um carro novo.

- Note que “novo” está ligado diretamente ao substantivo comerciante, sem intermediação de verbo;
- Note que “novo” é uma característica intrínseca do “carro”.
- Trata-se, assim, de um **adjunto adnominal**.

IV - Julguei seu carro novo, apesar da quilometragem avançada.

- Note que “novo” está ligado substantivo carro, com intermediação de verbo transobjetivo “julgar”;
- Note que “novo” não é um atributo intrínseco e permanente do carro. Trata-se de um juízo de valor manifestado pelo sujeito ao objeto “carro”.
- Trata-se, assim, de um **predicativo do objeto**.

V - Eu necessito de você inteiro para a final do campeonato.

- Note que “inteiro” está ligado ao pronome substantivo “você”, com intermediação de verbo de ligação oculto - **Eu necessito de você (e que você esteja) inteiro para a final do campeonato;**
- Trata-se, assim, de um **predicativo do objeto**.

Mesmo com todos esses exemplos, ainda resta uma dúvida? Vamos ao teste final!

Sabemos que o adjunto adnominal faz parte do sujeito ou do objeto, enquanto que o predicativo é uma qualidade dada ao sujeito ou objeto pelo verbo, não é verdade? Veja o que vamos fazer para visualizar isso:

Eu tenho um caderno bonito.

Eu acho meu caderno bonito.

A dúvida que fica é sobre a função sintática de “bonito” nos dois casos.

Observe o que acontece quando substituímos o objeto por um pronome substantivo:

Eu tenho um caderno bonito. = Eu o tenho.

Eu acho meu caderno bonito. = Eu o acho bonito.

Na primeira frase, o pronome oblíquo o está substituindo “um caderno bonito”. Como “bonito” veio “para dentro” do pronome em companhia do substantivo “caderno”, provamos que “bonito” é um atributo inerente,

pertencente ao substantivo “caderno”. Fica provado, assim, definitivamente se tratar de um adjunto adnominal.

Na segunda frase, o pronome oblíquo o está substituindo “um caderno”. Como “bonito” ficou “de fora” do pronome, provamos que “bonito” não é um atributo inerente, pertencente ao substantivo “caderno”. É sim um atributo momentâneo, um juízo valor conferido ao objeto pelo sujeito. Fica provado, assim, definitivamente se tratar de um predicativo do objeto.

Resumindo:

O adjunto adnominal modifica diretamente o nome, **sem intermediação de verbo**. Trata-se de uma característica intrínseca do nome.

Já o predicativo modifica o nome **com intermédio de um verbo – ligação ou transobjetivo**. Trata-se de uma qualidade momentânea, circunstancial, atribuída ao nome.

Complemento Nominal

Da mesma forma que os verbos, os nomes também podem pedir complemento. **Os Complementos Nominais preenchem lacunas de sentido deixadas por substantivos, adjetivos ou advérbios**. Vamos chamá-los de CNs, ok? Observe as frases a seguir:

Nós temos amor por nossa família.

- Note que o substantivo “amor” pede complemento (*Amor por quê/quem?*);
- O termo “por nossa família” é, portanto, **complemento nominal**.

Interesse por problemas sociais é um bom indício de consciência.

- Note que o substantivo “Interesse” pede complemento (*Interesse por quê/quem?*);
- O termo “por problemas sociais” é, portanto, **complemento nominal**.

Seja sempre fiel a seus princípios.

- Note que o adjetivo “fiel” pede complemento (*Fiel a quê/quem?*);
- O termo “a seus princípios” é, portanto, **complemento nominal**.

Ele se posicionou favoravelmente ao acordo.

- Note que o advérbio “favoravelmente” pede complemento (*Favoravelmente a quê/quem?*);
- O termo “ao acordo” é, portanto, **complemento nominal**.

É importante frisar que o complemento verbal pode ser preposicionado ou não, mas o complemento nominal sempre o será, ou seja, **sempre haverá preposição ligando o complemento ao nome**.

Vale ressaltar também que a transitividade do verbo nem sempre se estende ao nome correspondente. Por exemplo, o verbo “necessitar” e o substantivo “necessidade” apresentam a mesma transitividade, pois ambos pedem complemento introduzido pela preposição “de” (*Quem necessita necessita DE ALGO/ALGUÉM; Quem tem necessidade tem necessidade DE ALGO/ALGUÉM*). Não é o caso do verbo “elogiar” e do substantivo

“elogio”: o primeiro pede OD (*Quem elogia elogia ALGO/ALGUÉM*), ao passo que o segundo exige preposição A (*Quem faz elogio faz elogio A ALGO/ALGUÉM*).

Muitos são os alunos que, numa leitura afobada, confundem OI com CN. Galera, os OIs complementam verbos, enquanto que os CNs complementam nomes – *substantivos, adjetivos e advérbios*. Em “O professor se preocupa demais **COM O ALUNO**”, o termo **COM O ALUNO** atua como OI, completando o verbo “PREOCUPAR-SE”. Já em “O professor ficou preocupado **COM O ALUNO**”, o termo **COM O ALUNO** atua como CN, completando o adjetivo “PREOCUPADO”.

Agora, a grande dúvida que aflige dez em cada nove concurseiros é a **diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal**. Vamos explicá-la na sequência.

Adjunto Adnominal vs. Complemento Nominal

Professor, na seção anterior, o senhor falou que dez em cada nove alunos confundem essas duas funções sintáticas. Dez em cada nove, professor? Não seriam nove em cada dez? Haha. Fiz esse trocadilho bobo de propósito, apenas para mostrar que, de fato, muitas pessoas se confundem nessa diferenciação. Vamos explicá-la de uma vez por todas, ok?

Moçada, para início de conversa, **o adjunto adnominal nem sempre é preposicionado**. Lembre-se de que exercem essa função os artigos, os pronomes adjetivos, os numerais adjetivos, os próprios adjetivos e as locuções adjetivas. Já **o complemento nominal sempre será introduzido por preposição**.

Outro ponto é que **o adjunto adnominal modifica apenas substantivos**, ao passo que **o complemento nominal pode estar ligado a substantivo, adjetivo ou advérbio**.

Isso posto, podemos definir como ponto de interseção entre as duas funções os termos preposicionados ligados a SUBSTANTIVOS.

Estando o termo preposicionado ligado a adjetivo ou advérbio, a discussão se encerra, pois somente complementos nominais modificam adjetivos ou advérbios.

Fiquei irritado com o funcionário.

- O termo “com o funcionário” é complemento nominal, pois está ligado ao adjetivo “irritado”.

Ele se portou contrariamente à proposta de lei.

- O termo “à proposta de lei” é complemento nominal, pois está ligado ao advérbio “contrariamente”.

Nossa dúvida, portanto, está mais delimitada: **termos preposicionados ligados a substantivos são adjuntos adnominais ou complementos nominais?**

Delimitemos ainda mais o problema. **Se o substantivo for concreto, o termo preposicionado a ele ligado será adjunto adnominal necessariamente**. No entanto, se o termo preposicionado estiver ligado a substantivo abstrato, esse termo poderá, em algumas ocasiões, atuar como adjunto adnominal; em outras, como complemento nominal.

Pedi emprestado o caderno da aluna.

- O termo “da aluna” é adjunto adnominal, pois está ligado ao substantivo concreto “caderno”.

O celular do professor não parava de tocar.

- O termo “do professor” é adjunto adnominal, pois está ligado substantivo concreto “celular”.

Nossa dúvida, portanto, ficou ainda mais delimitada: **termos preposicionados ligados a substantivos abstratos são adjuntos adnominais ou complementos nominais?**

E então vem o grande embate. Para diferenciá-los, devemos ter em mente que **os adjuntos adnominais estabelecem com o substantivo abstrato uma relação de posse ou se portam como agente da ação expressa pelo substantivo. Já os complementos nominais se portam como alvo da ação expressa pelo nome.**

Professor, como assim? Pode explicar melhor?

Claro! Vamos aos inúmeros exemplos!

A reforma do vizinho não está me deixando mais cochilar à tarde.

- O termo “do vizinho” está ligado ao substantivo abstrato “reforma”;
- É o vizinho que faz a reforma.
- Logo, o vizinho é agente da ação expressa pelo nome – no caso, “reformatar”.
- O termo “do vizinho” é, portanto, adjunto adnominal.

A reforma da praça foi adiada mais uma vez.

- O termo “da praça” está ligado ao substantivo abstrato “reforma”;
- É a praça que é reformada.
- Logo, a praça é alvo da ação expressa pelo nome – no caso, “reformatar”.
- O termo “da praça” é, portanto, complemento nominal.

O estudo do aluno foi direcionado.

- O termo “do aluno” está ligado ao substantivo abstrato “estudo”;
- É o aluno que estuda.
- Logo, o aluno é agente da ação expressa pelo nome – no caso, “estudar”.
- O termo “do aluno” é, portanto, adjunto adnominal.

O estudo da Língua Portuguesa é fascinante.

- O termo “da Língua Portuguesa” está ligado ao substantivo abstrato “estudo”;
- A Língua Portuguesa é alvo da ação “estudar”.
- O termo “da Língua Portuguesa”, portanto, é complemento nominal.

A invasão de campo foi contida pela polícia.

- O termo “de campo” está ligado ao substantivo abstrato “invasão”;
- O campo é alvo da ação “invadir”.
- O termo “de campo”, portanto, é complemento nominal.

A invasão dos torcedores preocupou as autoridades policiais.

- O termo “dos torcedores” está ligado ao substantivo abstrato “invasão”;
- São os torcedores que invadem.
- Logo, os torcedores são agente da ação expressa pelo nome – no caso, “invadir”.
- O termo “dos torcedores” é, portanto, adjunto adnominal.

O acesso do aluno ao site foi bloqueado.

- Os termos “do aluno” e “ao site” estão ligados ao substantivo abstrato “acesso”;
- São os alunos que acessam. É o site que é acessado.
- Logo, o aluno é agente da ação expressa pelo nome – no caso, “acessar”.
- Logo, o termo “site” é alvo da ação expressa pelo nome – no caso, “acessar”
- O termo “do aluno” é, portanto, adjunto adnominal.
- O termo “ao site” é, portanto, complemento nominal.

Acho que finalmente entendemos, estou certo?

Aposto

O aposto é uma função sintática cujo núcleo é um substantivo ou pronome substantivo e tem por função explicar, esclarecer, resumir, desenvolver ou especificar outro termo da oração. Possui várias classificações, entre as quais se destacam o *especificador*, o *enumerativo*, o *resumidor* ou *recapitulativo*, o *distributivo* e, o *mais famoso deles*, o *explicativo*.

Numa linguagem matemática, suponhamos que você tenha um termo A na oração e a ele somamos um termo B que funciona como seu aposto. Teremos, gente, **A = B**. *Que maluquice é essa, professor? Amigos*, o aposto equivale ao termo que representa, essa é a ideia que detalharei a seguir. Observe!

Aposto Especificador

Como o próprio nome diz, esse aposto particulariza um termo, especificando-o. Veja as frases a seguir:

O professor José Maria fez elogios aos alunos do Direção Concursos.

- “professor” = A; “José Maria” = B
- A = B, o que faz do termo “José Maria” um aposto.
- Dentre tantos professores, está-se especificando qual deles: José Maria
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.

A cidade *de Brasília* está em polvorosa com a inauguração do Direção Concursos.

- “cidade” = A; “Brasília” = B
- A = B, o que faz do termo “de Brasília” um aposto.
- Dentre tantas cidades, está-se especificando qual delas: Brasília.
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.

O mês *de dezembro* está bastante agitado.

- “mês” = A; “dezembro” = B
- A = B, o que faz do termo “de dezembro” um aposto.
- Dentre tantos meses, está-se especificando qual deles: dezembro.
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.
-

IMPORTANTE

Não confundamos o aposto especificador com o adjunto adnominal. O primeiro guarda uma relação de equivalência com o nome; o segundo, não! Observe!

A cidade *de Brasília* está em festa.

(cidade = A; Brasília = B; **A = B**, o que faz de “*de Brasília*” um **aposto especificador**)

O clima *de Brasília* é muito maluco.

(clima = A; Brasília = B; **A ≠ B**, o que faz de “*de Brasília*” um **adjunto adnominal**)

Aposto Enumerativo

Como o próprio nome diz, **expressa enumerações**, introduzidas geralmente por dois pontos ou expressões de enumeração – como, tais como, a saber, entre os quais, etc.

Várias foram as razões do acidente aéreo: *o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.*

O aposto enumerativo é toda a enumeração ***o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.***

Note que ele está introduzido por dois pontos. Muitas questões perguntam se é possível trocar os dois pontos por um conector de enumeração – *como, tais como, entre os quais, etc.* – antecedido de vírgula. **Sim! É possível.** Observe:

Várias foram as razões do acidente aéreo, *tais como o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.*

Cuidado, no entanto, com construções do tipo:

Várias foram as razões do acidente aéreo, tais como: o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.

Aqui temos um problema, pois há dois caras fazendo um serviço que precisa apenas de um. Ora, o conector “tais como” introduz uma enumeração; os dois pontos também. Portanto, temos uma redundância. Por que utilizar os dois, se precisamos apenas de um? **Dessa forma, ou se empregam os dois pontos ou se faz uso do conector para introduzir a enumeração. Os dois, ao mesmo tempo, não!**

Aposto Resumidor

O aposto resumidor cumpre uma função oposta à do enumerativo. Enquanto este detalha os termos componentes da enumeração, aquele **aglutina todos os elementos da enumeração geralmente num pronome indefinido**. Observe:

O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, tudo isso causou o acidente aéreo.

Note que o termo “tudo isso” aglutina toda a enumeração anterior. Trata-se, portanto, de um aposto resumidor.

IMPORTANTE

Não confundamos o aposto resumidor com o sujeito.

Na frase **“O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, tudo isso causou o acidente aéreo.”**, o sujeito da forma verbal “causou” não é “tudo isso”, ok? **O termo “tudo isso” é aposto resumidor. O sujeito, na verdade, é “O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo”.**

Professor, mas pera lá! O sujeito é composto, certo? Sim! E o verbo fica no singular? Sim! Ué?

Querido aluno, temos a noção de que o verbo concordará com o sujeito, não é verdade? Isso ocorrerá sempre? Ocorrerá em 99,999999% das vezes! **Existe uma situação bem particular na qual o verbo não concordará com o sujeito, e sim com o ... aposto resumidor!**

Havendo um aposto resumidor, o verbo concorda não com o sujeito, mas como o aposto resumidor. Observe mais uma frase

João, Paulo, Francisco, Antônio, todo mundo veio para a aula.

Note que a forma verbal “veio” concorda **não** com o sujeito “João, Paulo, Francisco, Antônio”, e sim com o aposto resumidor “*todo mundo*”.

Aposto Distributivo

Como o próprio nome diz, esse aposto distribui informações relativas a termos já citados. Observe:

Matemática e Português são disciplinas que me dão nos nervos: a primeira, com suas infundáveis contas; a segunda, com suas regras repletas de exceções.

Aposto Explicativo

O aposto explicativo consiste numa informação adicional referente a um nome. Caracteriza-se por ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses.

Observe:

Língua Portuguesa, uma das mais fascinantes disciplinas, é matéria chave em qualquer concurso.

O Direção Concursos, o campeão de aprovações em concursos públicos, possui excelentes professores.

IMPORTANTE

Muitos dizem, de forma precipitada, que o aposto explicativo pode ser retirado da frase, pois “não faz falta”. Muita calma nessa hora! Ele, de fato, não faz falta do ponto de vista sintático! **Como não se trata de um termo essencial da oração, e sim acessório, sua retirada não comprometerá a construção da frase. No entanto, sua retirada pode implicar uma mudança semântica.**

Observe a frase a seguir, sem aposto explicativo:

O Direção Concursos foi inaugurado em dezembro de 2018.

Agora com aposto explicativo:

O Direção Concursos, o maior site de preparação para concursos públicos do Brasil, foi inaugurado em dezembro de 2018.

A presença do aposto explicativo dá um tom diferenciado para a frase, concorda? Portanto, a ausência do aposto não gera problemas na construção da frase, mas pode impactar nos sentidos.

De forma também equivocada, muitos, assim que veem alguma coisinha isolada por vírgulas, associam-na imediatamente a um aposto explicativo. Muita calma nessa hora, ok? **O aposto explicativo aparecerá isolado por vírgulas, é verdade! Mas nem tudo isolado por vírgulas será um aposto explicativo.** Lembre-se de que o aposto explicativo se refere a um nome, ok? Observe as frases a seguir:

O Brasil, uma das economias mais importantes da América Latina, vive uma crise política sem precedentes.

O Brasil, devido à crise econômica, caiu bastante nos rankings de IDH.

Note que, na primeira frase, o termo “uma das economias mais importantes da América Latina” se refere a “Brasil”. Lembremo-nos da equivalência entre nome e aposto. Sendo “Brasil” igual a A e “uma das economias... América Latina” igual a B, temos que **A = B**. Trata-se, assim, de um **aposto explicativo**.

Já na segunda frase, o termo “devido à crise econômica” expressa causa, sendo, portanto, um **adjunto adverbial**. Sendo “Brasil” igual a A e “devido à crise econômica” igual a B, temos que **A ≠ B. Não se trata, assim, de um aposto explicativo.**

Outra pergunta bem típica nas provas se refere à substituição das vírgulas por travessões. Na primeira frase, isso é possível, pois se trata de um aposto explicativo, que pode ser isolado por vírgulas, travessões ou parênteses. Na segunda frase, também é possível, pois o adjunto adverbial está em posição intercalada! Veremos mais detalhes na aula de pontuação.

Tipos de Predicado

Depois de bem consolidada a classificação dos verbos quanto à predicação verbal e o detalhamento da função predicativo, fica bem tranquilo identificar os tipos de predicado.

Predicado Verbal

O predicado verbal é aquele cujo núcleo significativo é um verbo nocional. Não há verbos de ligação nem predicativos nesse tipo de predicado.

Exemplos:

Os homens **trabalhavam** muito. (Núcleo do Predicado: **trabalhavam**)

Chove muito nesta época do ano. (Núcleo do Predicado: **chove**)

Predicado Nominal

O predicado nominal é aquele cujo núcleo significativo é um predicativo. Nele há presença de verbo de ligação.

Exemplos:

Ela **é** **muito bonita**. (Verbo de Ligação + Predicativo Núcleo do Predicado)

Antônio **é** **um bom aluno**. (Verbo de Ligação + Predicativo Núcleo do Predicado)

Ele **estava** **triste**. (Verbo de Ligação + Predicativo Núcleo do Predicado)

Predicado Verbo-Nominal

O predicado verbo-nominal é aquele que tem como núcleos significativos um verbo que não seja de ligação e um predicativo.

Exemplos:

O dia **amanheceu** **ensolarado**.

- Núcleo verbal: **amanheceu**
- Núcleo nominal: **ensolarado** (predicativo do sujeito)

Eu **estudei** **preocupado**.

- Núcleo verbal: estudei
- Núcleo nominal: preocupado (predicativo do sujeito)

Os professores *julgam* os alunos *inteligentes*.

- Núcleo verbal: julgam
- Núcleo nominal: inteligentes (predicativo do objeto)

Vocativo

O vocativo é o termo utilizado para invocar alguém ou algo. É um chamamento, direcionado a um interlocutor. **Vem sempre isolado por vírgulas, esteja onde estiver na oração.**

Exemplos:

Professor, o senhor poderia nos tirar uma dúvida?

Ajude-me, **meu Deus**, a entender Português!

"Meu caro amigo, me perdoe por favor / Se eu não lhe faço uma visita" (Chico Buarque)

Observações



- É importante observar que vocativo e sujeito são funções sintáticas diferentes. Note também que, em frases no imperativo, o sujeito é oculto.

"Meu amor, hoje o sol não apareceu." (Vocativo: meu amor; Sujeito: o sol)

Meu amor, não me abandone. (Vocativo: Meu amor, Sujeito: oculto - você)

- O vocativo não se confunde com o aposto explicativo. O primeiro é um chamado; o segundo, uma informação adicional referente a um nome
- O vocativo é o único termo sintático que não faz parte nem do sujeito, nem do predicado. Trata-se de um termo extraoracional.

Questões comentadas pelo professor

1. FCC - Técnico Legislativo (CL DF)/Agente de Polícia Legislativa/2018

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

"A arte popular de uma era é muitas vezes a arte elevada da seguinte", escreveu o professor Alexander Nehamas não muito tempo atrás em defesa da televisão, traçando um paralelo com o desdém de Platão pelo antigo drama grego. Por muito tempo a TV foi considerada o homólogo inferior do cinema: o lugar ao qual recorrer na indústria se você não podia transformar algo em filme. Por um tempo muito longo ela foi também considerada um assunto que não estava à altura do estudo acadêmico. Não é mais assim hoje em dia. Com o drama televisivo granjeando aplausos tanto do público quanto da crítica, parece que a TV está finalmente atravessando sua era de arte elevada e que emergiu da sombra do cinema para sempre.

Cineastas sempre flertaram com a televisão. O flerte do cinema com a nova forma começou com a célebre entrevista coletiva de Roberto Rossellini em 1962 em que ele declarou que o cinema estava morto e que dali em diante faria filmes para a televisão. Hoje esses cineastas poderiam ser vistos como a vanguarda de uma forma que ainda se desenvolvia: a da série de televisão que iria educar e elevar em vez de apenas entreter e vender produtos por meio de anúncios.

Hoje, graças à internet e a novas tecnologias, surgem novos padrões de atenção. O que parece uma transição de uma era da narrativa para outra é não só acompanhado, mas também guiado, por mudanças no comportamento do público.

(Adaptado de: KALLAS, Christina. **Na sala de roteiristas (Inside the Writer's Room)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016, edição digital)

Hoje, graças à internet e a novas tecnologias, surgem novos padrões de atenção.

O elemento que, no contexto, possui a mesma função sintática do sublinhado acima encontra-se também sublinhado em:

- a) *Hoje esses cineastas poderiam ser vistos como a vanguarda de uma forma.*
- b) *Com o drama televisivo granjeando aplausos tanto do público quanto da crítica.*
- c) *... em que ele declarou que o cinema estava morto...*
- d) *Cineastas sempre flertaram com a televisão.*
- e) *... em vez de apenas entreter e vender produtos por meio de anúncios.*

RESOLUÇÃO:

Seguindo o passo a passo da análise sintática em uma oração, devemos primeiramente perguntar para o verbo quem é o seu sujeito. Ora, ao se fazer a pergunta "O que surgem?", a resposta é "novos padrões de atenção".

Dessa forma, o termo sublinhado funciona como sujeito da forma verbal "surgem".

Devemos, pois, assinalar como resposta a opção cujo termo sublinhado funciona como sujeito.

Letra A – ERRADO – O termo “como a vanguarda” funciona sintaticamente como adjunto adverbial de modo da forma verbal “podem ser vistos”.

Letra B – ERRADO – O termo “aplausos” funciona sintaticamente como objeto direto da forma verbal “granjeando”.

Letra C – ERRADO – O termo “morto”, atributo que acompanha verbo de ligação “estava”, funciona sintaticamente como predicativo do sujeito.

Letra D – CERTO – O termo “Cineastas” funciona sintaticamente como sujeito da forma verbal “flertaram”.

Letra E – ERRADO – O termo “por meio de anúncios” funciona sintaticamente como adjunto adverbial e seu valor semântico pode ser associado a modo ou a instrumento.

Resposta: D

2. FCC - Técnico Legislativo (CL DF)/2018

As cirurgias plásticas nunca estiveram tão presentes e ao alcance como agora.

A partir do barateamento dos recursos de reprodução de imagens em grande escala, ocorreu um fenômeno diferente, senão oposto, daquele proposto por Oswald de Andrade e pelo movimento antropofágico de 1928. Da antropofagia criativa, nós, consumidores, passamos para a “iconofagia”, a devoração indiscriminada de padrões de uma cultura universal de imagens pasteurizadas e homogeneizadas.

A transformação do corpo em corpo-imagem é alardeada pelos mais diversos aparatos midiáticos como um avanço da medicina estética. Existem inúmeros veículos destinados a mostrar que nosso corpo não corresponde ao modelo imagético vigente e que cada um deve investir tempo e dinheiro para ficar “em forma”.

O “corpo ideal” almejado por tantas mulheres (famosas ou não) faz parte de um ideal estético que Umberto Eco denominou “beleza da mídia”. Uma beleza “de e para o consumo” (de coisas ou imagens). Portar uma “beleza midiática” não significa ser saudável, mas ter uma imagem moldada para ser exposta.

As diversas possibilidades de tornar o formato dos corpos reais o mais próximo possível da “beleza midiática” são artifícios de uma era iconofágica, de uma era de imagens que valem mais do que os corpos.

Quando milhares de mulheres veem na mídia atributos esculpidos digitalmente, ou encontram nas celebridades exemplos de formatos corporais a serem seguidos, essas imagens não fazem outra coisa senão devorá-las diariamente.

A “beleza midiática”, ou seja, tornar-se uma imagem poderosa, arrebatada a mulher de forma avassaladora. Se há uma propriedade inerente às imagens, é sua capacidade de condensar e carregar sentidos, emoções e sentimentos, histórias, anseios, sonhos e projetos. Daí emerge seu enorme poder de captura.

*(Adaptado de: SANCHES, Rodrigo Daniel e BAITELLO Jr, Norval. **Folha de São Paulo.**)*

A “beleza midiática” (...) arrebatada a mulher de forma avassaladora.

No contexto, o verbo que possui o mesmo tipo de complemento daquele da frase acima está sublinhado em:

- a) As cirurgias plásticas nunca estiveram tão presentes...
- b) Daí emerge seu enorme poder de captura.
- c) Se há uma propriedade inerente às imagens...
- d) Existem inúmeros veículos destinados a mostrar que...
- e) ... ocorreu um fenômeno diferente...

RESOLUÇÃO:

Seguindo o passo a passo da análise sintática em uma oração, devemos primeiramente perguntar para o verbo quem é o seu sujeito. Ora, ao se fazer a pergunta "*O quê ou quem arrebatava?*", a resposta é "A 'beleza midiática'".

Na sequência, devemos ir em busca dos complementos verbais. Ora, no caso "*quem arrebatava arrebatava algo ou alguém*". Dessa forma, identificamos no termo "a mulher" um objeto direto, o que faz com que classifiquemos o verbo como transitivo direto.

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – A forma verbal "estiveram" é de ligação e está acompanhada do predicativo do sujeito "presentes".

Letra B – ERRADA – A forma verbal "emerge" é intransitiva. Tem como sujeito "seu enorme poder de compra".

Letra C – CERTA – A forma verbal "há" possui sentido de "existe", sendo, portanto, impessoal. Não há sujeito e o tremo "uma propriedade inerente às imagens" atua como objeto direto. Note que o termo "às imagens" não é objeto indireto, e sim complemento do nome "inerente". A forma verbal é, portanto, transitiva direta.

Letra D – ERRADA – A forma verbal "Existem" é intransitiva e possui como sujeito "inúmeros veículos...".

Letra E – ERRADA – A forma verbal "ocorreu" é intransitiva e possui como sujeito "um fenômeno diferente...".

Resposta: C

3. FCC - EMAE/2018

Batizada Arlette e sublimada como Fernanda, a atriz carioca moldou – e continua moldando – cada personagem vivida no rádio, no teatro, no cinema e na televisão por 75 anos. Leia abaixo um trecho da entrevista de Fernanda Montenegro à Revistae.

Por viver tantos personagens, o ator não se torna um ser diferente?

– Nós somos estranhos. Porque, o que é que nós somos? Esquizofrênicos? Só não estamos num hospício porque nos aceitam e nos aceitam quando acertamos. É uma vida dupla. Você tem um espetáculo à noite e faz toda sua vida durante o dia, seja ela qual for, uma vida calma, incontestada, desassossegada, e à noite, você tem que dar conta de outra esfera. Ninguém te obriga a ir [trabalhar]. Nem quando você passa pela perda de um amor.

A gente até acha que aquele amor teria gostado se você fosse lá fazer seu espetáculo. Ítalo Rossi perdeu um irmão num desastre e fez o espetáculo da noite. Estou contando um caso extremo, mas isso acontece.

Em casos como esse dá para guardar as emoções?

– A gente não guarda emoção. A gente vai [trabalhar] com o que acontece, com o que bate na hora. Cada plateia provoca outro estágio no espetáculo. Tem sempre alguma coisa [que muda] porque é tudo muito sutil, embora você faça sempre o “mesmo” gestual. É algo imponderável e inexplicável. Porque é o seguinte, não é só uma pessoa, um elenco e a plateia. Ali tem que haver uma comunhão. Porque às vezes um ator está de um lado do palco, outro ator está do outro lado, eles se olham e dizem: “Hoje não vai sair como a gente quer”. É uma energia cósmica. Mas nunca é exatamente a mesma coisa. Não é. Tanto que às vezes uma pessoa vai ver o espetáculo e se apaixona, mas um amigo vai ver e não gosta, não entrosou, não comungou, entendeu? Não deveria haver uma luta para conquistar a plateia, mas provocar fascínio e buscar uma comunhão.

O que significa esse ofício de atriz?

– É como se fosse um ato religioso: você entra no teatro e espera começar. Já estão todos sentados? Já está na hora? Aí, faz-se alguma coisa: toca-se uma campainha, uma luz muda, os atores entram mesmo com a luz... Ou seja, tem um início. Aí você fica diante de um ser humano. É como uma missa. O que é o padre? Um ator. Ele está ali paramentado, num cerimonial religioso. Se é Páscoa, é uma cor, se é Semana Santa ou Natal, são outras cores. Se fala um texto, não deixa de ser um auto medieval, e as pessoas ficam ali. Acho que, no fundo, tudo na vida é um teatro. Já falava o Velho Bardo [William Shakespeare]: para cada pessoa, você se apresenta, mesmo que um pouquinho, de maneira diferente. Às vezes até a cada hora do dia, até para você mesmo. Quem é a gente?

(Adaptado de: *Revistae*, São Paulo, Sesc, jul. 2018.)

O segmento sublinhado em **Ali tem que haver uma comunhão** possui a mesma função que o sublinhado em:

- a) Porque às vezes um ator está de um lado do palco...
- b) Se fala um texto, não deixa de ser um auto medieval...
- c) Aí, faz-se alguma coisa...
- d) Aí você fica diante de um ser humano.
- e) A gente até acha que aquele amor teria gostado...

RESOLUÇÃO:

Perceba que o verbo “haver” está empregado no sentido de “existir”. Devido a isso, é um verbo impessoal, o que significa que não possui sujeito e que “uma comunhão” funciona como seu objeto direto.

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADA – O termo “um ator” funciona como sujeito da forma verbal “está”.

Letra B – CERTA – Aqui, é preciso recorrer ao contexto da leitura. Observe a seguinte passagem do texto:

O que é o padre? Um ator. Ele está ali paramentado, num cerimonial religioso. Se é Páscoa, é uma cor, se é Semana Santa ou Natal, são outras cores. Se fala um texto, não deixa de ser um auto medieval, e as pessoas ficam ali.

Por ela, é possível constatar que o sujeito da forma verbal “fala” é “um padre”. Dessa forma, o termo destacado “um texto” funciona sintaticamente como objeto direto.

Letra C – ERRADA – O “se” funciona como partícula apassivadora, haja vista que está ladeado de uma forma verbal que pede objeto direto. O pronome apassivador tem como função transformar o objeto direto em sujeito paciente, função esta assumida pelo termo “alguma coisa”.

Letra D – ERRADA – O termo “de um ser humano” complementa o nome “diante”. Atua, portanto, como complemento nominal.

Letra E – ERRADA – O termo “A gente” funciona sintaticamente como sujeito da forma verbal “acha”.

Resposta: B

4. FCC - Técnico Judiciário (TRT 6ª Região)/2018

O jornalismo pode ser qualificado, embora com certo exagero, como um mal necessário. É um mal porque todo relato jornalístico tende ao provisório. Mesmo quando estamos preparados para abordar os assuntos sobre os quais escrevemos, é próprio do jornalismo apreender os fatos às pressas. A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande.

O próprio instrumento utilizado é suspeito. Diferente da notação matemática, que é neutra e exata, a linguagem se presta a vieses de todo tipo, na maior parte inconscientes, que refletem visões de mundo de quem escreve. Eles interagem com os vieses de quem lê, de forma que, se são incomuns textos de fato isentos, mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

Pertencemos a uma geração que não se conformava com as debilidades do relato jornalístico. O objetivo daquela geração, realizado apenas em parte, era estabelecer que o jornalismo, apesar de suas severas limitações, é uma forma legítima de conhecimento sobre o nível mais imediato da realidade.

O que nos remete à questão do início; sendo um mal, por que necessário? Por dois motivos. Ao disseminar notícias e opiniões, a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas para um exercício mais consciente da cidadania. Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo fosse a escola na qual os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

O outro motivo é que os veículos, desde que comprometidos com o debate dos problemas públicos, servem como arena de ideias e soluções. O livre funcionamento das várias formas de imprensa, mesmo as sectárias e as de má qualidade, corresponde em seu conjunto à respiração mental da sociedade.

Entretanto, o jornalismo dito de qualidade sempre foi objeto de uma minoria. A maioria das pessoas está de tal maneira consumida por seus dramas e divertimentos pessoais que sobra pouca atenção para o que é público. Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas, passando pela televisão e pela internet, vastas porções de jornalismo recreativo vêm sendo servidas à maioria.

O jornalismo de verdade, que apura, investiga e debate, é sempre elitista. Está voltado não a uma elite econômica, mas a uma aristocracia do espírito. São líderes comunitários, professores, empresários, políticos, sindicalistas, cientistas, artistas. Pessoas voltadas ao coletivo.

A influência desse tipo de jornalismo sempre foi, assim, mediada. Desde que se tornou hegemônico, nos anos 1960-70, o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa. Algo parecido ocorre agora com as redes sociais.

A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise. O paradoxo deste período é que, no mesmo passo em que as bases materiais do jornalismo profissional deslizam, sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet, conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior.

(Adaptado de: FILHO, Otavio Frias. Disponível em: www.folha.uol.com.br)

No contexto, os elementos sublinhados que apresentam a mesma função sintática se encontram em:

- a) o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa // os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia
- b) A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande // sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet
- c) O jornalismo de verdade (...) é sempre elitista // os veículos (...) servem como arena de ideias e soluções
- d) O que nos remete à questão do início // a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas
- e) conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior // A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – O termo “o jornalismo” funciona sintaticamente como sujeito da forma verbal “se faz.” Já o termo “a democracia”, como objeto direto da forma verbal “exercer”.

Letra B – ERRADA – O termo “grande” funciona sintaticamente como predicativo do sujeito. Já o termo “na internet”, como adjunto adverbial de lugar.

Letra C – ERRADA – O termo “sempre” funciona sintaticamente como adjunto adverbial de tempo. Já o termo “como arena de ideias e soluções”, como objeto indireto da forma verbal “servir”.

Observação: o verbo servir, no sentido de “ter utilidade de”, pede objeto indireto introduzido pela preposição “de” ou pelo advérbio “como”.

Letra D – ERRADA – O termo “nos” funciona sintaticamente como objeto direto do verbo bitransitivo “remeter” (remeter alguém a algo). Já o termo “a prática jornalística” atua como sujeito de “municia”.

Letra E – CERTA – O termo “a perspectiva ...” funciona sintaticamente como sujeito da forma verbal “se torna”. Note que a primeira pergunta que se deve fazer ao verbo é qual o seu sujeito. Quando perguntamos “O que se torna?”, a resposta é “a perspectiva ...”. Já o termo “A imprensa” funciona como sujeito da forma verbal “esteve”.

Resposta: E

5. FCC - Técnico Legislativo (ALESE)/2018

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal no pavilhão de uma Bienal. O almofadinha, vestindo pulôver escuro com gola rolê, cita autores como Nietzsche e Méliès, entre outros, para compor um discurso afetado e vazio por meio do qual definia uma suposta obra de arte. É o velho clichê do crítico intelectual.

Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti: a dos melhores romances, contos, crônicas e poesia, na opinião dos leitores.

O prêmio da Escolha do Leitor foi anunciado em tom de inovação democrática. O mesmo argumento tem sustentado algumas das estratégias de mercado draconianas de grandes corporações de internet. Afinal, dá-se voz ao leitor, que agora pode pôr em xeque decisões arbitrárias de um punhado de críticos que não representam a opinião da maioria.

Nesse sentido, a Escolha do Leitor menos inova do que aperfeiçoa uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio: o Livro do Ano. Escolhido pelos livreiros, ele contempla os títulos com mais chances de corresponder às expectativas do mercado, muitas vezes contrariando os resultados das categorias literárias.

A principal ressalva à inovação democrática do Jabuti, entretanto, é que já existe um prêmio do leitor. Ele se chama lista dos mais vendidos e é outorgado no mundo inteiro. É claro que há diferenças. A favor da nova categoria, deve-se dizer que o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas. Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado sem exonerar a crítica.

Mas, então, por que prêmios literários prestigiados mundo afora ignoram a opinião da maioria? A resposta é simples. A despeito de seus eventuais equívocos (e não são poucos), os prêmios literários não foram criados para corresponder a critérios objetivos de mercado.

Os prêmios literários são asserções (com frequência, inerciais; às vezes, justas e corajosas – e a coragem não costuma ser fruto do consenso) sobre o que um grupo de pessoas, selecionadas por motivos nem sempre claros ou acertados, acredita que deve ser defendido em termos de subjetividade e exceção.

Ao atribuir o prêmio de literatura a Bob Dylan, por exemplo, o Nobel tomou uma decisão idiossincrática, mas que exalta o que há de subjetivo tanto em escrever como em ler e premiar literatura.

Ao contrário, exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário das grandes corporações de internet. É o que torna tanto mais curioso que um dos poucos prêmios literários brasileiros de prestígio tenha incorporado a lógica pleonástica dos algoritmos que estruturam a rede (o que mais se lê também é cada vez mais lido). Não é mais uma perspectiva subjetiva, mas sim uma forma de endossar a premissa de que não se deve contrariar o gosto do "leitor" (seja ele quem for, de preferência uma média que represente muitos).

Hoje, mais do que nunca, soa antipático e antidemocrático pôr em dúvida essa ideia generalizada de leitor. Mas fazer o indivíduo acreditar que não precisa se esforçar para entender o que lhe escapa ou o que o contraria (como propõe a propaganda da Bienal) tem menos a ver com o respeito pela formação de um leitor ou um espectador autônomo, reflexivo, do que com a sua redução a potencial de lucro e com o estreitamento correlato de seus horizontes intelectuais e subjetivos.

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. "A opinião dos leitores e a crítica". Disponível em: folha.uol.com.br. Acesso em: 10/3/2018)

Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti... (2º parágrafo)

No contexto, possui a mesma função sintática que o elemento sublinhado acima o que está também sublinhado em:

- a) *Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado...*
- b) *Os prêmios literários são asserções...*
- c) *exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário...*
- d) *É claro que há diferenças.*
- e) *Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal...*

RESOLUÇÃO:

O termo "a propaganda" funciona sintaticamente como objeto direto do verbo "Vi".

Analisemos as opções:

Letra A – ERRADO – O termo "pela via do meio" atua como adjunto adverbial de lugar.

Letra B – ERRADO – O termo "asserções", associado ao verbo de ligação "são", atua como predicativo.

Letra C – ERRADO – O termo "exceção e subjetividade" atua como sujeito da forma verbal "fazem".

Letra D – CERTO – A forma verbal "há" é flexão do verbo "haver" no sentido de "existir". Trata-se de um verbo impessoal. Não há sujeito e o termo "diferenças" atua como objeto direto.

Letra E – ERRADO – O termo "Um filme publicitário" atua como sujeito da forma verbal "traz".

Resposta: D

6. FCC - Auditor Público Externo (TCE-RS)/2018

Ao Estado, a realidade mais ativa da estrutura social, coube o papel de intermediar o impacto estrangeiro, reduzindo-o à temperatura e à velocidade nativas.

Considerando a estrutura sintática da frase acima, é correto afirmar:

- a) O sujeito da frase em que está presente o verbo "caber" é o Estado.
- b) O segmento **de intermediar o impacto estrangeiro** exerce a função de objeto indireto.
- c) O segmento **o impacto estrangeiro** e o pronome, em **reduzindo-o**, exercem a mesma função sintática, nas orações de que fazem parte.
- d) Os segmentos **mais ativa** e **da estrutura social** exercem, ambos, a função sintática de adjuntos adnominais.
- e) No segmento **à temperatura e à velocidade nativas**, o único adjunto adnominal presente é nativas.

RESOLUÇÃO:

O gabarito oficial assinalou como resposta a letra C, que, de fato, está correta.

No entanto, no meu entender, a letra D também estaria correta, o que faria com que a questão tivesse duas respostas possíveis.

Vejamos:

Letra A – ERRADA – O sujeito da forma verbal “coube” é “o papel de intermediar o impacto estrangeiro...”. O termo “Estado”, presente em “Ao Estado”, é núcleo do objeto indireto.

Letra B – ERRADA – O termo “de intermediar o impacto estrangeiro...” atua como complemento nominal do substantivo abstrato “papel” (no sentido de “função”).

Letra C – CERTA – De fato, o termo “o impacto estrangeiro” atua como objeto direto do verbo “intermediar”. Da mesma forma, o pronome oblíquo “o”, que retoma “impacto estrangeiro”, atua como objeto direto da forma verbal “reduzindo”.

Letra D – CERTA – De fato, o termo “mais ativa” é uma característica do substantivo “realidade”, o que faz dele um adjunto adnominal. Além disso, o termo “da estrutura social” é subordinado ao substantivo “realidade” e guarda com este uma relação de posse, pertencimento, o que faz desse termo também um adjunto adnominal.

Letra E – ERRADA – Note o emprego do acento indicador de crase, assinalando a fusão da preposição “a” com o artigo “a”. Dessa forma, além de “nativas”, também devemos computar como adjuntos adnominais os artigos.

Resposta: C/D

7. FCC - Consultor Legislativo (CL DF)/Constituição e Justiça/2018

Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

[Gestos e palavras]

Uma vez eu estava em Londres numa sala comum da classe média inglesa: a lareira acesa, todo mundo com sua taça de chá, a família imersa naquela naturalidade (chega a parecer representação) com que os ingleses aceitam a vida. Os ingleses, diz o poeta Pessoa, nasceram para existir!

A certa altura um garoto de uns dez anos começou a contar uma história de rua, animou-se e começou a gesticular. Só comecei a perceber o que se passava quando notei que aquele doce sorriso mecânico, estampado em cada rosto de todas as pessoas da família, sumiu de repente, como se uma queda de voltagem interior houvesse afetado o sorriso coletivo. Olhos de avó, mãe, tias e tios concentraram-se em silêncio sobre o menino que continuava a narrativa com uma inocência maravilhosa. Diante disso, uma das senhoras falou para ele com uma voz sem inflexões: “Desde quando a gente precisa usar as mãos para conversar?”

Vi deliciado o garoto recolher as mãos e se esforçar para transmitir o seu conto com o auxílio exclusivo das palavras. O sorriso de todos iluminou de novo a sala: a educação britânica estava salva.

Imaginemos um garoto italiano de dez anos que fosse coarctado pela família em seus gestos meridionais. Seria uma crueldade, uma afetação pedagógica, uma amputação social. Daí cheguei à conclusão óbvia: os ingleses educam os filhos para que eles venham a ser ingleses, os italianos, para que venham a ser italianos.*

*Coarctar: reduzir-se a limites mais estritos; restringir, estreitar

(CAMPOS, Paulo Mendes. *O amor acaba*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 209-210)

Ambos os elementos sublinhados exemplificam uma mesma função sintática em:

- a) Vi deliciado o garoto recolher as mãos.
- b) Os ingleses, diz o poeta, nasceram para existir.
- c) O sorriso de todos iluminou de novo a sala.
- d) O menino continuava a narrativa com uma inocência maravilhosa.
- e) Aquele doce sorriso mecânico sumiu de repente.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – O termo “deliciado” funciona como predicativo do sujeito. Note a presença de um verbo de ligação implícito em “Vi (e estava) deliciado o garoto...”. Já o termo “mãos” é núcleo do objeto direto do verbo “recolher”.

Letra B – CERTA – O termo “ingleses” funciona como núcleo do sujeito de “nasceram”. Já “poeta”, como núcleo do sujeito de “diz”.

Letra C – ERRADA – O termo “sorriso” funciona como núcleo do sujeito do verbo “iluminou”. Já o termo “a sala” é núcleo do objeto direto do mesmo verbo.

Letra D – ERRADA – O termo “narrativa” funciona como núcleo do objeto direto de “continuava”. Já o termo “inocência” é núcleo do adjunto adverbial de modo “com uma inocência maravilhosa”.

Letra E – ERRADA – O termo “sorriso” funciona como núcleo do sujeito de “sumiu”. Já o termo “de repente” é adjunto adverbial de modo.

Resposta: Letra B

8. FCC - Analista Executivo (SEGEP MA)/Administrador/2018

*Agitador cultural, artista plástico, cenógrafo, jornalista, analista geopolítico, escritor, arquiteto e **engenheiro de formação**, Flávio de Carvalho (1899-1973), **figura excêntrica ou mesmo marginal** na história da modernidade artística brasileira, tem sido retomado nos últimos anos, como atestam recentes publicações e exposições acerca de seus trabalhos.*

Conhecido mais por suas pinturas e por suas polêmicas experiências artísticas, pouco se fala de sua produção no campo da arquitetura. Após concluir o curso superior em Engenharia Civil em Newcastle, norte da Inglaterra, Flávio retornou ao Brasil em 1922 e passou a trabalhar no escritório Ramos de Azevedo até 1926, quando abriu seu próprio escritório no centro da cidade de São Paulo.

Se foi Gregori Warchavchick (1896-1972) quem publicou no Brasil o primeiro manifesto a favor da arquitetura moderna, em 1925, Flávio de Carvalho é quem realiza, em 1927, aquele que é considerado o primeiro projeto de arquitetura moderna no país. Sob o pseudônimo de Eficácia, o projeto excêntrico é feito para o concurso do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Embora derrotado, seu trabalho gera polêmica e produz discussões, ao

apresentar inovações estilísticas e estéticas para o período, rendendo três artigos de Mário de Andrade com elogios e críticas, publicados no jornal *Diário Nacional*.

Seus projetos de arquitetura moderna, entretanto, só se concretizaram quando realizados em terras da família e construídos com verbas próprias. Em 1936, iniciou a construção da Vila Modernista, concluída em 1938: um conjunto de 17 casas de aluguel localizadas no atual bairro Jardim Paulista (São Paulo-SP), na esquina da Alameda Lorena com a Rua Rocha de Azevedo. Elas vinham com uma "bula", folheto informativo explicando os modos de uso que potencializariam sua habitação, que destacava: "Casas frias no verão e quentes no inverno".

Em 1938, Flávio de Carvalho construiu **a Casa Modernista da Fazenda Capuava**, na cidade de Valinhos-SP. De acordo com Flávio, em entrevista concedida a Dulce Carneiro, sua casa é concebida "(...) dentro de uma visão poética, é produto de pura imaginação, tentando criar **uma maneira ideal de viver**".

Com a conclusão da casa, Flávio passou a viver nela, que além de moradia funcionava como ateliê, onde vivenciava sua maneira ideal de viver. A casa era "(...) um misto de templo e aeronave, (...) uma aposta na continuidade do fazer artístico no espaço da existência (...). A reunião de materiais improváveis como o alumínio e a madeira, a **escala dos espaços**, a preocupação com detalhes como o tipo e a forma das maçanetas e armários, a policromia dos tetos, paredes e colunas, a conexão entre portas e janelas nas quinas de alguns cômodos, a integração entre espaços internos e externos, o paisagismo, enfim, a totalidade arquitetônica foi dimensionada cuidadosamente por Flávio de Carvalho. Mais do que **uma máquina de morar**, ele conseguiu um ninho ao mesmo tempo primitivo e futurista".

(Adaptado de: STEVOLO, Pedro Luiz, "A Casa Modernista de Flávio de Carvalho". Disponível em: www.revistas.usp.br)

O segmento de mesma função sintática que **engenheiro de formação** encontra-se em:

- a) figura excêntrica ou mesmo marginal
- b) a Casa Modernista da Fazenda Capuava
- c) a escala dos espaços
- d) uma maneira ideal de viver
- e) uma máquina de morar

RESOLUÇÃO:

O termo "engenheiro de formação" atua como aposto explicativo de Flávio de Carvalho.

Vejamos as opções:

Letra A – CERTA - O termo identificado nesta opção atua como aposto explicativo de Flávio de Carvalho.

Letra B – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como objeto direto de "construiu".

Letra C – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como um dos apostos enumerativos de "materiais improváveis". Trata-se de um aposto, mas não explicativo, e sim enumerativo.

Letra D – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como objeto direto de “conseguiu”.

Letra E – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como objeto direto de “criar”.

Resposta: A

9. FCC - Assistente Administrativo (SEAD AP)/2018

Contar histórias é o antecedente remoto da literatura, da história, das religiões e talvez, indiretamente, a locomotiva do progresso. A oralidade contribuiu de maneira decisiva para impulsionar a civilização da época das pinturas rupestres até a viagem dos homens às estrelas. Oralidade quer dizer pré-literatura, aquela que existia apenas graças à voz humana, antes que aparecesse a escrita.

Os contos, as histórias inventadas, davam mais vida aos nossos ancestrais, tiravam homens e mulheres das prisões asfixiantes que eram suas vidas e os faziam viajar pelo espaço e pelo tempo e viver as vidas que não tinham nem nunca teriam em sua miúda e sucinta realidade. Sairmos de nós mesmos, sermos outros, graças à fantasia, nos entretém e enriquece. Mas, além disso, nos ensina como é pequeno o mundo real comparado com os mundos que somos capazes de fantasiar, e deste modo nos incita a agir para transformar nossos sonhos em realidade. O progresso nasceu assim, da insatisfação e do mal-estar com o mundo real que inspirava nos humanos a mesma ficção que os deleitava.

As histórias que inventamos constituem a vida secreta de todas as sociedades, aquela dimensão da existência que, embora nunca tenha tido chance de se realizar, foi de alguma forma vivida pelos seres humanos, na incerta realidade dos desejos, fantasias, pesadelos e invenções, de toda essa projeção da vida que não tivemos e por isso devemos inventá-la. Ela existiu sempre na memória das gentes, **mas só a escrita a fixou** e lhe deu permanência, muitos séculos depois de que nascesse, ao redor das fogueiras, quando nossos antepassados contavam-se histórias à noite para esquecer o medo do trovão, as aparições e os milhares de perigos que os espreitavam em qualquer parte.

(Adaptado de VARGAS LLOSA, Mario. Disponível em: www.brasil.elpais.com)

... mas só a escrita a fixou...

O elemento sublinhado acima possui, no contexto, a mesma função sintática do que está também sublinhado em:

- a) Contar histórias é o antecedente remoto da literatura...
- b) ...inspirava nos humanos a mesma ficção...
- c) ... as vidas que não tinham nem nunca teriam em sua miúda e sucinta realidade.
- d) ... e os faziam viajar pelo espaço...
- e) A oralidade contribuiu de maneira decisiva...

RESOLUÇÃO:

O oblíquo “a” atua como objeto direto de “fixou”.

Vejamos as opções:

Letra A – ERRADA - O termo identificado nesta opção, associado ao verbo de ligação “é”, atua como predicativo do sujeito.

Letra B – CERTA - Aqui precisamos recorrer ao contexto. Observe:

O progresso nasceu assim, da insatisfação e do mal-estar com o mundo real que inspirava nos humanos a mesma ficção que os deleitava.

A forma verbal “inspirava” tem como sujeito o pronome relativo “que”, que, por sua vez, retoma o antecedente “mundo real”. Dessa forma, o termo identificado nesta opção atua como objeto direto de “inspirava”.

Letra C – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como adjunto adverbial de lugar.

Letra D – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como adjunto adverbial de lugar.

Letra E – ERRADA - O termo identificado nesta opção atua como adjunto adverbial de modo.

Resposta: B

10. FCC - Analista em Gestão (DPE AM)/Especializado de Defensoria/Ciências Contábeis/2018

As crianças gostam de brincadeiras que sejam imitativas e repetitivas, mas, ao mesmo tempo, inovadoras. Firmam-se no que lhes é conhecido e seguro, e exploram o que é novo e nunca foi experimentado.

O termo “arremedo” pode implicar algum grau de intenção, mas imitar, ecoar ou reproduzir são propensões psicológicas (e até fisiológicas) universais que vemos em todo ser humano e em muitos animais.

Merlin Donald, em *Origens do pensamento moderno*, faz uma distinção entre arremedo, imitação e mimese: o arremedo é literal, uma tentativa de produzir uma duplicata o mais exata possível.

A imitação não é tão literal quanto o arremedo. A mimese adiciona uma dimensão representativa à imitação. Em geral, incorpora o arremedo e a imitação a um fim superior, o de reencenar e representar um evento ou relação. O arremedo, segundo Donald, é visto em muitos animais; a imitação, em macacos e grandes primatas não humanos; a mimese, apenas no ser humano. A imitação, que tem um papel fundamental nas artes cênicas, onde a prática, a repetição e o ensaio incessantes são imprescindíveis, também é importante na pintura e na composição musical e escrita. Todos os artistas jovens buscam modelos durante os anos de aprendizado. Nesse sentido, toda arte começa como “derivada”: é fortemente influenciada pelos modelos admirados e emulados, ou até diretamente imitados ou parafraseados.

Mas por que, de cada cem jovens músicos talentosos ou de cada cem jovens cientistas brilhantes, apenas um punhado irá produzir composições musicais memoráveis ou fazer descobertas científicas fundamentais? Será que a maioria desses jovens, apesar de seus dons, carece de alguma centelha criativa adicional? Será que lhes faltam características que talvez sejam essenciais para a realização criativa, por exemplo, audácia, confiança, pensamento independente?

A criatividade envolve não só anos de preparação e treinamento conscientes, mas também de preparação inconsciente. Esse período de incubação é essencial para permitir que o subconsciente assimile e incorpore influências, que as reorganize em algo pessoal. Na abertura de *Rienzi*, de Wagner, quase podemos identificar todo esse processo. Há ecos, imitações, parafrases de Rossini, Schumann e outros – as influências musicais de

seu aprendizado. E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner: potente, extraordinária (ainda que horrível, na minha opinião), uma voz genial, sem precedentes.

Todos nós, em algum grau, fazemos empréstimos de terceiros, da cultura à nossa volta. As ideias estão no ar, e nos apropriamos, muitas vezes sem perceber, de frases e da linguagem da época. A própria língua é emprestada: não a inventamos. Nós a descobrimos, ainda que possamos usá-la e interpretá-la de modos muito individuais. O que está em questão não é “emprestar” ou “imitar”, ser “derivado”, ser “influenciado”, e sim o que se faz com aquilo que é tomado de empréstimo.

(Adaptado de: SACKS, Oliver. O rio da consciência. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2017, ed. digital)

Será que lhes faltam características (5º parágrafo)

O segmento que exerce a mesma função sintática do sublinhado acima está também sublinhado em:

- a) As ideias estão no ar.
- b) A mimese adiciona uma dimensão representativa à imitação.
- c) que as reorganize em algo pessoal.
- d) Há ecos, imitações, paráfrases de Rossini.
- e) A criatividade envolve não só anos de preparação e treinamento.

RESOLUÇÃO:

Seguindo o passo a passo da análise sintática da oração, a primeira pergunta que devemos fazer à forma verbal é quem funciona como seu sujeito. Ao perguntar “O que falta?”, a resposta é “características”.

Dessa forma, “características” atua como sujeito da forma verbal “faltam”.

Vejamos as demais opções:

Letra A – ERRADO – O termo em destaque nesta opção atua como adjunto adverbial de lugar.

Letra B – ERRADO – O termo em destaque nesta opção atua como objeto direto de “adiciona”.

Letra C – ERRADO – O termo em destaque nesta opção atua como objeto direto de “reorganize”.

Letra D – ERRADO – O termo em destaque nesta opção atua como objeto direto do verbo impessoal – sem sujeito – “Há”.

Letra E – CERTA – O termo em destaque nesta opção atua como sujeito de “envolve”.

Resposta: E

11.FCC - Analista Jurídico de Defensoria (DPE AM)/Ciências Jurídicas/2018**Mediação e conciliação**

Um dos sentidos do vocábulo **mediação**, no dicionário Houaiss, é a ação de servir como intermediário. Já o vocábulo **conciliação**, no mesmo dicionário, é ação de apaziguar, pacificar, harmonizar. Não são, portanto, sinônimos.

A conciliação exerce, em geral, a função retórica de aplainar ou mesmo recusar as diferenças que caracterizam lados opostos de uma mesma questão. Com isso, tenta-se canhestamente aglutinar possíveis semelhanças, o mais das vezes superficiais, e evita se enfrentar a contradição principal entre os contendores. A mediação, ao contrário, não cria uma posição eclética ou confusa, mas constrói um ponto estratégico para se avaliar criticamente as diferenças em jogo.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. "Mediação não é conciliação". São Paulo: Revista Estudos Avançados – USP, n. 90, 2017, p. 341)

Ambos os elementos sublinhados constituem exemplos de uma mesma função sintática na frase:

- a) A mediação e a conciliação são termos por vezes empregados sem qualquer critério.
- b) O autor do texto considera eminentemente retórica a função da conciliação.
- c) É bizarra, por vezes, a tentativa de conciliar posições inteiramente antagônicas.
- d) O mediador parece estar sempre mais apto a compreender o que divide as opiniões.
- e) Os conciliadores tendem a suprimir ou ocultar as diferenças, ao examinarem posições opostas.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – O termo "termos", associado ao verbo de ligação "são", atua como predicativo. Já o termo "qualquer" atua como adjunto adnominal de "critério".

Letra B – ERRADA – O termo "autor" atua como sujeito de "considera". Já o termo "retórica", associado ao verbo transobjetivo "considera", atua como predicativo do objeto "função".

Letra C – ERRADA – O termo "tentativa" atua como núcleo do sujeito de "é". Já o termo "posições" atua como objeto direto de "conciliar".

Letra D – ERRADA – O termo "apto", associado ao verbo de ligação "parece estar", atua como predicativo do sujeito de "é". Já o termo "opiniões" atua como objeto direto de "divide".

Letra E – CERTA – O termo "diferenças" atua como objeto direto "ocultar". Já o termo "posições" atua como objeto direto de "examinarem".

Resposta: E

12. FCC - Analista Judiciário (TRT 6ª Região)/2018

Leia com atenção o texto seguinte para responder à questão abaixo. Trata-se de uma apresentação que faz o escritor José Castello a um livro que escreveu em homenagem ao cronista Rubem Braga.

Uma entrevista sincera

Quando morreu Rubem Braga, nosso maior cronista, a parte mais importante de sua vida sobreviveu guardada nas mais de 15 mil crônicas que ele escreveu em 62 anos de atividade jornalística. Tomei então uma decisão: resolvi usar as crônicas como se fossem uma longa e sincera entrevista que Braga tivesse me concedido antes de morrer. A maior parte dos relatos deste livro não tem a pretensão de ser uma reconstituição fiel dos fatos, mas apenas sua evocação.

A maioria absoluta das descrições e dos diálogos deve ser lida, apenas, como uma recriação. A crônica foi, para ele, um gênero eminentemente confessional, e os fatos, nada mais do que os fatos, sua matéria-prima. Mas, ao ler seus escritos, logo se percebe que essas toneladas de acontecimentos estão cimentadas pela força do lirismo e de vasta imaginação, ou simplesmente desmoronariam. Em outras palavras: sem a capacidade de sonhar, os fatos não subsistem e se tornam pó. Só a mentira bem dita é capaz de moldar a verdade perdida.

Este livro não pretende ser uma biografia clássica de Rubem Braga, mas apenas um retrato minimalista de um dos maiores escritores que o Brasil já teve, que nos ensinou que vidas não são feitas apenas de fatos, mas sobretudo do modo como os torneamos. Não basta viver, é preciso dar sentido ao viver, ou tudo se evapora.

(CASTELLO, José. Na cobertura de Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p.9-10)

São exemplos de uma mesma função sintática os elementos sublinhados no segmento:

- a) Sua vida sobreviveu guardada nas mais de 15 mil crônicas.
- b) Resolvi usar as crônicas como se fossem uma longa entrevista que Braga tivesse me concedido.
- c) Grande parte dos relatos do livro não tem a pretensão de ser uma reconstituição fiel dos fatos.
- d) Toneladas de acontecimentos estão cimentadas pela força do lirismo.
- e) A vida não basta, é preciso dar sentido ao viver, ou tudo se evapora.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – O termo “vida” funciona como sujeito de “sobreviveu”. Já “crônicas” atua como núcleo do adjunto adverbial de lugar.

Letra B – ERRADA - O termo “entrevista”, associado ao verbo de ligação “fossem”, funciona como predicativo. Já o pronome “me” atua como objeto indireto do verbo bitransitivo “conceder” (*conceder algo a alguém*).

Letra C – ERRADA - O termo “pretensão” funciona como objeto direto de “tem”. Já “fatos” atua como núcleo do complemento nominal de “reconstituição”.

Letra D – ERRADA - O termo “acontecimentos” funciona como núcleo do adjunto adnominal de “Toneladas”. Já “força” atua como núcleo do agente da voz passiva “estão cimentadas”.

Letra E – CERTA – O termo “vida” atua como sujeito de “basta”. O mesmo ocorre com “tudo”, sujeito da forma “se evapora”.

Resposta: E

13. FCC – CLDF/2018

Observando-se a construção da frase *Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior*, é correto afirmar que

- a) a oração **Não creio** tem por sujeito a oração subsequente.
- b) no caso de substituição da forma **Não creio** por **Não é crível**, o sujeito manter-se-á o mesmo.
- c) os termos **nos textos e da Lei Maior** são complementos verbais.
- d) no caso de substituição de **Não creio** por **Não tenho a convicção**, a regência seguinte passará a ser nominal.
- e) uma forma da voz ativa equivalente a *que se deve propriamente lamentar* é *que deve ser propriamente lamentado*.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADO - O sujeito da oração “Não creio” é o pronome reto oculto “Eu”.

Letra B – ERRADO - O sujeito da oração “Não creio” é o pronome reto oculto “Eu”. Já o sujeito da oração “Não é crível” seria a oração “que se deve propriamente lamentar...”.

Letra C – ERRADO – Trata-se de um adjunto adverbial.

Letra D – CERTO – De fato! A forma verbal “creio” tem como complemento a oração “que se deve propriamente lamentar...”. Com a alteração proposta, a mesma oração complementa o nome “convicção”.

Letra E – ERRADO – A construção “que se deve propriamente lamentar” está redigida na voz passiva pronominal ou sintética. A reescrita proposta “que deve ser propriamente lamentado” está redigida na voz passiva analítica.

Resposta: D

14. FCC - SABESP/2018

Casos de malária crescem 50% e põem Região Norte do país em alerta

Depois de sete anos de queda, o número de casos de malária avançou 50% no último ano e tem gerado alerta na região Norte e em alguns outros estados do país.

Dados contabilizados pelo Ministério da Saúde e obtidos pela FOLHA apontam 194 mil registros em todo o ano de 2017 – um aumento de 50% em relação ao ano anterior.

Em 2016, para efeito de comparação, o país chegou a alcançar o menor número de casos já registrado nos últimos 37 anos: 129 mil.

Em 2017, dados de janeiro, ainda preliminares, apontam que o avanço continua: são 17 mil confirmações.

Desse total, 99% são em estados da região amazônica, que é endêmica para a doença, em especial Amazonas, Acre e Pará. O número de mortes ainda não foi atualizado. Foram 11, de janeiro a maio de 2017, o que não permite comparações com todo o ano de 2016.

A doença, causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito *Anopheles*, ocorre em regiões rurais e acomete principalmente populações mais vulneráveis, em locais com más condições de saneamento e invasões em áreas de mata, por exemplo. Entre os registros, também cresceram casos de malária falciparum, nome dado à forma da doença causada pelo protozoário *Plasmodium Falciparum*, que é mais grave.

(Adaptado de: CANCIAN, Natália. Disponível em: www.folha.uol.com.br)

A doença, causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito Anopheles, ocorre em regiões rurais... (último parágrafo)

Identifica-se circunstância de lugar no seguinte segmento do trecho:

- a) pela fêmea
- b) A doença
- c) em regiões rurais
- d) por protozoários
- e) mosquito

RESOLUÇÃO

Letra A: “Pela fêmea” demonstra o agente da passiva de transmissão de protozoários na realidade. Item incorreto.

Letra B: “A doença”, até pela sua função sintática de sujeito, não tem a capacidade de apresentar ideia de lugar. Item, portanto, incorreto.

Letra C: “Em regiões rurais” atua como adjunto adverbial do verbo “ocorrer”, repassando a localidade dessa ocorrência. Portanto, item correto.

Letra D: “Por protozoários” seria outro agente da passiva, não passando condições locativas. Alternativa incorreta.

Letra E: “Do mosquito” atua como adjunto adnominal para caracterizar “fêmea”.

Resposta: C

15.FCC - Ana Gest/SABESP/2018

O último livro de Achille Mbembe intitula-se **Crítica da Razão Negra**. Como define “razão negra”? O que chamamos de “Negro” é uma invenção do capitalismo à época em que esse sistema econômico e essa forma de exploração da natureza e dos seres humanos foi posta em prática à beira do Oceano Atlântico, no século XV. Neste contexto, “Negro” é a definição de uma humanidade que se presume não ser só uma, ou, sendo apenas uma, não pode ser nada mais do que uma coisa, um objeto, uma mercadoria. A “razão negra” reflete o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objeto, homem-mercadoria, homem-coisa, como deve ser tratado, governado, em que condições se deve pô-lo a trabalhar e como tirar proveito dele. Depois, a “razão negra” designa a retomada do discurso daqueles que foram “catalogados” (Africanos, Antilhanos, Afro-Americanos, Afro-Caribenhos) e que devolvem e endossam essa responsabilidade aos responsáveis por este “fabríco”, buscando a reafirmação da sua humanidade plena e inteira. Logo após o 11 de Setembro, o mundo entrou numa fase muito particular, a que poderíamos chamar de estado de “exceção”.

Está hoje presente, segundo defende, uma espécie de “racismo sem raça” que mobiliza a religião e a cultura no quadro da luta contra o terrorismo. Pode aprofundar esta questão? Depois do 11 de Setembro, o mundo entrou num momento muito específico, que pode ser chamado de “estado de sítio”: uma série de garantias jurídicas fundamentais que permitiam assegurar a nossa segurança e a nossa liberdade foi posta em causa, de forma explícita ou indireta. A exceção tornou-se norma. A detenção de pessoas que supõem tratar-se de inimigos vulgarizou-se, as prisões sem julgamento também, a tortura com o objetivo de extrair à força informações e a submissão das populações de todo o mundo a sistemas de vigilância sem contrapontos legais tornaram-se comuns. Tudo isso resulta numa “rebalcanização” do mundo sobre um fundo de duas formas obscuras de desejo que afligem as sociedades contemporâneas: o apartheid (cada um quer viver apenas com os seus) e o sonho, funesto no meu ponto de vista, de uma comunidade sem estrangeiros.

O presidente francês, François Hollande ensaiou a ideia de retirar a palavra “raça” da constituição francesa para lutar contra o racismo. Como encara esta atitude? Absolutamente inacreditável! Porque isso pressupõe que se nos confrontamos com um problema, basta eliminar o vocábulo que o define. Se os países africanos suprimirem a palavra “pobreza”, ela desaparece? Há qualquer coisa de estranho neste tipo de raciocínio. Creio que o presidente faria melhor se refletisse sobre as novas formas de racismo em França e buscasse métodos para as combater.

O que pensa dos que denunciam um aumento do racismo antibranco? (Risos) Não devemos brincar. Não quero dizer que os não brancos não são capazes de atitudes racistas. Porém, o racismo tal como se desenvolveu no mundo moderno, implica a existência de mecanismos institucionais coercivos na atribuição de uma identidade. Neste momento, na correlação de forças mundial, desculpe, mas o mundo africano em particular não dispõe de recursos suscetíveis de estigmatizar pessoas de origem europeia.

(Adaptado de: Entrevista de Achille Mbembe a Séverine Kodjo-Grandvaux. Trad. de C.F., Novo Jornal, 17 jan. 2014, p. 7)

Em **Há qualquer coisa de estranho neste tipo de raciocínio (3º parágrafo)**, o segmento em destaque tem função sintática equivalente ao que se encontra sublinhado em:

- a) sendo apenas uma, não pode ser nada mais do que uma coisa
- b) a retomada do discurso daqueles que foram “catalogados”

- c) garantias jurídicas fundamentais que permitiam assegurar
- d) o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objeto
- e) Creio que o presidente faria melhor

RESOLUÇÃO:

Letra A: Em “Há **qualquer coisa de estranho**”, notamos uma tentativa de confundir o candidato. Primeiramente temos que lembrar que o verbo “há” está na 3ª pessoa do singular com sentido de “existir”. Esse verbo é, portanto, impessoal, não possuindo sujeito. Assim, “qualquer coisa de estranho” exerce a função sintática de objeto direto. Nesse sentido, “do que uma coisa”, segmento marcado na alternativa A, tem valor adverbial comparativo – trata-se de uma oração subordinada adverbial comparativa, com verbo “ser” subentendido. Assim, alternativa incorreta.

Letra B: A oração “que foram catalogados” expressa uma qualificação ao substantivo “discurso”. Sendo assim, exerce a função de adjunto adnominal, até porque é uma oração subordinada adjetiva restritiva. Alternativa incorreta.

Letra C: Assim como no item anterior, o segmento grifado, “que permitiam”, oferece uma qualificação à expressão “garantias jurídicas fundamentais”. Dessa forma, exerce a função de adjunto adnominal. Item também incorreto.

Letra D: Novamente, “que afirmam”, assim como nos itens anteriores, está qualificando um substantivo, no caso “discursos”, exercendo a função de adjunto adnominal. Item, portanto, incorreto.

Letra E: A forma “Creio” é um verbo que já conta com um sujeito pela via desinencial (eu). Assim, precisa-se perceber que esse verbo, por ser transitivo nesse caso, necessita de complemento. O segmento marcado “que o presidente faria melhor” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, tendo, assim, a mesma função sintática exercida por “qualquer coisa de estranho”. Esta é, portanto, nossa alternativa correta.

Resposta: E

16. FCC - Tec Prev - SEGEF MA/2018**Na guerra dos provérbios**

Os provérbios – pitadas de sabedoria popular – brigam muito entre si. Podem ser inteiramente contraditórios. “Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”, diz um, elogiando a sábia prudência. Mas outro diz: “Quem não arrisca não petisca”, louvando a ousadia corajosa. Num dicionário de provérbios, a coisa mais fácil é encontrar disparidades de julgamento. E o que significa essa falta de consenso?

Certamente não significa falta de sabedoria: os provérbios nascem de lições que ficam de experiências várias, vividas em sua verdade. Tudo está em saber o momento de aproveitá-los, de entender a situação a que cada um se ajusta, o momento em que um ganha plena validade. No conjunto, eles refletem situações díspares, vividas por personalidades distintas e em atendimento aos mais variados interesses.

Ao longo da vida, sentimos que muita coisa tem valor momentâneo. Os provérbios não fogem a essa realidade. Com o acúmulo de experiências, situações parecidas podem e devem ser enfrentadas de modo a aproveitar a particularidade de cada circunstância. A prudência de um velho pode não ficar bem num jovem, assim como o

arroubo juvenil se casa mal com a velhice. Os provérbios, nas diferentes idades da História e de cada ser humano, sabem adequar-se às nossas necessidades. O mais difícil é equacionar uma específica necessidade com o modo próprio de atendê-la.

A cada momento cabe um provérbio justo. A nós, cabe uma escolha.

(Ernani Frutuoso da Veiga, inédito)

Os termos sublinhados são exemplos de uma **mesma função sintática** nesta frase de redação inteiramente correta:

- a) Dos provérbios só tiram lições aqueles que sabem aproveitá-los.
- b) Que a nenhum de nós ocorram achar que os provérbios valem para todas as situações.
- c) O valor momentâneo dos provérbios costumam decorrer da diversidade de situações.
- d) Ilustrou-se no texto, a possibilidade de haver sentidos contrários entre provérbios.
- e) Aos mais sábios, um provérbio os oferece lições que não se esgotam em si mesmas.

RESOLUÇÃO:

Letra A: “Lições” é o complemento direto do verbo “tirar”, sendo, portanto, objeto direto. Em outro ponto, “los” retoma a palavra “provérbios”, ligando-se ao verbo “aproveitar”. Se fizermos uma substituição na frase, teremos “aqueles que sabem aproveitar os provérbios”. Assim, a expressão “los” funciona também como objeto direto. Esta é nossa alternativa correta.

Letra B: Isolando o sintagma “os **provérbios** valem para todas as **situações**”, percebemos que “provérbios” funciona como núcleo do sujeito de “valem”; em outro ponto, “situações” tem a função sintática de objeto indireto do mesmo verbo. Item incorreto.

Letra C: O termo “momentâneo” funciona como adjunto adnominal de “valor”; já “diversidade” é núcleo do complemento nominal de “decorrer”. Item incorreto.

Letra D: O termo “texto” funciona como núcleo do adjunto adverbial de “Ilustrou-se”; já “sentidos” é núcleo do objeto direto do verbo “haver”. Item incorreto.

Letra E: O termo “provérbio” atua como sujeito de “oferecer”, enquanto que “lições” é objeto direto deste mesmo verbo.

Resposta: A

17. FCC - AJ TRT15/ 2018

1. Sem grande aviso, o mundo digital está mudando em suas bases. O que um dia foi um meio anônimo transformou-se numa ferramenta dedicada a analisar dados pessoais.
2. Grande parte das pessoas imaginam que, ao procurar um termo na internet, todos obteremos os mesmos resultados. No entanto, hoje isso já não é verdade. Agora, obtemos o resultado que um filtro personalizado sugere ser melhor para cada usuário específico.
3. Durante algum tempo, parecia que a internet iria redemocratizar a sociedade. “Jornalistas cidadãos” iriam reconstruir os meios de comunicação. Os governos locais se tornariam mais transparentes. Contudo, esses tempos de conectividade cívica com os quais eu tanto sonhava ainda não chegaram.
4. A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos.
5. Naturalmente, há boas razões para que os filtros personalizados sejam tão fascinantes. Somos sobrecarregados por uma torrente de informações. Eric Schmidt costuma ressaltar que, se gravássemos toda a comunicação humana desde o início dos tempos até 2003, precisaríamos de 5 bilhões de gigabytes para armazená-la. Agora, criamos essa mesma quantidade de dados a cada dois dias.
6. Tudo isso levará ao colapso da atenção. Somos cada vez mais incapazes de processar tanta informação. Nossa concentração se desvia da mensagem de texto para as principais notícias e daí para o e-mail. A tarefa de examinar essa torrente cada vez mais ampla em busca das partes realmente importantes, ou apenas relevantes, já demanda dedicação integral. Assim, quando os filtros personalizados oferecem uma ajuda, tendemos a aceitá-la.
7. Deixados por conta própria, os filtros de personalização servem como uma espécie de autopropaganda invisível, doutrinando-nos com nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no território do desconhecido. Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que proporcionam novas percepções e aprendizados.
8. A criatividade muitas vezes é atíngida pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes. Por definição, um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender. Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias capazes de mudar o modo como pensamos.
9. Das megacidades à nanotecnologia, estamos criando uma sociedade cuja complexidade ultrapassa os limites da compreensão individual. Os problemas que enfrentaremos nos próximos vinte anos – escassez de energia, terrorismo, mudança climática – têm uma abrangência enorme. Os primeiros entusiastas da internet esperavam que a rede fosse uma nova plataforma para enfrentarmos esses problemas. Acredito que ainda possa ser.
10. Mas, antes, precisamos entender as forças que estão levando a internet em sua direção atual, personalizada. Precisamos entender as forças econômicas e sociais que movem a personalização, algumas inevitáveis, outras não. E precisamos entender o que tudo isso representa para a política, a cultura e o futuro. E como a bolha dos filtros distorce a percepção do que é importante, verdadeiro e real, é fundamental torná-la visível.

(PARISER, Eli. O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012. Edição digital)

Os termos sublinhados têm a mesma função sintática em:

- a) A criatividade muitas vezes é atijada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes.
- b) O que um dia foi um meio anônimo transformou-se numa ferramenta dedicada a analisar dados pessoais.
- c) A tarefa de examinar essa torrente cada vez mais ampla em busca das partes realmente importantes, ou apenas relevantes, já demanda dedicação integral.
- d) ... os filtros de personalização servem como uma espécie de autopropaganda invisível, doutrinando-nos com as nossas próprias ideias...
- e) Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que proporcionam novas percepções...

RESOLUÇÃO:

Letra A: O termo "criatividade" atua como núcleo do sujeito do verbo "é". Em outro ponto, "disciplinas" atua como adjunto adverbial de "surgidas". Item inadequado.

Letra B: O termo "um meio anônimo", por estar articulado ao verbo de ligação "foi", atua como predicativo do sujeito "O que". Contudo, "dados pessoais" complementa o verbo "analisar", sendo, portanto, objeto direto. Mais uma alternativa incorreta.

Letra C: O termo "partes realmente importantes" está ligado ao substantivo "busca" para complementá-lo. Assim, é um complemento nominal. Já o termo "dedicação integral" aparece como objeto direto, pois complementa o verbo demandar. Item incorreto.

Letra D: O termo "filtros" está exercendo o papel de núcleo do sujeito do verbo "servem". Já o pronome "nos" complementa o verbo "doutrinar", funcionando como objeto direto deste. Alternativa incorreta.

Letra E: A forma "há" é um verbo impessoal, não possui sujeito e "menos espaço" funciona como seu objeto direto. Nesse mesmo caminho, "novas percepções" complementa o verbo "proporcionar", sendo objeto direto. Eis a alternativa correta.

Resposta: E

18. FCC - TJ TRT15/TRT 15/2018

1. A neurocientista Suzana Herculano-Houzel é autora da coletânea de textos O cérebro nosso de cada dia, que tratam de curiosidades como o mito de que usamos apenas 10% do cérebro, por que bocejo contagia, se café vicia, o endereço do senso de humor, os efeitos dos antidepressivos. A escrita é acessível e descontraída e os exemplos são tirados do cotidiano. Mesmo assim, Suzana descreve o processo de realização de cada pesquisa e discute as questões mais complexas, como a relação entre herança e ambiente, as origens fisiológicas de determinados comportamentos e o conceito de consciência. Leia a entrevista abaixo.

2. Muitos se queixam da ausência de uma "teoria da mente" satisfatória e dizem que a consciência humana é um mistério que não se poderia resolver – mesmo porque caberia à própria consciência humana resolvê-lo. O que acha? Acho que, na ciência, mais difícil do que encontrar respostas é formular perguntas boas. A ciência precisa de hipóteses testáveis, e somente agora, quando a neurociência chega perto dos 150 anos de vida,

começam a aparecer hipóteses testáveis sobre os mecanismos da consciência. Mas “teorias da mente” bem construídas e perfeitamente testáveis já existem. A própria alegação de que deve ser impossível à mente humana desvendar a si mesma, aliás, não passa de uma hipótese esperando ser posta por terra. É uma afirmação desafiadora, e com um apelo intuitivo muito forte. Mas não tem fundamento. De qualquer forma, a neurociência conta hoje com um leque de ferramentas que permite ao pesquisador, se ele assim desejar, investigar por exemplo a ativação em seu cérebro enquanto ele mesmo pensa, lembra, faz contas, adormece e, em seguida, acorda. O fato de que o objeto de estudo está situado dentro da cabeça do próprio pesquisador não é necessariamente um empecilho.

3. Há várias pesquisas descritas em seu livro sobre a influência da fisiologia no comportamento. Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições. Exceto em alguns casos especiais, genética não é destino. A meu ver, fatores genéticos, temperados por acontecimentos ao acaso ao longo do desenvolvimento, fornecem apenas uma base de trabalho, a matéria bruta a partir da qual cérebro e comportamento serão esculpidos. Somadas a isso influências do ambiente e da própria experiência de vida de cada um, é possível transcender as potencialidades de apenas 30 mil genes – a estimativa atual do número de genes necessários para “montar” um cérebro humano – para montar os trilhões e trilhões de conexões entre as células nervosas, criando o arco-íris de possibilidades da natureza humana.

4. Uma dessas influências diz respeito às diferenças entre homens e mulheres, que seu livro menciona. Como evitar que isso se torne motivação de preconceitos ou de generalizações vulgares, como no fato de as mulheres terem menos neurônios? Se diferenças entre homens e mulheres são evidentes pelo lado de fora, é natural que elas também existam no cérebro. Na parte externa do cérebro, o córtex, homens possuem em média uns quatro bilhões de neurônios a mais. Mas o simples número de neurônios em si não é sinônimo de maior ou menor habilidade. A não ser quando concentrado em estruturas pequenas com função bastante precisa. Em média, a região do cérebro que produz a fala tende a ser maior em mulheres do que em homens, enquanto neles a região responsável por operações espaciais, como julgar o tamanho de um objeto, é maior do que nelas. Essa diferença casa bem com observações da psicologia: elas costumam falar melhor (e não mais!), eles costumam fazer operações espaciais com mais facilidade. O realmente importante é reconhecer que essas diferenças não são limitações, e sim **pontos de partida, sobre os quais o aprendizado e a experiência podem agir.**

(Adaptado de: PIZA, Daniel. Perfis & Entrevistas. São Paulo, Contexto, 2004)

O segmento destacado em **pontos de partida, sobre os quais o aprendizado e a experiência podem agir** possui função equivalente ao que se encontra sublinhado em:

- a) investigar por exemplo a ativação **em seu cérebro** enquanto ele mesmo pensa
- b) homens possuem **em média** uns quatro bilhões de neurônios a mais
- c) Essa diferença casa **bem** com observações da psicologia
- d) **por que** bocejo contagia, se café vicia, o endereço do senso de humor
- e) Muitos se queixam da ausência de uma “teoria da mente” **satisfatória**

RESOLUÇÃO:

O excerto grifado no enunciado exerce função adjetiva, modificando “pontos de partida”. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa (conceito a ser trabalhado na próxima aula).

Por exercer função adjetiva – uma vez que modifica substantivo -, equivale sintaticamente a um adjunto adnominal.

Cuidado! Não confunda com o aposto explicativo, função sintática que exerce função substantiva, pois equivale a um substantivo. O aposto tem valor substantivo, ao passo que o adjunto adnominal tem valor adjetivo.

Isso posto, vamos em busca da alternativa cujo termo grifado exerce função de adjunto adnominal.

Letra A: O termo “em seu cérebro”, dependendo do contexto proposto, pode ser adjunto adverbial de lugar do verbo “investigar” como pode ser complemento nominal do substantivo “ativação”. De qualquer forma, o item é incorreto, pois não exerce a mesma função sintática do excerto grifado no enunciado.

Letra B: O termo “em média” apresenta-se como adjunto adverbial de “possuem”, exprimindo circunstância de modo. Portanto, item inadequado.

Letra C: O termo “bem” funciona como adjunto adverbial modal para o verbo “casa”, não sendo a alternativa a se marcar. Item incorreto.

Letra D: O termo “por que” é um pronome interrogativo, que introduz uma interrogativa em início de oração. Semanticamente expressa causa, o que faz com que o classifiquemos sintaticamente como um adjunto adverbial de causa. Portanto, item incorreto.

Letra E: O termo “satisfatória”, assim como o elemento grifado no enunciado, tem a função de adjunto adnominal, pois modifica qualitativamente a expressão substantiva “teoria da mente”. Item correto.

Resposta: E**19. FCC - TJ TRT15/2018**

Quando pela primeira vez li Jean-Paul Sartre fiquei fascinado. Isso era filosofia sobre a vida, sobre encontrar sentido e sobre como se conduzir.

“A existência precede a essência.” Se houvesse um concurso para a frase mais curta que resumisse uma posição filosófica inteira, **essas palavras de Sartre venceriam**.

Trata-se da base sobre a qual o existencialismo moderno foi construído.

Sartre está dizendo que ao contrário dos objetos do mundo – por exemplo, minha torradeira – **os seres humanos não podem ser definidos pelas suas propriedades**. A torradeira é criada para tostar pão; a capacidade de tostar é o propósito e a essência da torradeira. No entanto, **nós, seres humanos, podemos gerar** e alterar nossas propriedades e propósitos fundamentais ao longo do caminho, de modo que não faz sentido dizer que temos alguma essência definidora imutável. Em primeiro lugar, nós existimos, e, em seguida, criamos a nós mesmos. Isso não é algo que minha torradeira poderia fazer.

Naturalmente, Sartre não quis dizer que **podemos autocriar nossas propriedades físicas**. Eu não posso querer ser alto. Nem posso querer ser marroquino. **As questões importantes, porém, cabe a mim determinar**, por exemplo: como exatamente eu quero viver, o que eu quero fazer com meu tempo limitado na Terra, pelo que eu estaria disposto a morrer – as qualidades que fundamentalmente fazem de mim um indivíduo. Tudo isso está aí para ser conquistado. Minhas conquistas.

Sartre não está apenas descrevendo esse potencial que é único para os seres humanos, ele está exortando-nos a adotá-lo e com ele nossa responsabilidade por aquilo que nos tornamos. E isso é assustador: **se eu sou o mestre do meu destino**, e o meu destino não se sai assim tão bem, não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo.

(Adaptado de: KLEIN, Daniel. O livro do significado da vida. Trad. Leonardo Abramowicz. São Paulo, Gente, 2017, p. 54-55)

A expressão que apresenta função sintática idêntica à da sublinhada em **As questões importantes**, porém, cabe a mim determinar... está também sublinhada no trecho:

- a) ... se eu sou **o mestre do meu destino**...
- b) ... os seres humanos não podem ser definidos **pelas suas propriedades**.
- c) ... nós, **seres humanos**, podemos gerar...
- d) ... podemos autocriar **nossas propriedades físicas**.
- e) ... **essas palavras de Sartre** venceriam.

RESOLUÇÃO:

No trecho em destaque no enunciado, o sujeito de “cabe” é a oração “determinar as questões”. Cuidado! Não confunda o sujeito com “As questões importantes”, ok? Ora, o verbo “cabe” está no singular, ao passo que “questões” está no plural, não havendo, assim, possibilidade de se considerar “questões” o núcleo do sujeito.

Portanto, o termo “As questões importantes” compõe a oração cujo “dono” é o verbo “determinar”. Funciona como complemento verbal – objeto direto – deste.

Isso posto, devemos selecionar a alternativa cujo termo em destaque funciona como objeto direto.

Letra A: A forma “sou” é um verbo de ligação que tem como sujeito “eu”. Assim, “o mestre do meu destino” é predicativo do sujeito, não sendo o nosso gabarito. Item incorreto.

Letra B: O termo “pelas suas propriedades” atua como agente da voz passiva de “não podem ser definidos”. Item incorreto.

Letra C: O termo “seres humanos” está isolado por vírgulas e equivale a “nós”. Atua, portanto, como aposto explicativo do vocábulo “nós”. Item incorreto.

Letra D: O termo “nossas propriedades físicas” está complementando a ideia do verbo “autocriar”, sendo um objeto direto. Este item é o nosso gabarito.

Letra E: O termo “essas palavras de Sartre” pratica o ato expresso por “venceriam”, sendo, portanto, sujeito. Item incorreto.

Resposta: D

20. FCC - TJ TRT2/Administrativa/2014

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

No dia 9 de janeiro de 1921, um sortido grupo reuniu-se no salão de festas do badalado restaurante Trianon, no alto da aprazível avenida Paulista, para um banquete em homenagem a Menotti Del Picchia, que lançava uma edição do poema Máscaras.

Situado na área hoje ocupada pelo MASP, o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão, com salão de chá e de festas. Inaugurado em 1916, tornara-se um dos centros da vida social paulistana, com seus bailes, concertos, aniversários, casamentos e banquetes.

Naquele domingo de verão, ilustres integrantes do mundo cultural e político foram prestigiar o escritor e redator político do Correio Paulistano, homem de amplo arco de amizades.

Mário de Andrade, que estava presente, escreveu sobre a festa na edição da Ilustração Brasileira. Impressionou-se com a diversidade dos convidados, um séquito de homens das finanças, poetas e escritores da velha e da jovem guarda.

Figurões revezaram-se na tribuna, até chegar a vez de Oswald de Andrade, que faria soar, nas palavras de Mário de Andrade, “o clarim dos futuristas” – aquela gente “do domínio da patologia”, como gostavam de escrever “certos críticos passadistas, num afanoso rancor pelas auroras”.

O tribuno foi logo avisando que não gostaria de confundir sua voz com o cantochão dos conservadores. Juntava-se à louvação a Menotti, mas “numa tecla de sonoridade diferente”, em nome “de um grupo de orgulhosos cultores da extremada arte de nosso tempo”. Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos, a máscara de seu rosto, esculpida por Victor Brecheret, lhe era ofertada. Disse Oswald: “Examina a máscara que te trazemos em bronze. Produziu-a de ti a mão elucidadora de Victor Brecheret que, com Di Cavalcanti e Anita Malfatti, afirmou que a nossa terra contém uma das mais fortes, expressivas e orgulhosas gerações de criadores”.

Não poderia faltar ao discurso a exaltação do dinamismo paulista, pano de fundo da inquietação dos novos artistas e escritores. Num mundo – dizia o orador futurista – em que o pensamento e a ação se deslocavam da Europa para os “países descobertos pela súplica das velas europeias”, São Paulo surgia como uma espécie de terra prometida da modernidade. Com suas chaminés e seus bairros em veloz expansão, a cidade agitava as “profundas revoluções criadoras de imortalidades”.

E, se a capital bandeirante podia promover aquela festa e nela ofertar uma “obra-prima” de Brecheret ao homenageado, isso significava que uma etapa do processo de arejamento das mentalidades já estava vencida.

Na avaliação de Mário da Silva Brito, o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil – um “ataque de surpresa no campo do adversário distraído”. Ao que parece, entretanto, a distração do respeitável público foi mais funda – a ponto de poucos terem notado que as palavras ali proferidas representavam um “ataque”. Oswald foi aplaudido por passadistas, futuristas e demais presentes. “Todos estavam satisfeitos porque se julgavam incorporados à ‘meia dúzia’ de que falara o audaz”, ironizou Mário de Andrade.

(Adaptado de GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: A semana que não terminou. São Paulo, Cia. das Letras, 2012, formato ebook)

Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

- a) ... de que falara o audaz...
- b) ... o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão...
- c) ... a nossa terra contém uma das mais fortes (...) gerações de criadores...
- d) ... ironizou Mário de Andrade.
- e) ... até chegar a vez de Oswald de Andrade...

RESOLUÇÃO:

O verbo "selar" é transitivo direto, tendo como objeto direto "o pertencimento de Menotti ...". Deve-se tomar o devido cuidado para **não** se confundir o termo "ao clã dos modernos" como objeto indireto. Trata-se sim de um complemento do nome "pertencimento" (pertencimento a algo), ou seja, um complemento nominal.

Letra A – ERRADO – O verbo "falar" foi empregado como intransitivo. Na construção, o termo "o audaz" funciona como sujeito e o pronome relativo "que", como adjunto adverbial de assunto introduzido pela preposição "de" (quem fala fala de algo/alguém).

Letra B – ERRADO – O verbo "ser", apresentado na flexão "era", funciona como verbo de ligação.

Letra C – CERTO – O verbo "conter" foi empregado como transitivo direto. Na construção, o termo "a nossa terra" funciona como sujeito e "uma das mais fortes...", como objeto direto.

Letra D – ERRADO – O verbo "ironizar" foi empregado como intransitivo. O termo "Mário de Andrade" funciona como sujeito.

Letra E – ERRADO – O verbo "chegar" foi empregado como intransitivo. O termo "a vez de Oswald de Andrade" funciona como sujeito.

Resposta: C

21. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/2012

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfalgar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se comesse logo a repartir os bifés.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

Analisando-se aspectos sintáticos de frases do texto, é correto afirmar que em

- a) **Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima** - as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.
- b) **todos se empenhavam no lúcido objetivo comum** - configura-se um caso de indeterminação do sujeito.
- c) **uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas** - a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.
- d) **eu já podia recolher a minha aflição** - não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.
- e) **Logo uma estatal, ó céus** - o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

RESOLUÇÃO:

Letra A - ERRADO - O sujeito da forma verbal "*lembravam*" é "*Muitos*". O núcleo do sujeito da forma verbal "*foram disputadas*" é "*toneladas*".

Letra B - ERRADO - Trata-se de uma oração com sujeito determinado simples "*todos*".

Letra C – CORRETO

Letra D - ERRADO - É possível fazer a conversão para a forma passiva analítica, assim: "*A minha aflição já podia ser recolhida por mim.*".

Letra E - ERRADO - "*Logo*" exerce função adverbial, equivalendo semanticamente a "*ainda mais*".

Resposta: C

22. FCC - INSS - Técnico do Seguro Social / 2012

Em vida, Gustav Mahler (1860-1911), tanto por sua personalidade artística como por sua obra, foi alvo de intensas polêmicas – e de desprezo por boa parte da crítica. A incompreensão estética e o preconceito antissemita também o acompanhariam postumamente e foram raros os maestros que, nas décadas que se seguiram à sua morte, se empenharam na apresentação de suas obras. Durante os anos 60, porém, uma virada totalmente inesperada levou a obra de Mahler ao início de uma era de sucessos sem precedentes, que perdura até hoje. Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor, enquanto gravações discográficas divulgavam uma obra até então desconhecida do grande público.

Há uma série de fatores envolvidos na transformação de Mahler em figura central da história da música do século XX. A visão de mundo de uma geração mais jovem certamente teve influência central aqui: o dilaceramento interior de Mahler, seu interesse pelos problemas fundamentais da existência humana, seu pacifismo, seu engajamento contra a opressão social e seu posicionamento em favor do respeito à integridade da natureza – tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.

O amor incondicional de Mahler pela natureza sempre esteve presente em sua obra. O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, recolhendo-se em pequenas cabanas na paz dos Alpes austríacos. Em Steinbach, Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para sinfonias.

Comparar a simplicidade espartana dessas casinhas com a enorme complexidade das obras ali criadas diz muito sobre a genialidade do compositor – e, sobretudo, sobre a real origem de sua musicalidade. Totalmente abandonadas e esquecidas na Áustria no pós-guerra, essas casinhas de Mahler hoje se transformaram em memoriais, graças à ação da Sociedade Internacional Gustav Mahler. O mundo onírico dos Alpes do início do século XX certamente voltará à memória de quem, tendo uma imagem desses despojados retiros musicais de Mahler, voltar a ouvir sua música grandiosa.

(Adaptado: Klaus Billand. Gustav Mahler: a criação de um ícone. **Revista 18**. Ano IV, n. 15, março/abril/ maio de 2006, p. 52-53. Disponível em: <http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/GIANNOTTI_Tolerancia%20maxima.pdf> Acesso em: 22 dez. 2011)

Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

- a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
- b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.
- c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
- d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
- e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

RESOLUÇÃO:

O termo "*os meses de verão*" desempenha função sintática de objeto direto.

Letra A - CERTO - O termo sublinhado desempenha função sintática de objeto direto da forma verbal "*teve*".

Letra B - ERRADO - O termo sublinhado desempenha função de sujeito da forma verbal "*descobriram*".

Letra C - ERRADO - O termo sublinhado desempenha função sintática de adjunto adverbial.

Letra D - ERRADO - O termo sublinhado desempenha função sintática de complemento nominal de "*inspiração*".

Letra E - ERRADO - O termo sublinhado desempenha função sintática de sujeito.

Resposta: A

23. Auxiliar da Fiscalização Financeira II (TCE-SP) / 2012

Tememos o acaso. Ele irrompe de forma inesperada e imprevisível em nossa vida, expondo nossa impotência contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo que trabalhosamente penamos para organizar e construir. Seu caráter aleatório e gratuito rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade, deixando-nos desarmados e atônitos frente à emergência de algo que está além de nossa compreensão, que evidencia uma desordem contra a qual não temos recursos. O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo.

Procuramos estratégias para lidar com essa dimensão da realidade que nos inquieta e desestabiliza. Alguns, sem negar sua existência, planejam suas vidas, torcendo para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos. Outros, mais infantis e supersticiosos, tentam esconjurá-la, usando fórmulas mágicas. Os mais religiosos simplesmente não acreditam no acaso, pois creem que tudo o que acontece em suas vidas decorre diretamente da vontade de um deus. Aquilo que alguns considerariam como a manifestação do acaso, para eles são provas que esse deus lhes envia para testar-lhes sua fé e obediência.

São defesas necessárias para continuarmos a viver. Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis que podem transformar nossas vidas de modo radical e irreversível estivesse permanentemente presente em nossas mentes, o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

Entretanto, tem um tipo de homem que age de forma diversa. Ao invés de fugir do acaso, ele o convoca constantemente. É o viciado em jogos de azar. O jogador invoca e provoca o acaso, desafiando-o em suas apostas, numa tentativa de dominá-lo, de curvá-lo, de vencê-lo. E também de aprisioná-lo. É como se, paradoxalmente, o jogador temesse tanto a presença do acaso nos demais recantos da vida, que pretendesse prendê-lo, restringi-lo, confiná-lo à cena do jogo, acreditando que dessa forma o controla e anula seu poder.

(Trecho de artigo de Sérgio Telles. **O Estado de S. Paulo**, 26 de novembro de 2011, D12, C2+música)

... para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

- a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...*
- b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade ...*
- c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos ...*
- d) ... *de algo que está além de nossa compreensão ...*
- e) ... *ele o convoca constantemente.*

RESOLUÇÃO

O verbo "*interferir*" é transitivo indireto e apresenta como objeto indireto "*em seus projetos*". Vale ressaltar que o termo "*de forma excessiva*" é adjunto adverbial de modo.

Letra A - ERRADO - O verbo "*anular*" é transitivo direto e apresenta como objeto direto "*tudo aquilo*".

Letra B - CERTO - O verbo "*lidar*" é transitivo indireto e apresenta como objeto indireto "*com a realidade*".

Letra C - ERRADO - O verbo "deixar" é, no texto, empregado como transitivo direto e apresenta como objeto direto o pronome "nos".

Letra D - ERRADO - O verbo "estar" é verbo de ligação.

Letra E - ERRADO - O verbo "convocar" é transitivo direto e apresenta como objeto direto o pronome "o".

Resposta: B

24. Técnico Judiciário (TRE SP) / 2012

Se nunca foi fácil traçar a linha divisória entre arte erudita e arte popular, agora é mais difícil levar a cabo essa tarefa ociosa. Indiferente à palha seca da controvérsia, a arte segue o seu caminho. A vertente é uma só e é nela que se dá o encontro das águas. Pouco importam as fontes de onde procedem. Purificadoras e purificadas, seu caráter lustral as universaliza. Caetano Veloso, por exemplo. Quem ousaria classificá-lo?

Em princípio, a arte deveria permanecer ao relento. Maldito, o poeta não era aceito. Na escala de valores, popular, mais que um adjetivo, era um estigma. Daí o escândalo do sarau de d. Nair de Tefé. Primeira-dama, ela própria artista, afrontou a conspícua Velha República.

Em pleno palácio do Catete, ouviu-se por sua iniciativa o "Corta-jaca", de Chiquinha Gonzaga. Delirante sucesso na rua, a música era aplaudida em cena aberta e assobiada em botequins. Viajou a Portugal e lá arrebatou a plateia. Mas no Catete só podia ser insânia.

A maturidade de Caetano Veloso coincide com o amadurecimento cultural que lhe proporciona o reconhecimento nacional. Caducas as classificações, sua arte aniquila toda e qualquer discriminação. Exaltada aqui dentro, repercute lá fora. A música lhe dá dimensão internacional. O que ele é, porém, é universal. A poesia de fato nunca esteve divorciada da expressão popular. Manuel Bandeira tirava o chapéu, respeitoso, para Sinhô, Pixinguinha, Noel.

Dos poetas, foi dos mais musicais, Manuel. E musicado. Arranhava o seu violão. Saiu extasiado da casa em que ouviu João Gilberto e sua recente batida bossa-novista. Foi testemunha ocular e auditiva. Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna. Metabolizada, a grande arte canta nesse legítimo poeta do Brasil.

(Adaptado de Otto Lara Resende. "Poeta do encontro". **Bom dia para nascer**. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 281-282)

Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

- a) Exaltada aqui dentro, repercute lá fora.
- b) A vertente é uma só...
- c) Pouco importam as fontes de onde procedem.
- d) ... seu caráter lustral as universaliza.
- e) Viajou a Portugal...

RESOLUÇÃO:

O verbo "encarnar" é empregado no texto como transitivo direto e tem como objeto direto "fusão".

Na letra D, a forma verbal "universaliza" é transitiva direta e tem como objeto direto o pronome "as".

Na letra A, a forma verbal "repercute" é intransitiva.

Na letra B, a forma verbal "é" é flexão do verbo de ligação "ser".

Na letra C, as formas verbais "importam" e "procedem" são intransitivas.

Na letra E, a forma verbal "Viajou" é intransitiva. O termo "a Portugal" é adjunto adverbial de lugar.

Resposta: D**25. Técnico Judiciário (TRE SP) / 2012**

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Adoniran Barbosa é um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos; mas não é Adoniran nem Barbosa, e sim João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio e o sobrenome de um compositor admirado. A ideia foi excelente porque um compositor inventa antes de mais nada a sua própria personalidade; e porque, ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias. Adoniran Barbosa é um paulista de cerne que exprime a sua terra com a força da imaginação alimentada pelas heranças de fora.

Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal da nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto e assim por diante.

São Paulo muda muito, e ninguém é capaz de dizer aonde irá. Mas a cidade que nossa geração conheceu (Adoniran é de 1910) foi a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana, entre 1900 e 1950; e que desde então vem cedendo lugar a uma outra, transformada em vasta aglomeração de gente vinda de toda parte. Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele ela ficará, misturada vivamente com a nova mas, como o quarto do poeta, também "intacta, boiando no ar".

A sua poesia e a sua música são ao mesmo tempo brasileiras em geral e paulistanas em particular. Sobre tudo quando entram (quase sempre discretamente) as indicações de lugar, para nos porem no Alto da Mooca, no Brás genérico, no recente Metrô, no antes remoto Jaçanã. Talvez João Rubinato não exista, porque quem existe é o mágico Adoniran Barbosa, vindo dos carregadores de café para inventar no plano da arte a permanência da sua cidade e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia, ao apito fantasmal do trenzinho perdido da Cantareira.

(Adaptado de Antonio Candido. **Textos de intervenção**. São Paulo, Duas Cidades, Ed.34, 2002, p.211-213)

... João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

- a) ... *que já acabou com a garoa...*
- b) ... *e produziu uma obra radicalmente brasileira...*
- c) ... *a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...*
- d) *Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...*
- e) ... *e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...*

RESOLUÇÃO:

O verbo "*adotar*" é transitivo direto e tem como objeto direto "*o nome de um amigo funcionário do Correio*".

Na letra A, o verbo "*acabar*" é apresentado como transitivo indireto, tendo como objeto indireto o termo "*com a garoa*".

Na letra B, o verbo "*produzir*" é transitivo direto e o termo "*uma obra radicalmente brasileira*" é o seu objeto direto.

Na letra C, a forma verbal "*se sobrepôs*" é transitiva indireta e tem como objeto indireto "*à velha cidadezinha provinciana*".

Na letra D, temos a flexão do verbo de ligação "*ser*" - "*é*".

Na letra E, o verbo "*fugir*" é intransitivo e os termos "*com ela e conosco*" e "*para a terra da poesia*" são adjuntos adverbiais (de companhia e destino, respectivamente).

Resposta: B

26. CESPE - Esc Pol (PC MA)/PC MA/2018**Texto 1A1BBB**

Se, nos Estados Unidos da América, surgem **mais e mais casos de assédio sexual** em ambientes profissionais — como os que envolvem produtores e atores de cinema —, no Brasil, o número de processos desse tipo caiu 7,5% entre 2015 e 2016.

Até setembro de 2017, foram registradas **4.040 ações judiciais sobre assédio sexual no trabalho**, considerando-se só a primeira instância.

Os números mostram que o tema ainda é tabu por aqui, analisa o consultor Renato Santos, que atua auxiliando empresas a criarem canais de denúncia anônima. "As pessoas não falam **por medo de serem culpabilizadas** ou até de represálias".

Segundo Santos, os canais de denúncia para coibir corrupção nas corporações já recebem **queixas de assédio** e ajudam a identificar eventuais predadores. Para ele, "o anonimato ajuda, já que as pessoas se sentem **mais protegidas para falar**".

A lei só tipifica o crime quando há **chantagem de um superior sobre um subordinado** para tentar obter vantagem sexual. Se um colega constrange o outro, em tese, não há crime, embora tal comportamento possa dar causa a reparação por dano moral.

Anna Rangel. Medo de represálias inibe queixas de assédio sexual no trabalho. Internet: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

No texto 1A1BBB, o trecho “4.040 ações judiciais sobre assédio sexual no trabalho” tem a mesma função sintática de

- a) ‘por medo de serem culpabilizadas’.
- b) “mais e mais casos de assédio sexual”
- c) ‘mais protegidas para falar’
- d) “chantagem de um superior sobre um subordinado”
- e) “queixas de assédio”

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A: O trecho “por meio de serem culpabilizadas” sinaliza uma circunstância de causa.

ALTERNATIVA B: O trecho “4.040 ações judiciais sobre assédio sexual no trabalho” exerce a função sintática de sujeito da voz passiva analítica. Em “surgem *mais e mais casos de assédio sexual*”, o trecho em destaque é o sujeito do verbo intransitivo “surgir”.

ALTERNATIVA C: Em “mais protegidas para falar”, há uma circunstância de modo.

ALTERNATIVA D: No trecho “chantagem de um superior sobre um subordinado”, tem-se o complemento do verbo “haver”, que é transitivo direto.

ALTERNATIVA E: O termo “queixas de assédio” corresponde ao objeto direto do verbo “receber”.

Resposta: B

27.CESPE - OI (ABIN)/ABIN/Área 1/2018

Texto

No começo dos anos 40, os submarinos alemães estavam dizimando os cargueiros dos aliados no Atlântico Norte. O jogo virou apenas em 1943, quando Alan Turing desenvolveu a **Bomba, um aparelho capaz de desvendar os segredos da máquina de criptografia nazista chamada de Enigma**. A complexidade da Enigma — **uma máquina eletromagnética que substituía letras por palavras aleatórias escolhidas de acordo com uma série de rotores** — estava no fato de que seus elementos internos eram configurados em bilhões de combinações diferentes, sendo impossível decodificar o texto sem saber as configurações originais. Após espiões poloneses terem roubado uma cópia da máquina, Turing e o campeão de xadrez Gordon Welchman construíram uma réplica da Enigma na base militar de Bletchey Park. A máquina replicava os rotores do sistema alemão e tentava reproduzir diferentes combinações de posições dos rotores para testar possíveis soluções. Após quatro anos de trabalho, Turing conseguiu quebrar a Enigma, ao perceber que as mensagens alemãs criptografadas continham palavras previsíveis, como nomes e títulos dos militares. Turing usava esses termos como ponto de partida, procurando outras mensagens em que a mesma letra aparecia no mesmo espaço em seu equivalente criptografado.

Gabriel Garcia. 5 descobertas de Alan Turing que mudaram o rumo da história. In: Exame, 2/fev./2015. Internet: <<https://exame.abril.com.br>> (com adaptações).

Considerando os aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

O termo “um aparelho capaz de desvendar os segredos da máquina de criptografia nazista chamada de Enigma” introduz uma explicação a respeito do aparelho “Bomba”, tal como o faz o termo “uma máquina eletromagnética que substituíra letras por palavras aleatórias escolhidas de acordo com uma série de rotores” em relação a “Enigma”

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O termo “um aparelho capaz de desvendar os segredos da máquina de criptografia nazista chamada de Enigma” introduz uma explicação a respeito do aparelho “Bomba”, tal como faz o termo “uma máquina eletromagnética que substituíra letras por palavras aleatórias escolhidas de acordo com uma série de rotores” em relação a “Enigma”. Isso ocorre porque, em ambos os casos, os termos destacados exercem função de aposto explicativo.

Resposta: CERTO

28. CESPE - Tec Enf (IHB DF)/IHB DF/2018

Surpresas fazem parte da rotina de um socorrista. Quando um chamado chega via 192, as informações nem sempre vêm de acordo com a real situação. Às vezes, é menos grave do que se dizia. Em outras, o interlocutor — por pânico ou desconhecimento — não dá nem conta de descrever a gravidade do caso. Quase sempre, condutores, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos saem em disparada, ambulância cortando o trânsito, sirenes ligadas, para atender a alguém que nunca viram. Mas podem chegar à cena e encontrar **um amigo**. Estão preparados. O espaço para a emoção é pequeno em um serviço que só funciona se apoiado em seu princípio maior: a técnica.

Internet: <<https://especiais.zh.clicrbs.com.br>>.

Considerando os aspectos linguísticos do texto precedente e as informações nele veiculadas, julgue o item.

Na linha 10, os termos “um amigo” e “preparados” exercem a mesma função sintática nos períodos em que se inserem.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Os termos “um amigo” e “preparados” não exercem a mesma função sintática nos períodos em que se inserem. O primeiro (um amigo) é o objeto direto do verbo “encontrar”; o segundo, predicativo do sujeito.

Resposta: ERRADO

29. CESPE - Tec Enf (IHB DF)/IHB DF/2018

Surpresas fazem parte da rotina de um socorrista. Quando **um chamado** chega via 192, as informações nem sempre vêm de acordo com a real situação. Às vezes, **é** menos grave do que se dizia. Em outras, o interlocutor — por pânico ou desconhecimento — não dá nem conta de descrever a gravidade do caso. Quase sempre, condutores, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos saem em disparada, ambulância cortando o trânsito, sirenes ligadas, para atender a alguém que nunca viram. Mas podem chegar à cena e encontrar um amigo. Estão preparados. O espaço para a emoção é pequeno em um serviço que só funciona se apoiado em seu princípio maior: a técnica.

Internet: <<https://especiais.zh.clicrbs.com.br>>.

Considerando os aspectos linguísticos do texto precedente e as informações nele veiculadas, julgue o item.

O sujeito da forma verbal “é” está elíptico e retoma “um chamado”, o que justifica a flexão verbal na terceira pessoa do singular.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

A flexão do verbo em terceira pessoa não se justifica porque há elipse do sujeito “um chamado”, mas porque esse sujeito elíptico está na terceira pessoa do singular.

Resposta: ERRADO

30. CESPE - AI (ABIN)/ABIN/2018**Texto**

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o **objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada**. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

As orações “de auxiliar o usuário” e “a tomar decisões de maneira mais fundamentada” exercem a função de complemento do nome “objetivo”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O nome transitivo “objetivo” tem como complemento a oração “de auxiliar o usuário”. O termo “a tomar decisões de maneira mais fundamentada” complementa o verbo “auxiliar”.

Resposta: ERRADO

31. CESPE - AI (ABIN)/ABIN/2018

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — **comunicações, transportes, tecnologias de informação** — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

Os travessões que delimitam o trecho “comunicações, transportes, tecnologias de informação” isolam uma oração interferente, tendo sido empregados para dar-lhe ênfase.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Considerando que oração é uma frase em que há verbo, o trecho entre travessões “comunicações, transportes, tecnologias de informação” não é uma oração, mas apenas uma exemplificação do que o texto considera “infraestruturas críticas”.

Resposta: ERRADO

32.CESPE - AJ STJ/STJ/Judiciária/"Sem Especialidade"/2018**Texto CB1A1CCC**

As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães, filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa. O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres, havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente **chegavam** ao Judiciário e se sentavam à minha frente, **os relatos** se transformavam em desabaços de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma força externa como se somente nós, juízes, promotores e advogados, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. Invisíveis

Marias: histórias além das quatro paredes. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no texto CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica, julgue o item a seguir.

O referente dos sujeitos de "chegavam", que está elíptico, é "os relatos".

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O sujeito de "chegavam" está elíptico, mas não é o termo "os relatos", e sim o que vem no parágrafo anterior, quando a autora cita as pessoas de quem ela costumava ouvir relatos de dor: mães, filhas, esposas, namoradas, companheiras. Nesse mesmo parágrafo, ela resume esse grupo chamando-o de "essas mulheres". Portanto, o sujeito elíptico vem antes de a forma verbal "chegavam" surgir no terceiro parágrafo.

Resposta: ERRADO

33. CESPE - Ass Port (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

A crescente internacionalização da economia, decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao comércio mundial, da maior velocidade das inovações tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações, tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio internacional.

A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente, passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia e da possibilidade de entrar no mercado internacional, de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais e se alcança o resultado último dessa interatuação: o preço eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia. **Destaca-se** como a principal diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais advindas do exercício de poder de mercado. A política de defesa comercial busca proteger a indústria nacional de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada por “Destaca-se” é indeterminado, portanto não está expresso.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O sujeito de “Destaca-se” não é indeterminado. Essa forma verbal corresponde à voz passiva sintética, e o sujeito paciente vem na sequência da frase (o efeito). Assim, o sujeito dessa oração, que está expresso, é simples, pois só tem um núcleo.

Resposta: ERRADO

34. CESPE - Analista Judiciário (STJ)/Administrativa/2018

Texto CB1A1CCC

As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães, filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa. O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres, havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente chegavam ao Judiciário e se sentavam à minha frente, os relatos se transformavam em desabafo de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma força externa como se somente **nós, juízes, promotores e advogados**, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. **Invisíveis Marias: histórias além das quatro paredes**. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no texto CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica, julgue o item a seguir.

O trecho “juízes, promotores e advogados” explica o sentido de “nós”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato! O termo “juízes, promotores e advogados” funciona como aposto explicativo, esclarecendo para o leitor quem é identificado como “nós”.

Resposta: CERTO

35. CESPE - Advogado (EBSERH)/2018

Texto

São José do Rio Preto, centro urbano de tamanho médio, com cerca de 408 mil habitantes em 2010, localizada na região noroeste do estado de São Paulo, em área de clima tropical, é uma cidade reconhecida pelo seu calor intenso. Em 1985, a Superintendência de Controle de Endemias do Estado de São Paulo detectou a presença de focos do *Aedes aegypti* em doze cidades paulistas, entre elas, São José do Rio Preto, e confirmou sua reintrodução no estado. Os focos foram encontrados em locais com concentração de recipientes, denominados pontos estratégicos (PEs). Foi então estruturado o Programa de Controle de *Aedes aegypti* em São Paulo, que previa a visita sistemática e periódica aos PEs dos municípios e a realização de delimitações de foco, quando do encontro de sítios positivos. Considerava-se que o vetor estava presente em um município quando continuava presente nos imóveis após a realização das medidas de controle que vinham associadas à delimitação de foco.

Logo após a detecção de focos positivos do mosquito em São José do Rio Preto, realizaram-se as delimitações e a aplicação de controle, as quais não foram suficientes para eliminar o vetor. Diante da situação, em 1985, o município foi definido como área de infestação domiciliar e risco de dengue. Os primeiros casos autóctones da dengue no município foram registrados em 1991, atribuídos ao sorotipo DENV1. A primeira grande epidemia ocorreu em 1995, com 1.462 casos autóctones. Posteriormente, **com a introdução dos demais sorotipos**, as incidências (casos/100 mil habitantes/ano) apresentaram comportamento cíclico: em 1999, 1.351,1; em 2006,

2.935,7; em 2010, ano da maior incidência, 6.173,8; e, em 2015, até outubro, a segunda maior incidência, 5.070,8.

Apesar de não se descartar a hipótese de que o aumento progressivo das incidências da dengue no município já seria um efeito do aumento das temperaturas, parece que esse fenômeno estaria mais relacionado com a circulação dos múltiplos sorotipos do vírus da dengue. De modo geral, a persistência e a intensidade da dengue em São José do Rio Preto são esperadas por se tratar de cidade de clima tropical e com condições ideais para o desenvolvimento do vetor e de sua relação com o patógeno.

Internet: <www.revistas.usp.br> (com adaptações)

A respeito de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A expressão “com a introdução dos demais sorotipos” exprime ideia de causa.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Exato!

Observe o trecho:

Posteriormente, *com a introdução dos demais sorotipos*, as incidências (casos/100 mil habitantes/ano) apresentaram comportamento cíclico: em 1999, 1.351,1; em 2006, 2.935,7; em 2010, ano da maior incidência, 6.173,8; e, em 2015, até outubro, a segunda maior incidência, 5.070,8.

É possível reescrevê-lo, substituindo-se “com a introdução dos demais sorotipos” por “devido à introdução dos demais sorotipos”.

Resposta: CERTO

36. CESPE - Assistente de Aluno (IFF)/2018

Texto

Exatos 35 anos antes de o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionar a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, João Goulart, então recém-alçado à presidência do país sob o arranjo do parlamentarismo, promulgou a *primeira LDB brasileira*. A assinatura de Goulart saiu estampada no Diário Oficial da União em 21/12/1961, mais de treze anos após a apresentação do primeiro projeto da lei educacional ao parlamento brasileiro.

Nesse longo intervalo entre a apresentação do anteprojeto enviado à Câmara dos Deputados em outubro de 1948 pelo então ministro da Educação, Clemente Mariani, e sua aprovação, nove diferentes cidadãos sentaram-se na cadeira de presidente da República. A história dessa longa tramitação revela facetas e tensões não só da educação nacional, mas do Brasil como um todo.

Internet: <www.revistaeducacao.com.br> (com adaptações)

No texto, o termo “a primeira LDB brasileira” exerce a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicado.
- c) objeto direto.
- d) objeto indireto.
- e) adjunto adverbial.

RESOLUÇÃO:

Bem tranquila a análise sintática!

A forma "promulgou" possui como sujeito "João Goulart".

E "a primeira LDB brasileira" atua como seu objeto direto.

Resposta: C

37. CESPE - Professor de Nível Superior (Pref SL)/Língua Portuguesa/2017

Texto 10A1CCC

Esse Povo maldito

Ausentei-me da Cidade

porque esse Povo maldito

me pôs em guerra com todos

e aqui vivo em paz comigo.

Aqui os dias me não passam

porque o tempo fugitivo,

por ver minha solidão,

para em meio do caminho.

Graças a Deus, que não vejo

neste tão doce retiro

hipócritas embusteiros,

velhacos entremetidos.

Não me entram **nesta palhoça**

visitadores prolixos,

políticos enfadonhos,

cerimoniosos vadios.

Gregório de Matos Guerra. Obras Completas. [Org. James Amado]. Salvador: Janáina, 1968, v. 1, p. 170 (com adaptações).

No texto 10A1CCC, as expressões “neste tão doce retiro” e “nesta palhoça” exercem, respectivamente, as funções sintáticas de

- a) oração adjetiva restritiva e adjunto adnominal.
- b) complemento nominal e adjunto adverbial de lugar.
- c) adjunto adverbial de tempo e predicativo do objeto.
- d) adjunto adnominal e adjunto adverbial de tempo.
- e) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de lugar.

RESOLUÇÃO:

Observe os trechos “Graças a Deus, que não vejo neste tão doce retiro” e “Não me entram nesta palhoça”. Neles, os termos destacados exprimem uma ideia de lugar associada aos verbos “ver” e “entrar”, respectivamente. Trata-se, assim, de adjuntos adverbiais de lugar.

Resposta: E

38. CESPE - Técnico Municipal de Nível Médio (Pref SL)/Cuidador Escolar/2017

Texto CB3A2CCC

Fala-se, às vezes, na necessidade que **tem** a democracia de se defender do que lhe possa ameaçar. Quase sempre, porém, lamentavelmente, o que se vem considerando como ameaças à democracia é o que na verdade a justifica como democracia: a presença atuante do povo no processo político nacional; a voz das classes trabalhadoras que se **mobilizam** e se **organizam** na reivindicação de seus direitos; a presença inquieta da juventude brasileira cuja palavra nos é indispensável... Os que procuram “defender” a democracia contra o “perigo” da participação dos trabalhadores e dos estudantes na reinvenção necessária da sociedade **sonham** com uma democracia sem povo.

Paulo Freire. In: Ana Maria Araújo Freire (Org.). **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006, p. 405 (com adaptações).

No texto **CB3A2CCC**, possui sujeito indeterminado a forma verbal

- a) “sonham”.
- b) “Fala”.
- c) “tem”.
- d) “mobilizam”.
- e) “organizam”.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – O sujeito da forma verbal “sonham” é “Os que procuram ‘defender’ a democracia...”.

ALTERNATIVA B – CERTA – Note a presença do índice de indeterminação do sujeito “se”, assim identificado, pois está ladeando o verbo “Falar”, empregado no contexto como transitivo indireto – *falar em algo*.

ALTERNATIVA C – ERRADA – O sujeito da forma verbal “tem” é “a democracia”.

ALTERNATIVAS D e E – ERRADAS – O sujeito das formas verbais “mobilizam” e “organizam” é o pronome relativo “que”, que, por sua vez, retoma o termo antecedente “classes de trabalhadores”.

Resposta: B

39. CESPE - Monitor de Gestão Educacional (SEDF)/2017**Texto**

É preciso considerar a relação entre universidade e cultura. Quais são as condições de preservação, de apropriação da cultura, e de reflexão crítica sobre ela? Mesmo um diagnóstico superficial da época em que vivemos é suficiente para mostrar a precariedade dessas condições. O ritmo do tempo histórico é marcado pelo círculo produção e consumo, até mesmo daquilo que entraria na categoria dos “bens culturais”. Os fatores de desagregação cultural incluem o imediatismo e o caráter efêmero e disperso dos interesses que os indivíduos são encorajados a cultivar, a fragmentação e a distorção da informação, a mercantilização extremada dos meios de comunicação.

Os acessos ao mundo da cultura são cada vez mais intensamente submetidos a mecanismos industriais, sem que se assuma qualquer medida no sentido de garantir acesso efetivamente democrático. A universidade pública é uma instância em que se pode resistir, de alguma maneira e por algum tempo, a esse processo, sendo a instituição em que a cultura pode ser considerada sem as regras do mercado e sem os critérios de utilidade e oportunidade socialmente introjetados a partir da mídia.

Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão. As atividades que aí se desenvolvam não se podem subordinar a critérios da expectativa de retorno de investimento. Por isso, a universidade, como instituição pública, pode assumir a função de garantir o efetivo caráter público de que, em princípio, se revestem os bens de cultura historicamente legados ao presente.

Faz parte da autonomia da universidade pública **essa relação intrínseca com a cultura**, que permite que o acesso não seja filtrado por mecanismos de outras instâncias da vida social. É essa publicidade desinteressada da cultura — que só na instituição pública pode-se articular em algum grau — que garante o conhecimento, a apropriação intelectual, a reflexão, a crítica e o debate.

Franklin Leopoldo e Silva. **Universidade pública e cultura**. In: **Estudos Avançados**, v. 15, n.º 42, São Paulo (com adaptações).

Julgue o próximo item, referente a aspectos linguísticos do texto e à sua tipologia.

A expressão “essa relação intrínseca com a cultura” exerce a função de sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Faz”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato!

Deve-se tomar o cuidado de se perguntar primeiramente para o verbo quem é o seu sujeito e, só após essa identificação, ir em busca dos complementos verbais.

Fazendo-se a pergunta inicial “O que faz parte da autonomia...?”, a resposta nos dará o sujeito “essa relação intrínseca...”.

Resposta: CERTO

40. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDF)/Administração/2017

Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi “nenhum”. **Disseram** que escrever, para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com competência para redigir. Essa competência pode não se ter originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum lugar.

Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons escritores são leitores ávidos. Assimilaram um grande inventário de palavras, expressões idiomáticas, construções, tropos e truques retóricos e, com eles, a sensibilidade para o modo como se combinam ou se repelem. Essa é a ardilosa “sensibilidade” de um escritor hábil — o tácito sentido de estilo que os manuais de estilo honestos admitem ser impossível ensinar explicitamente. Os biógrafos dos grandes autores sempre tentam rastrear os livros que seus personagens leram na juventude, porque sabem que essas fontes escondem o segredo de seu aperfeiçoamento como escritores.

O ponto de partida para alguém tornar-se um bom escritor é ser um bom leitor. Os escritores adquirem sua técnica identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em exemplos de boa prosa.

Steven Pinker. Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

No que se refere ao texto precedente, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Disseram” é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

É possível identificar contextualmente quem atua como sujeito da forma verbal “Disseram”.

Observe:

Quando indaguei a **alguns escritores** de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi "nenhum". **Disseram (alguns escritores)** que escrever, para **eles**, aconteceu naturalmente.

Note que é possível a identificação do sujeito oculto "Alguns escritores", levando-se em conta as informações trazidas até então pelo texto.

Resposta: ERRADO

4.1. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDf)/Língua Portuguesa/2017

Aula de Português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor **Carlos Góis**, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.1089.

A respeito dos aspectos gramaticais desse poema, julgue o item a seguir.

O nome próprio "Carlos Góis" funciona como o núcleo do termo "Professor Carlos Góis".

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O nome próprio "Carlos Góis" funciona sintaticamente como aposto especificador de "Professor", sendo, portanto, a este subordinado.

A palavra núcleo, à qual todas as demais se subordinam, é "Professor".

Resposta: ERRADO

42. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDF)/Língua Portuguesa/2017

A língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral (serviços de saúde, por exemplo).

Por isso, parece ser um grande equívoco a afirmação de que a variação linguística não deve ser matéria de ensino na escola básica. Assim, a questão crucial para nós é saber como tratá-la pedagogicamente, ou seja, como desenvolver uma pedagogia da variação linguística no sistema escolar de uma sociedade que, infelizmente, ainda não reconheceu sua complexa cara linguística e, como resultado da profunda divisão socioeconômica que caracterizou historicamente sua formação (uma sociedade que foi, por trezentos anos, escravocrata), ainda discrimina fortemente pela língua os grupos socioeconômicos que recebem as menores parcelas da renda nacional.

A maioria dos alunos que chegam à escola pública é oriunda precisamente desses grupos socioeconômicos. E **há**, entre nossas crenças pedagógicas, **um pressuposto** de que cabe à escola pública contribuir, pela oferta de educação de qualidade, para favorecer, mesmo que indiretamente, uma melhor redistribuição da renda nacional.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua — um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. Nessa perspectiva, esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas, ou seja, o conjunto de variedades escritas e faladas constitutivas da chamada norma culta.

Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Stahl Zilles. **Introdução**. In: Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Stahl Zilles (orgs.).

Pedagogia da variação Linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 8-9 (com adaptações).

Com referência às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

O verbo **haver** foi empregado como sinônimo de **existir**. Embora esses verbos tenham sentido semelhante, a substituição de um pelo outro no texto modificaria as relações sintáticas entre o verbo e o termo “um pressuposto”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato!

No trecho original “E há... um pressuposto”, o termo “um pressuposto” atua como objeto direto.

Já na reescrita “E existe... um pressuposto”, o termo “um pressuposto” passa a atuar como sujeito.

Resposta: CERTO

43. CESPE - Técnico Judiciário (TRE BA)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2017**Texto**

Em sua definição, o voto em branco é aquele que não se dirige a nenhum candidato entre os que disputam as eleições. São considerados, portanto, votos estéreis, porque não produzem frutos. Os votos nulos, por sua vez, são aqueles que, somados aos votos em branco, compõem a categoria dos **votos estéreis^(b)**, inválidos ou, como denominou o **Tribunal Superior Eleitoral^(c)**, votos apolíticos. Logo, os votos em branco e os nulos são votos que, a princípio, não produzem **resultado^(e)** nem influenciam no resultado do pleito.

Ao comparecer às urnas no dia das eleições, o eleitor que apresentar voto em branco ou nulo pode fazê-lo por diversas razões. Esses motivos podem embasar tanto a postura dos que votam em branco quanto a dos que votam nulo, pois o resultado final é **o mesmo^(a)**: invalidar o voto. Assim sendo, não é razoável diferenciar o voto em branco do voto nulo. Deve-se considerar a essência do ato, a sua real motivação, que é a invalidação. É evidente que não se sabe, ao certo, **a razão** que motiva cada eleitor a votar em branco ou nulo; entretanto, em ambos os casos, não há **dúvida^(d)** quanto à invalidade do voto por ele dado.

Renata Dias. **Os votos brancos e nulos no estado democrático de direito: a legitimidade das eleições majoritárias no Brasil.** In: **Estudos eleitorais**, v. 8, n.º 1, jan./abr. 2013, p. 36-8 (com adaptações).

Assinale a opção que apresenta termo que desempenha a mesma função sintática que "a razão", no texto.

- a) "o mesmo"
- b) "votos estéreis"
- c) "o Tribunal Superior Eleitoral"
- d) "dúvida"
- e) "resultado"

RESOLUÇÃO:

Observemos o trecho "É evidente que não se sabe, ao certo, **a razão...**".

Note a presença do "se" partícula apassivadora, assim identificado, pois está ladeado do verbo "saber", que, no contexto, solicita objeto direto. A partícula apassivadora é responsável por converter o objeto direto em sujeito. Dessa forma, o termo "a razão", originalmente o objeto direto de "saber", com o aparecimento do "se" apassivador, é convertido em sujeito paciente.

Dessa forma, devemos analisar as opções e identificar aquela em que o termo destacado atua sintaticamente como sujeito.

Vejamos:

ALTERNATIVA A – ERRADA – O termo "o mesmo" funciona como predicativo, associado ao verbo de ligação "ser".

ALTERNATIVA B – ERRADA – O termo "votos estéreis" estabelece com o nome "categoria" uma relação de tipo, o que faz dele um adjunto adnominal.

ALTERNATIVA C – CERTA – Trata-se do sujeito da forma verbal "denominou".

ALTERNATIVA D – ERRADA – O termo “dúvida” funciona como objeto direto da forma verbal impessoal “há”.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O termo “resultado” funciona como objeto direto da forma verbal “produzem”.

Resposta: C

44. CESPE - Diplomata (Terceiro Secretário)/2017

A independência literária, que tanto se buscara, só com este livro foi selada. Independência que não significa, nem poderia significar, autossuficiência, e sim o estado de maturidade intelectual e social que permite a liberdade de concepção e expressão. Criando personagens e ambientes brasileiros — bem brasileiros —, Machado não se julgou obrigado a fazê-los pitorescamente típicos, porque a consciência da nacionalidade, já sendo nele total, não carecia de elementos decorativos. Aquilo que reputava indispensável ao escritor, “certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”, **ele o possuiu inteiramente**, com uma posse tranquila e pacífica. E por isso pôde — o primeiro entre nós — ser universal sem deixar de ser brasileiro.

Com relação a aspectos gramaticais do texto, julgue o item que se segue.

A retirada do pronome oblíquo na oração “ele o possuiu inteiramente” preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observemos o trecho:

Aquilo que reputava indispensável ao escritor, “certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”, **ele o possuiu inteiramente...**

O verbo “possuir” requer objeto direto. Mas veja que esse complemento já vem detalhado anteriormente, com a construção “Aquilo que reputava... no tempo e no espaço”. Dessa forma, a presença do oblíquo “o” como objeto direto é pleonástica, sendo, portanto, dispensável sua presença sem prejuízo gramatical algum ou alteração de sentido original.

Resposta: CERTO

45. CESPE - Auditor de Controle Externo (TCE-PE)/Auditoria de Contas Públicas/2017**Texto CB1A1AAA**

O debate sobre direitos civis e regime democrático é um importante tema na agenda de construção da cidadania. Embora certas nações possuam um governo e instituições representativas, parece haver nelas um óbice na constituição de uma cidadania integral, especialmente na efetividade dos direitos civis.

A evolução dos direitos da cidadania se amparou na liberdade individual para reivindicar participação na comunidade política com o surgimento dos governos representativos. Mesmo assim, há problemas, pois, de acordo com T. H. Marshall, “os direitos civis deram poderes legais cujo uso foi drasticamente prejudicado por preconceito de classe e falta de oportunidade econômica”. A estrutura social e econômica não favoreceu o exercício efetivo da igualdade formal atribuída ao cidadão. Marshall aborda essa questão enfatizando que o *status* de cidadão confere igualdade formal aos indivíduos, ainda que o sistema de classes sociais gere desigualdade real.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que os direitos civis igualam os indivíduos pela possibilidade legal de terem liberdades comuns. Os direitos políticos garantem aos indivíduos igualdade de participação na escolha do governo. Os direitos sociais definem um mínimo de igualdade, considerando-se a desigualdade econômica e de oportunidades. Responder a esse modelo de forma integrada e aproximar as expectativas do cidadão da realidade social parece ser o desafio das democracias de massa para obter legitimidade.

A democracia deve gerar uma cidadania integral (civil, política e social), em que o regime eleitoral é condição fundamental, embora insuficiente. A democracia eleitoral se revela restrita ao não englobar temas como direitos sociais e econômicos.

A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD.), deveria “**existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade**” que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia”. A cidadania política e as regras de participação e de contestação seriam insuficientes para garantir liberdade individual. A falta dessas garantias e a violência que existe contra o cidadão em diversos países configura déficit de eficácia das instituições e do sistema legal e, por conseguinte, da credibilidade do Estado-nação. Essa situação gera uma cidadania “truncada”, especialmente pela inefetividade dos direitos civis.

Eduardo José Grin. **Democracia e direitos civis: um debate necessário**. In: **Revista Videre**, Dourados, MS, ano 1, n.º 1, jan. – jun./2009. Internet: <www.researchgate.net> (com adaptações).

O trecho ‘um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade’ exerce a função de complemento do verbo ‘existir’.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O verbo “existir”, diferentemente do seu sinônimo “haver”, sempre possuirá sujeito. No caso do trecho em destaque, seu sujeito é o termo “um patamar mínimo...”.

Resposta: ERRADO

46. CESPE - Analista de Controle Externo (TCE-PE)/Auditoria de Contas Públicas/2017**Texto CB2A1AAA**

A auditoria, uma das instâncias que garantem a credibilidade das instituições, consiste na análise, à luz da legislação em vigor e das boas práticas administrativas, do contrato entre as partes, governos e entidades prestadoras de serviços, e dos procedimentos efetivados, de modo a aferir a sua execução e a conferir os valores cobrados para garantir que o pagamento seja justo e correto. Consiste, também, no acompanhamento dos eventos para verificar a qualidade dos serviços prestados por esses agentes.

No âmbito da auditoria, o fundamento da credibilidade consiste na preservação da idoneidade ética. Os pressupostos éticos da auditoria são três: o princípio da dignidade, o da equidade e o da transparência. Formulado pelo filósofo alemão Immanuel Kant, no final do século XVIII, o princípio da dignidade afirma que toda pessoa deve ser tratada, sempre, como fim e nunca como meio. O princípio da equidade, uma ampliação do princípio da dignidade feita pela Organização das Nações Unidas, em sua Carta de 1946, diz que todo ser humano possui a mesma dignidade e deve ser tratado com igual consideração e respeito. O princípio da transparência tem duas versões no próprio Kant: uma diz que se deve sempre agir de tal forma que os motivos de atuação possam ser divulgados publicamente; a outra afirma que se deve agir de tal modo que a norma de atuação possa se tornar lei universal. **Assim, os negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol.** Certamente, o princípio da transparência é o que dá credibilidade à gestão pública e à gestão em geral. Nas pesquisas de opinião, vê-se como a sociedade coloca-se frente às instituições, exigindo transparência.

Nos momentos de amadurecimento democrático, constata-se que a auditoria ganha espaço nas organizações. A auditoria seria o primeiro capítulo da transparência na gestão. Quando a sociedade quer tudo em pratos limpos, a auditoria ascende a um primeiro lugar no seio das organizações, porque é o elemento que permite à sociedade ter consciência de como está sendo efetivada a gestão. Se não há auditoria, ou se essa não é praticada de forma constante e transparente, as instituições perdem credibilidade. Quando uma auditoria séria é praticada, as instituições são mais bem aceitas.

Ricardo Vélez Rodríguez. Auditoria, fundamentos éticos. In: Auditoria, uma abordagem interdisciplinar: aspectos relevantes para o setor público. Anais da V Jornada Brasileira de Controle Interno. Rio de Janeiro, dez./2003, p. 32. Internet: <www.rio.rj.gov.br> (com adaptações).

No que concerne aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto CB2A1AAA, julgue o item seguinte.

No período “Assim, os negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol”, a expressão “da luz”, em ambas as ocorrências, exerce funções gramaticais distintas, embora tenha sido empregada com o mesmo sentido.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Observe o trecho:

... os procedimentos ilícitos **FOGEM DA LUZ** da divulgação como os vampiros (**FOGEM**) DA LUZ do Sol...

Note que o termo DA LUZ, nas duas situações, atua como OBJETO INDIRETO do verbo FUGIR. Perceba que a forma verbal FOGEM está subentendida após VAMPIROS.

O item, portanto, está ERRADO!

Resposta: ERRADO

47. CESPE - Soldado Policial Militar (PM AL)/Combatente/2017

A palavra violência frequentemente nos remete a crimes como assassinato, estupro, roubo e lesão corporal, ou mesmo a guerras e terrorismo. **Pensamos**⁽¹⁾ que violência e crime violento são a mesma coisa e não **levamos**⁽²⁾ em conta que nem toda violência é considerada crime.

A sociedade, para reafirmar seus valores e se manter, pune as transgressões, com a intenção de que a punição aplicada ao transgressor seja útil para que os demais indivíduos não sigam o mau exemplo, tendo em vista as consequências. Nesse caso, considera-se crime a transgressão de regras socialmente preestabelecidas, que variam de acordo com a sociedade e o contexto histórico.

Lançadas com o intuito de encontrar respostas para as possíveis causas da violência, hipóteses clássicas na sociologia do crime acabaram por defender a tese de associação entre o aumento nos índices de criminalidade e a pobreza. Essa associação sustenta a premissa de que o crime seja combatido e punido com maior rigor e frequência nas classes economicamente mais desfavorecidas, em contraposição à tolerância e à impunidade de crimes cometidos tipicamente ou ocasionalmente por indivíduos detentores de poder.

O mito da criminalidade associada à pobreza cria estereótipos, marginaliza e criminaliza a pobreza — que, em si, é uma violência. Rotula os que são tidos como pobres e faz uma proporção extremamente grande da população ser prejudgada por atos ilícitos praticados por uma minoria.

A violência nas cidades deve ser vista sob duas vias. Um tipo de violência é a dos crimes praticados nas ruas, principalmente nas grandes cidades, que pode atingir qualquer pessoa. O segundo tipo é a violência praticada pela própria cidade, que massacra os pobres, marginalizando e criminalizando esses cidadãos. Enquanto se diz que os pobres da cidade são violentos, a atenção da violência que eles sofrem é invertida. A violência contra quem mora próximo de condomínios de luxo e mansões fortificadas, sem ter acesso a bens básicos para garantir razoáveis condições de vida, é esquecida.

Geélison Ferreira da Silva. Considerações sobre criminalidade: marginalização, medo e mitos no Brasil. In: Revista Brasileira de Segurança Pública. ano 5, 8.ª ed. São Paulo, fev. – mar./2011, p. 91-102 (com adaptações)

No que se refere aos sentidos e às propriedades linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

O sujeito das formas verbais “Pensamos”⁽¹⁾ e “levamos”⁽²⁾ é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Questão muito tranquila!

A presença da desinência número-pessoal MOS deixa claro que o sujeito das formas verbais é a 1ª pessoa do plural NÓS.

Resposta: ERRADO

48. CESPE - Técnico Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2017

As mudanças climáticas já são uma realidade para a população mundial, com ameaças à infraestrutura de cidades, diminuição da produtividade nas lavouras, alterações nos oceanos e risco em relação à disponibilidade de peixes.

As transformações são causadas pela emissão excessiva de gases de efeito estufa, em atividades como desmatamento, queima de combustíveis fósseis para a geração de energia ou práticas insustentáveis na agricultura e na pecuária.

Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1 °C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, **causando**⁽⁹⁾ impactos na **segurança alimentar, hídrica e energética**^(d), aumento do **nível do mar**^(e), tempestades, **ondas de calor**^(a) e intensificação de **secas**^(b), **chuvas e inundações**^(c).

Internet: <www.wwf.org.br> (com adaptações).

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal “causando” o termo

- a) “ondas de calor”.
- b) “secas”.
- c) “secas, chuvas e inundações”.
- d) “segurança alimentar, hídrica e energética”.
- e) “nível do mar”.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – CERTA – O objeto direto de “causando” é composto e possui como núcleos “impactos”, “aumento”, “tempestades”, “ondas” e “intensificação”.

ALTERNATIVA B – ERRADA – O termo “secas” atua como complemento nominal de “intensificação”.

ALTERNATIVA C – ERRADA – O termo “secas, chuvas e inundações” atua como complemento nominal de “intensificação”.

ALTERNATIVA D – ERRADA – O termo “segurança alimentar, hídrica e energética” atua como complemento nominal de “impactos”.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O termo “nível do mar” atua como complemento nominal de “aumento”.

Resposta: A

Texto para as questões 42 a 43

O espaço urbano foi organizado de sorte a favorecer as operações de circulação, compra e venda de mercadorias; e, ao mesmo tempo, nele se oferece ao consumo uma diversidade de localizações, paisagens, topografias físicas e simbólicas que são de diferentes modos incorporadas à dinâmica mercantil. Hoje, podemos talvez acrescentar que a cidade se torna o lugar do consumismo e do consumismo de lugar. O que isso quer dizer e que implicações isso tem para o compartilhamento da cidade como espaço público?

Sabemos que a cidade é o lugar preferencial da realização do consumismo de bens. Mas, também, vale dizer que, com o advento do urbanismo competitivo, é o lugar do consumismo de lugares, por meio das dinâmicas da cidade-espetáculo, dos megaeventos e do esforço de venda de imaginadores urbanos com suas obras fundadas em um culturalismo de mercado. O planejamento estratégico do urbanismo de mercado propõe-se, na atualidade, a realizar um esforço de venda macroeconômico dos lugares, o que faz do consumismo de lugares um modo particular de articulação entre o rentismo imobiliário e a competição interurbana por capitais. Para isso concorre o consumismo publicitário privatizante dos espaços da cidade.

Por outro lado, conforme observa o economista Pierre Veltz, os novos requisitos da espacialidade das empresas nas cidades exprimem hoje “o paradoxo segundo o qual os recursos não mercantis não veem seu papel diminuir, mas, ao contrário, se afirmar e se estender nas economias avançadas e concorrenciais”. Isso é exemplificado pela luta dos pescadores artesanais da Associação Homens do Mar em defesa do caráter público da Baía da Guanabara e pelas manifestações maciças de ciclistas pelo direito ao espaço público nas cidades. Tratando-se de bens não mercantis em disputa, os conflitos por apropriação dos recursos urbanos apresentam forte potencial de politização, seja na busca de acesso equânime a ambientes saudáveis, seja na eliminação de controles policiais discriminatórios.

Para Abba Lerner, Prêmio Nobel de Economia de 1954, toda transação econômica realizada é um conflito político resolvido. Inversamente, podemos sustentar que toda disputa pelos recursos não mercantis das cidades — saúde e saneamento, mobilidade, meio ambiente, segurança — não redutível a relações de compra e venda configura conflitos políticos em potencial.

Henri Acselrad. Cidade – espaço público? A economia política do consumismo nas e das cidades. In: Revista UFMG, v. 20, n.º 1, jan.-jun./2013, p. 234-247 (com adaptações).

Com relação aos sentidos do texto 4A2AAA, julgue o item a seguir.

49. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Analista Judiciário

No segundo período do terceiro parágrafo, os termos “pela luta” (l.28), “pelas manifestações” (l.30) e “pelo direito” (l.31) funcionam como agentes da passiva.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Os termos “pela luta...” e “pelas manifestações...” são sim agente da voz passiva analítica “Isso é exemplificado...”.

No entanto, o termo “pelo direito” atua como complemento nominal de “manifestação”.

Resposta: ERRADO

50. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Analista Judiciário

O termo “bens não mercantis em disputa” (l.32) exerce a função de sujeito da oração em que ocorre e é o referente do pronome “se”, em “Tratando-se” (l.32).

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O “se” em destaque é índice de indeterminação do sujeito, identificado dessa forma, pois está ladeado de um verbo transitivo indireto – no caso, a forma verbal “Tratando”.

O termo “bens não mercantis em disputa” compõe o objeto indireto desse verbo.

Resposta: ERRADO

Texto para a questão 44

Texto 7A3CCC

1 O Conselho de Direitos Humanos (CDH) da
Organização das Nações Unidas (ONU) encerrou sua 36.^a
sessão em Genebra, na qual adotou trinta e três resoluções,
4 sendo vinte delas por consenso.

As resoluções abordam vários temas e situações de
direitos humanos no Iêmen, no Burundi, em Mianmar, na Síria,
7 na República Democrática do Congo, na República
Centro-Africana, no Sudão, na Somália e no Camboja.

No último dia de trabalho do CDH para a sessão, o
10 órgão adotou uma resolução prorrogando o mandato da missão
internacional independente de investigação sobre Mianmar.
Também foi aprovado um texto sobre a cooperação com a
13 ONU, seus representantes e mecanismos no campo dos direitos
humanos.

O CDH solicitou ao Alto Comissariado das Nações
16 Unidas para os Direitos Humanos que estabelecesse — até o
final de 2017 — um grupo de peritos internacionais e
regionais, por um período de pelo menos um ano, a fim de
19 monitorar e relatar a situação dos direitos humanos no Iêmen
e de realizar uma investigação abrangente de todas as
alegações de violações e abusos de direitos humanos.

Internet: <nacoesunidas.org/> (com adaptações).

51.CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

A respeito dos aspectos linguísticos do texto 7A3CCC, julgue o item a seguir.

A expressão “o órgão” (ℓ. 9 e 10,) retoma “CDH” (ℓ.9) e exerce função de sujeito da oração em que está inserida.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato, a expressão “o órgão” faz menção ao Conselho de Direitos Humanos (CDH) e atua como sujeito da forma verbal “adotou”.

Resposta: CERTO

52.CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

Nas expressões em que são empregados, os vocábulos “Humanos” (ℓ.1), “Unidas” (ℓ.2) e “internacional” (ℓ.11) desempenham a mesma função sintática.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

De fato! Trata-se de adjuntos adnominais de “Direitos”, “Nações” e “missão”, respectivamente.

Resposta: CERTO

Texto CB3A1AAA

1 Em meados da década de 90 do século passado, o
economista norte-americano Jeremy Rifkin causou polêmica
com seu livro **O Fim do Emprego**, no qual previa que a era do
4 emprego estava com os dias contados. Segundo Rifkin, o
aumento da produtividade resultante da adoção de novas
tecnologias — como a informática, a robótica e as
7 telecomunicações — iria provocar efeitos devastadores no
nível de emprego mundial. Milhões de pessoas perderiam seu
ganha-pão no campo, na indústria e no setor de serviços.
10 Somente uma pequena elite de trabalhadores especializados
conseguiria prosperar em uma economia global dominada pela
tecnologia.

13 Mas nem todos concordam com os prognósticos
pessimistas de Rifkin. “Embora a tecnologia possa tanto criar
trabalhos como extingui-los, o efeito líquido é geralmente o
16 aumento do emprego”, diz um relatório do **Future of Work**,
um programa do governo neozelandês que discute as grandes
tendências no mercado de trabalho. “Ao aumentar
19 a produtividade, a tecnologia aumenta a renda e, portanto, a
demanda na economia como um todo”, afirma o estudo, que,
no entanto, reconhece que o problema não é tão simples:
22 “Motivo de maior preocupação é que trabalhadores que
perderam seus empregos devido a mudanças na tecnologia
podem não ter as habilidades ou os meios para adquirir as
25 habilidades que serão exigidas no mercado de trabalho do
futuro”.

Se a tecnologia pode decretar o fim do emprego para
28 alguns, ela pode, paradoxalmente, representar um aumento do
trabalho para muitos. Nos últimos anos, inovações como a
Internet e o telefone celular reduziram as dificuldades
31 relacionadas às limitações de tempo e espaço. Qualquer pessoa
pode hoje ser encontrada a qualquer momento, em qualquer
lugar, o que amplia seu ambiente virtual de trabalho. “Se não
34 houver uma mudança no perfil cultural da sociedade como um
todo, as tecnologias só trarão mais e mais trabalho para a vida
das pessoas”, diz o consultor Simon Franco.

Juliana de Moraes. Emprego que não acaba mais. In: Revista Superinteressante,
n.º 209, maio/2015 (com adaptações). Internet: <<http://super.abril.com.br>>.

53. CESPE - 2016 - FUB - Conhecimentos Básicos

Com relação às ideias do texto CB3A1AAA, às construções linguísticas nele empregadas e à sua tipologia, julgue o item a seguir.

A expressão ‘a produtividade’ (l.19) exerce a função de sujeito do verbo ‘aumentar’ (l.18).

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O sujeito de “aumentar” é “a tecnologia”. O termo “a produtividade” atua como objeto direto dessa forma verbal.

Resposta: ERRADO

54. CESPE - 2016 - TCE-PA**Texto CB1A1BBB**

1 Estranhamente, governos estaduais cujas despesas
com o funcionalismo já alcançaram nível preocupante ou que
estouraram o limite de gastos com pessoal fixado pela
4 Lei Complementar n.º 101/2000, denominada Lei de
Responsabilidade Fiscal (LRF), estão elaborando sua própria
legislação destinada a assegurar, como alegam, maior rigor na
7 gestão de suas finanças. Querem uma nova lei de
responsabilidade fiscal para, segundo argumentam, fortalecer
a estrutura legal que protege o dinheiro público do mau uso por
10 gestores irresponsáveis.

Examinando-se a situação financeira dos estados que
preparam sua versão da lei de responsabilidade fiscal, fica
13 difícil aceitar a argumentação. Desde maio de 2000, quando
entrou em vigor a LRF, esses estados, como os demais, estão
sujeitos a regras precisas para a gestão do dinheiro público,
16 para a criação de despesas e, em particular, para os gastos com
pessoal. Por que, tendo descumprido algumas dessas regras,
estariam interessados em torná-las ainda mais rigorosas?

19 Não foi a lei que não funcionou, mas os responsáveis
pelo dinheiro público que, por alguma razão, não a cumpriram.
De que adiantaria, então, tornar a lei mais rigorosa, se nem nas
22 condições atuais esses responsáveis estão sendo capazes de
cumprir-la? O problema não está na lei. Mudá-la pode ser
o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para
25 atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro
problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas
despesas às receitas em queda por causa da crise.

Internet: <<http://opinioao.estadao.com.br>> (com adaptações).

Com relação aos aspectos linguísticos do texto CB1A1BBB, julgue o seguinte item.

Os sujeitos das orações “como alegam” (l.6) e “segundo argumentam” (l.8) são indeterminados.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

Note que o contexto permite concluir que as formas verbais “alegam” e “argumentam” possuem como sujeito “governos estaduais”.

Resposta: ERRADO

55. CESPE - 2016 - POLÍCIA CIENTÍFICA - PE**Texto CG1A1CCC**

1 Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão
o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio
leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há
4 quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro
já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse,
entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho
7 proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome:
Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras
ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos
10 na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent, *O leitor do trem das 6h27*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l.1) exerce a função de

- a) predicativo do sujeito.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adnominal.
- d) sujeito.
- e) adjunto adverbial.

RESOLUÇÃO:

É possível reescrever o período da seguinte forma: “Alguns nascem (e são) surdos, mudos ou cegos.”

A presença do verbo de ligação oculto deixa claro que os termos “surdos, mudos ou cegos” atuam como Predicativos do Sujeito “Alguns”.

Resposta: A

56. CESPE - 2016 - TCE-SC

Texto CB2A2BBB

1 O fenômeno da corrupção, em virtude de sua
complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige,
além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva
4 do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no
serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato,
em prol do interesse público.

7 Entende-se que a integridade pública representa o
estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está
“completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação
10 que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e
valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e
13 Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do
que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos
que, em última análise, influenciam os resultados da
16 administração, e não apenas seus processos. Além disso,
a OCDE compreende um sistema de integridade como um
conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de
19 controle e de regulamentações que visem à promoção da
integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes
que violem os princípios éticos.

22 Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às
atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade
e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de
25 determinada organização.

Internet: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O sujeito da oração iniciada por “Entende-se” (l.7) é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

RESOLUÇÃO:

O “se” em questão atua como partícula apassivadora, assim identificado, pois está ladeado do verbo transitivo direto “Entender”. O “se” apassivador é responsável por transformar o objeto direto dessa forma verbal em sujeito. No caso, a oração “que a integridade pública...”, originalmente objeto direto do verbo “Entender”, é convertida em sujeito paciente pela partícula apassivadora.

Resposta: ERRADO

1 Por todos os ângulos que se contemple, parece
inexistente a possibilidade de o chamado *distritão* conduzir a
democracia brasileira a um patamar superior. Ao contrário,
4 segundo estudiosos do tema, o mais provável é que piore, sob
diversos aspectos, nosso sistema eleitoral. Ainda assim, trata-se
do item da reforma política que reúne mais apoiadores entre os
7 congressistas.

O que talvez atraia seja a simplicidade do modelo —
sem contar, naturalmente, o fato de que a alteração tende a
10 beneficiar os grandes partidos. Hoje, o número de cadeiras a
que uma agremiação tem direito na Câmara dos Deputados
guarda relação com o total de sufrágios recebidos pela sigla (ou
13 coligação). Figuras desconhecidas podem obter uma vaga no
Poder Legislativo graças ao voto de legenda e ao desempenho
de seus aliados, célebres ou não.

16 Nada disso ocorre sob o *distritão*. Funcionando como
um pleito majoritário, o formato premia os candidatos mais
populares de uma circunscrição. Como consequência, votos
19 dados a um determinado postulante são pessoais e
intransferíveis. Simples e fácil de entender, sem dúvida; mas
daí não decorre que seja um bom modelo.

22 De saída, na contramão do que se procura nas
democracias modernas, o formato enfraquece os partidos e
fortalece o personalismo, já que os votos são do candidato e de
25 ninguém mais. Não chega a ser improvável que personagens
folclóricos dominem a Câmara. Como se não bastasse,
o *distritão* ainda não aproveita os votos dados aos não eleitos,
28 privando da representação parlamentar em geral metade da
população. Legendas que tenham agenda autêntica (uma
bandeira ambiental, ou liberal, ou socialista, por exemplo)
31 podem terminar sem nenhum deputado, mesmo que passem de
um milhão de votos. Basta que os sufrágios se fragmentem
entre seus nomes, deixando todos aquém dos mais populares.
34 Problema semelhante ameaça programas voltados às minorias.
No sistema proporcional, isso não acontece, pois todo sufrágio
ajuda os demais postulantes da sigla ou aliança.

37 Se é possível e desejável aprimorar o sistema eleitoral
brasileiro, não faz sentido que, em nome desse intento,
produzam-se retrocessos.

Retrocesso democrático. In: Folha de S.Paulo, 18/5/2015 (com adaptações).

impessoais.

RESOLUÇÃO:

ALTERNATIVA A – ERRADA – De fato, o termo “às minorias” completa o sentido de “voltados”. No entanto, “a possibilidade” não atua como complemento, e sim como sujeito da forma verbal de ligação “parece”.

ALTERNATIVA B – ERRADA – De fato, o termo “grandes” atua como adjunto adnominal de “partidos”. No entanto, “mais” atua como adjunto adverbial de intensidade, modificando o adjetivo “populares”.

ALTERNATIVA C – ERRADA – Trata-se da mesma função: são adjuntos adnominais de “Figuras” e “votos”, respectivamente.

ALTERNATIVA D – CERTA – De fato, são orações subordinadas substantivas subjetivas, assunto a ser explorado na próxima aula. É possível constatar que essas orações atuam como sujeito substituindo-as por ISTO.

57. CESPE - 2016 - TRE-PI - Analista Judiciário

A respeito das construções linguísticas do texto **Retrocesso democrático**, assinale a opção correta.

- a) Os termos “a possibilidade” (l.2) e “às minorias” (l.34) completam o sentido das palavras que lhes antecedem respectivamente: “inexistente” e “voltados”.
- b) Os termos “grandes” (l.10) e “mais” (l.17) desempenham a função de adjuntos adnominais nas orações em que aparecem.
- c) Os participípios “desconhecidas” (l.13) e “dados” (l.19) exercem funções sintáticas distintas nas orações em que ocorrem.
- d) As orações “que personagens folclóricos dominem a Câmara” (l. 25 e 26) e “que os sufrágios se fragmentem entre seus nomes” (l. 32 e 33) são os sujeitos dos períodos em que ocorrem.
- e) No contexto em que foram empregados, os verbos **acontecer** — “acontece” (l.35) — e **fazer** — “faz” (l.38) — são

Observe:

Não chega a ser improvável que personagens folclóricos... = Não chega a ser improvável ISTO.

Note que, nessa reescrita, ISTO funciona como sujeito da forma verbal "chega". Isso significa que a oração "que personagens folclóricos..." exerce a função de sujeito.

Basta que os sufrágios se fragmentem... = Basta ISTO.

Note que, nessa reescrita, ISTO funciona como sujeito da forma verbal "Basta". Isso significa que a oração "que os sufrágios se fragmentem..." exerce a função de sujeito.

ALTERNATIVA E – ERRADA – O verbo "acontecer" nunca será impessoal, sempre possuindo sujeito. Já o verbo "fazer" será impessoal no sentido associado a tempo decorrido, o que não é o caso.

Resposta: D

58. FGV - Especialista Legislativo de Nível Superior (ALERJ)/2017

Observe o seguinte período, retirado do livro *O Crime do Padre Amaro*, do escritor português Eça de Queiroz:

"A tarde caía quando d. Maria e Amélia voltaram para a cidade. Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata".

Sobre a estrutura sintática desse segmento, a única afirmação correta é:

- a) o primeiro período é composto por uma só oração;
- b) o segundo período é constituído por coordenação e subordinação;
- c) o segundo período é formado por quatro orações;
- d) no segundo período, o sujeito é o mesmo em todas as orações;
- e) nos dois períodos há orações subordinadas de valor temporal.

RESOLUÇÃO

Letra A – ERRADO – Analisemos o primeiro período: "A tarde caía quando d. Maria e Amélia voltaram para a cidade.". Há duas orações nele presentes: "A tarde caía" e "quando d. Maria e Amélia voltaram para a cidade.".

Letra B – ERRADO – ATENÇÃO! Ainda não estudamos relações de coordenação e subordinação. Será assunto da próxima aula, ok?

Analisemos o segundo período: "Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata".

Há duas relações de subordinação: a segunda oração "enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta" é adverbial de tempo e se subordina à primeira oração "Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha"; já a terceira oração "que segurava a arreata" é adjetiva explicativa e se subordina à segunda oração.

Dessa forma, somente há no período relações de subordinação.

Letra C – ERRADO – Analisemos o segundo período: “*Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata.*”. Há três orações nele presentes: “*Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha*” – estruturada em torno da forma verbal “chibatava”; “*enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta*” – estruturada em torno da locução verbal “vinha falando”; e “*que segurava a arreata*” – estruturada em torno da forma verbal “segurava”.

Letra D – ERRADO – Analisemos o segundo período: “*Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata.*”.

Na oração “*Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha*”, o sujeito da forma verbal “chibatava” é “Amélia”. Já na “*enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta*”, o sujeito da locução “vinha falando” é “d. Maria”; por fim, na oração “*que segurava a arreata*”, o sujeito da forma verbal “segurava” é o pronome relativo “que”, que retoma por coesão “moço da quinta”.

Letra E – CERTO – No 1º período, a oração “*quando d. Maria e Amélia voltaram para a cidade*” tem valor adverbial de tempo. Já no 2º período, tem valor temporal a oração “*enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta*”.

Resposta: E

59. FGV - Analista Legislativo (ALERO)/2018

“A música talvez seja o único exemplo do que poderia ter sido – se não tivessem existido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias – a comunicação das almas”.

Sobre os termos sintáticos sublinhados, assinale a afirmativa correta.

- a) Todos exercem a função de complemento nominal.
- b) Todos exercem a função de adjunto adnominal.
- c) O primeiro e o último termo exercem funções sintáticas distintas.
- d) O segundo termo exerce função sintática distinta dos demais.
- e) Os dois últimos termos exercem a mesma função sintática.

RESOLUÇÃO

Termos preposicionados ligados a substantivos abstratos podem exercer função de adjuntos adnominais ou complementos nominais. Para diferenciá-los, devemos ter em mente que **os adjuntos adnominais estabelecem com o substantivo abstrato uma relação de posse ou se portam como agente da ação expressa pelo substantivo.** Já os complementos nominais se portam como alvo da ação expressa pelo nome.

Note que “palavras” e “ideias” são alvo da ação expressa pelos abstratos “formação” e “análise”, respectivamente. Já “almas” é agente da ação expressa pelo abstrato “comunicação”. Dessa forma, os termos “de palavras” e “de ideias” exercem a função de complemento nominal, ao passo que “das almas” exerce a função de adjunto adnominal.

Resposta: C

60. FGV - Analista Legislativo (ALERO)/2018

Assinale a opção que apresenta a frase em que o termo sintático sublinhado tem função sintática diferente das demais.

- a) "Toda a sabedoria consiste em desconfiar dos nossos sentidos."
- b) "O modo mais correto de esconder dos outros os limites do próprio saber é não ultrapassá-los jamais."
- c) "Quem não tem necessidades próprias dificilmente se lembra das alheias."
- d) "Pode-se prescindir de tudo. Desde que não se deva."
- e) "Deus nunca perturba a alegria dos seus filhos."

RESOLUÇÃO:

Na letra A, "dos nossos sentidos" exerce a função de complemento da forma verbal "desconfiar". Trata-se de um **OBJETO INDIRETO**.

Na letra B, "dos outros" exerce a função de complemento da forma verbal "esconder". Trata-se de um **OBJETO INDIRETO**.

Na letra C, "das alheias" exerce a função de complemento da forma verbal pronominal "lembrar-se". Trata-se de um **OBJETO INDIRETO**.

Na letra D, "de tudo" exerce a função de complemento da forma verbal "prescindir". Trata-se de um **OBJETO INDIRETO**.

Já na letra E, "dos seus filhos" modifica o substantivo "alegria", estabelecendo com este um sentido de posse. Trata-se de um **ADJUNTO ADNOMINAL**.

Resposta: E

61. FGV - Consultor Legislativo (ALERO)/2018**DESEJO DE CONHECER**

"É natural no ser humano o desejo de conhecer." Quando li pela primeira vez essa sentença inicial da Metafísica de Aristóteles, mais de quarenta anos atrás, ela me pareceu um grosso exagero. Afinal, por toda parte onde olhasse – na escola, em família, nas ruas, em clubes ou igrejas – eu me via cercado de pessoas que não queriam conhecer coisíssima alguma, que estavam perfeitamente satisfeitas com suas ideias toscas sobre todos os assuntos, e que julgavam um acinte a mera sugestão de que, se soubessem um pouco mais a respeito, suas opiniões seriam melhores.

Precisei viajar um bocado pelo mundo para me dar conta de que Aristóteles se referia à natureza humana em geral, e não à cabeça dos brasileiros. De fato, o traço mais conspícuo da mente dos nossos compatriotas era o desprezo humano pelo conhecimento, acompanhado de um neurótico temor reverencial aos seus símbolos exteriores: diplomas, cargos, espaço na mídia. (fragmento adaptado)

Olavo de Carvalho, Diário do Comércio, 10/01/2011.

A frase de Aristóteles está em ordem sintática inversa. Assinale a opção que apresenta essa mesma frase na ordem direta.

- a) No ser humano, o desejo de conhecer é natural.
- b) O desejo de conhecer, no ser humano, é natural.
- c) É natural o desejo de conhecer no ser humano.
- d) O desejo de conhecer é natural no ser humano.
- e) O desejo de conhecer é, no ser humano, natural.

RESOLUÇÃO

A **ORDEM DIRETA** diz respeito à ordem natural com que os elementos se apresentam em uma oração. Trata-se da sequência:

$$O = S + V + CV + \dots$$

Analisemos a frase "É natural no ser humano o desejo de conhecer."

Nela, temos o sujeito oracional "O desejo de conhecer"; o verbo de ligação "é"; o predicativo do sujeito "natural" e o complemento nominal "no ser humano".

Isso posto, a ordem direta é "O desejo de conhecer é natural no ser humano."

Resposta: D

62. FGV - Técnico Bancário (BANESTES)/2018

Na escrita, pode-se optar frequentemente entre uma construção de substantivo + locução adjetiva ou substantivo + adjetivo (coragem de herói coragem heroica.)

O termo abaixo sublinhado que **NÃO** pode ser substituído por um adjetivo é:

- a) A maior preocupação do homem é a morte;
- b) A criação do homem é ideia de Deus;
- c) A inteligência do homem é infinita;
- d) Os amores do homem são passageiros;
- e) É efêmera a memória do homem.

RESOLUÇÃO:

Lembre-mos de que a locução adjetiva estabelece com o substantivo uma relação de posse, tipo ou agente da ação expressa pelo nome. Sintaticamente, a locução adjetiva equivale a um adjunto adnominal. Diferentemente, a junção de preposição e substantivo que estabelece com o nome uma relação de alvo da ação expressa pelo nome não configura uma locução adjetiva. Sintaticamente, temos um complemento nominal.

Analisemos as opções:

Letra A – CERTA – A expressão “do homem” estabelece com o substantivo “preocupação” uma relação de posse, configurando, assim, uma locução adjetiva. Sintaticamente, trata-se de um adjunto adnominal e equivale ao adjetivo “humana”.

Letra B – ERRADA – A expressão “do homem” estabelece com o substantivo “criação” uma relação de alvo da ação expressa pelo nome – no caso, o homem é paciente da ação “criar”. Não se trata, assim, de uma locução adjetiva. Sintaticamente, temos um complemento nominal.

Letra C – CERTA – A expressão “do homem” estabelece com o substantivo “inteligência” uma relação de posse, configurando, assim, uma locução adjetiva. Sintaticamente, trata-se de um adjunto adnominal e equivale ao adjetivo “humana”.

Letra D – CERTA – A expressão “do homem” estabelece com o substantivo “amores” uma relação de posse, configurando, assim, uma locução adjetiva. Sintaticamente, trata-se de um adjunto adnominal e equivale ao adjetivo “humanos”.

Letra E – CERTA – A expressão “do homem” estabelece com o substantivo “memória” uma relação de posse, configurando, assim, uma locução adjetiva. Sintaticamente, trata-se de um adjunto adnominal e equivale ao adjetivo “humana”.

Resposta: B

63. FGV - Assistente Legislativo Municipal (CM Salvador)/ 2018

A questão baseia no texto apresentado abaixo.

Violência: O Valor da vida

Kalina Vanderlei Silva / Maciel Henrique Silva, Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2006, p. 412

A violência é um fenômeno social presente no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas. Em geral, ao nos referirmos à violência, estamos falando da agressão física. Mas violência é uma categoria com amplos significados. Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas. Dessa forma, podemos definir a violência como qualquer relação de força que um indivíduo impõe a outro. Consideremos o surgimento das desigualdades econômicas na história: a vida em sociedade sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal. Por outro lado, nas sociedades complexas, a violência deixou de ser uma ferramenta de sobrevivência e passou a ser um instrumento da organização da vida comunitária. Ou seja, foi usada para criar uma desigualdade social sem a qual, acreditam alguns teóricos, a sociedade não se desenvolveria nem se complexificaria. Essa desigualdade social é o fenômeno em que alguns indivíduos ou grupos desfrutam de bens e valores exclusivos e negados à maioria da população de uma sociedade. Tal desigualdade aparece em condições históricas específicas, constituindo-se em um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações.

“Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas”.

Esse segmento do texto contém:

- a) 1 oração;
- b) 2 orações;
- c) 3 orações;
- d) 4 orações;
- e) 5 orações.

RESOLUÇÃO:

1ª oração: “Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste”

2ª oração: “causado (= que é causado) pelas condições de trabalho e condições econômicas”.

A 1ª oração é desenvolvida em torno da forma verbal “denota”. Já a segunda oração se apresenta na forma reduzida em torno da forma verbal nominal “causado”.

Resposta: B

64. FGV - Analista Portuário (CODEBA)/2016

A questão deve ser respondida a partir do texto.

Texto

Do relatório à pizza

Nos últimos anos, relatórios produzidos por Comissões Parlamentares de Inquérito têm merecido destaque na mídia nacional por impactos das denúncias que investigam. Algumas das sessões de inquérito são transmitidas por canais de televisão e acompanhadas por milhares de brasileiros interessados no resultado das investigações conduzidas por seus representantes legislativos. Muitos jornais publicam trechos dos relatórios produzidos por essas comissões de inquérito. De modo geral, porém, as expectativas dos eleitores são frustradas quando veem relatórios que apontam responsabilidades por crimes de corrupção e desvio de verbas públicas serem “engavetados” sem que os responsáveis sejam punidos.

(João Montanaro, Folha de São Paulo, 19-05-2012)

No texto, o termo que exerce uma função sintática diferente das demais é:

- a) por Comissões Parlamentares de Inquérito.
- b) por impactos das denúncias que investigam.
- c) por canais de televisão.
- d) por milhares de brasileiros interessados.

e) por seus representantes legislativos.

RESOLUÇÃO:

Na oração "Nos últimos anos, relatórios produzidos por Comissões Parlamentares...", o termo "por Comissões Parlamentares de Inquérito" funciona sintaticamente como **AGENTE DA PASSIVA**.

No trecho "...têm merecido destaque na mídia nacional por impactos das denúncias que investigam.", o termo "por impactos das denúncias que investigam" funciona sintaticamente como **ADJUNTO ADVERBIAL DE CAUSA**. Note que é possível reescrever o trecho da seguinte maneira: "...têm merecido destaque na mídia nacional **DEVIDO AOS** impactos das denúncias que investigam.", o termo "por impactos das denúncias que investigam".

Na oração "Algumas das sessões de inquérito são transmitidas por canais de televisão...", o termo "por canais de televisão" funciona sintaticamente como **AGENTE DA PASSIVA**.

Na oração "... e acompanhadas por milhares de brasileiros interessados...", o termo "por milhares de brasileiros interessados" funciona sintaticamente como **AGENTE DA PASSIVA**.

Na oração "...no resultado das investigações conduzidas por seus representantes legislativos ...", o termo "por seus representantes legislativos" funciona sintaticamente como **AGENTE DA PASSIVA**.

Resposta: B

65. FGV - Analista Portuário (CODEBA)/2016

A questão deve ser respondida a partir do texto.

Texto

Relatórios

Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico. Os relatórios de inquérito, por exemplo, são lidos pelas pessoas diretamente envolvidas na investigação de que tratam. Um relatório de inquérito criminal terá como leitores preferenciais delegados, advogados, juízes e promotores.

Autores de relatórios que têm leitores definidos podem pressupor que compartilham com seus leitores um conhecimento geral sobre a questão abordada. Nesse sentido, podem fazer um texto que focalize aspectos específicos sem terem a necessidade de apresentar informações prévias.

Isso não acontece com relatórios de circulação mais ampla. Nesse caso, os autores do relatório devem levar em consideração o fato de terem como interlocutores pessoas que se interessam pelo assunto abordado, mas não têm qualquer conhecimento sobre ele. No momento de elaborar o relatório, será preciso levar esse fato em consideração e introduzir, no texto, todas as informações necessárias para garantir que os leitores possam acompanhar os dados apresentados, a análise feita e a conclusão decorrente dessa análise.

"Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico".

No caso desse segmento do texto, a preposição **a** é de uso gramatical, pois é exigida pela regência do verbo dirigir.

Assinale a opção que indica a frase em que a preposição "a" introduz um adjunto e não um complemento.

- a) *O Brasil dá Deus a quem não tem nozes, dentes etc.*
- b) *É preciso passar o Brasil a limpo.*
- c) *Um memorando serve não para informar a quem o lê, mas para proteger quem o escreve.*
- d) *Quem é burro pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.*
- e) *O desenvolvimento é uma receita dos economistas para promover os miseráveis a pobres – e, às vezes, vice-versa.*

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA - Na oração "*O Brasil dá Deus a quem não tem nozes, dentes etc.*", o verbo DAR é transitivo direto e indireto. O seu objeto direto é "Deus" e o indireto é "a quem não tem nozes, dentes, etc."

Letra B – CERTA - Na oração "*É preciso passar o Brasil a limpo.*", a locução "a limpo" modifica o verbo "passar", estabelecendo com este uma relação de modo. Trata-se de um adjunto adverbial de modo.

Letra C – ERRADA – No trecho "*...para informar a quem o lê...*", o verbo INFORMAR se apresenta transitivo indireto. O seu objeto indireto é "a quem o lê".

Letra D – ERRADA – No trecho "*...pede a Deus que o mate...*", o verbo PEDIR se apresenta transitivo direto e indireto. O seu objeto direto é "que o mate"; já o indireto, "a Deus".

Letra E – ERRADA – No trecho "*...para promover os miseráveis a pobres...*", o verbo PROMOVER se apresenta transitivo direto e indireto. O seu objeto direto é "os miseráveis"; já o indireto, "a pobres".

Resposta: B

66. FGV - Analista Censitário (IBGE)/2017**ENTREVISTA COM O FÍSICO HOWARD GELLER**

O Brasil passou por um período de racionamento de energia em 2001. Isso pode se repetir? O que pode ser feito para evitar um novo racionamento?

O racionamento foi resultado da política de privatização e desregulamentação que não incentivou suficientemente a construção de novas usinas. O governo também não permitiu que o setor público investisse nessa área. Não planejou nem implementou uma política para o setor. O problema principal foi esse e não tinha uma carência de energia ou da capacidade de fornecê-la, embora o volume de chuvas tenha sido pequeno nos anos anteriores.

No futuro, o desafio será adotar uma política energética que estimule o fornecimento de energia, através de eletricidade ou de combustíveis, a um custo acessível para os consumidores e as empresas, protegendo inclusive o meio ambiente. É preciso levar em conta questões econômicas e sociais. No Brasil, há pelo menos 20 milhões de pessoas que vivem em áreas rurais das regiões Norte e Nordeste, sem acesso à eletricidade. Uma boa política expandiria o fornecimento para essa população.

(Ciência Hoje, maio de 2004 - adaptado)

No texto há um conjunto de termos precedidos da preposição DE; o termo abaixo em que essa preposição tem emprego não exigido por um termo anterior é:

- a) "acionamento de energia";
- b) "construção de novas usinas";
- c) "capacidade de fornecê-la";
- d) "volume de chuvas";
- e) "fornecimento de energia".

RESOLUÇÃO:

Ao questionar qual opção contém um elemento que não requer a preposição DE, a questão dá a entender que todas as opções, com exceção de uma, apresentam complemento.

Sabemos que o complemento nominal está ligado a substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios. No caso específico de estar conectado a substantivos abstratos, o complemento nominal é alvo da ação expressa pelo nome.

Nas letras A, B, C e E, os termos preposicionados são alvo das ações expressas pelos nomes "acionamento", "construção", "capacidade" e "fornecimento", respectivamente. Trata-se de complementos nominais.

Já na letra D, o substantivo "volume" não solicita um complemento. O termo preposicionado "de chuvas" estabelece com o substantivo uma relação de especificação. Trata-se de um adjunto adnominal.

Resposta: D

67. FGV - Agente Censitário (IBGE)/2017

"Maior confronto armado da história da América do Sul, a Guerra do Paraguai é uma página desbotada na memória do povo brasileiro. Passados quase 150 anos das últimas batalhas deste conflito sangrento que envolveu Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, o tema se apegou nos livros didáticos e se restringiu às discussões acadêmicas. Neste livro, fruto de pesquisas históricas rigorosas, mas escrito com o ritmo de uma grande reportagem, o leitor poderá se transportar para o palco dos acontecimentos e acompanhar de perto a grande e trágica aventura que deixou marcas profundas no continente sul-americano e lembranças de momentos difíceis".

(adaptado - A Guerra do Paraguai, Luiz Octávio de Lima)

Entre as ocorrências da preposição "de" sublinhadas nas passagens do texto, aquela em que o emprego dessa preposição é uma exigência de um termo anterior é:

- a) "história da América do Sul";
- b) "Guerra do Paraguai";
- c) "memória do povo brasileiro";
- d) "fruto de pesquisas históricas rigorosas";

e) “lembranças de momentos difíceis”.

RESOLUÇÃO:

Ao questionar qual opção contém um elemento que requer a preposição DE, a questão dá a entender que está em busca de um complemento.

Sabemos que o complemento nominal está ligado a substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios. No caso específico de estar conectado a substantivos abstratos, o complemento nominal é alvo da ação expressa pelo nome.

Nas letras A, B, C e D, os termos preposicionados estabelecem com os nomes relação de tipo, posse ou especificação. Trata-se de ADJUNTOS ADNOMINAIS.

Já na letra E, o termo “de momentos difíceis” é alvo da ação expressa pelo nome “lembranças” - em outras palavras, os momentos tristes são lembrados. Trata-se, pois, de um complemento nominal.

Resposta: E

68. FGV - Agente Censitário (IBGE)/2017

Texto 2

“Imagine reunir um grupo diverso de pessoas toda quinta-feira, durante dez anos, para estudar e treinar visões sobre o trabalho do ator e da arte. Imagine que a pessoa que conduz essa iniciativa o faz por crença no ofício, dedicação de uma vida inteira, com apoios eventuais, mas sem nenhum ressentimento. Para aqueles que miram na arte uma forma de estar na vida, a diretora Celina Sodré é um exemplo a ser mirado. Para outros que olham com desdém a profissão de artista de teatro, é uma possibilidade de mudar de ponto de vista”.

(O Globo, 11/04/2017)

O segmento do **texto 2** em que o emprego da preposição DE – com ou sem contração com o artigo - é resultante da exigência de um termo anterior é:

- a) “um grupo diverso de pessoas”;
- b) “sobre o trabalho do ator”;
- c) “dedicação de uma vida inteira”;
- d) “uma forma de estar na vida”;
- e) “profissão do artista”.

RESOLUÇÃO:

Ao questionar qual opção contém um elemento que requer a preposição DE, a questão dá a entender que está em busca de um complemento.

Sabemos que o complemento nominal está ligado a substantivos abstratos, adjetivos ou advérbios. No caso específico de estar conectado a substantivos abstratos, o complemento nominal é alvo da ação expressa pelo nome.

Na letra A, o termo preposicionado “de pessoas” estabelece uma relação de especificação com o substantivo “grupo”. Trata-se, pois, de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Na letra B, o termo preposicionado “do ator” estabelece uma relação de posse com o substantivo “trabalho”. Trata-se, pois, de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Na letra C, o termo preposicionado “de uma vida inteira” é alvo da ação expressa pelo nome “dedicação” – em outras palavras, uma vida inteira é dedicada. Trata-se, pois, de um COMPLEMENTO NOMINAL.

Na letra D, o termo preposicionado “de estar” estabelece uma relação de especificação com o substantivo “estar”. Trata-se, pois, de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Na letra E, o termo preposicionado “do artista” estabelece uma relação de posse com o substantivo “profissão”. Trata-se, pois, de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Resposta: C

69. FGV - Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas A I (IBGE)/2016

TEXTO

Entre as funções do técnico do IBGE, aparece a de “Executar de acordo com instruções e/ou orientações, as rotinas administrativas necessárias à manutenção da Unidade de Trabalho, desde o recebimento, a organização, a guarda e o encaminhamento de documentos institucionais e de interessados, utilizando os recursos de informática disponibilizados pela Instituição e os sistemas corporativos e federais”.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

No texto há uma série de termos que são complementados por outros; o item abaixo que mostra um complemento seguido do termo que o exige é:

- a) de acordo com instruções / Executar;
- b) à manutenção da Unidade de Trabalho / necessárias;
- c) de informática / recursos;
- d) sistemas corporativos e federais / disponibilizados;
- e) institucionais / documentos.

RESOLUÇÃO:

Letra A – ERRADA – O termo “de acordo com instruções” exerce a função de adjunto adverbial de conformidade.

Letra B – CERTA – O termo “à manutenção da Unidade de Trabalho” exerce a função de complemento nominal de “necessárias”. Note que temos um termo preposicionado associado a um adjetivo.

Letra C – ERRADA – O termo “de informática” exerce a função de adjunto adnominal de “recursos”. Note que temos um termo preposicionado estabelecendo uma relação de especificação com “recursos”.

Letra D – ERRADA – No trecho “... disponibilizados pela Instituição e os sistemas corporativos e federais.”, o termo “sistemas corporativos e federais” exerce a função de agente da passiva.

Letra E – ERRADA – O termo “institucionais” exerce a função de adjunto adnominal de “documentos”, estabelecendo com este uma relação de tipo.

Resposta: B

70. FGV - Assistente Técnico-Administrativo (MPE BA)/2017

Observe a charge abaixo.



Na charge, na frase do representante do restaurante, o primeiro termo devia estar separado por vírgula por ser:

- a) um termo deslocado;
- b) um aposto;
- c) um vocativo;
- d) uma oração antecipada;
- e) um adjunto adverbial.

RESOLUÇÃO:

O termo “Senhores” representa um chamado, uma invocação. Trata-se de um vocativo, sempre isolado por vírgulas na oração em que se insere.

Resposta: C

71. FGV - Analista do Ministério Público (MPE RJ)/Administrativa/2016 (e mais 1 concurso)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades”.

Nesse período, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

- a) concentração de renda;
- b) espaço das cidades;
- c) falta de planejamento;
- d) promoção de políticas;
- e) crescimento das cidades.

RESOLUÇÃO:

Lembremo-nos de que a locução adjetiva estabelece com o substantivo uma relação de posse, tipo ou agente da ação expressa pelo nome. Sintaticamente, a locução adjetiva equivale a um adjunto adnominal. Diferentemente, a junção de preposição e substantivo que estabelece com o nome uma relação de alvo da ação expressa pelo nome não configura uma locução adjetiva. Sintaticamente, temos um complemento nominal.

Analisemos as opções:

Letra A – A expressão “de renda” estabelece com o substantivo “concentração” uma relação de alvo da ação – em outras palavras, renda foi concentrada. Sintaticamente, trata-se de um complemento nominal.

Letra B – A expressão “das cidades ” estabelece com o substantivo “espaço” uma relação de especificação. Sintaticamente, trata-se de um adjunto adnominal.

Letra C – A expressão “de planejamento” estabelece com o substantivo “falta” uma relação de alvo da ação – em outras palavras, faltou planejamento. Sintaticamente, trata-se de um complemento nominal.

Letra D – A expressão “de políticas” estabelece com o substantivo “promoção” uma relação de alvo da ação – em outras palavras, políticas são promovidas. Sintaticamente, trata-se de um complemento nominal.

Letra E – A expressão “das cidades” estabelece com o substantivo “crescimento” uma relação de alvo da ação – em outras palavras, as cidades foram alvo de crescimento. Sintaticamente, trata-se de um complemento nominal.

Dessa forma, a letra B diverge das demais.

Resposta: B

72.FGV - Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental (CGM Niterói)/2018

Leia o segmento a seguir.

“Não se trata de uma referência às fontes murmurantes cantadas por Ary Barroso em sua ‘Aquarela do Brasil’. As fontes em questão são outras, estão atualmente em debate nos meios jornalísticos e legais: o direito de proteger o sigilo das ‘fontes’.

Contrariando a maioria, diria até a unanimidade dos colegas de ofício, sou contra este tipo de sigilo e, sobretudo, contra as fontes em causa.”

No segmento, o termo que funciona como complemento de um termo anterior é:

- a) às fontes murmurantes.

- b) em sua 'Aquarela do Brasil'.
- c) nos meios jornalísticos e legais.
- d) das fontes.
- e) dos colegas de ofício.

RESOLUÇÃO:

Letra A – CERTA – Observe o trecho "Não se trata de uma referência às fontes murmurantes" . Nele, o termo "às fontes murmurantes" está subordinado ao substantivo "referência", estabelecendo com este uma relação de alvo da ação expressa pelo nome. Trata-se, assim, de um COMPLEMENTO NOMINAL.

Letra B – ERRADA – Observe o trecho "...cantadas por Ary Barroso em sua Aquarela do Brasil". Nele, o termo "em sua Aquarela do Brasil" tem valor adverbial de lugar. Trata-se de um ADJUNTO ADVERBIAL.

Letra C – ERRADA – Observe o trecho "... estão atualmente em debate nos meios jornalísticos e legais". Nele, o termo "nos meios jornalísticos e legais" tem valor adverbial de lugar. Trata-se de um ADJUNTO ADVERBIAL.

Letra D – ERRADA – Em "sigilo das fontes", o termo "das fontes" estabelece com o substantivo "sigilo" uma relação de posse. Trata-se de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Letra E – ERRADA – Em "unanimidade dos colegas de ofício", o termo "dos colegas de ofício" estabelece com o substantivo "unanimidade" uma relação de posse. Trata-se de um ADJUNTO ADNOMINAL.

Resposta: A

73. INÉDITA

Observe o seguinte trecho: O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo...

Assinale a opção cujo termo em destaque exerce a mesma função sintática que sublinhado acima.

- a) ... antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico
- b) O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados
- c) A publicidade contemporânea trata com pessoas
- d) Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção
- e) O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas

RESOLUÇÃO:

Há muitas dúvidas entre o adjunto adnominal e o complemento nominal. Uma forma fácil de identificar o primeiro é associá-lo ao agente da ação expressa pelo nome, enquanto que o segundo é o paciente da ação expressa pelo nome.

Assim, em "empréstimo do banco", o termo "do banco" é adjunto adnominal, pois é o banco que empresta (agente, portanto, da ação expressada pelo nome); já em "empréstimo ao banco", o termo "ao banco" é complemento nominal, pois alguém empresta ao banco (paciente, por tanto, da ação expressada pelo nome).

Se o termo preposicionado estiver ligado a substantivo concreto, não haverá dúvidas. Teremos um adjunto adnominal.

Se o termo preposicionado estabelecer com o substantivo uma relação de tipo (quadro *de parede*), material (giz *de cera*) ou posse (casa *do João*), não haverá dúvidas. Teremos um adjunto adnominal.

Se o termo preposicionado estiver ligado a adjetivo (fiel *à profissão*) ou advérbio (favoravelmente *ao projeto*), não haverá dúvidas. Teremos um complemento nominal.

A dúvida justamente ocorre quando o termo preposicionado estiver ligado a substantivo abstrato. Daí entra em cena a distinção comentada anteriormente: o adjunto adnominal é agente da ação expressa pelo nome; o complemento nominal é alvo da ação expressa pelo nome.

Analisando o trecho "O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo...", constata-se que "fascínio" é substantivo abstrato e a ele está ligado o termo preposicionado "por determinados temas científicos". Tal termo é alvo da ação expressa pelo nome (fascinar), o que faz dele um "complemento nominal".

Analisemos agora as alternativas.

Na letra A, o termo preposicionado "de cunho científico" estabelece com o substantivo "informação" uma relação de tipo, o que faz desse termo um ADJUNTO ADNOMINAL.

Na letra C, o termo preposicionado "com pessoas" complementa a forma verbal "trata", o que faz desse termo um OBJETO INDIRETO.

Na letra D, o termo preposicionado "com mais atenção" modifica a forma verbal "tenha observado", estabelecendo com esta uma relação de modo, o que faz desse termo um ADJUNTO ADVERBIAL.

Na letra E, o termo preposicionado "do público" é agente da ação expressa pelo nome "informação", que é "interessar-se". Note que é o público que se interessa (agente), não alguém que se interessa pelo público (paciente). Isso faz desse termo um ADJUNTO ADNOMINAL.

Por fim, na letra B, o termo preposicionado "dos dados apresentados" é alvo da ação expressa pelo nome "confirmação", que é "confirmar". Note que é alguém que está confirmando os dados apresentados (paciente). Isso faz desse termo um COMPLEMENTO NOMINAL.

Resposta: B

74. INÉDITA

Numa manchete de jornal, lia-se a seguinte manchete:

Acusaram o torturador de criminoso.

Do modo como está redigida, pode-se dizer que, nesta frase:

- a) o termo "de criminoso" é ambíguo, pois pode ser tanto predicativo do sujeito quanto adjunto adnominal do nome "torturador".

- b) o termo “de criminoso” é ambíguo, pois pode ser adjunto adverbial de modo ou complemento nominal.
- c) o termo “de criminoso” é ambíguo, pois pode ser adjunto adnominal ou predicativo do sujeito “Eles”.
- d) se posicionarmos “de criminoso” antes de “o torturador”, a ambiguidade seria desfeita.
- e) o termo “de criminoso” é um modificador do verbo “Acusaram” e transmite uma ideia de modo.

RESOLUÇÃO

Analisemos a manchete “Acusaram o torturador de criminoso.”

A análise isolada da manchete, de fato, transmite uma ambiguidade, ou seja, dá margem a mais de uma interpretação possível. Vejamos:

A primeira interpretação sugere que o termo preposicionado “de criminoso” seja um adjunto adnominal, estabelecendo com o substantivo concreto “torturador” uma relação de “tipo” (É um torturador de que tipo? É um torturador de criminoso). Essa interpretação fica bem evidente com a seguinte reescrita:

Acusaram o torturador de criminoso.

= O torturador de criminoso foi acusado.

A segunda interpretação sugere que o termo preposicionado “de criminoso” seja um predicativo do objeto, estabelecendo com o substantivo concreto “torturador” uma relação de “atributo circunstancial ou momentâneo”. Essa interpretação fica bem evidente com a seguinte reescrita:

Acusaram o torturador de criminoso.

= Acusaram de criminoso o torturador.”

Veja que o deslocamento do termo “do criminoso” dá a entender que não se trata de um tipo, mas sim de um atributo circunstancial conferido ao ser.

Analisemos as alternativas:

Letra A – ERRADO – É um detalhe que torna a essa opção errada. Veja que o termo preposicionado “de criminoso” é ambíguo, conforme explicado anteriormente. No entanto, as funções sintáticas assumidas por ele são de adjunto adnominal ou predicativo do OBJETO, e não do sujeito.

O termo “de criminoso” modifica “torturador”, que é complemento (objeto direto) do verbo “Acusaram”.

Letra B – ERRADO – Não há como o termo preposicionado “de criminoso” ser considerado um adjunto adverbial, pois ele se refere a um nome (torturador), e não a um verbo.

Letra C – ERRADO – Não há como o termo “de criminoso” ser predicativo do sujeito, pois ele modifica “torturador”, que é objeto direto da forma verbal “Acusaram”. Além disso, o contexto da frase não nos permite identificar um sujeito, sendo este indeterminado. Trata-se do primeiro caso de indeterminação do sujeito, que consiste em levar a forma verbal para a 3ª pessoa do plural.

Letra D – CERTO – Exatamente. Fazendo a alteração proposta, temos: “Acusaram de criminoso o torturador.”. A ambiguidade é desfeita, pois, como se vê, o termo “de criminoso” atua como um atributo circunstancial de “torturador”, exercendo a função sintática de predicativo do objeto.

Letra E – ERRADO – O termo preposicionado “de criminoso” se refere a um nome (torturador), e não a um verbo. E pode expressar uma ideia de tipo, não de modo.

Resposta: D

75. INÉDITA

Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração:

Os funcionários da fábrica sempre fazem homenagens aos recém-chegados.

- a) Os prazeres da cozinha não têm relação com a longevidade?
- b) O futebol brasileiro me ensinou muitas coisas.
- c) Os professores da Universidade corriqueiramente alegam descaso com a pesquisa.
- d) As promessas dos políticos sempre resultam em críticas dos eleitores.
- e) As respostas do acusado nunca deram margem a dúvidas.

RESOLUÇÃO:

Na frase destacada, temos um período simples, cuja sequência de funções sintáticas são assim identificadas:

Os - **adjunto adnominal**;
funcionários - **núcleo do sujeito**;
da fábrica - **adjunto adnominal**;
sempre - **adjunto adverbial de tempo**;
fazem - **verbo transitivo direto**;
homenagens – **objeto direto**;
aos recém-chegados – **complemento nominal**.

Dessa forma, temos:

Letra A – ERRADO

Os - **adjunto adnominal**;
prazeres - **núcleo do sujeito**;
da cozinha – **complemento nominal**;
não - **adjunto adverbial de negação**;
têm - **verbo transitivo direto**;
relação - **objeto direto**;
com a longevidade - **complemento nominal**.

Letra B - ERRADO

O - adjunto adnominal;

futebol – núcleo do sujeito;

brasileiro - adjunto adnominal;

me – objeto indireto;

ensinou – verbo transitivo direto e indireto;

muitas – adjunto adnominal;

coisas – núcleo do objeto direto.

Letra C – CERTO

Os - adjunto adnominal;

professores - núcleo do sujeito;

da Universidade - adjunto adnominal;

corriqueiramente - adjunto adverbial de tempo;

alegam - verbo transitivo direto;

descaso - objeto direto;

com a pesquisa – complemento nominal.

Letra D - ERRADO

As - adjunto adnominal;

promessas – núcleo do sujeito;

dos políticos - adjunto adnominal;

sempre - adjunto adverbial de tempo;

resultam – verbo transitivo indireto;

em críticas – objeto indireto;

dos eleitores – adjunto adnominal;

Letra E – ERRADO

As - adjunto adnominal;

respostas - núcleo do sujeito;

do acusado – adjunto adnominal;

nunca - adjunto adverbial de tempo;

deram - verbo transitivo direto;

margem – objeto direto;

a dúvidas – **objeto indireto**;

Observação:

Há muitas dúvidas entre o adjunto adnominal e o complemento nominal. Uma forma fácil de identificar o primeiro é associá-lo ao agente da ação expressada pelo nome, enquanto que o segundo é o paciente da ação expressada pelo nome. Assim, em "empréstimo do banco", o termo "do banco" é adjunto adnominal, pois é o banco que empresta (agente, portanto, da ação expressada pelo nome); já em "empréstimo ao banco", o termo "ao banco" é complemento nominal, pois alguém empresta ao banco (paciente, por tanto, da ação expressada pelo nome).

Se o termo preposicionado estiver ligado a substantivo concreto, não haverá dúvidas. Teremos um adjunto adnominal.

Se o termo preposicionado estiver ligado a adjetivo ou advérbio, não haverá dúvidas. Teremos um complemento nominal.

A dúvida justamente ocorre quando o termo preposicionado estiver ligado a substantivo abstrato. Daí entra em cena a distinção comentada anteriormente: o adjunto adnominal é agente da ação expressa pelo nome; o complemento nominal é alvo da ação expressa pelo nome.

Resposta: C

Lista de Questões

1. FCC - Técnico Legislativo (CL DF)/Agente de Polícia Legislativa/2018

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

"A arte popular de uma era é muitas vezes a arte elevada da seguinte", escreveu o professor Alexander Nehamas não muito tempo atrás em defesa da televisão, traçando um paralelo com o desdém de Platão pelo antigo drama grego. Por muito tempo a TV foi considerada o homólogo inferior do cinema: o lugar ao qual recorrer na indústria se você não podia transformar algo em filme. Por um tempo muito longo ela foi também considerada um assunto que não estava à altura do estudo acadêmico. Não é mais assim hoje em dia. Com o drama televisivo granjeando aplausos tanto do público quanto da crítica, parece que a TV está finalmente atravessando sua era de arte elevada e que emergiu da sombra do cinema para sempre.

Cineastas sempre flertaram com a televisão. O flerte do cinema com a nova forma começou com a célebre entrevista coletiva de Roberto Rossellini em 1962 em que ele declarou que o cinema estava morto e que dali em diante faria filmes para a televisão. Hoje esses cineastas poderiam ser vistos como a vanguarda de uma forma que ainda se desenvolvia: a da série de televisão que iria educar e elevar em vez de apenas entreter e vender produtos por meio de anúncios.

Hoje, graças à internet e a novas tecnologias, surgem novos padrões de atenção. O que parece uma transição de uma era da narrativa para outra é não só acompanhado, mas também guiado, por mudanças no comportamento do público.

*(Adaptado de: KALLAS, Christina. **Na sala de roteiristas (Inside the Writer's Room)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016, edição digital)*

Hoje, graças à internet e a novas tecnologias, surgem novos padrões de atenção.

O elemento que, no contexto, possui a mesma função sintática do sublinhado acima encontra-se também sublinhado em:

- a) *Hoje esses cineastas poderiam ser vistos como a vanguarda de uma forma.*
- b) *Com o drama televisivo granjeando aplausos tanto do público quanto da crítica.*
- c) *... em que ele declarou que o cinema estava morto...*
- d) *Cineastas sempre flertaram com a televisão.*
- e) *... em vez de apenas entreter e vender produtos por meio de anúncios.*

2. FCC - Técnico Legislativo (CL DF)/2018

As cirurgias plásticas nunca estiveram tão presentes e ao alcance como agora.

A partir do barateamento dos recursos de reprodução de imagens em grande escala, ocorreu um fenômeno diferente, senão oposto, daquele proposto por Oswald de Andrade e pelo movimento antropofágico de 1928. Da antropofagia criativa, nós, consumidores, passamos para a "iconofagia", a devoração indiscriminada de padrões de uma cultura universal de imagens pasteurizadas e homogeneizadas.

A transformação do corpo em corpo-imagem é alardeada pelos mais diversos aparatos midiáticos como um avanço da medicina estética. Existem inúmeros veículos destinados a mostrar que nosso corpo não corresponde ao modelo imagético vigente e que cada um deve investir tempo e dinheiro para ficar "em forma".

O "corpo ideal" almejado por tantas mulheres (famosas ou não) faz parte de um ideal estético que Umberto Eco denominou "beleza da mídia". Uma beleza "de e para o consumo" (de coisas ou imagens). Portar uma "beleza midiática" não significa ser saudável, mas ter uma imagem moldada para ser exposta.

As diversas possibilidades de tornar o formato dos corpos reais o mais próximo possível da "beleza midiática" são artifícios de uma era iconofágica, de uma era de imagens que valem mais do que os corpos.

Quando milhares de mulheres veem na mídia atributos esculpidos digitalmente, ou encontram nas celebridades exemplos de formatos corporais a serem seguidos, essas imagens não fazem outra coisa senão devorá-las diariamente.

A "beleza midiática", ou seja, tornar-se uma imagem poderosa, arrebatada a mulher de forma avassaladora. Se há uma propriedade inerente às imagens, é sua capacidade de condensar e carregar sentidos, emoções e sentimentos, histórias, anseios, sonhos e projetos. Daí emerge seu enorme poder de captura.

*(Adaptado de: SANCHES, Rodrigo Daniel e BAITELLO Jr, Norval. **Folha de São Paulo.**)*

A "beleza midiática" (...) arrebatada a mulher de forma avassaladora.

No contexto, o verbo que possui o mesmo tipo de complemento daquele da frase acima está sublinhado em:

- a) As cirurgias plásticas nunca estiveram tão presentes...
- b) Daí emerge seu enorme poder de captura.
- c) Se há uma propriedade inerente às imagens...
- d) Existem inúmeros veículos destinados a mostrar que...
- e) ... ocorreu um fenômeno diferente...

3. FCC - EMAE)/2018

Batizada Arlette e sublimada como Fernanda, a atriz carioca moldou – e continua moldando – cada personagem vivida no rádio, no teatro, no cinema e na televisão por 75 anos. Leia abaixo um trecho da entrevista de Fernanda Montenegro à Revistae.

Por viver tantos personagens, o ator não se torna um ser diferente?

– Nós somos estranhos. Porque, o que é que nós somos? Esquizofrênicos? Só não estamos num hospício porque nos aceitam e nos aceitam quando acertamos. É uma vida dupla. Você tem um espetáculo à noite e faz toda sua vida durante o dia, seja ela qual for, uma vida calma, incontestada, desassossegada, e à noite, você tem que dar conta de outra esfera. Ninguém te obriga a ir [trabalhar]. Nem quando você passa pela perda de um amor. A gente até acha que aquele amor teria gostado se você fosse lá fazer seu espetáculo. Ítalo Rossi perdeu um irmão num desastre e fez o espetáculo da noite. Estou contando um caso extremo, mas isso acontece.

Em casos como esse dá para guardar as emoções?

– A gente não guarda emoção. A gente vai [trabalhar] com o que acontece, com o que bate na hora. Cada plateia provoca outro estágio no espetáculo. Tem sempre alguma coisa [que muda] porque é tudo muito sutil, embora você faça sempre o “mesmo” gestual. É algo imponderável e inexplicável. Porque é o seguinte, não é só uma pessoa, um elenco e a plateia. Ali tem que haver uma comunhão. Porque às vezes um ator está de um lado do palco, outro ator está do outro lado, eles se olham e dizem: “Hoje não vai sair como a gente quer”. É uma energia cósmica. Mas nunca é exatamente a mesma coisa. Não é. Tanto que às vezes uma pessoa vai ver o espetáculo e se apaixona, mas um amigo vai ver e não gosta, não entrosou, não comungou, entendeu? Não deveria haver uma luta para conquistar a plateia, mas provocar fascínio e buscar uma comunhão.

O que significa esse ofício de atriz?

– É como se fosse um ato religioso: você entra no teatro e espera começar. Já estão todos sentados? Já está na hora? Aí, faz-se alguma coisa: toca-se uma campainha, uma luz muda, os atores entram mesmo com a luz... Ou seja, tem um início. Aí você fica diante de um ser humano. É como uma missa. O que é o padre? Um ator. Ele está ali paramentado, num cerimonial religioso. Se é Páscoa, é uma cor, se é Semana Santa ou Natal, são outras cores. Se fala um texto, não deixa de ser um auto medieval, e as pessoas ficam ali. Acho que, no fundo, tudo na vida é um teatro. Já falava o Velho Bardo [William Shakespeare]: para cada pessoa, você se apresenta, mesmo que um pouquinho, de maneira diferente. Às vezes até a cada hora do dia, até para você mesmo. Quem é a gente?

(Adaptado de: Revistae, São Paulo, Sesc, jul. 2018.)

O segmento sublinhado em **Ali tem que haver uma comunhão** possui a mesma função que o sublinhado em:

- a) Porque às vezes um ator está de um lado do palco...
- b) Se fala um texto, não deixa de ser um auto medieval...
- c) Aí, faz-se alguma coisa...
- d) Aí você fica diante de um ser humano.
- e) A gente até acha que aquele amor teria gostado...

4. FCC - Técnico Judiciário (TRT 6ª Região)/2018

O jornalismo pode ser qualificado, embora com certo exagero, como um mal necessário. É um mal porque todo relato jornalístico tende ao provisório. Mesmo quando estamos preparados para abordar os assuntos sobre os quais escrevemos, é próprio do jornalismo apreender os fatos às pressas. A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande.

O próprio instrumento utilizado é suspeito. Diferente da notação matemática, que é neutra e exata, a linguagem se presta a vieses de todo tipo, na maior parte inconscientes, que refletem visões de mundo de quem escreve. Eles interagem com os vieses de quem lê, de forma que, se são incomuns textos de fato isentos, mais raro ainda que sejam reconhecidos como tais.

Pertencemos a uma geração que não se conformava com as debilidades do relato jornalístico. O objetivo daquela geração, realizado apenas em parte, era estabelecer que o jornalismo, apesar de suas severas limitações, é uma forma legítima de conhecimento sobre o nível mais imediato da realidade.

O que nos remete à questão do início; sendo um mal, por que necessário? Por dois motivos. Ao disseminar notícias e opiniões, a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas para um exercício mais consciente da cidadania. Thomas Jefferson pretendia que o bom jornalismo fosse a escola na qual os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia.

O outro motivo é que os veículos, desde que comprometidos com o debate dos problemas públicos, servem como arena de ideias e soluções. O livre funcionamento das várias formas de imprensa, mesmo as sectárias e as de má qualidade, corresponde em seu conjunto à respiração mental da sociedade.

Entretanto, o jornalismo dito de qualidade sempre foi objeto de uma minoria. A maioria das pessoas está de tal maneira consumida por seus dramas e divertimentos pessoais que sobra pouca atenção para o que é público. Desde quando os tabloides eram o principal veículo de massas, passando pela televisão e pela internet, vastas porções de jornalismo recreativo vêm sendo servidas à maioria.

O jornalismo de verdade, que apura, investiga e debate, é sempre elitista. Está voltado não a uma elite econômica, mas a uma aristocracia do espírito. São líderes comunitários, professores, empresários, políticos, sindicalistas, cientistas, artistas. Pessoas voltadas ao coletivo.

A influência desse tipo de jornalismo sempre foi, assim, mediada. Desde que se tornou hegemônico, nos anos 1960-70, o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa. Algo parecido ocorre agora com as redes sociais.

A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise. O paradoxo deste período é que, no mesmo passo em que as bases materiais do jornalismo profissional deslizam, sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet, conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior.

(Adaptado de: FILHO, Otavio Frias. Disponível em: www.folha.uol.com.br)

No contexto, os elementos sublinhados que apresentam a mesma função sintática se encontram em:

- a) o jornalismo televisivo se faz pautar pela imprensa // os eleitores haveriam de aprender a exercer a democracia
- b) A chance de erro, sobretudo de imprecisões, é grande // sua capacidade de atingir mais leitores se multiplica na internet

- c) O jornalismo de verdade (...) é sempre elitista // os veículos (...) servem como arena de ideias e soluções
- d) O que nos remete à questão do início // a prática jornalística municia seus leitores de ferramentas
- e) conforme se torna visível a perspectiva de universalizar o ensino superior // A imprensa, que vive de cobrir crises, sempre esteve em crise

5. FCC - Técnico Legislativo (ALESE)/2018

Atenção: Para responder à questão, considere o texto abaixo.

Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal no pavilhão de uma Bienal. O almofadinha, vestindo pulôver escuro com gola rolê, cita autores como Nietzsche e Méliès, entre outros, para compor um discurso afetado e vazio por meio do qual definia uma suposta obra de arte. É o velho clichê do crítico intelectual.

Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti: a dos melhores romances, contos, crônicas e poesia, na opinião dos leitores.

O prêmio da Escolha do Leitor foi anunciado em tom de inovação democrática. O mesmo argumento tem sustentado algumas das estratégias de mercado draconianas de grandes corporações de internet. Afinal, dá-se voz ao leitor, que agora pode pôr em xeque decisões arbitrárias de um punhado de críticos que não representam a opinião da maioria.

Nesse sentido, a Escolha do Leitor menos inova do que aperfeiçoa uma tendência que já coroava as edições anteriores do prêmio: o Livro do Ano. Escolhido pelos livreiros, ele contempla os títulos com mais chances de corresponder às expectativas do mercado, muitas vezes contrariando os resultados das categorias literárias.

A principal ressalva à inovação democrática do Jabuti, entretanto, é que já existe um prêmio do leitor. Ele se chama lista dos mais vendidos e é outorgado no mundo inteiro. É claro que há diferenças. A favor da nova categoria, deve-se dizer que o leitor elegerá títulos apenas entre os finalistas. Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado sem exonerar a crítica.

Mas, então, por que prêmios literários prestigiados mundo afora ignoram a opinião da maioria? A resposta é simples. A despeito de seus eventuais equívocos (e não são poucos), os prêmios literários não foram criados para corresponder a critérios objetivos de mercado.

Os prêmios literários são asserções (com frequência, inerciais; às vezes, justas e corajosas – e a coragem não costuma ser fruto do consenso) sobre o que um grupo de pessoas, selecionadas por motivos nem sempre claros ou acertados, acredita que deve ser defendido em termos de subjetividade e exceção.

Ao atribuir o prêmio de literatura a Bob Dylan, por exemplo, o Nobel tomou uma decisão idiossincrática, mas que exalta o que há de subjetivo tanto em escrever como em ler e premiar literatura.

Ao contrário, exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário das grandes corporações de internet. É o que torna tanto mais curioso que um dos poucos prêmios literários brasileiros de prestígio tenha incorporado a lógica pleonástica dos algoritmos que estruturam a rede (o que mais se lê também é cada vez mais lido). Não é mais uma perspectiva subjetiva, mas sim uma forma de endossar a premissa de que não se deve contrariar o gosto do "leitor" (seja ele quem for, de preferência uma média que represente muitos).

Hoje, mais do que nunca, soa antipático e antidemocrático pôr em dúvida essa ideia generalizada de leitor. Mas fazer o indivíduo acreditar que não precisa se esforçar para entender o que lhe escapa ou o que o contraria (como

propõe a propaganda da Bienal) tem menos a ver com o respeito pela formação de um leitor ou um espectador autônomo, reflexivo, do que com a sua redução a potencial de lucro e com o estreitamento correlato de seus horizontes intelectuais e subjetivos.

(Adaptado de: CARVALHO, Bernardo. "A opinião dos leitores e a crítica". Disponível em: folha.uol.com.br. Acesso em: 10/3/2018)

Vi a propaganda no mesmo dia em que a Câmara Brasileira do Livro e a Amazon anunciaram uma nova categoria do prêmio Jabuti... (2º parágrafo)

No contexto, possui a mesma função sintática que o elemento sublinhado acima o que está também sublinhado em:

- a) *Ou seja, pela via do meio, o novo prêmio atenderia ao mercado...*
- b) *Os prêmios literários são asserções...*
- c) *exceção e subjetividade não fazem parte do vocabulário...*
- d) *É claro que há diferenças.*
- e) *Um filme publicitário traz um ator interpretando um boçal...*

6. FCC - Auditor Público Externo (TCE-RS)/2018

Ao Estado, a realidade mais ativa da estrutura social, coube o papel de intermediar o impacto estrangeiro, reduzindo-o à temperatura e à velocidade nativas.

Considerando a estrutura sintática da frase acima, é correto afirmar:

- a) O sujeito da frase em que está presente o verbo "caber" é o Estado.
- b) O segmento ***de intermediar o impacto estrangeiro*** exerce a função de objeto indireto.
- c) O segmento ***o impacto estrangeiro*** e o pronome, em ***reduzindo-o***, exercem a mesma função sintática, nas orações de que fazem parte.
- d) Os segmentos ***mais ativa*** e ***da estrutura social*** exercem, ambos, a função sintática de adjuntos adnominais.
- e) No segmento ***à temperatura e à velocidade nativas***, o único adjunto adnominal presente é nativas.

7. FCC - Consultor Legislativo (CL DF)/Constituição e Justiça/2018

Atenção: Para responder à questão, baseie-se no texto abaixo.

[Gestos e palavras]

Uma vez eu estava em Londres numa sala comum da classe média inglesa: a lareira acesa, todo mundo com sua taça de chá, a família imersa naquela naturalidade (chega a parecer representação) com que os ingleses aceitam a vida. Os ingleses, diz o poeta Pessoa, nasceram para existir!

A certa altura um garoto de uns dez anos começou a contar uma história de rua, animou-se e começou a gesticular. Só comecei a perceber o que se passava quando notei que aquele doce sorriso mecânico, estampado em cada rosto de todas as pessoas da família, sumiu de repente, como se uma queda de voltagem interior houvesse afetado o sorriso coletivo. Olhos de avó, mãe, tias e tios concentraram-se em silêncio sobre o menino que continuava a

narrativa com uma inocência maravilhosa. Diante disso, uma das senhoras falou para ele com uma voz sem inflexões: "Desde quando a gente precisa usar as mãos para conversar?"

Vi deliciado o garoto recolher as mãos e se esforçar para transmitir o seu conto com o auxílio exclusivo das palavras. O sorriso de todos iluminou de novo a sala: a educação britânica estava salva.

Imaginemos um garoto italiano de dez anos que fosse coarctado* pela família em seus gestos meridionais. Seria uma crueldade, uma afetação pedagógica, uma amputação social. Daí cheguei à conclusão óbvia: os ingleses educam os filhos para que eles venham a ser ingleses, os italianos, para que venham a ser italianos.

*Coarctar: reduzir-se a limites mais estritos; restringir, estreitar

(CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 209-210)

Ambos os elementos sublinhados exemplificam uma mesma função sintática em:

- a) Vi deliciado o garoto recolher as mãos.
- b) Os ingleses, diz o poeta, nasceram para existir.
- c) O sorriso de todos iluminou de novo a sala.
- d) O menino continuava a narrativa com uma inocência maravilhosa.
- e) Aquele doce sorriso mecânico sumiu de repente.

8. FCC - Analista Executivo (SEGEP MA)/Administrador/2018

Agitador cultural, artista plástico, cenógrafo, jornalista, analista geopolítico, escritor, arquiteto e **engenheiro de formação**, Flávio de Carvalho (1899-1973), **figura excêntrica ou mesmo marginal** na história da modernidade artística brasileira, tem sido retomado nos últimos anos, como atestam recentes publicações e exposições acerca de seus trabalhos.

Conhecido mais por suas pinturas e por suas polêmicas experiências artísticas, pouco se fala de sua produção no campo da arquitetura. Após concluir o curso superior em Engenharia Civil em Newcastle, norte da Inglaterra, Flávio retornou ao Brasil em 1922 e passou a trabalhar no escritório Ramos de Azevedo até 1926, quando abriu seu próprio escritório no centro da cidade de São Paulo.

Se foi Gregori Warchavchick (1896-1972) quem publicou no Brasil o primeiro manifesto a favor da arquitetura moderna, em 1925, Flávio de Carvalho é quem realiza, em 1927, aquele que é considerado o primeiro projeto de arquitetura moderna no país. Sob o pseudônimo de Eficácia, o projeto excêntrico é feito para o concurso do Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Embora derrotado, seu trabalho gera polêmica e produz discussões, ao apresentar inovações estilísticas e estéticas para o período, rendendo três artigos de Mário de Andrade com elogios e críticas, publicados no jornal *Diário Nacional*.

Seus projetos de arquitetura moderna, entretanto, só se concretizaram quando realizados em terras da família e construídos com verbas próprias. Em 1936, iniciou a construção da Vila Modernista, concluída em 1938: um conjunto de 17 casas de aluguel localizadas no atual bairro Jardim Paulista (São Paulo-SP), na esquina da Alameda Lorena com a Rua Rocha de Azevedo. Elas vinham com uma "bula", folheto informativo explicando os modos de uso que potencializariam sua habitação, que destacava: "Casas frias no verão e quentes no inverno".

Em 1938, Flávio de Carvalho construiu a **Casa Modernista da Fazenda Capuava**, na cidade de Valinhos–SP. De acordo com Flávio, em entrevista concedida a Dulce Carneiro, sua casa é concebida "(...) dentro de uma visão poética, é produto de pura imaginação, tentando criar **uma maneira ideal de viver**".

Com a conclusão da casa, Flávio passou a viver nela, que além de moradia funcionava como ateliê, onde vivenciava sua maneira ideal de viver. A casa era "(...) um misto de templo e aeronave, (...) uma aposta na continuidade do fazer artístico no espaço da existência (...). A reunião de materiais improváveis como o alumínio e a madeira, a **escala dos espaços**, a preocupação com detalhes como o tipo e a forma das maçanetas e armários, a policromia dos tetos, paredes e colunas, a conexão entre portas e janelas nas quinas de alguns cômodos, a integração entre espaços internos e externos, o paisagismo, enfim, a totalidade arquitetônica foi dimensionada cuidadosamente por Flávio de Carvalho. Mais do que **uma máquina de morar**, ele conseguiu um ninho ao mesmo tempo primitivo e futurista".

(Adaptado de: STEVOLO, Pedro Luiz, "A Casa Modernista de Flávio de Carvalho". Disponível em: www.revistas.usp.br)

O segmento de mesma função sintática que **engenheiro de formação** encontra-se em:

- a) figura excêntrica ou mesmo marginal
- b) a Casa Modernista da Fazenda Capuava
- c) a escala dos espaços
- d) uma maneira ideal de viver
- e) uma máquina de morar

9. FCC - Assistente Administrativo (SEAD AP)/2018

Contar histórias é o antecedente remoto da literatura, da história, das religiões e talvez, indiretamente, a locomotiva do progresso. A oralidade contribuiu de maneira decisiva para impulsionar a civilização da época das pinturas rupestres até a viagem dos homens às estrelas. Oralidade quer dizer pré-literatura, aquela que existia apenas graças à voz humana, antes que aparecesse a escrita.

Os contos, as histórias inventadas, davam mais vida aos nossos ancestrais, tiravam homens e mulheres das prisões asfixiantes que eram suas vidas e os faziam viajar pelo espaço e pelo tempo e viver as vidas que não tinham nem nunca teriam em sua miúda e sucinta realidade. Sairmos de nós mesmos, sermos outros, graças à fantasia, nos entretém e enriquece. Mas, além disso, nos ensina como é pequeno o mundo real comparado com os mundos que somos capazes de fantasiar, e deste modo nos incita a agir para transformar nossos sonhos em realidade. O progresso nasceu assim, da insatisfação e do mal-estar com o mundo real que inspirava nos humanos a mesma ficção que os deleitava.

As histórias que inventamos constituem a vida secreta de todas as sociedades, aquela dimensão da existência que, embora nunca tenha tido chance de se realizar, foi de alguma forma vivida pelos seres humanos, na incerta realidade dos desejos, fantasias, pesadelos e invenções, de toda essa projeção da vida que não tivemos e por isso devemos inventá-la. Ela existiu sempre na memória das gentes, **mas só a escrita a fixou** e lhe deu permanência, muitos séculos depois de que nascesse, ao redor das fogueiras, quando nossos antepassados contavam-se histórias à noite para esquecer o medo do trovão, as aparições e os milhares de perigos que os espreitavam em qualquer parte.

(Adaptado de VARGAS LLOSA, Mario. Disponível em: www.brasil.elpais.com)

... mas só a escrita a fixou...

O elemento sublinhado acima possui, no contexto, a mesma função sintática do que está também sublinhado em:

- a) Contar histórias é o antecedente remoto da literatura...
- b) ...inspirava nos humanos a mesma ficção...
- c) ... as vidas que não tinham nem nunca teriam em sua miúda e sucinta realidade.
- d) ... e os faziam viajar pelo espaço...
- e) A oralidade contribuiu de maneira decisiva...

10. FCC - Analista em Gestão (DPE AM)/Especializado de Defensoria/Ciências Contábeis/2018

As crianças gostam de brincadeiras que sejam imitativas e repetitivas, mas, ao mesmo tempo, inovadoras. Firmam-se no que lhes é conhecido e seguro, e exploram o que é novo e nunca foi experimentado.

O termo “arremedo” pode implicar algum grau de intenção, mas imitar, ecoar ou reproduzir são propensões psicológicas (e até fisiológicas) universais que vemos em todo ser humano e em muitos animais.

Merlin Donald, em Origens do pensamento moderno, faz uma distinção entre arremedo, imitação e mimese: o arremedo é literal, uma tentativa de produzir uma duplicata o mais exata possível.

A imitação não é tão literal quanto o arremedo. A mimese adiciona uma dimensão representativa à imitação. Em geral, incorpora o arremedo e a imitação a um fim superior, o de reencenar e representar um evento ou relação. O arremedo, segundo Donald, é visto em muitos animais; a imitação, em macacos e grandes primatas não humanos; a mimese, apenas no ser humano. A imitação, que tem um papel fundamental nas artes cênicas, onde a prática, a repetição e o ensaio incessantes são imprescindíveis, também é importante na pintura e na composição musical e escrita. Todos os artistas jovens buscam modelos durante os anos de aprendizado. Nesse sentido, toda arte começa como “derivada”: é fortemente influenciada pelos modelos admirados e emulados, ou até diretamente imitados ou parafraseados.

Mas por que, de cada cem jovens músicos talentosos ou de cada cem jovens cientistas brilhantes, apenas um punhado irá produzir composições musicais memoráveis ou fazer descobertas científicas fundamentais? Será que a maioria desses jovens, apesar de seus dons, carece de alguma centelha criativa adicional? Será que lhes faltam características que talvez sejam essenciais para a realização criativa, por exemplo, audácia, confiança, pensamento independente?

A criatividade envolve não só anos de preparação e treinamento conscientes, mas também de preparação inconsciente. Esse período de incubação é essencial para permitir que o subconsciente assimile e incorpore influências, que as reorganize em algo pessoal. Na abertura de Rienzi, de Wagner, quase podemos identificar todo esse processo. Há ecos, imitações, paráfrases de Rossini, Schumann e outros – as influências musicais de seu aprendizado. E então, de súbito, ouvimos a voz de Wagner: potente, extraordinária (ainda que horrível, na minha opinião), uma voz genial, sem precedentes.

Todos nós, em algum grau, fazemos empréstimos de terceiros, da cultura à nossa volta. As ideias estão no ar, e nos apropriamos, muitas vezes sem perceber, de frases e da linguagem da época. A própria língua é

emprestada: não a inventamos. Nós a descobrimos, ainda que possamos usá-la e interpretá-la de modos muito individuais. O que está em questão não é “emprestar” ou “imitar”, ser “derivado”, ser “influenciado”, e sim o que se faz com aquilo que é tomado de empréstimo.

(Adaptado de: SACKS, Oliver. O rio da consciência. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 2017, ed. digital)

Será que lhes faltam características (5º parágrafo)

O segmento que exerce a mesma função sintática do sublinhado acima está também sublinhado em:

- a) As ideias estão no ar.
- b) A mimese adiciona uma dimensão representativa à imitação.
- c) que as reorganize em algo pessoal.
- d) Há ecos, imitações, paráfrases de Rossini.
- e) A criatividade envolve não só anos de preparação e treinamento.

11.FCC - Analista Jurídico de Defensoria (DPE AM)/Ciências Jurídicas/2018

Mediação e conciliação

Um dos sentidos do vocábulo **mediação**, no dicionário Houaiss, é a ação de servir como intermediário. Já o vocábulo **conciliação**, no mesmo dicionário, é ação de apaziguar, pacificar, harmonizar. Não são, portanto, sinônimos.

A conciliação exerce, em geral, a função retórica de aplainar ou mesmo recusar as diferenças que caracterizam lados opostos de uma mesma questão. Com isso, tenta-se canhestramente aglutinar possíveis semelhanças, o mais das vezes superficiais, e evita se enfrentar a contradição principal entre os contendores. A mediação, ao contrário, não cria uma posição eclética ou confusa, mas constrói um ponto estratégico para se avaliar criticamente as diferenças em jogo.

(Adaptado de: BOSI, Alfredo. “Mediação não é conciliação”. São Paulo: Revista Estudos Avançados – USP, n. 90, 2017, p. 341)

Ambos os elementos sublinhados constituem exemplos de uma mesma função sintática na frase:

- a) A mediação e a conciliação são termos por vezes empregados sem qualquer critério.
- b) O autor do texto considera eminentemente retórica a função da conciliação.
- c) É bizarra, por vezes, a tentativa de conciliar posições inteiramente antagônicas.
- d) O mediador parece estar sempre mais apto a compreender o que divide as opiniões.
- e) Os conciliadores tendem a suprimir ou ocultar as diferenças, ao examinarem posições opostas.

12. FCC - Analista Judiciário (TRT 6ª Região)/2018

Leia com atenção o texto seguinte para responder à questão abaixo. Trata-se de uma apresentação que faz o escritor José Castello a um livro que escreveu em homenagem ao cronista Rubem Braga.

Uma entrevista sincera

Quando morreu Rubem Braga, nosso maior cronista, a parte mais importante de sua vida sobreviveu guardada nas mais de 15 mil crônicas que ele escreveu em 62 anos de atividade jornalística. Tomei então uma decisão: resolvi usar as crônicas como se fossem uma longa e sincera entrevista que Braga tivesse me concedido antes de morrer. A maior parte dos relatos deste livro não tem a pretensão de ser uma reconstituição fiel dos fatos, mas apenas sua evocação.

A maioria absoluta das descrições e dos diálogos deve ser lida, apenas, como uma recriação. A crônica foi, para ele, um gênero eminentemente confessional, e os fatos, nada mais do que os fatos, sua matéria-prima. Mas, ao ler seus escritos, logo se percebe que essas toneladas de acontecimentos estão cimentadas pela força do lirismo e de vasta imaginação, ou simplesmente desmoronariam. Em outras palavras: sem a capacidade de sonhar, os fatos não subsistem e se tornam pó. Só a mentira bem dita é capaz de moldar a verdade perdida.

Este livro não pretende ser uma biografia clássica de Rubem Braga, mas apenas um retrato minimalista de um dos maiores escritores que o Brasil já teve, que nos ensinou que vidas não são feitas apenas de fatos, mas sobretudo do modo como os torneamos. Não basta viver, é preciso dar sentido ao viver, ou tudo se evapora.

(CASTELLO, José. Na cobertura de Rubem Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996, p.9-10)

São exemplos de uma mesma função sintática os elementos sublinhados no segmento:

- a) Sua vida sobreviveu guardada nas mais de 15 mil crônicas.
- b) Resolvi usar as crônicas como se fossem uma longa entrevista que Braga tivesse me concedido.
- c) Grande parte dos relatos do livro não tem a pretensão de ser uma reconstituição fiel dos fatos.
- d) Toneladas de acontecimentos estão cimentadas pela força do lirismo.
- e) A vida não basta, é preciso dar sentido ao viver, ou tudo se evapora.

13. FCC – CLDF/2018

Observando-se a construção da frase **Não creio que se deve propriamente lamentar esse vazio nos textos da Lei Maior**, é correto afirmar que

- a) a oração **Não creio** tem por sujeito a oração subsequente.
- b) no caso de substituição da forma **Não creio** por **Não é crível**, o sujeito manter-se-á o mesmo.
- c) os termos **nos textos e da Lei Maior** são complementos verbais.
- d) no caso de substituição de **Não creio** por **Não tenho a convicção**, a regência seguinte passará a ser nominal.
- e) uma forma da voz ativa equivalente a **que se deve propriamente lamentar** é **que deve ser propriamente lamentado**.

14. FCC - SABESP/2018

Casos de malária crescem 50% e põem Região Norte do país em alerta

Depois de sete anos de queda, o número de casos de malária avançou 50% no último ano e tem gerado alerta na região Norte e em alguns outros estados do país.

Dados contabilizados pelo Ministério da Saúde e obtidos pela Folha apontam 194 mil registros em todo o ano de 2017 – um aumento de 50% em relação ao ano anterior.

Em 2016, para efeito de comparação, o país chegou a alcançar o menor número de casos já registrado nos últimos 37 anos: 129 mil.

Em 2017, dados de janeiro, ainda preliminares, apontam que o avanço continua: são 17 mil confirmações.

Desse total, 99% são em estados da região amazônica, que é endêmica para a doença, em especial Amazonas, Acre e Pará. O número de mortes ainda não foi atualizado. Foram 11, de janeiro a maio de 2017, o que não permite comparações com todo o ano de 2016.

A doença, causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito *Anopheles*, ocorre em regiões rurais e acomete principalmente populações mais vulneráveis, em locais com más condições de saneamento e invasões em áreas de mata, por exemplo. Entre os registros, também cresceram casos de malária falciparum, nome dado à forma da doença causada pelo protozoário *Plasmodium Falciparum*, que é mais grave.

(Adaptado de: CANCIAN, Natália. Disponível em: www.folha.uol.com.br)

A doença, causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito Anopheles, ocorre em regiões rurais... (último parágrafo)

Identifica-se circunstância de lugar no seguinte segmento do trecho:

- a) pela fêmea
- b) A doença
- c) em regiões rurais
- d) por protozoários
- e) mosquito

15. FCC - Ana Gest/SABESP/2018

O último livro de Achille Mbembe intitula-se **Crítica da Razão Negra**. Como define “razão negra”? O que chamamos de “Negro” é uma invenção do capitalismo à época em que esse sistema econômico e essa forma de exploração da natureza e dos seres humanos foi posta em prática à beira do Oceano Atlântico, no século XV. Neste contexto, “Negro” é a definição de uma humanidade que se presume não ser só uma, ou, sendo apenas uma, não pode ser nada mais do que uma coisa, um objeto, uma mercadoria. A “razão negra” reflete o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objeto, homem-mercadoria, homem-coisa, como deve ser tratado, governado, em que condições se deve pô-lo a trabalhar e como tirar proveito dele. Depois, a “razão negra” designa a retomada do discurso daqueles que foram “catalogados” (Africanos, Antilhanos, Afro-Americanos, Afro-Caribenhos) e que devolvem e endossam essa responsabilidade aos responsáveis por este

“fabricao”, buscando a reafirmação da sua humanidade plena e inteira. Logo após o 11 de Setembro, o mundo entrou numa fase muito particular, a que poderíamos chamar de estado de “exceção”.

Está hoje presente, segundo defende, uma espécie de “racismo sem raça” que mobiliza a religião e a cultura no quadro da luta contra o terrorismo. Pode aprofundar esta questão? Depois do 11 de Setembro, o mundo entrou num momento muito específico, que pode ser chamado de “estado de sítio”: uma série de garantias jurídicas fundamentais que permitiam assegurar a nossa segurança e a nossa liberdade foi posta em causa, de forma explícita ou indireta. A exceção tornou-se norma. A detenção de pessoas que supõem tratar-se de inimigos vulgarizou-se, as prisões sem julgamento também, a tortura com o objetivo de extrair à força informações e a submissão das populações de todo o mundo a sistemas de vigilância sem contrapontos legais tornaram-se comuns. Tudo isso resulta numa “rebalcanização” do mundo sobre um fundo de duas formas obscuras de desejo que afligem as sociedades contemporâneas: o apartheid (cada um quer viver apenas com os seus) e o sonho, funesto no meu ponto de vista, de uma comunidade sem estrangeiros.

O presidente francês, François Hollande ensaiou a ideia de retirar a palavra “raça” da constituição francesa para lutar contra o racismo. Como encara esta atitude? Absolutamente inacreditável! Porque isso pressupõe que se nos confrontamos com um problema, basta eliminar o vocábulo que o define. Se os países africanos suprimirem a palavra “pobreza”, ela desaparece? Há qualquer coisa de estranho neste tipo de raciocínio. Creio que o presidente faria melhor se refletisse sobre as novas formas de racismo em França e buscasse métodos para as combater.

O que pensa dos que denunciam um aumento do racismo antibranco? (Risos) Não devemos brincar. Não quero dizer que os não brancos não são capazes de atitudes racistas. Porém, o racismo tal como se desenvolveu no mundo moderno, implica a existência de mecanismos institucionais coercivos na atribuição de uma identidade. Neste momento, na correlação de forças mundial, desculpe, mas o mundo africano em particular não dispõe de recursos suscetíveis de estigmatizar pessoas de origem europeia.

(Adaptado de: Entrevista de Achille Mbembe a Séverine Kodjo-Grandvaux. Trad. de C.F., Novo Jornal, 17 jan. 2014, p. 7)

Em **Há qualquer coisa de estranho neste tipo de raciocínio (3º parágrafo)**, o segmento em destaque tem função sintática equivalente ao que se encontra sublinhado em:

- a) sendo apenas uma, não pode ser nada mais do que uma coisa
- b) a retomada do discurso daqueles que foram “catalogados”
- c) garantias jurídicas fundamentais que permitiam assegurar
- d) o conjunto de discursos que afirmam quem é este homem-objeto
- e) Creio que o presidente faria melhor

16. FCC - Tec Prev - SEGEF MA/2018**Na guerra dos provérbios**

Os provérbios – pitadas de sabedoria popular – brigam muito entre si. Podem ser inteiramente contraditórios. “Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém”, diz um, elogiando a sábia prudência. Mas outro diz: “Quem não arrisca não petisca”, louvando a ousadia corajosa. Num dicionário de provérbios, a coisa mais fácil é encontrar disparidades de julgamento. E o que significa essa falta de consenso?

Certamente não significa falta de sabedoria: os provérbios nascem de lições que ficam de experiências várias, vividas em sua verdade. Tudo está em saber o momento de aproveitá-los, de entender a situação a que cada um se ajusta, o momento em que um ganha plena validade. No conjunto, eles refletem situações díspares, vividas por personalidades distintas e em atendimento aos mais variados interesses.

Ao longo da vida, sentimos que muita coisa tem valor momentâneo. Os provérbios não fogem a essa realidade. Com o acúmulo de experiências, situações parecidas podem e devem ser enfrentadas de modo a aproveitar a particularidade de cada circunstância. A prudência de um velho pode não ficar bem num jovem, assim como o roubo juvenil se casa mal com a velhice. Os provérbios, nas diferentes idades da História e de cada ser humano, sabem adequar-se às nossas necessidades. O mais difícil é equacionar uma específica necessidade com o modo próprio de atendê-la.

A cada momento cabe um provérbio justo. A nós, cabe uma escolha.

(Ernani Frutuoso da Veiga, inédito)

Os termos sublinhados são exemplos de uma **mesma função sintática** nesta frase de redação inteiramente correta:

- a) Dos provérbios só tiram lições aqueles que sabem aproveitá-los.
- b) Que a nenhum de nós ocorram achar que os provérbios valem para todas as situações.
- c) O valor momentâneo dos provérbios costumam decorrer da diversidade de situações.
- d) Ilustrou-se no texto, a possibilidade de haver sentidos contrários entre provérbios.
- e) Aos mais sábios, um provérbio os oferece lições que não se esgotam em si mesmas.

17. FCC - AJ TRT15/ 2018

- 1. Sem grande aviso, o mundo digital está mudando em suas bases. O que um dia foi um meio anônimo transformou-se numa ferramenta dedicada a analisar dados pessoais.
- 2. Grande parte das pessoas imaginam que, ao procurar um termo na internet, todos obteremos os mesmos resultados. No entanto, hoje isso já não é verdade. Agora, obtemos o resultado que um filtro personalizado sugere ser melhor para cada usuário específico.
- 3. Durante algum tempo, parecia que a internet iria redemocratizar a sociedade. “Jornalistas cidadãos” iriam reconstruir os meios de comunicação. Os governos locais se tornariam mais transparentes. Contudo, esses tempos de conectividade cívica com os quais eu tanto sonhava ainda não chegaram.

4. A democracia exige que os cidadãos enxerguem as coisas pelo ponto de vista dos outros; em vez disso, estamos cada vez mais fechados em nossas próprias bolhas. A democracia exige que nos baseemos em fatos compartilhados; no entanto, estão nos oferecendo universos distintos e paralelos.
5. Naturalmente, há boas razões para que os filtros personalizados sejam tão fascinantes. Somos sobrecarregados por uma torrente de informações. Eric Schmidt costuma ressaltar que, se gravássemos toda a comunicação humana desde o início dos tempos até 2003, precisaríamos de 5 bilhões de gigabytes para armazená-la. Agora, criamos essa mesma quantidade de dados a cada dois dias.
6. Tudo isso levará ao colapso da atenção. Somos cada vez mais incapazes de processar tanta informação. Nossa concentração se desvia da mensagem de texto para as principais notícias e daí para o e-mail. A tarefa de examinar essa torrente cada vez mais ampla em busca das partes realmente importantes, ou apenas relevantes, já demanda dedicação integral. Assim, quando os filtros personalizados oferecem uma ajuda, tendemos a aceitá-la.
7. Deixados por conta própria, os filtros de personalização servem como uma espécie de autopropaganda invisível, doutrinando-nos com nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no território do desconhecido. Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que proporcionam novas percepções e aprendizados.
8. A criatividade muitas vezes é atíada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes. Por definição, um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender. Se a personalização for excessiva, poderá nos impedir de entrar em contato com experiências e ideias capazes de mudar o modo como pensamos.
9. Das megacidades à nanotecnologia, estamos criando uma sociedade cuja complexidade ultrapassa os limites da compreensão individual. Os problemas que enfrentaremos nos próximos vinte anos – escassez de energia, terrorismo, mudança climática – têm uma abrangência enorme. Os primeiros entusiastas da internet esperavam que a rede fosse uma nova plataforma para enfrentarmos esses problemas. Acredito que ainda possa ser.
10. Mas, antes, precisamos entender as forças que estão levando a internet em sua direção atual, personalizada. Precisamos entender as forças econômicas e sociais que movem a personalização, algumas inevitáveis, outras não. E precisamos entender o que tudo isso representa para a política, a cultura e o futuro. E como a bolha dos filtros distorce a percepção do que é importante, verdadeiro e real, é fundamental torná-la visível.

(PARISER, Eli. O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012. Edição digital)

Os termos sublinhados têm a mesma função sintática em:

- a) A criatividade muitas vezes é atíada pela colisão de ideias surgidas em disciplinas e culturas diferentes.
- b) O que um dia foi um meio anônimo transformou-se numa ferramenta dedicada a analisar dados pessoais.
- c) A tarefa de examinar essa torrente cada vez mais ampla em busca das partes realmente importantes, ou apenas relevantes, já demanda dedicação integral.
- d) ... os filtros de personalização servem como uma espécie de autopropaganda invisível, doutrinando-nos com as nossas próprias ideias...

e) Na bolha dos filtros, há menos espaço para os encontros fortuitos que proporcionam novas percepções...

18. FCC - TJ TRT15/TRT 15/2018

1. A neurocientista Suzana Herculano-Houzel é autora da coletânea de textos O cérebro nosso de cada dia, que tratam de curiosidades como o mito de que usamos apenas 10% do cérebro, por que bocejo contagia, se café vicia, o endereço do senso de humor, os efeitos dos antidepressivos. A escrita é acessível e descontraída e os exemplos são tirados do cotidiano. Mesmo assim, Suzana descreve o processo de realização de cada pesquisa e discute as questões mais complexas, como a relação entre herança e ambiente, as origens fisiológicas de determinados comportamentos e o conceito de consciência. Leia a entrevista abaixo.

2. Muitos se queixam da ausência de uma “teoria da mente” satisfatória e dizem que a consciência humana é um mistério que não se poderia resolver – mesmo porque caberia à própria consciência humana resolvê-lo. O que acha? Acho que, na ciência, mais difícil do que encontrar respostas é formular perguntas boas. A ciência precisa de hipóteses testáveis, e somente agora, quando a neurociência chega perto dos 150 anos de vida, começam a aparecer hipóteses testáveis sobre os mecanismos da consciência. Mas “teorias da mente” bem construídas e perfeitamente testáveis já existem. A própria alegação de que deve ser impossível à mente humana desvendar a si mesma, aliás, não passa de uma hipótese esperando ser posta por terra. É uma afirmação desafiadora, e com um apelo intuitivo muito forte. Mas não tem fundamento. De qualquer forma, a neurociência conta hoje com um leque de ferramentas que permite ao pesquisador, se ele assim desejar, investigar por exemplo a ativação em seu cérebro enquanto ele mesmo pensa, lembra, faz contas, adormece e, em seguida, acorda. O fato de que o objeto de estudo está situado dentro da cabeça do próprio pesquisador não é necessariamente um empecilho.

3. Há várias pesquisas descritas em seu livro sobre a influência da fisiologia no comportamento. Você concorda com Edward O. Wilson que “a natureza humana é um conjunto de predisposições genéticas”? Acredito que predisposições genéticas existem, mas, na grande maioria dos casos, não passam de exatamente isso: predisposições. Exceto em alguns casos especiais, genética não é destino. A meu ver, fatores genéticos, temperados por acontecimentos ao acaso ao longo do desenvolvimento, fornecem apenas uma base de trabalho, a matéria bruta a partir da qual cérebro e comportamento serão esculpidos. Somadas a isso influências do ambiente e da própria experiência de vida de cada um, é possível transcender as potencialidades de apenas 30 mil genes – a estimativa atual do número de genes necessários para “montar” um cérebro humano – para montar os trilhões e trilhões de conexões entre as células nervosas, criando o arco-íris de possibilidades da natureza humana.

4. Uma dessas influências diz respeito às diferenças entre homens e mulheres, que seu livro menciona. Como evitar que isso se torne motivação de preconceitos ou de generalizações vulgares, como no fato de as mulheres terem menos neurônios? Se diferenças entre homens e mulheres são evidentes pelo lado de fora, é natural que elas também existam no cérebro. Na parte externa do cérebro, o córtex, homens possuem em média uns quatro bilhões de neurônios a mais. Mas o simples número de neurônios em si não é sinônimo de maior ou menor habilidade. A não ser quando concentrado em estruturas pequenas com função bastante precisa. Em média, a região do cérebro que produz a fala tende a ser maior em mulheres do que em homens, enquanto neles a região responsável por operações espaciais, como julgar o tamanho de um objeto, é maior do que nelas. Essa diferença casa bem com observações da psicologia: elas costumam falar melhor (e não mais!), eles costumam fazer

operações espaciais com mais facilidade. O realmente importante é reconhecer que essas diferenças não são limitações, e sim pontos de partida, sobre os quais o aprendizado e a experiência podem agir.

(Adaptado de: PIZA, Daniel. Perfis & Entrevistas. São Paulo, Contexto, 2004)

O segmento destacado em pontos de partida, sobre os quais o aprendizado e a experiência podem agir possui função equivalente ao que se encontra sublinhado em:

- a) investigar por exemplo a ativação em seu cérebro enquanto ele mesmo pensa
- b) homens possuem em média uns quatro bilhões de neurônios a mais
- c) Essa diferença casa bem com observações da psicologia
- d) por que bocejo contagia, se café vicia, o endereço do senso de humor
- e) Muitos se queixam da ausência de uma "teoria da mente" satisfatória

19. FCC - TJ TRT15/2018

Quando pela primeira vez li Jean-Paul Sartre fiquei fascinado. Isso era filosofia sobre a vida, sobre encontrar sentido e sobre como se conduzir.

"A existência precede a essência." Se houvesse um concurso para a frase mais curta que resumisse uma posição filosófica inteira, **essas palavras de Sartre venceriam**.

Trata-se da base sobre a qual o existencialismo moderno foi construído.

Sartre está dizendo que ao contrário dos objetos do mundo – por exemplo, minha torradeira – **os seres humanos não podem ser definidos pelas suas propriedades**. A torradeira é criada para tostar pão; a capacidade de tostar é o propósito e a essência da torradeira. No entanto, **nós, seres humanos, podemos gerar** e alterar nossas propriedades e propósitos fundamentais ao longo do caminho, de modo que não faz sentido dizer que temos alguma essência definidora imutável. Em primeiro lugar, nós existimos, e, em seguida, criamos a nós mesmos. Isso não é algo que minha torradeira poderia fazer.

Naturalmente, Sartre não quis dizer que **podemos autocriar nossas propriedades físicas**. Eu não posso querer ser alto. Nem posso querer ser marroquino. **As questões importantes, porém, cabe a mim determinar**, por exemplo: como exatamente eu quero viver, o que eu quero fazer com meu tempo limitado na Terra, pelo que eu estaria disposto a morrer – as qualidades que fundamentalmente fazem de mim um indivíduo. Tudo isso está aí para ser conquistado. Minhas conquistas.

Sartre não está apenas descrevendo esse potencial que é único para os seres humanos, ele está exortando-nos a adotá-lo e com ele nossa responsabilidade por aquilo que nos tornamos. E isso é assustador: **se eu sou o mestre do meu destino**, e o meu destino não se sai assim tão bem, não tenho ninguém para culpar além de mim mesmo.

(Adaptado de: KLEIN, Daniel. O livro do significado da vida. Trad. Leonardo Abramowicz. São Paulo, Gente, 2017, p. 54-55)

A expressão que apresenta função sintática idêntica à da sublinhada em As questões importantes, porém, cabe a mim determinar... está também sublinhada no trecho:

- a) ... se eu sou o mestre do meu destino...

- b) ... os seres humanos não podem ser definidos pelas suas propriedades.
- c) ... nós, seres humanos, podemos gerar...
- d) ... podemos autocriar nossas propriedades físicas.
- e) ... essas palavras de Sartre venceriam.

20. FCC - TJ TRT2/Administrativa/2014

Atenção: Considere o texto abaixo para responder à questão.

No dia 9 de janeiro de 1921, um sortido grupo reuniu-se no salão de festas do badalado restaurante Trianon, no alto da aprazível avenida Paulista, para um banquete em homenagem a Menotti Del Picchia, que lançava uma edição do poema Máscaras.

Situado na área hoje ocupada pelo MASP, o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão, com salão de chá e de festas. Inaugurado em 1916, tornara-se um dos centros da vida social paulistana, com seus bailes, concertos, aniversários, casamentos e banquetes.

Naquele domingo de verão, ilustres integrantes do mundo cultural e político foram prestigiar o escritor e redator político do Correio Paulistano, homem de amplo arco de amizades.

Mário de Andrade, que estava presente, escreveu sobre a festa na edição da Ilustração Brasileira. Impressionou-se com a diversidade dos convidados, um séquito de homens das finanças, poetas e escritores da velha e da jovem guarda.

Figurões revezaram-se na tribuna, até chegar a vez de Oswald de Andrade, que faria soar, nas palavras de Mário de Andrade, “o clarim dos futuristas” – aquela gente “do domínio da patologia”, como gostavam de escrever “certos críticos passadistas, num afanoso rancor pelas auroras”.

O tribuno foi logo avisando que não gostaria de confundir sua voz com o cantochão dos conservadores. Juntava-se à louvação a Menotti, mas “numa tecla de sonoridade diferente”, em nome “de um grupo de orgulhosos cultores da extremada arte de nosso tempo”. Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos, a máscara de seu rosto, esculpida por Victor Brecheret, lhe era ofertada. Disse Oswald: “Examina a máscara que te trazemos em bronze. Produziu-a de ti a mão elucidadora de Victor Brecheret que, com Di Cavalcanti e Anita Malfatti, afirmou que a nossa terra contém uma das mais fortes, expressivas e orgulhosas gerações de criadores”.

Não poderia faltar ao discurso a exaltação do dinamismo paulista, pano de fundo da inquietação dos novos artistas e escritores. Num mundo – dizia o orador futurista – em que o pensamento e a ação se deslocavam da Europa para os “países descobertos pela súplica das velas europeias”, São Paulo surgia como uma espécie de terra prometida da modernidade. Com suas chaminés e seus bairros em veloz expansão, a cidade agitava as “profundas revoluções criadoras de imortalidades”.

E, se a capital bandeirante podia promover aquela festa e nela ofertar uma “obra-prima” de Brecheret ao homenageado, isso significava que uma etapa do processo de arejamento das mentalidades já estava vencida.

Na avaliação de Mário da Silva Brito, o que se viu no Trianon foi o lançamento oficial do movimento modernista em território hostil – um “ataque de surpresa no campo do adversário distraído”. Ao que parece, entretanto, a distração do respeitável público foi mais funda – a ponto de poucos terem notado que as palavras ali proferidas

representavam um “ataque”. Oswald foi aplaudido por passadistas, futuristas e demais presentes. “Todos estavam satisfeitos porque se julgavam incorporados à ‘meia dúzia’ de que falara o audaz”, ironizou Mário de Andrade.

(Adaptado de GONÇALVES, Marcos Augusto. 1922: A semana que não terminou. São Paulo, Cia. das Letras, 2012, formato ebook)

Para selar o pertencimento de Menotti ao clã dos modernos...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

- a) ... de que falara o audaz...
- b) ... o Trianon era uma espécie de restaurante-pavilhão...
- c) ... a nossa terra contém uma das mais fortes (...) gerações de criadores...
- d) ... ironizou Mário de Andrade.
- e) ... até chegar a vez de Oswald de Andrade...

21. FCC - Analista Judiciário (TRE SP)/2012

Bom para o sorveteiro

Por alguma razão inconsciente, eu fugia da notícia. Mas a notícia me perseguia. Até no avião, o único jornal abria na minha cara o drama da baleia encalhada na praia de Saquarema. Afinal, depois de quase três dias se debatendo na areia da praia e na tela da televisão, o filhote de jubarte conseguiu ser devolvido ao mar. Até a União Soviética acabou, como foi dito por locutores especializados em necrológio eufórico. Mas o drama da baleia não acabava. Centenas de curiosos foram lá apreciar aquela montanha de força a se esfaltar em vão na luta pela sobrevivência. Um belo espetáculo.

À noite, cessava o trabalho, ou a diversão. Mas já ao raiar do dia, sem recursos, com simples cordas e as próprias mãos, todos se empenhavam no lúcido objetivo comum. Comum, vírgula. O sorveteiro vendeu centenas de picolés. Por ele a baleia ficava encalhada por mais duas ou três semanas. Uma santa senhora teve a feliz ideia de levar pastéis e empadinhas para vender com ágio. Um malvado sugeriu que se desse por perdida a batalha e se começasse logo a repartir os bifés.

Em 1966, uma baleia adulta foi parar ali mesmo e em quinze minutos estava toda retalhada. Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima. Essa de agora teve mais sorte. Foi salva graças à religião ecológica que anda na moda e que por um momento estabeleceu uma trégua entre todos nós, animais de sangue quente ou de sangue frio.

Até que enfim chegou uma traineira da Petrobrás. Logo uma estatal, ó céus, num momento em que é preciso dar provas da eficácia da empresa privada. De qualquer forma, eu já podia recolher a minha aflição. Metáfora fácil, lá se foi, espero que salva, a baleia de Saquarema. O maior animal do mundo, assim frágil, à mercê de curiosos. À noite, sonhei com o Brasil encalhado na areia diabólica da inflação. A bordo, uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas. Tudo fala. Tudo é símbolo.

(Otto Lara Resende, Folha de S. Paulo)

Analisando-se aspectos sintáticos de frases do texto, é correto afirmar que em

- a) *Muitos se lembravam da alegria voraz com que foram disputadas as toneladas da vítima* - as formas verbais sublinhadas têm um mesmo sujeito.
- b) *todos se empenhavam no lúcido objetivo comum* - configura-se um caso de indeterminação do sujeito.
- c) *uma tripulação de camelôs anunciava umas bugigangas* - a voz verbal é ativa, sendo *umas bugigangas* o objeto direto.
- d) *eu já podia recolher a minha aflição* - não há a possibilidade de transposição para outra voz verbal.
- e) *Logo uma estatal, ó céus* - o elemento sublinhado exerce a função de adjunto adverbial de tempo.

22. FCC - INSS - Técnico do Seguro Social / 2012

Em vida, Gustav Mahler (1860-1911), tanto por sua personalidade artística como por sua obra, foi alvo de intensas polêmicas – e de desprezo por boa parte da crítica. A incompreensão estética e o preconceito antissemita também o acompanhariam postumamente e foram raros os maestros que, nas décadas que se seguiram à sua morte, se empenharam na apresentação de suas obras. Durante os anos 60, porém, uma virada totalmente inesperada levou a obra de Mahler ao início de uma era de sucessos sem precedentes, que perdura até hoje. Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor, enquanto gravações discográficas divulgavam uma obra até então desconhecida do grande público.

Há uma série de fatores envolvidos na transformação de Mahler em figura central da história da música do século XX. A visão de mundo de uma geração mais jovem certamente teve influência central aqui: o dilaceramento interior de Mahler, seu interesse pelos problemas fundamentais da existência humana, seu pacifismo, seu engajamento contra a opressão social e seu posicionamento em favor do respeito à integridade da natureza – tudo isso se tornou, subitamente, muito atual para a geração que nasceu no pós-guerra.

O amor incondicional de Mahler pela natureza sempre esteve presente em sua obra. O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, recolhendo-se em pequenas cabanas na paz dos Alpes austríacos. Em Steinbach, Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para sinfonias.

Comparar a simplicidade espartana dessas casinhas com a enorme complexidade das obras ali criadas diz muito sobre a genialidade do compositor – e, sobretudo, sobre a real origem de sua musicalidade. Totalmente abandonadas e esquecidas na Áustria no pós-guerra, essas casinhas de Mahler hoje se transformaram em memoriais, graças à ação da Sociedade Internacional Gustav Mahler. O mundo onírico dos Alpes do início do século XX certamente voltará à memória de quem, tendo uma imagem desses despojados retiros musicais de Mahler, voltar a ouvir sua música grandiosa.

(Adaptado: Klaus Billand. Gustav Mahler: a criação de um ícone. **Revista 18**. Ano IV, n. 15, março/abril/ maio de 2006, p. 52-53. Disponível em: <http://www.cebrap.org.br/v1/upload/biblioteca_virtual/GIANNOTTI_Tolerancia%20maxima.pdf> Acesso em: 22 dez. 2011)

Na frase O compositor dedicava inteiramente à criação musical os meses de verão, o termo sublinhado exerce a mesma função sintática que o termo em destaque na frase:

- a) A visão de mundo de uma geração mais jovem teve influência central aqui.
- b) Intérpretes conhecidos e pesquisadores descobriram o compositor.

- c) Em vida, Mahler foi alvo de intensas polêmicas.
- d) Mahler empreendia longas caminhadas que lhe proporcionaram inspiração para grandiosas sinfonias.
- e) Essas casinhas das alturas alpinas hoje se transformaram em memoriais.

23. Auxiliar da Fiscalização Financeira II (TCE-SP) / 2012

Tememos o acaso. Ele irrompe de forma inesperada e imprevisível em nossa vida, expondo nossa impotência contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo que trabalhosamente penamos para organizar e construir. Seu caráter aleatório e gratuito rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade, deixando-nos desarmados e atônitos frente à emergência de algo que está além de nossa compreensão, que evidencia uma desordem contra a qual não temos recursos. O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo.

Procuramos estratégias para lidar com essa dimensão da realidade que nos inquieta e desestabiliza. Alguns, sem negar sua existência, planejam suas vidas, torcendo para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos. Outros, mais infantis e supersticiosos, tentam esconjurá-la, usando fórmulas mágicas. Os mais religiosos simplesmente não acreditam no acaso, pois creem que tudo o que acontece em suas vidas decorre diretamente da vontade de um deus. Aquilo que alguns considerariam como a manifestação do acaso, para eles são provas que esse deus lhes envia para testar-lhes sua fé e obediência.

São defesas necessárias para continuarmos a viver. Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis que podem transformar nossas vidas de modo radical e irreversível estivesse permanentemente presente em nossas mentes, o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

Entretanto, tem um tipo de homem que age de forma diversa. Ao invés de fugir do acaso, ele o convoca constantemente. É o viciado em jogos de azar. O jogador invoca e provoca o acaso, desafiando-o em suas apostas, numa tentativa de dominá-lo, de curvá-lo, de vencê-lo. E também de aprisioná-lo. É como se, paradoxalmente, o jogador temesse tanto a presença do acaso nos demais recantos da vida, que pretendesse prendê-lo, restringi-lo, confiná-lo à cena do jogo, acreditando que dessa forma o controla e anula seu poder.

(Trecho de artigo de Sérgio Telles. **O Estado de S. Paulo**, 26 de novembro de 2011, D12, C2+música)

... para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

- a) ... *contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo* ...
- b) ... *com as quais procuramos lidar com a realidade* ...
- c) ... *deixando-nos desarmados e atônitos* ...
- d) ... *de algo que está além de nossa compreensão* ...
- e) ... *ele o convoca constantemente*.

24. Técnico Judiciário (TRE SP) / 2012

Se nunca foi fácil traçar a linha divisória entre arte erudita e arte popular, agora é mais difícil levar a cabo essa tarefa ociosa. Indiferente à palha seca da controvérsia, a arte segue o seu caminho. A vertente é uma só e é nela que se dá o encontro das águas. Pouco importam as fontes de onde procedem. Purificadoras e purificadas, seu caráter lustral as universaliza. Caetano Veloso, por exemplo. Quem ousaria classificá-lo?

Em princípio, a arte deveria permanecer ao relento. Maldito, o poeta não era aceito. Na escala de valores, popular, mais que um adjetivo, era um estigma. Daí o escândalo do sarau de d. Nair de Tefé. Primeira-dama, ela própria artista, afrontou a conspícua Velha República.

Em pleno palácio do Catete, ouviu-se por sua iniciativa o "Corta-jaca", de Chiquinha Gonzaga. Delirante sucesso na rua, a música era aplaudida em cena aberta e assobiada em botequins. Viajou a Portugal e lá arrebatou a plateia. Mas no Catete só podia ser insânia.

A maturidade de Caetano Veloso coincide com o amadurecimento cultural que lhe proporciona o reconhecimento nacional. Caducas as classificações, sua arte aniquila toda e qualquer discriminação. Exaltada aqui dentro, repercute lá fora. A música lhe dá dimensão internacional. O que ele é, porém, é universal. A poesia de fato nunca esteve divorciada da expressão popular. Manuel Bandeira tirava o chapéu, respeitoso, para Sinhô, Pixinguinha, Noel.

Dos poetas, foi dos mais musicais, Manuel. E musicado. Arranhava o seu violão. Saiu extasiado da casa em que ouviu João Gilberto e sua recente batida bossa-novista. Fui testemunha ocular e auditiva. Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna. Metabolizada, a grande arte canta nesse legítimo poeta do Brasil.

(Adaptado de Otto Lara Resende. "Poeta do encontro". **Bom dia para nascer**. São Paulo, Cia. das Letras, 2011, p. 281-282)

Tudo isso vem a propósito da fusão que Caetano Veloso hoje encarna.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

- a) Exaltada aqui dentro, repercute lá fora.
- b) A vertente é uma só...
- c) Pouco importam as fontes de onde procedem.
- d) ... seu caráter lustral as universaliza.
- e) Viajou a Portugal...

25. Técnico Judiciário (TRE SP) / 2012

Atenção: A questão refere-se ao texto abaixo.

Adoniran Barbosa é um grande compositor e poeta popular, expressivo como poucos; mas não é Adoniran nem Barbosa, e sim João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio e o sobrenome de um compositor admirado. A ideia foi excelente porque um compositor inventa antes de mais nada a sua própria personalidade; e porque, ao fazer isto, ele exprimiu a realidade tão paulista do italiano recoberto pela terra e do brasileiro das raízes europeias. Adoniran Barbosa é um paulista de cerne que exprime a sua terra com a força da imaginação alimentada pelas heranças de fora.

Já tenho lido que ele usa uma língua misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal da nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção se aliaram com naturalidade às deformações normais de português brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto e assim por diante.

São Paulo muda muito, e ninguém é capaz de dizer aonde irá. Mas a cidade que nossa geração conheceu (Adoniran é de 1910) foi a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana, entre 1900 e 1950; e que desde então vem cedendo lugar a uma outra, transformada em vasta aglomeração de gente vinda de toda parte. Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, as cantigas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele ela ficará, misturada vivamente com a nova mas, como o quarto do poeta, também "intacta, boiando no ar".

A sua poesia e a sua música são ao mesmo tempo brasileiras em geral e paulistanas em particular. Sobretudo quando entram (quase sempre discretamente) as indicações de lugar, para nos porem no Alto da Mooca, no Brás genérico, no recente Metrô, no antes remoto Jaçanã. Talvez João Rubinato não exista, porque quem existe é o mágico Adoniran Barbosa, vindo dos carregadores de café para inventar no plano da arte a permanência da sua cidade e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia, ao apito fantasmal do trenzinho perdido da Cantareira.

(Adaptado de Antonio Candido. **Textos de intervenção**. São Paulo, Duas Cidades, Ed. 34, 2002, p.211-213)

... João Rubinato, que adotou o nome de um amigo funcionário do Correio...

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

- a) ... que já acabou com a garoa...
- b) ... e produziu uma obra radicalmente brasileira...
- c) ... a que se sobrepôs à velha cidadezinha provinciana...
- d) Adoniran Barbosa é um paulista de cerne...
- e) ... e depois fugir, com ela e conosco, para a terra da poesia...

26. CESPE - Esc Pol (PC MA)/PC MA/2018**Texto 1A1BBB**

Se, nos Estados Unidos da América, surgem **mais e mais casos de assédio sexual** em ambientes profissionais — como os que envolvem produtores e atores de cinema —, no Brasil, o número de processos desse tipo caiu 7,5% entre 2015 e 2016.

Até setembro de 2017, foram registradas **4.040 ações judiciais sobre assédio sexual no trabalho**, considerando-se só a primeira instância.

Os números mostram que o tema ainda é tabu por aqui, analisa o consultor Renato Santos, que atua auxiliando empresas a criarem canais de denúncia anônima. “As pessoas não falam **por medo de serem culpabilizadas** ou até de represálias”.

Segundo Santos, os canais de denúncia para coibir corrupção nas corporações já recebem **queixas de assédio** e ajudam a identificar eventuais predadores. Para ele, “o anonimato ajuda, já que as pessoas se sentem **mais protegidas para falar**”.

A lei só tipifica o crime quando há **chantagem de um superior sobre um subordinado** para tentar obter vantagem sexual. Se um colega constrange o outro, em tese, não há crime, embora tal comportamento possa dar causa a reparação por dano moral.

Anna Rangel. Medo de represálias inibe queixas de assédio sexual no trabalho. Internet: <www1.folha.uol.com.br> (com adaptações).

No texto 1A1BBB, o trecho “4.040 ações judiciais sobre assédio sexual no trabalho” tem a mesma função sintática de

- a) ‘por medo de serem culpabilizadas’.
- b) “mais e mais casos de assédio sexual”
- c) ‘mais protegidas para falar’
- d) “chantagem de um superior sobre um subordinado”
- e) “queixas de assédio”

27. CESPE - OI (ABIN)/ABIN/Área 1/2018**Texto**

No começo dos anos 40, os submarinos alemães estavam dizimando os cargueiros dos aliados no Atlântico Norte. O jogo virou apenas em 1943, quando Alan Turing desenvolveu a **Bomba, um aparelho capaz de desvendar os segredos da máquina de criptografia nazista chamada de Enigma**. A complexidade da Enigma — **uma máquina eletromagnética que substituía letras por palavras aleatórias escolhidas de acordo com uma série de rotores** — estava no fato de que seus elementos internos eram configurados em bilhões de combinações diferentes, sendo impossível decodificar o texto sem saber as configurações originais. Após espiões poloneses terem roubado uma cópia da máquina, Turing e o campeão de xadrez Gordon Welchman construíram uma réplica da Enigma na base militar de Bletchey Park. A máquina replicava os rotores do sistema alemão e tentava

reproduzir diferentes combinações de posições dos rotores para testar possíveis soluções. Após quatro anos de trabalho, Turing conseguiu quebrar a Enigma, ao perceber que as mensagens alemãs criptografadas continham palavras previsíveis, como nomes e títulos dos militares. Turing usava esses termos como ponto de partida, procurando outras mensagens em que a mesma letra aparecia no mesmo espaço em seu equivalente criptografado.

Gabriel Garcia. 5 descobertas de Alan Turing que mudaram o rumo da história. In: Exame, 2/fev./2015. Internet: <<https://exame.abril.com.br>> (com adaptações).

Considerando os aspectos linguísticos do texto, julgue o item subsequente.

O termo “um aparelho capaz de desvendar os segredos da máquina de criptografia nazista chamada de Enigma” introduz uma explicação a respeito do aparelho “Bomba”, tal como o faz o termo “uma máquina eletromagnética que substituíra letras por palavras aleatórias escolhidas de acordo com uma série de rotores” em relação a “Enigma”

() CERTO () ERRADO

28. CESPE - Tec Enf (IHB DF)/IHB DF/2018

Surpresas fazem parte da rotina de um socorrista. Quando um chamado chega via 192, as informações nem sempre vêm de acordo com a real situação. Às vezes, é menos grave do que se dizia. Em outras, o interlocutor — por pânico ou desconhecimento — não dá nem conta de descrever a gravidade do caso. Quase sempre, condutores, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos saem em disparada, ambulância cortando o trânsito, sirenes ligadas, para atender a alguém que nunca viram. Mas podem chegar à cena e encontrar **um amigo**. Estão preparados. O espaço para a emoção é pequeno em um serviço que só funciona se apoiado em seu princípio maior: a técnica.

Internet: <<https://especiais.zh.clicrbs.com.br>>.

Considerando os aspectos linguísticos do texto precedente e as informações nele veiculadas, julgue o item.

Na linha 10, os termos “um amigo” e “preparados” exercem a mesma função sintática nos períodos em que se inserem.

() CERTO () ERRADO

29. CESPE - Tec Enf (IHB DF)/IHB DF/2018

Surpresas fazem parte da rotina de um socorrista. Quando **um chamado** chega via 192, as informações nem sempre vêm de acordo com a real situação. Às vezes, **é** menos grave do que se dizia. Em outras, o interlocutor — por pânico ou desconhecimento — não dá nem conta de descrever a gravidade do caso. Quase sempre, condutores, técnicos de enfermagem, enfermeiros e médicos saem em disparada, ambulância cortando o trânsito, sirenes ligadas, para atender a alguém que nunca viram. Mas podem chegar à cena e encontrar um

amigo. Estão preparados. O espaço para a emoção é pequeno em um serviço que só funciona se apoiado em seu princípio maior: a técnica.

Internet: <<https://especiais.zh.dicrbs.com.br>>.

Considerando os aspectos linguísticos do texto precedente e as informações nele veiculadas, julgue o item.

O sujeito da forma verbal “é” está elíptico e retoma “um chamado”, o que justifica a flexão verbal na terceira pessoa do singular.

() CERTO () ERRADO

30. CESPE - AI (ABIN)/ABIN/2018

Texto

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o **objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada**. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — comunicações, transportes, tecnologias de informação — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

As orações “de auxiliar o usuário” e “a tomar decisões de maneira mais fundamentada” exercem a função de complemento do nome “objetivo”.

() CERTO () ERRADO

31. CESPE - AI (ABIN)/ABIN/2018

A atividade de inteligência é o exercício de ações especializadas para a obtenção e análise de dados, produção de conhecimentos e proteção de conhecimentos para o país. Inteligência e contrainteligência são os dois ramos dessa atividade. A inteligência compreende ações de obtenção de dados associadas à análise para a compreensão desses dados. A análise transforma os dados em cenário compreensível para o entendimento do passado, do presente e para a perspectiva de como tende a se configurar o futuro. Cabe à inteligência tratar fundamentalmente da produção de conhecimentos com o objetivo específico de auxiliar o usuário a tomar decisões de maneira mais fundamentada. A contrainteligência tem como atribuições a produção de conhecimentos e a realização de ações voltadas à proteção de dados, conhecimentos, infraestruturas críticas — **comunicações, transportes, tecnologias de informação** — e outros ativos sensíveis e sigilosos de interesse do Estado e da sociedade. O trabalho desenvolvido pela contrainteligência tem foco na defesa contra ameaças

como a espionagem, a sabotagem, o vazamento de informações e o terrorismo, patrocinadas por instituições, grupos ou governos estrangeiros.

Internet: <www.abin.gov.br> (com adaptações).

Julgue o item seguinte, relativo às ideias e aos aspectos linguísticos do texto.

Os travessões que delimitam o trecho “comunicações, transportes, tecnologias de informação” isolam uma oração interferente, tendo sido empregados para dar-lhe ênfase.

() CERTO () ERRADO

32.CESPE - AJ STJ/STJ/Judiciária/"Sem Especialidade"/2018

Texto CB1A1CCC

As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães, filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa. O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres, havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente **chegavam** ao Judiciário e se sentavam à minha frente, **os relatos** se transformavam em desabafos de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma força externa como se somente nós, juízes, promotores e advogados, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. Invisíveis

Marias: histórias além das quatro paredes. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no texto CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica, julgue o item a seguir.

O referente dos sujeitos de “chegavam”, que está elíptico, é “os relatos”.

() CERTO () ERRADO

33.CESPE - Ass Port (EMAP)/EMAP/Administrativa/2018

A crescente internacionalização da economia, decorrente, principalmente, da redução de barreiras ao comércio mundial, da maior velocidade das inovações tecnológicas e dos grandes avanços nas comunicações, tem exigido mudanças efetivas na atuação do comércio internacional.

A abordagem desse tipo de comércio, inevitavelmente, passa pela concorrência, visto que é por meio da garantia e da possibilidade de entrar no mercado internacional, de estabelecer permanência ou de engendrar saída, que se consubstancia a plena expansão das atividades comerciais e se alcança o resultado último dessa interatuação: o preço eficiente dos bens e serviços.

Defesa da concorrência e defesa comercial são instrumentos à disposição dos Estados para lidar com distintos cenários que afetem a economia. **Destaca-se** como a principal diferença o efeito que cada instrumento busca neutralizar.

A política de defesa da concorrência busca preservar o ambiente competitivo e coibir condutas desleais advindas do exercício de poder de mercado. A política de defesa comercial busca proteger a indústria nacional de práticas desleais de comércio internacional.

Elaine Maria Octaviano Martins Curso de direito marítimo Barueri: Manoele, v 1, 2013, p 65 (com adaptações)

Acerca de aspectos linguísticos do texto precedente e das ideias nele contidas, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada por “Destaca-se” é indeterminado, portanto não está expresso.

() CERTO () ERRADO

34. CESPE - Analista Judiciário (STJ)/Administrativa/2018

Texto CB1A1CCC

As audiências de segunda a sexta-feira muitas vezes revelaram o lado mais sórdido da natureza humana. Eram relatos de sofrimento, dor, angústia que se transportavam da cadeira das vítimas, testemunhas e réus para minha cadeira de juíza. A toga não me blindou daqueles relatos sofridos, aflitos. As angústias dos que se sentavam à minha frente, por diversas vezes, me escoltaram até minha casa e passaram a ser companheiras de noites de insônia. Não havia outra solução a não ser escrever. Era preciso colocar no papel e compartilhar a dor daquelas pessoas que, mesmo ao fim do processo e com a sentença prolatada, não me deixavam esquecer-las.

Foram horas, dias, meses, anos de oitivas de mães, filhas, esposas, namoradas, companheiras, todas tendo em comum a violência no corpo e na alma sofrida dentro de casa. O lar, que deveria ser o lugar mais seguro para essas mulheres, havia se transformado no pior dos mundos.

Quando finalmente chegavam ao Judiciário e se sentavam à minha frente, os relatos se transformavam em desabafos de uma vida inteira. Era preciso explicar, justificar e muitas vezes se culpar por terem sido agredidas. A culpa por ter sido vítima, a culpa por ter permitido, a culpa por não ter sido boa o suficiente, a culpa por não ter conseguido manter a família. Sempre a culpa.

Aquelas mulheres chegavam à Justiça buscando uma força externa como se somente **nós, juízes, promotores e advogados**, pudéssemos não apenas cessar aquele ciclo de violência, mas também lhes dar voz para reagir àquela violência invisível.

Rejane Jungbluth Suxberger. *Invisíveis Marias: histórias além das quatro paredes*. Brasília: Trampolim, 2018 (com adaptações).

Com base no texto CB1A1CCC, escrito por uma juíza acerca de casos de violência doméstica, julgue o item a seguir.

O trecho “juízes, promotores e advogados” explica o sentido de “nós”.

() CERTO () ERRADO

35. CESPE - Advogado (EBSERH)/2018

Texto

São José do Rio Preto, centro urbano de tamanho médio, com cerca de 408 mil habitantes em 2010, localizada na região noroeste do estado de São Paulo, em área de clima tropical, é uma cidade reconhecida pelo seu calor intenso. Em 1985, a Superintendência de Controle de Endemias do Estado de São Paulo detectou a presença de focos do *Aedes aegypti* em doze cidades paulistas, entre elas, São José do Rio Preto, e confirmou sua reintrodução no estado. Os focos foram encontrados em locais com concentração de recipientes, denominados pontos estratégicos (PEs). Foi então estruturado o Programa de Controle de *Aedes aegypti* em São Paulo, que previa a visita sistemática e periódica aos PEs dos municípios e a realização de delimitações de foco, quando do encontro de sítios positivos. Considerava-se que o vetor estava presente em um município quando continuava presente nos imóveis após a realização das medidas de controle que vinham associadas à delimitação de foco.

Logo após a detecção de focos positivos do mosquito em São José do Rio Preto, realizaram-se as delimitações e a aplicação de controle, as quais não foram suficientes para eliminar o vetor. Diante da situação, em 1985, o município foi definido como área de infestação domiciliar e risco de dengue. Os primeiros casos autóctones da dengue no município foram registrados em 1991, atribuídos ao sorotipo DENV1. A primeira grande epidemia ocorreu em 1995, com 1.462 casos autóctones. Posteriormente, **com a introdução dos demais sorotipos**, as incidências (casos/100 mil habitantes/ano) apresentaram comportamento cíclico: em 1999, 1.351,1; em 2006, 2.935,7; em 2010, ano da maior incidência, 6.173,8; e, em 2015, até outubro, a segunda maior incidência, 5.070,8.

Apesar de não se descartar a hipótese de que o aumento progressivo das incidências da dengue no município já seria um efeito do aumento das temperaturas, parece que esse fenômeno estaria mais relacionado com a circulação dos múltiplos sorotipos do vírus da dengue. De modo geral, a persistência e a intensidade da dengue em São José do Rio Preto são esperadas por se tratar de cidade de clima tropical e com condições ideais para o desenvolvimento do vetor e de sua relação com o patógeno.

Internet: <www.revistas.usp.br> (com adaptações)

A respeito de aspectos linguísticos do texto, julgue o item a seguir.

A expressão “com a introdução dos demais sorotipos” exprime ideia de causa.

() CERTO () ERRADO

36. CESPE - Assistente de Aluno (IFF)/2018

Texto

Exatos 35 anos antes de o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionar a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1996, João Goulart, então recém-alçado à presidência do país sob o arranjo do parlamentarismo, promulgou a primeira LDB brasileira. A assinatura de Goulart saiu estampada no Diário Oficial da União em 21/12/1961, mais de treze anos após a apresentação do primeiro projeto da lei educacional ao parlamento brasileiro.

Nesse longo intervalo entre a apresentação do anteprojeto enviado à Câmara dos Deputados em outubro de 1948 pelo então ministro da Educação, Clemente Mariani, e sua aprovação, nove diferentes cidadãos sentaram-se na cadeira de presidente da República. A história dessa longa tramitação revela facetas e tensões não só da educação nacional, mas do Brasil como um todo.

Internet: <www.revistaeducacao.com.br> (com adaptações)

No texto, o termo “a primeira LDB brasileira” exerce a função sintática de

- a) sujeito.
- b) predicado.
- c) objeto direto.
- d) objeto indireto.
- e) adjunto adverbial.

37. CESPE - Professor de Nível Superior (Pref SL)/Língua Portuguesa/2017**Texto 10A1CCC**

Esse Povo maldito

Ausentei-me da Cidade

porque esse Povo maldito

me pôs em guerra com todos

e aqui vivo em paz comigo.

Aqui os dias me não passam

porque o tempo fugitivo,

por ver minha solidão,

para em meio do caminho.

Graças a Deus, que não vejo

neste tão doce retiro

hipócritas embusteiros,

velhacos entremetidos.

Não me entram **nesta palhoça**

visitadores prolixos,
políticos enfadonhos,
cerimoniosos vadios.

Gregório de Matos Guerra. Obras Completas. [Org. James Amado]. Salvador: Janaína, 1968, v. 1, p. 170 (com adaptações).

No texto 10A1CCC, as expressões “nesta palhoça” e “nesta palhoça” exercem, respectivamente, as funções sintáticas de

- a) oração adjetiva restritiva e adjunto adnominal.
- b) complemento nominal e adjunto adverbial de lugar.
- c) adjunto adverbial de tempo e predicativo do objeto.
- d) adjunto adnominal e adjunto adverbial de tempo.
- e) adjunto adverbial de lugar e adjunto adverbial de lugar.

38. CESPE - Técnico Municipal de Nível Médio (Pref SL)/Cuidador Escolar/2017

Texto CB3A2CCC

Fala-se, às vezes, na necessidade que **tem** a democracia de se defender do que lhe possa ameaçar. Quase sempre, porém, lamentavelmente, o que se vem considerando como ameaças à democracia é o que na verdade a justifica como democracia: a presença atuante do povo no processo político nacional; a voz das classes trabalhadoras que se **mobilizam** e se **organizam** na reivindicação de seus direitos; a presença inquieta da juventude brasileira cuja palavra nos é indispensável... Os que procuram “defender” a democracia contra o “perigo” da participação dos trabalhadores e dos estudantes na reinvenção necessária da sociedade **sonham** com uma democracia sem povo.

Paulo Freire. In: Ana Maria Araújo Freire (Org.). **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2006, p. 405 (com adaptações).

No texto **CB3A2CCC**, possui sujeito indeterminado a forma verbal

- a) “sonham”.
- b) “Fala”.
- c) “tem”.
- d) “mobilizam”.
- e) “organizam”.

39. CESPE - Monitor de Gestão Educacional (SEDF)/2017**Texto**

É preciso considerar a relação entre universidade e cultura. Quais são as condições de preservação, de apropriação da cultura, e de reflexão crítica sobre ela? Mesmo um diagnóstico superficial da época em que vivemos é suficiente para mostrar a precariedade dessas condições. O ritmo do tempo histórico é marcado pelo círculo produção e consumo, até mesmo daquilo que entraria na categoria dos “bens culturais”. Os fatores de desagregação cultural incluem o imediatismo e o caráter efêmero e disperso dos interesses que os indivíduos são encorajados a cultivar, a fragmentação e a distorção da informação, a mercantilização extrema dos meios de comunicação.

Os acessos ao mundo da cultura são cada vez mais intensamente submetidos a mecanismos industriais, sem que se assuma qualquer medida no sentido de garantir acesso efetivamente democrático. A universidade pública é uma instância em que se pode resistir, de alguma maneira e por algum tempo, a esse processo, sendo a instituição em que a cultura pode ser considerada sem as regras do mercado e sem os critérios de utilidade e oportunidade socialmente introjetados a partir da mídia.

Para que a disseminação pública da cultura fuja a determinações pragmáticas e economicistas, é necessário um espaço público de preservação, de apropriação e de reflexão. As atividades que aí se desenvolvam não se podem subordinar a critérios da expectativa de retorno de investimento. Por isso, a universidade, como instituição pública, pode assumir a função de garantir o efetivo caráter público de que, em princípio, se revestem os bens de cultura historicamente legados ao presente.

Faz parte da autonomia da universidade pública **essa relação intrínseca com a cultura**, que permite que o acesso não seja filtrado por mecanismos de outras instâncias da vida social. É essa publicidade desinteressada da cultura — que só na instituição pública pode-se articular em algum grau — que garante o conhecimento, a apropriação intelectual, a reflexão, a crítica e o debate.

Franklin Leopoldo e Silva. Universidade pública e cultura. In: Estudos Avançados, v. 15, n.º 42, São Paulo (com adaptações).

Julgue o próximo item, referente a aspectos linguísticos do texto e à sua tipologia.

A expressão “essa relação intrínseca com a cultura” exerce a função de sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Faz”.

() CERTO () ERRADO

40. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDF)/Administração/2017

Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado, a resposta mais comum foi “nenhum”. **Disseram** que escrever, para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com competência para redigir. Essa competência pode não se ter originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum lugar.

Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons escritores são leitores ávidos. Assimilaram um grande inventário de palavras, expressões idiomáticas, construções, tropos e truques retóricos e, com eles, a sensibilidade para o modo como se combinam ou se repelem. Essa é a ardilosa “sensibilidade” de um escritor hábil — o tácito sentido de estilo que os manuais de estilo honestos admitem ser impossível ensinar explicitamente. Os biógrafos dos grandes autores sempre tentam rastrear os livros que seus personagens leram na juventude, porque sabem que essas fontes escondem o segredo de seu aperfeiçoamento como escritores.

O ponto de partida para alguém tornar-se um bom escritor é ser um bom leitor. Os escritores adquirem sua técnica identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em exemplos de boa prosa.

Steven Pinker. Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

No que se refere ao texto precedente, julgue o item a seguir.

O sujeito da oração iniciada pela forma verbal “Disseram” é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

41. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDf)/Língua Portuguesa/2017

Aula de Português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, esquipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,

a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

Carlos Drummond de Andrade. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p.1089.

A respeito dos aspectos gramaticais desse poema, julgue o item a seguir.

O nome próprio “Carlos Góis” funciona como o núcleo do termo “Professor Carlos Góis”.

() CERTO () ERRADO

42. CESPE - Professor de Educação Básica (SEDF)/Língua Portuguesa/2017

A língua continua sendo forte elemento de discriminação social, seja no próprio contexto escolar, seja em outros contextos sociais, como no acesso ao emprego e aos serviços públicos em geral (serviços de saúde, por exemplo).

Por isso, parece ser um grande equívoco a afirmação de que a variação linguística não deve ser matéria de ensino na escola básica. Assim, a questão crucial para nós é saber como tratá-la pedagogicamente, ou seja, como desenvolver uma pedagogia da variação linguística no sistema escolar de uma sociedade que, infelizmente, ainda não reconheceu sua complexa cara linguística e, como resultado da profunda divisão socioeconômica que caracterizou historicamente sua formação (uma sociedade que foi, por trezentos anos, escravocrata), ainda discrimina fortemente pela língua os grupos socioeconômicos que recebem as menores parcelas da renda nacional.

A maioria dos alunos que chegam à escola pública é oriunda precisamente desses grupos socioeconômicos. E há, entre nossas crenças pedagógicas, um pressuposto de que cabe à escola pública contribuir, pela oferta de educação de qualidade, para favorecer, mesmo que indiretamente, uma melhor redistribuição da renda nacional.

Boa parte de uma educação de qualidade tem a ver precisamente com o ensino de língua — um ensino que garanta o domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. Nessa perspectiva, esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente identificadas como as mais próprias a essas práticas, ou seja, o conjunto de variedades escritas e faladas constitutivas da chamada norma culta.

Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Stahl Zilles. **Introdução**. In: Carlos Alberto Faraco e Ana Maria Stahl Zilles (orgs.).

Pedagogia da variação Linguística: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 8-9 (com adaptações).

Com referência às ideias e aos aspectos linguísticos do texto precedente, julgue o próximo item.

O verbo **haver** foi empregado como sinônimo de **existir**. Embora esses verbos tenham sentido semelhante, a substituição de um pelo outro no texto modificaria as relações sintáticas entre o verbo e o termo “um pressuposto”.

() CERTO () ERRADO

43. CESPE - Técnico Judiciário (TRE BA)/Administrativa/"Sem Especialidade"/2017**Texto**

Em sua definição, o voto em branco é aquele que não se dirige a nenhum candidato entre os que disputam as eleições. São considerados, portanto, votos estéreis, porque não produzem frutos. Os votos nulos, por sua vez, são aqueles que, somados aos votos em branco, compõem a categoria dos **votos estéreis^(b)**, inválidos ou, como denominou o **Tribunal Superior Eleitoral^(c)**, votos apolíticos. Logo, os votos em branco e os nulos são votos que, a princípio, não produzem **resultado^(e)** nem influenciam no resultado do pleito.

Ao comparecer às urnas no dia das eleições, o eleitor que apresentar voto em branco ou nulo pode fazê-lo por diversas razões. Esses motivos podem embasar tanto a postura dos que votam em branco quanto a dos que votam nulo, pois o resultado final é **o mesmo^(a)**: invalidar o voto. Assim sendo, não é razoável diferenciar o voto em branco do voto nulo. Deve-se considerar a essência do ato, a sua real motivação, que é a invalidação. É evidente que não se sabe, ao certo, **a razão** que motiva cada eleitor a votar em branco ou nulo; entretanto, em ambos os casos, não há **dúvida^(d)** quanto à invalidade do voto por ele dado.

Renata Dias. **Os votos brancos e nulos no estado democrático de direito**: a legitimidade das eleições majoritárias no Brasil. In: **Estudos eleitorais**, v. 8, n.º 1, jan./abr. 2013, p. 36-8 (com adaptações).

Assinale a opção que apresenta termo que desempenha a mesma função sintática que "a razão", no texto.

- a) "o mesmo"
- b) "votos estéreis"
- c) "o Tribunal Superior Eleitoral"
- d) "dúvida"
- e) "resultado"

44. CESPE - Diplomata (Terceiro Secretário)/2017

A independência literária, que tanto se buscara, só com este livro foi selada. Independência que não significa, nem poderia significar, autossuficiência, e sim o estado de maturidade intelectual e social que permite a liberdade de concepção e expressão. Criando personagens e ambientes brasileiros — bem brasileiros —, Machado não se julgou obrigado a fazê-los pitorescamente típicos, porque a consciência da nacionalidade, já sendo nele total, não carecia de elementos decorativos. Aquilo que reputava indispensável ao escritor, "certo sentimento íntimo que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço", **ele o possuiu inteiramente**, com uma posse tranquila e pacífica. E por isso pôde — o primeiro entre nós — ser universal sem deixar de ser brasileiro.

Com relação a aspectos gramaticais do texto, julgue o item que se segue.

A retirada do pronome oblíquo na oração "ele o possuiu inteiramente" preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.

() CERTO () ERRADO

45. CESPE - Auditor de Controle Externo (TCE-PE)/Auditoria de Contas Públicas/2017**Texto CB1A1AAA**

O debate sobre direitos civis e regime democrático é um importante tema na agenda de construção da cidadania. Embora certas nações possuam um governo e instituições representativas, parece haver nelas um óbice na constituição de uma cidadania integral, especialmente na efetividade dos direitos civis.

A evolução dos direitos da cidadania se amparou na liberdade individual para reivindicar participação na comunidade política com o surgimento dos governos representativos. Mesmo assim, há problemas, pois, de acordo com T. H. Marshall, “os direitos civis deram poderes legais cujo uso foi drasticamente prejudicado por preconceito de classe e falta de oportunidade econômica”. A estrutura social e econômica não favoreceu o exercício efetivo da igualdade formal atribuída ao cidadão. Marshall aborda essa questão enfatizando que o *status* de cidadão confere igualdade formal aos indivíduos, ainda que o sistema de classes sociais gere desigualdade real.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que os direitos civis igualam os indivíduos pela possibilidade legal de terem liberdades comuns. Os direitos políticos garantem aos indivíduos igualdade de participação na escolha do governo. Os direitos sociais definem um mínimo de igualdade, considerando-se a desigualdade econômica e de oportunidades. Responder a esse modelo de forma integrada e aproximar as expectativas do cidadão da realidade social parece ser o desafio das democracias de massa para obter legitimidade.

A democracia deve gerar uma cidadania integral (civil, política e social), em que o regime eleitoral é condição fundamental, embora insuficiente. A democracia eleitoral se revela restrita ao não englobar temas como direitos sociais e econômicos.

A expansão da cidadania e a qualidade da democracia pressupõem o Estado de direito para proteger as liberdades civis e políticas da cidadania. Conforme recomendação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD.), deveria “**existir um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade**” que outorgue a todos um leque razoável de opções para exercer sua capacidade de escolha e sua autonomia”. A cidadania política e as regras de participação e de contestação seriam insuficientes para garantir liberdade individual. A falta dessas garantias e a violência que existe contra o cidadão em diversos países configura déficit de eficácia das instituições e do sistema legal e, por conseguinte, da credibilidade do Estado-nação. Essa situação gera uma cidadania “truncada”, especialmente pela inefetividade dos direitos civis.

Eduardo José Grin. **Democracia e direitos civis: um debate necessário**. In: **Revista Videre**, Dourados, MS, ano 1, n.º 1, jan. – jun./2009. Internet: <www.researchgate.net> (com adaptações).

O trecho ‘um patamar mínimo de igualdade entre os membros da sociedade’ exerce a função de complemento do verbo ‘existir’.

() CERTO () ERRADO

46. CESPE - Analista de Controle Externo (TCE-PE)/Auditoria de Contas Públicas/2017**Texto CB2A1AAA**

A auditoria, uma das instâncias que garantem a credibilidade das instituições, consiste na análise, à luz da legislação em vigor e das boas práticas administrativas, do contrato entre as partes, governos e entidades prestadoras de serviços, e dos procedimentos efetivados, de modo a aferir a sua execução e a conferir os valores

cobrados para garantir que o pagamento seja justo e correto. Consiste, também, no acompanhamento dos eventos para verificar a qualidade dos serviços prestados por esses agentes.

No âmbito da auditoria, o fundamento da credibilidade consiste na preservação da idoneidade ética. Os pressupostos éticos da auditoria são três: o princípio da dignidade, o da equidade e o da transparência. Formulado pelo filósofo alemão Immanuel Kant, no final do século XVIII, o princípio da dignidade afirma que toda pessoa deve ser tratada, sempre, como fim e nunca como meio. O princípio da equidade, uma ampliação do princípio da dignidade feita pela Organização das Nações Unidas, em sua Carta de 1946, diz que todo ser humano possui a mesma dignidade e deve ser tratado com igual consideração e respeito. O princípio da transparência tem duas versões no próprio Kant: uma diz que se deve sempre agir de tal forma que os motivos de atuação possam ser divulgados publicamente; a outra afirma que se deve agir de tal modo que a norma de atuação possa se tornar lei universal. Assim, os negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol. Certamente, o princípio da transparência é o que dá credibilidade à gestão pública e à gestão em geral. Nas pesquisas de opinião, vê-se como a sociedade coloca-se frente às instituições, exigindo transparência.

Nos momentos de amadurecimento democrático, constata-se que a auditoria ganha espaço nas organizações. A auditoria seria o primeiro capítulo da transparência na gestão. Quando a sociedade quer tudo em pratos limpos, a auditoria ascende a um primeiro lugar no seio das organizações, porque é o elemento que permite à sociedade ter consciência de como está sendo efetivada a gestão. Se não há auditoria, ou se essa não é praticada de forma constante e transparente, as instituições perdem credibilidade. Quando uma auditoria séria é praticada, as instituições são mais bem aceitas.

Ricardo Vélez Rodríguez. *Auditoria, fundamentos éticos. In: Auditoria, uma abordagem interdisciplinar: aspectos relevantes para o setor público. Anais da V Jornada Brasileira de Controle Interno. Rio de Janeiro, dez./2003, p. 32. Internet: <www.rio.rj.gov.br> (com adaptações).*

No que concerne aos aspectos linguísticos e aos sentidos do texto CB2A1AAA, julgue o item seguinte.

No período “Assim, os negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol”, a expressão “da luz”, em ambas as ocorrências, exerce funções gramaticais distintas, embora tenha sido empregada com o mesmo sentido.

() CERTO () ERRADO

47. CESPE - Soldado Policial Militar (PM AL)/Combatente/2017

A palavra violência frequentemente nos remete a crimes como assassinato, estupro, roubo e lesão corporal, ou mesmo a guerras e terrorismo. Pensamos⁽¹⁾ que violência e crime violento são a mesma coisa e não levamos⁽²⁾ em conta que nem toda violência é considerada crime.

A sociedade, para reafirmar seus valores e se manter, pune as transgressões, com a intenção de que a punição aplicada ao transgressor seja útil para que os demais indivíduos não sigam o mau exemplo, tendo em vista as consequências. Nesse caso, considera-se crime a transgressão de regras socialmente preestabelecidas, que variam de acordo com a sociedade e o contexto histórico.

Lançadas com o intuito de encontrar respostas para as possíveis causas da violência, hipóteses clássicas na sociologia do crime acabaram por defender a tese de associação entre o aumento nos índices de criminalidade e a pobreza. Essa associação sustenta a premissa de que o crime seja combatido e punido com maior rigor e frequência nas classes economicamente mais desfavorecidas, em contraposição à tolerância e à impunidade de crimes cometidos tipicamente ou ocasionalmente por indivíduos detentores de poder.

O mito da criminalidade associada à pobreza cria estereótipos, marginaliza e criminaliza a pobreza — que, em si, é uma violência. Rotula os que são tidos como pobres e faz uma proporção extremamente grande da população ser prejudgada por atos ilícitos praticados por uma minoria.

A violência nas cidades deve ser vista sob duas vias. Um tipo de violência é a dos crimes praticados nas ruas, principalmente nas grandes cidades, que pode atingir qualquer pessoa. O segundo tipo é a violência praticada pela própria cidade, que massacra os pobres, marginalizando e criminalizando esses cidadãos. Enquanto se diz que os pobres da cidade são violentos, a atenção da violência que eles sofrem é invertida. A violência contra quem mora próximo de condomínios de luxo e mansões fortificadas, sem ter acesso a bens básicos para garantir razoáveis condições de vida, é esquecida.

Geélison Ferreira da Silva. Considerações sobre criminalidade: marginalização, medo e mitos no Brasil. In: Revista Brasileira de Segurança Pública. ano 5, 8.^a ed. São Paulo, fev. – mar./2011, p. 91-102 (com adaptações)

No que se refere aos sentidos e às propriedades linguísticas do texto, julgue o item a seguir.

O sujeito das formas verbais “Pensamos”⁽¹⁾ e “levamos”⁽²⁾ é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

48. CESPE - Técnico Judiciário (TRE TO)/Administrativa/2017

As mudanças climáticas já são uma realidade para a população mundial, com ameaças à infraestrutura de cidades, diminuição da produtividade nas lavouras, alterações nos oceanos e risco em relação à disponibilidade de peixes.

As transformações são causadas pela emissão excessiva de gases de efeito estufa, em atividades como desmatamento, queima de combustíveis fósseis para a geração de energia ou práticas insustentáveis na agricultura e na pecuária.

Caso nada seja feito, a previsão é de que haja um aumento de 1 °C em 2020 em relação à era pré-industrial. Parece pouco, mas é suficiente para gerar consequências para todas as populações do mundo, em especial as comunidades pobres e vulneráveis, **causando**⁽⁹⁾ impactos na **segurança alimentar, hídrica e energética**^(d), aumento do nível do mar^(e), tempestades, **ondas de calor**^(a) e intensificação de **secas**^(b), **chuvas e inundações**^(c).

Internet: <www.wwf.org.br> (com adaptações).

No texto, funciona como um dos complementos da forma verbal “causando” o termo

- a) “ondas de calor”.
- b) “secas”.
- c) “secas, chuvas e inundações”.

- d) "segurança alimentar, hídrica e energética".
- e) "nível do mar".

O espaço urbano foi organizado de sorte a favorecer as operações de circulação, compra e venda de mercadorias; e, ao mesmo tempo, nele se oferece ao consumo uma diversidade de localizações, paisagens, topografias físicas e simbólicas que são de diferentes modos incorporadas à dinâmica mercantil. Hoje, podemos talvez acrescentar que a cidade se torna o lugar do consumismo e do consumismo de lugar. O que isso quer dizer e que implicações isso tem para o compartilhamento da cidade como espaço público?

Sabemos que a cidade é o lugar preferencial da realização do consumismo de bens. Mas, também, vale dizer que, com o advento do urbanismo competitivo, é o lugar do consumismo de lugares, por meio das dinâmicas da cidade-espetáculo, dos megaeventos e do esforço de venda de imaginadores urbanos com suas obras fundadas em um culturalismo de mercado. O planejamento estratégico do urbanismo de mercado propõe-se, na atualidade, a realizar um esforço de venda macroeconômico dos lugares, o que faz do consumismo de lugares um modo particular de articulação entre o rentismo imobiliário e a competição interurbana por capitais. Para isso concorre o consumismo publicitário privatizante dos espaços da cidade.

Por outro lado, conforme observa o economista Pierre Veltz, os novos requisitos da espacialidade das empresas nas cidades exprimem hoje "o paradoxo segundo o qual os recursos não mercantis não veem seu papel diminuir, mas, ao contrário, se afirmar e se estender nas economias avançadas e concorrenciais". Isso é exemplificado pela luta dos pescadores artesanais da Associação Homens do Mar em defesa do caráter público da Baía da Guanabara e pelas manifestações maciças de ciclistas pelo direito ao espaço público nas cidades. Tratando-se de bens não mercantis em disputa, os conflitos por apropriação dos recursos urbanos apresentam forte potencial de politização, seja na busca de acesso equânime a ambientes saudáveis, seja na eliminação de controles policiais discriminatórios.

Para Abba Lerner, Prêmio Nobel de Economia de 1954, toda transação econômica realizada é um conflito político resolvido. Inversamente, podemos sustentar que toda disputa pelos recursos não mercantis das cidades — saúde e saneamento, mobilidade, meio ambiente, segurança — não redutível a relações de compra e venda configura conflitos políticos em potencial.

Henri Acselrad. Cidade – espaço público? A economia política do consumismo nas e das cidades. In: Revista UFMG, v. 20, n.º 1, jan.-jun./2013, p. 234-247 (com adaptações).

Com relação aos sentidos do texto 4A2AAA, julgue o item a seguir.

49. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Analista Judiciário

No segundo período do terceiro parágrafo, os termos "pela luta" (l.28), "pelas manifestações" (l.30) e "pelo direito" (l.31) funcionam como agentes da passiva.

() CERTO () ERRADO

50. CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Analista Judiciário

O termo "bens não mercantis em disputa" (l.32) exerce a função de sujeito da oração em que ocorre e é o referente do pronome "se", em "Tratando-se" (l.32).

() CERTO () ERRADO

Texto para a questão 44

Texto 7A3CCC

1 O Conselho de Direitos Humanos (CDH) da
Organização das Nações Unidas (ONU) encerrou sua 36.^a
sessão em Genebra, na qual adotou trinta e três resoluções,
4 sendo vinte delas por consenso.

As resoluções abordam vários temas e situações de
direitos humanos no Iêmen, no Burundi, em Mianmar, na Síria,
7 na República Democrática do Congo, na República
Centro-Africana, no Sudão, na Somália e no Camboja.

No último dia de trabalho do CDH para a sessão, o
10 órgão adotou uma resolução prorrogando o mandato da missão
internacional independente de investigação sobre Mianmar.
Também foi aprovado um texto sobre a cooperação com a
13 ONU, seus representantes e mecanismos no campo dos direitos
humanos.

O CDH solicitou ao Alto Comissariado das Nações
16 Unidas para os Direitos Humanos que estabelecesse — até o
final de 2017 — um grupo de peritos internacionais e
regionais, por um período de pelo menos um ano, a fim de
19 monitorar e relatar a situação dos direitos humanos no Iêmen
e de realizar uma investigação abrangente de todas as
alegações de violações e abusos de direitos humanos.

Internet: <nacoesunidas.org/> (com adaptações).

51.CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

A respeito dos aspectos linguísticos do texto 7A3CCC, julgue o item a seguir.

A expressão “o órgão” (ℓ. 9 e 10,) retoma “CDH” (ℓ.9) e exerce função de sujeito da oração em que está inserida.

() CERTO () ERRADO

52.CESPE - 2017 - TRF - 1ª REGIÃO - Técnico Judiciário

Nas expressões em que são empregados, os vocábulos “Humanos” (ℓ.1), “Unidas” (ℓ.2) e “internacional” (ℓ.11) desempenham a mesma função sintática.

() CERTO () ERRADO

Texto CB3A1AAA

1 Em meados da década de 90 do século passado, o
economista norte-americano Jeremy Rifkin causou polêmica
com seu livro **O Fim do Emprego**, no qual previa que a era do
4 emprego estava com os dias contados. Segundo Rifkin, o
aumento da produtividade resultante da adoção de novas
tecnologias — como a informática, a robótica e as
7 telecomunicações — iria provocar efeitos devastadores no
nível de emprego mundial. Milhões de pessoas perderiam seu
ganha-pão no campo, na indústria e no setor de serviços.
10 Somente uma pequena elite de trabalhadores especializados
conseguiria prosperar em uma economia global dominada pela
tecnologia.

13 Mas nem todos concordam com os prognósticos
pessimistas de Rifkin. “Embora a tecnologia possa tanto criar
trabalhos como extingui-los, o efeito líquido é geralmente o
16 aumento do emprego”, diz um relatório do **Future of Work**,
um programa do governo neozelandês que discute as grandes
tendências no mercado de trabalho. “Ao aumentar
19 a produtividade, a tecnologia aumenta a renda e, portanto, a
demanda na economia como um todo”, afirma o estudo, que,
no entanto, reconhece que o problema não é tão simples:
22 “Motivo de maior preocupação é que trabalhadores que
perderam seus empregos devido a mudanças na tecnologia
podem não ter as habilidades ou os meios para adquirir as
25 habilidades que serão exigidas no mercado de trabalho do
futuro”.

Se a tecnologia pode decretar o fim do emprego para
28 alguns, ela pode, paradoxalmente, representar um aumento do
trabalho para muitos. Nos últimos anos, inovações como a
Internet e o telefone celular reduziram as dificuldades
31 relacionadas às limitações de tempo e espaço. Qualquer pessoa
pode hoje ser encontrada a qualquer momento, em qualquer
lugar, o que amplia seu ambiente virtual de trabalho. “Se não
34 houver uma mudança no perfil cultural da sociedade como um
todo, as tecnologias só trarão mais e mais trabalho para a vida
das pessoas”, diz o consultor Simon Franco.

Juliana de Moraes. Emprego que não acaba mais. In: Revista Superinteressante,
n.º 209, maio/2015 (com adaptações). Internet: <<http://super.abril.com.br>>.

53. CESPE - 2016 - FUB - Conhecimentos Básicos

Com relação às ideias do texto CB3A1AAA, às construções linguísticas nele empregadas e à sua tipologia, julgue o item a seguir.

A expressão ‘a produtividade’ (l.19) exerce a função de sujeito do verbo ‘aumentar’ (l.18).

() CERTO () ERRADO

54. CESPE - 2016 - TCE-PA

Texto CB1A1BBB

1 Estranhamente, governos estaduais cujas despesas
com o funcionalismo já alcançaram nível preocupante ou que
estouraram o limite de gastos com pessoal fixado pela
4 Lei Complementar n.º 101/2000, denominada Lei de
Responsabilidade Fiscal (LRF), estão elaborando sua própria
legislação destinada a assegurar, como alegam, maior rigor na
7 gestão de suas finanças. Querem uma nova lei de
responsabilidade fiscal para, segundo argumentam, fortalecer
a estrutura legal que protege o dinheiro público do mau uso por
10 gestores irresponsáveis.

Examinando-se a situação financeira dos estados que
preparam sua versão da lei de responsabilidade fiscal, fica
13 difícil aceitar a argumentação. Desde maio de 2000, quando
entrou em vigor a LRF, esses estados, como os demais, estão
sujeitos a regras precisas para a gestão do dinheiro público,
16 para a criação de despesas e, em particular, para os gastos com
pessoal. Por que, tendo descumprido algumas dessas regras,
estariam interessados em torná-las ainda mais rigorosas?

19 Não foi a lei que não funcionou, mas os responsáveis
pelo dinheiro público que, por alguma razão, não a cumpriram.
De que adiantaria, então, tornar a lei mais rigorosa, se nem nas
22 condições atuais esses responsáveis estão sendo capazes de
cumprí-la? O problema não está na lei. Mudá-la pode ser
o pretexto não para torná-la mais rigorosa, mas para
25 atribuir-lhe alguma flexibilidade que a desfigure. O verdadeiro
problema é a dificuldade do setor público de adaptar suas
despesas às receitas em queda por causa da crise.

Internet: <<http://opinioao.estadao.com.br>> (com adaptações).

Com relação aos aspectos linguísticos do texto CB1A1BBB, julgue o seguinte item.

Os sujeitos das orações “como alegam” (l.6) e “segundo argumentam” (l.8) são indeterminados.

() CERTO () ERRADO

55. CESPE - 2016 - POLÍCIA CIENTÍFICA - PE**Texto CG1A1CCC**

1 Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão
o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio
leporino ou angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda há
4 quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro
já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse,
entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho
7 proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome:
Vilain Guignol, algo como “palhaço feio”, um jogo de palavras
ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos
10 na existência para nunca mais abandoná-lo.

Jean-Paul Didierlaurent, *O leitor do trem das 6h27*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015 (com adaptações).

Na oração em que é empregado no texto CG1A1CCC, o termo “surdos, mudos ou cegos” (l.1) exerce a função de

- a) predicativo do sujeito.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adnominal.
- d) sujeito.
- e) adjunto adverbial.

56. CESPE - 2016 - TCE-SC

Texto CB2A2BBB

1 O fenômeno da corrupção, em virtude de sua
complexidade e de seu potencial danoso à sociedade, exige,
além de uma atuação repressiva, também uma ação preventiva
4 do Estado. Portanto, é preciso estimular a integridade no
serviço público, para que seus agentes sempre atuem, de fato,
em prol do interesse público.

7 Entende-se que a integridade pública representa o
estado ou condição de um órgão ou entidade pública que está
“completa, inteira, perfeita, sã”, no sentido de uma atuação
10 que seja imaculada ou sem desvios, conforme as normas e
valores públicos.

De acordo com a Organização para Cooperação e
13 Desenvolvimento Econômico (OCDE), a integridade é mais do
que a ausência de corrupção, pois envolve aspectos positivos
que, em última análise, influenciam os resultados da
16 administração, e não apenas seus processos. Além disso,
a OCDE compreende um sistema de integridade como um
conjunto de arranjos institucionais, de gerenciamento, de
19 controle e de regulamentações que visem à promoção da
integridade e da transparência e à redução do risco de atitudes
que violem os princípios éticos.

22 Nesse sentido, a gestão de integridade refere-se às
atividades empreendidas para estimular e reforçar a integridade
e também para prevenir a corrupção e outros desvios dentro de
25 determinada organização.

Internet: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

Ainda com relação a aspectos linguísticos do texto CB2A2BBB, julgue o item subsequente.

O sujeito da oração iniciada por “Entende-se” (l.7) é indeterminado.

() CERTO () ERRADO

1 Por todos os ângulos que se contemple, parece
inexistente a possibilidade de o chamado *distritão* conduzir a
4 democracia brasileira a um patamar superior. Ao contrário,
segundo estudiosos do tema, o mais provável é que piore, sob
diversos aspectos, nosso sistema eleitoral. Ainda assim, trata-se
do item da reforma política que reúne mais apoiadores entre os
7 congressistas.

O que talvez atraia seja a simplicidade do modelo —
sem contar, naturalmente, o fato de que a alteração tende a
10 beneficiar os grandes partidos. Hoje, o número de cadeiras a
que uma agremiação tem direito na Câmara dos Deputados
guarda relação com o total de sufrágios recebidos pela sigla (ou
13 coligação). Figuras desconhecidas podem obter uma vaga no
Poder Legislativo graças ao voto de legenda e ao desempenho
de seus aliados, célebres ou não.

16 Nada disso ocorre sob o *distritão*. Funcionando como
um pleito majoritário, o formato premia os candidatos mais
populares de uma circunscrição. Como consequência, votos
19 dados a um determinado postulante são pessoais e
intransferíveis. Simples e fácil de entender, sem dúvida; mas
daí não decorre que seja um bom modelo.

22 De saída, na contramão do que se procura nas
democracias modernas, o formato enfraquece os partidos e
fortalece o personalismo, já que os votos são do candidato e de
ninguém mais. Não chega a ser improvável que personagens
25 folclóricos dominem a Câmara. Como se não bastasse,
o *distritão* ainda não aproveita os votos dados aos não eleitos,
privando da representação parlamentar em geral metade da
28 população. Legendas que tenham agenda autêntica (uma
bandeira ambiental, ou liberal, ou socialista, por exemplo)
31 podem terminar sem nenhum deputado, mesmo que passem de
um milhão de votos. Basta que os sufrágios se fragmentem
entre seus nomes, deixando todos aquém dos mais populares.
34 Problema semelhante ameaça programas voltados às minorias.
No sistema proporcional, isso não acontece, pois todo sufrágio
ajuda os demais postulantes da sigla ou aliança.

37 Se é possível e desejável aprimorar o sistema eleitoral
brasileiro, não faz sentido que, em nome desse intento,
produzam-se retrocessos.

Retrocesso democrático. In: Folha de S.Paulo, 18/5/2015 (com adaptações).

impessoais.

57. CESPE - 2016 - TRE-PI - Analista Judiciário

A respeito das construções linguísticas do texto **Retrocesso democrático**, assinale a opção correta.

a) Os termos “a possibilidade” (l.2) e “às minorias” (l.34) completam o sentido das palavras que lhes antecedem respectivamente: “inexistente” e “voltados”.

b) Os termos “grandes” (l.10) e “mais” (l.17) desempenham a função de adjuntos adnominais nas orações em que aparecem.

c) Os participios “desconhecidas” (l.13) e “dados” (l.19) exercem funções sintáticas distintas nas orações em que ocorrem.

d) As orações “que personagens folclóricos dominem a Câmara” (l. 25 e 26) e “que os sufrágios se fragmentem entre seus nomes” (l. 32 e 33) são os sujeitos dos períodos em que ocorrem.

e) No contexto em que foram empregados, os verbos **acontecer** — “acontece” (l.35) — e **fazer** — “faz” (l.38) — são

58. FGV - Especialista Legislativo de Nível Superior (ALERJ)/2017

Observe o seguinte período, retirado do livro *O Crime do Padre Amaro*, do escritor português Eça de Queiroz:

“A tarde caía quando d. Maria e Amélia voltaram para a cidade. Amélia adiante, calada, chibatava a sua burrinha, enquanto d. Maria vinha falando com o moço da quinta, que segurava a arreata”.

Sobre a estrutura sintática desse segmento, a única afirmação correta é:

- a) o primeiro período é composto por uma só oração;
- b) o segundo período é constituído por coordenação e subordinação;
- c) o segundo período é formado por quatro orações;
- d) no segundo período, o sujeito é o mesmo em todas as orações;
- e) nos dois períodos há orações subordinadas de valor temporal.

59. FGV - Analista Legislativo (ALERO)/2018

"A música talvez seja o único exemplo do que poderia ter sido – se não tivessem existido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias – a comunicação das almas".

Sobre os termos sintáticos sublinhados, assinale a afirmativa correta.

- a) Todos exercem a função de complemento nominal.
- b) Todos exercem a função de adjunto adnominal.
- c) O primeiro e o último termo exercem funções sintáticas distintas.
- d) O segundo termo exerce função sintática distinta dos demais.
- e) Os dois últimos termos exercem a mesma função sintática.

60. FGV - Analista Legislativo (ALERO)/2018

Assinale a opção que apresenta a frase em que o termo sintático sublinhado tem função sintática diferente das demais.

- a) "Toda a sabedoria consiste em desconfiar dos nossos sentidos."
- b) "O modo mais correto de esconder dos outros os limites do próprio saber é não ultrapassá-los jamais."
- c) "Quem não tem necessidades próprias dificilmente se lembra das alheias."
- d) "Pode-se prescindir de tudo. Desde que não se deva."
- e) "Deus nunca perturba a alegria dos seus filhos."

61. FGV - Consultor Legislativo (ALERO)/2018**DESEJO DE CONHECER**

"É natural no ser humano o desejo de conhecer." Quando li pela primeira vez essa sentença inicial da Metafísica de Aristóteles, mais de quarenta anos atrás, ela me pareceu um grosso exagero. Afinal, por toda parte onde olhasse – na escola, em família, nas ruas, em clubes ou igrejas – eu me via cercado de pessoas que não queriam conhecer coisíssima alguma, que estavam perfeitamente satisfeitas com suas ideias toscas sobre todos os assuntos, e que julgavam um acinte a mera sugestão de que, se soubessem um pouco mais a respeito, suas opiniões seriam melhores.

Precisei viajar um bocado pelo mundo para me dar conta de que Aristóteles se referia à natureza humana em geral, e não à cabeça dos brasileiros. De fato, o traço mais conspícuo da mente dos nossos compatriotas era o desprezo humano pelo conhecimento, acompanhado de um neurótico temor reverencial aos seus símbolos exteriores: diplomas, cargos, espaço na mídia. (fragmento adaptado)

Olavo de Carvalho, Diário do Comércio, 10/01/2011.

A frase de Aristóteles está em ordem sintática inversa. Assinale a opção que apresenta essa mesma frase na ordem direta.

- a) No ser humano, o desejo de conhecer é natural.
- b) O desejo de conhecer, no ser humano, é natural.
- c) É natural o desejo de conhecer no ser humano.
- d) O desejo de conhecer é natural no ser humano.
- e) O desejo de conhecer é, no ser humano, natural.

62. FGV - Técnico Bancário (BANESTES)/2018

Na escrita, pode-se optar frequentemente entre uma construção de substantivo + locução adjetiva ou substantivo + adjetivo (coragem de herói coragem heroica.)

O termo abaixo sublinhado que **NÃO** pode ser substituído por um adjetivo é:

- a) A maior preocupação do homem é a morte;
- b) A criação do homem é ideia de Deus;
- c) A inteligência do homem é infinita;
- d) Os amores do homem são passageiros;
- e) É efêmera a memória do homem.

63. FGV - Assistente Legislativo Municipal (CM Salvador)/ 2018

A questão baseia no texto apresentado abaixo.

Violência: O Valor da vida

Kalina Vanderlei Silva / Maciel Henrique Silva, Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2006, p. 412

A violência é um fenômeno social presente no cotidiano de todas as sociedades sob várias formas. Em geral, ao nos referirmos à violência, estamos falando da agressão física. Mas violência é uma categoria com amplos significados. Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas. Dessa forma, podemos definir a violência como qualquer relação de força que um indivíduo impõe a outro. Consideremos o surgimento das desigualdades econômicas na história: a vida em sociedade sempre foi violenta, porque, para sobreviver em ambientes hostis, o ser humano precisou produzir violência em escala inédita no reino animal. Por outro lado, nas sociedades complexas, a violência deixou de ser uma ferramenta de sobrevivência e passou a ser um instrumento da organização da vida comunitária. Ou seja, foi usada para criar uma desigualdade social sem a qual, acreditam alguns teóricos, a sociedade não se desenvolveria nem se complexificaria. Essa desigualdade social é o fenômeno em que alguns indivíduos ou grupos desfrutam de bens e valores exclusivos e negados à maioria da população de uma sociedade. Tal desigualdade aparece em condições históricas específicas, constituindo-se em um tipo de violência fundamental para a constituição de civilizações.

“Hoje, esse termo denota, além da agressão física, diversos tipos de imposição sobre a vida civil, como a repressão política, familiar ou de gênero, ou a censura da fala e do pensamento de determinados indivíduos e, ainda, o desgaste causado pelas condições de trabalho e condições econômicas”.

Esse segmento do texto contém:

- a) 1 oração;
- b) 2 orações;
- c) 3 orações;
- d) 4 orações;
- e) 5 orações.

64. FGV - Analista Portuário (CODEBA)/2016

A questão deve ser respondida a partir do texto.

Texto

Do relatório à pizza

Nos últimos anos, relatórios produzidos por Comissões Parlamentares de Inquérito têm merecido destaque na mídia nacional por impactos das denúncias que investigam. Algumas das sessões de inquérito são transmitidas por canais de televisão e acompanhadas por milhares de brasileiros interessados no resultado das investigações conduzidas por seus representantes legislativos. Muitos jornais publicam trechos dos relatórios produzidos por essas comissões de inquérito. De modo geral, porém, as expectativas dos eleitores são frustradas quando veem relatórios que apontam responsabilidades por crimes de corrupção e desvio de verbas públicas serem “engavetados” sem que os responsáveis sejam punidos.

(João Montanaro, Folha de São Paulo, 19-05-2012)

No texto, o termo que exerce uma função sintática diferente das demais é:

- a) por Comissões Parlamentares de Inquérito.
- b) por impactos das denúncias que investigam.
- c) por canais de televisão.
- d) por milhares de brasileiros interessados.
- e) por seus representantes legislativos.

65. FGV - Analista Portuário (CODEBA)/2016

A questão deve ser respondida a partir do texto.

Texto**Relatórios**

Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico. Os relatórios de inquérito, por exemplo, são lidos pelas pessoas diretamente envolvidas na investigação de que tratam. Um relatório de inquérito criminal terá como leitores preferenciais delegados, advogados, juízes e promotores.

Autores de relatórios que têm leitores definidos podem pressupor que compartilham com seus leitores um conhecimento geral sobre a questão abordada. Nesse sentido, podem fazer um texto que focalize aspectos específicos sem terem a necessidade de apresentar informações prévias.

Isso não acontece com relatórios de circulação mais ampla. Nesse caso, os autores do relatório devem levar em consideração o fato de terem como interlocutores pessoas que se interessam pelo assunto abordado, mas não têm qualquer conhecimento sobre ele. No momento de elaborar o relatório, será preciso levar esse fato em consideração e introduzir, no texto, todas as informações necessárias para garantir que os leitores possam acompanhar os dados apresentados, a análise feita e a conclusão decorrente dessa análise.

“Relatórios de circulação restrita são dirigidos a leitores de perfil bem específico”.

No caso desse segmento do texto, a preposição **a** é de uso gramatical, pois é exigida pela regência do verbo dirigir.

Assinale a opção que indica a frase em que a preposição “a” introduz um adjunto e **não** um complemento.

- a) *O Brasil dá Deus a quem não tem nozes, dentes etc.*
- b) *É preciso passar o Brasil a limpo.*
- c) *Um memorando serve não para informar a quem o lê, mas para proteger quem o escreve.*
- d) *Quem é burro pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue.*
- e) *O desenvolvimento é uma receita dos economistas para promover os miseráveis a pobres – e, às vezes, vice-versa.*

66. FGV - Analista Censitário (IBGE)/2017**ENTREVISTA COM O FÍSICO HOWARD GELLER**

O Brasil passou por um período de racionamento de energia em 2001. Isso pode se repetir? O que pode ser feito para evitar um novo racionamento?

O racionamento foi resultado da política de privatização e desregulamentação que não incentivou suficientemente a construção de novas usinas. O governo também não permitiu que o setor público investisse nessa área. Não planejou nem implementou uma política para o setor. O problema principal foi esse e não tinha uma carência de energia ou da capacidade de fornecê-la, embora o volume de chuvas tenha sido pequeno nos anos anteriores.

No futuro, o desafio será adotar uma política energética que estimule o fornecimento de energia, através de eletricidade ou de combustíveis, a um custo acessível para os consumidores e as empresas, protegendo inclusive o meio ambiente. É preciso levar em conta questões econômicas e sociais. No Brasil, há pelo menos 20 milhões de pessoas que vivem em áreas rurais das regiões Norte e Nordeste, sem acesso à eletricidade. Uma boa política expandiria o fornecimento para essa população.

(Ciência Hoje, maio de 2004 - adaptado)

No texto há um conjunto de termos precedidos da preposição DE; o termo abaixo em que essa preposição tem emprego não exigido por um termo anterior é:

- a) "acionamento de energia";
- b) "construção de novas usinas";
- c) "capacidade de fornecê-la";
- d) "volume de chuvas";
- e) "fornecimento de energia".

67. FGV - Agente Censitário (IBGE)/2017

"Maior confronto armado da história da América do Sul, a Guerra do Paraguai é uma página desbotada na memória do povo brasileiro. Passados quase 150 anos das últimas batalhas deste conflito sangrento que envolveu Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, o tema se apequenou nos livros didáticos e se restringiu às discussões acadêmicas. Neste livro, fruto de pesquisas históricas rigorosas, mas escrito com o ritmo de uma grande reportagem, o leitor poderá se transportar para o palco dos acontecimentos e acompanhar de perto a grande e trágica aventura que deixou marcas profundas no continente sul-americano e lembranças de momentos difíceis".

(adaptado - A Guerra do Paraguai, Luiz Octávio de Lima)

Entre as ocorrências da preposição "de" sublinhadas nas passagens do texto, aquela em que o emprego dessa preposição é uma exigência de um termo anterior é:

- a) "história da América do Sul";
- b) "Guerra do Paraguai";
- c) "memória do povo brasileiro";
- d) "fruto de pesquisas históricas rigorosas";
- e) "lembranças de momentos difíceis".

68. FGV - Agente Censitário (IBGE)/2017

Texto 2

"Imagine reunir um grupo diverso de pessoas toda quinta-feira, durante dez anos, para estudar e treinar visões sobre o trabalho do ator e da arte. Imagine que a pessoa que conduz essa iniciativa o faz por crença no ofício, dedicação de uma vida inteira, com apoios eventuais, mas sem nenhum ressentimento. Para aqueles que

miram na arte uma forma de estar na vida, a diretora Celina Sodré é um exemplo a ser mirado. Para outros que olham com desdém a profissão de artista de teatro, é uma possibilidade de mudar de ponto de vista”.

(O Globo, 11/04/2017)

O segmento do **texto 2** em que o emprego da preposição DE – com ou sem contração com o artigo - é resultante da exigência de um termo anterior é:

- a) “um grupo diverso de pessoas”;
- b) “sobre o trabalho do ator”;
- c) “dedicação de uma vida inteira”;
- d) “uma forma de estar na vida”;
- e) “profissão do artista”.

69. FGV - Técnico em Informações Geográficas e Estatísticas A I (IBGE)/2016

TEXTO

Entre as funções do técnico do IBGE, aparece a de “Executar de acordo com instruções e/ou orientações, as rotinas administrativas necessárias à manutenção da Unidade de Trabalho, desde o recebimento, a organização, a guarda e o encaminhamento de documentos institucionais e de interessados, utilizando os recursos de informática disponibilizados pela Instituição e os sistemas corporativos e federais”.

Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151113_resultados_pnad_jc_ab

No texto há uma série de termos que são complementados por outros; o item abaixo que mostra um complemento seguido do termo que o exige é:

- a) de acordo com instruções / Executar;
- b) à manutenção da Unidade de Trabalho / necessárias;
- c) de informática / recursos;
- d) sistemas corporativos e federais / disponibilizados;
- e) institucionais / documentos.

70. FGV - Assistente Técnico-Administrativo (MPE BA)/2017

Observe a charge abaixo.



Na charge, na frase do representante do restaurante, o primeiro termo devia estar separado por vírgula por ser:

- a) um termo deslocado;
- b) um aposto;
- c) um vocativo;
- d) uma oração antecipada;
- e) um adjunto adverbial.

71. FGV - Analista do Ministério Público (MPE RJ)/Administrativa/2016 (e mais 1 concurso)

“Dentre os problemas sociais urbanos, merece destaque a questão da segregação urbana, fruto da concentração de renda no espaço das cidades e da falta de planejamento público que vise à promoção de políticas de controle ao crescimento desordenado das cidades”.

Nesse período, o termo que se liga sintaticamente a um termo anterior, de forma diferente dos demais, é:

- a) concentração de renda;
- b) espaço das cidades;
- c) falta de planejamento;
- d) promoção de políticas;
- e) crescimento das cidades.

72.FGV - Analista de Políticas Públicas e Gestão Governamental (CGM Niterói)/2018

Leia o segmento a seguir.

“Não se trata de uma referência às fontes murmurantes cantadas por Ary Barroso em sua ‘Aquarela do Brasil’. As fontes em questão são outras, estão atualmente em debate nos meios jornalísticos e legais: o direito de proteger o sigilo das ‘fontes’.

Contrariando a maioria, diria até a unanimidade dos colegas de ofício, sou contra este tipo de sigilo e, sobretudo, contra as fontes em causa.”

No segmento, o termo que funciona como complemento de um termo anterior é:

- a) às fontes murmurantes.
- b) em sua ‘Aquarela do Brasil’.
- c) nos meios jornalísticos e legais.
- d) das fontes.
- e) dos colegas de ofício.

73.INÉDITA

Observe o seguinte trecho: O fascínio por determinados temas científicos segue a lógica da saturação do termo...

Assinale a opção cujo termo em destaque exerce a mesma função sintática que sublinhado acima.

- a) ... antes de serem veiculados com qualquer informação de cunho científico
- b) O consumidor pode pedir uma revisão ou confirmação científica dos dados apresentados
- c) A publicidade contemporânea trata com pessoas
- d) Se você é mulher, talvez já tenha observado com mais atenção
- e) O interesse do público muda bastante e a publicidade se aproveita desses temas

74. INÉDITA

Numa manchete de jornal, lia-se a seguinte manchete:

Acusaram o torturador de criminoso.

Do modo como está redigida, pode-se dizer que, nesta frase:

- a) o termo “de criminoso” é ambíguo, pois pode ser tanto predicativo do sujeito quanto adjunto adnominal do nome “torturador”.
- b) o termo “de criminoso” é ambíguo, pois pode ser adjunto adverbial de modo ou complemento nominal.
- c) o termo “de criminoso” é ambíguo, pois pode ser adjunto adnominal ou predicativo do sujeito “Eles”.
- d) se posicionarmos “de criminoso” antes de “o torturador”, a ambiguidade seria desfeita.

e) o termo “de criminoso” é um modificador do verbo “Acusaram” e transmite uma ideia de modo.

75. INÉDITA

Assinale a alternativa em que a oração se estrutura, sequencialmente, com as mesmas funções sintáticas dos termos da oração:

Os funcionários da fábrica sempre fazem homenagens aos recém-chegados.

- a) Os prazeres da cozinha não têm relação com a longevidade?
- b) O futebol brasileiro me ensinou muitas coisas.
- c) Os professores da Universidade corriqueiramente alegam descaso com a pesquisa.
- d) As promessas dos políticos sempre resultam em críticas dos eleitores.
- e) As respostas do acusado nunca deram margem a dúvidas.

Gabarito

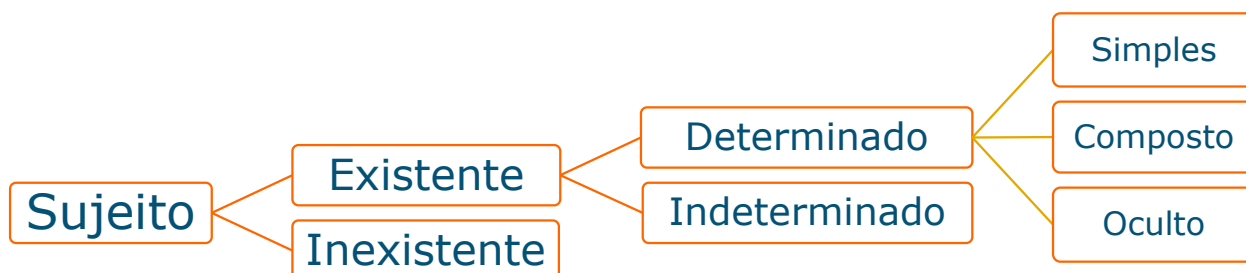
01	D	02	C	03	B	04	E	05	D
06	C/D	07	B	08	A	09	B	10	E
11	E	12	E	13	D	14	C	15	E
16	A	17	E	18	E	19	D	20	C
21	A	22	A	23	B	24	D	25	B
26	B	27	C	28	E	29	E	30	E
31	E	32	E	33	E	34	C	35	C
36	C	37	E	38	B	39	C	40	E
41	E	42	C	43	C	44	C	45	E
46	E	47	E	48	A	49	E	50	E
51	C	52	C	53	E	54	E	55	A
56	E	57	D	58	E	59	C	60	E
61	D	62	B	63	B	64	B	65	C
66	D	67	E	68	C	69	B	70	C
71	B	72	A	73	B	74	D	75	C

Resumo Direcionado

Sujeito

Para encontrar o sujeito, vamos perguntar ao verbo da oração:

Quem + forma verbal? ou **O que + forma verbal?**



Entenda que **o sujeito oculto existe e é possível determiná-lo por meio da desinência verbal ou do contexto em que a oração está inserida.**



Observe que temos duas orações no período.

Na 1a - "O professor pediu aos alunos" -, o sujeito da forma verbal "pediu" é "O professor". Trata-se de um sujeito simples!

Já na 2a - que entregassem a tarefa ao final da aula -, o sujeito da forma verbal "entregassem" é "os alunos". Note que o termo "os alunos" não está explícito na 2a oração, o que faz com que o classifiquemos como oculto!

Mas professor, por que não podemos chamar esse sujeito de simples? Simplesmente porque ele não está explícito na oração, e sim oculto! Percebeu a pegadinha

Cuidado com a contaminação por plural!!!

Observe a frase:

A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras sofreram queda acentuada nos primeiros meses do ano.

Queridos, nós cometemos um erro de concordância nessa frase!

Pergunte ao verbo "sofreram" quem é o sujeito dele. A pergunta será "O que sofreu queda acentuada nos primeiros...?". E a resposta será "A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras".

Viu o problema?

Qual é o núcleo desse danado?

Veja que o artigo “A” está subordinado ao substantivo “oferta”. A este substantivo também estão subordinadas duas expressões preposicionadas – “de novos de trabalhos” e “nas principais capitais brasileiras”. **Galera, o núcleo do sujeito é “oferta”. O sujeito existe, é determinado e é simples.**

Mas veja que o núcleo do sujeito singular “oferta” e a forma verbal plural “sofreram” não estão concordando, certo?

É preciso estabelecer a concordância.

Como?

A oferta de novos postos de trabalhos nas principais capitais brasileiras sofreu queda acentuada nos primeiros meses do ano.

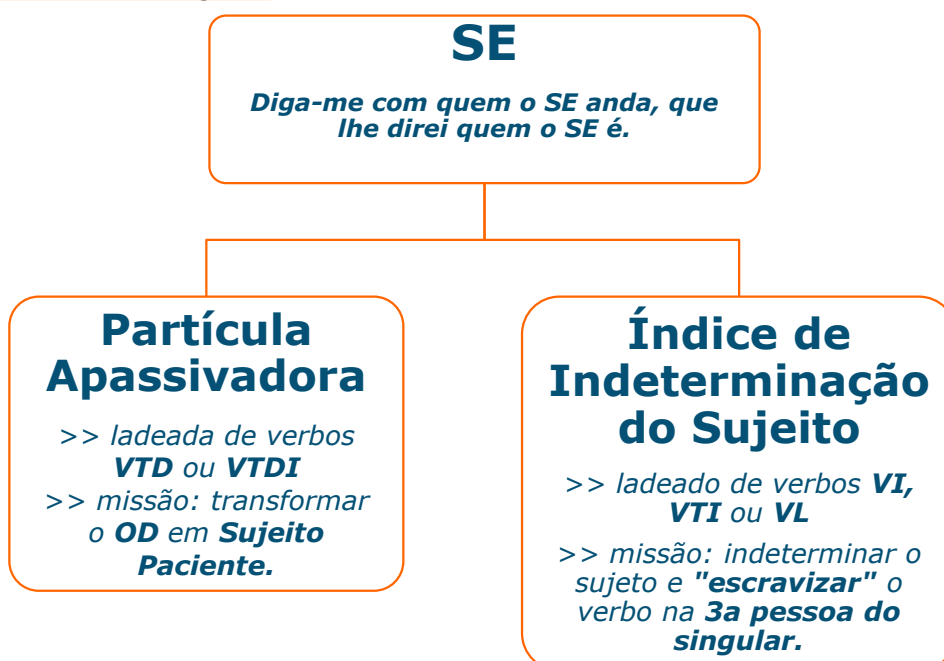
Você entende por que cometeu esse erro?

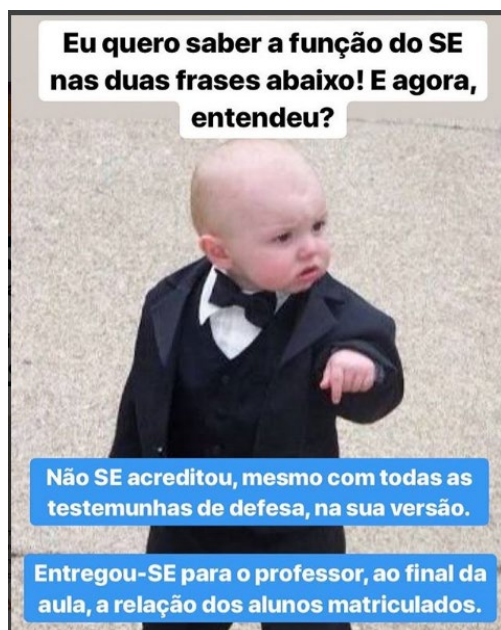
Não foi à toa. Os vários “penduricalhos” plurais ligados ao núcleo do sujeito nos induzem a flexionar o verbo no plural. A gente acaba indo no embalo, na inércia. **É a contaminação por plural.**

Amigos, as bancas adoram explorar a contaminação por plural nas questões de concordância.

Entendeu agora por que a figura do núcleo do sujeito é tão importante?

Já na frase “Desconfiou-se do fato”, o “se” cumpre a função de indeterminar do sujeito. Se passarmos o objeto indireto “do fato” para o plural – “dos fatos” -, o que diabos acontecerá com a forma verbal? A resposta é ... NADA! Ora, não sabemos quem é o sujeito, portanto não temos permissão de flexionar o verbo, **que fica “escravizado” na 3ª pessoa do singular!**



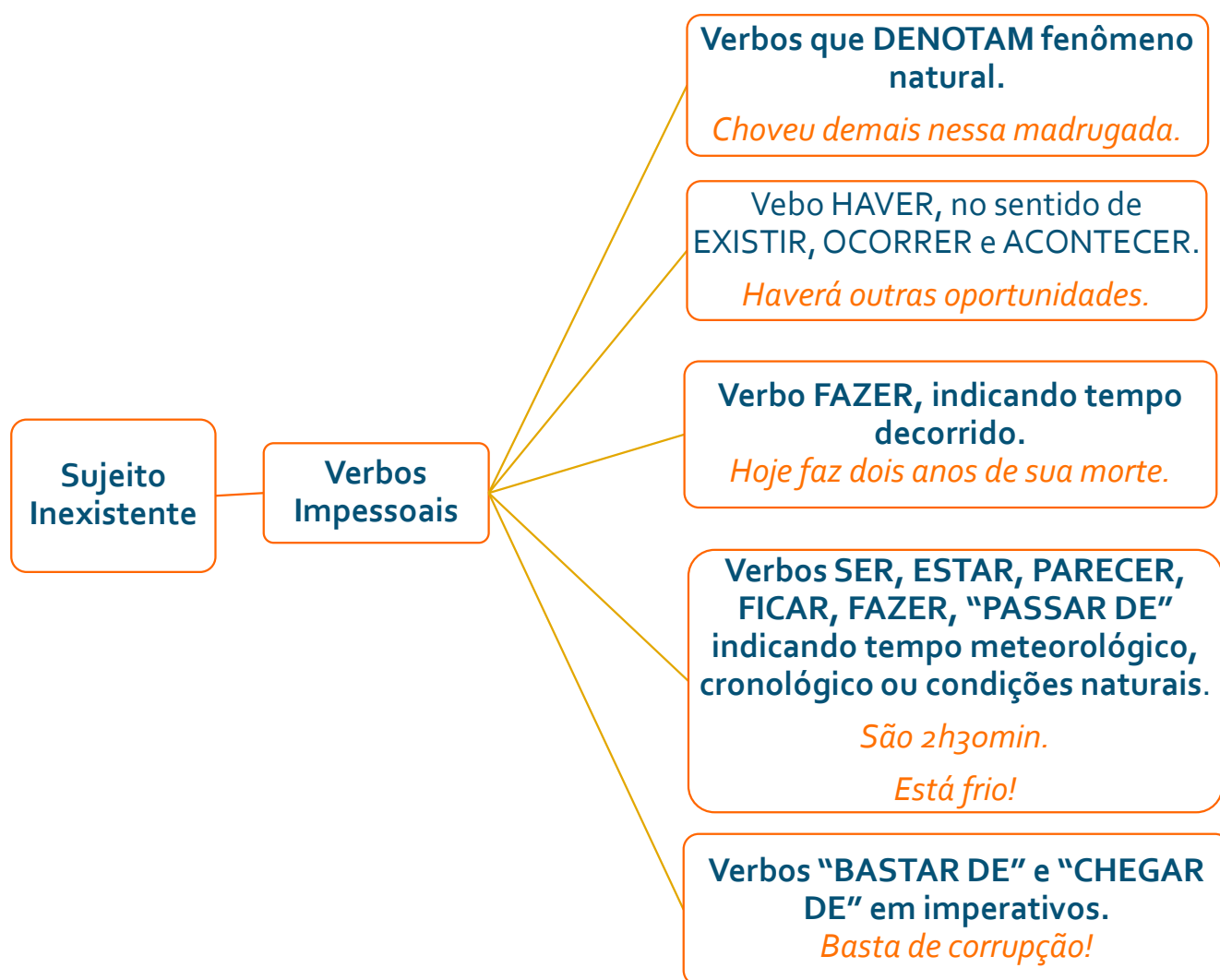


DIGA COM QUEM O SE ANDA QUE DIREI A VOCÊ QUEM O SE É!

Moçada, se o SE estiver ladeado de verbos que solicitam OBJETO DIRETO (VTD ou VTDI), o SE assume papel de **PARTÍCULA APASSIVADORA**. É o que ocorre na 2ª frase: o verbo ENTREGAR pede OD (*Quem entrega entrega para alguém ALGO*). Dessa forma, o SE assume nessa frase a função de **PARTÍCULA APASSIVADORA**.

No entanto, se o SE estiver ladeado de verbo que NÃO POSSUA OD (VI, VTI ou VL), o SE assume o papel de **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**. É o que ocorre na 1ª frase: o verbo ACREDITAR não pede OD, e sim OI. Dessa forma, o SE nessa frase assume a função de **ÍNDICE DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO**.

Com isso, mapeamos todos os casos de determinação do sujeito. Em todas as frases apresentadas, foi possível apontar explícita ou implicitamente um termo que atuava como sujeito.





Verbos Auxiliares Impessoais "POR TABELA".

Que história é essa, professor? Deixe-me explicar! Quando um verbo é impessoal, ele transforma o seu auxiliar em verbo impessoal também (o auxiliar seria, em linguagem popular, um impessoal "por tabela"). Galera, muito importante esse caso, fartamente cobrado nas provas, viu? Vejamos as seguintes frases:

"*Deve fazer dez anos que não o vejo*". (CERTO)

"*Devem fazer dez anos que não o vejo*." (ERRADO)

"*Deve haver quadros na parede*". (CERTO)

"*Devem haver quadros na parede*." (ERRADO)

Note que o auxiliar **DEVER**, que acompanha os verbos **HAVER** (no sentido de *EXISTIR*) e **FAZER** (indicando *TEMPO DECORRIDO*), será conjugado invariavelmente na **3ª pessoa do singular**, pois ele se tornou impessoal "por tabela". A impessoalidade do principal contagia, portanto, o auxiliar.

Galerinha, vale ressaltar que **alguns verbos ora podem fazer menção a ações, ou seja, serão nocionais; ora podem fazer menção a estado, ou seja, serão de ligação**. Observe:

Ele **anda** muito depressa.

Ele **anda** meio irritado com a situação.

O verbo **ANDAR** é **nocional na primeira frase**, pois está associado a uma ação (**troque "andar" por "caminhar"**). Já na **segunda frase é de ligação**, pois está associado à ideia de estado (**troque "andar" por "estar"**).

O garçom **virou** a bandeja sobre o cliente.

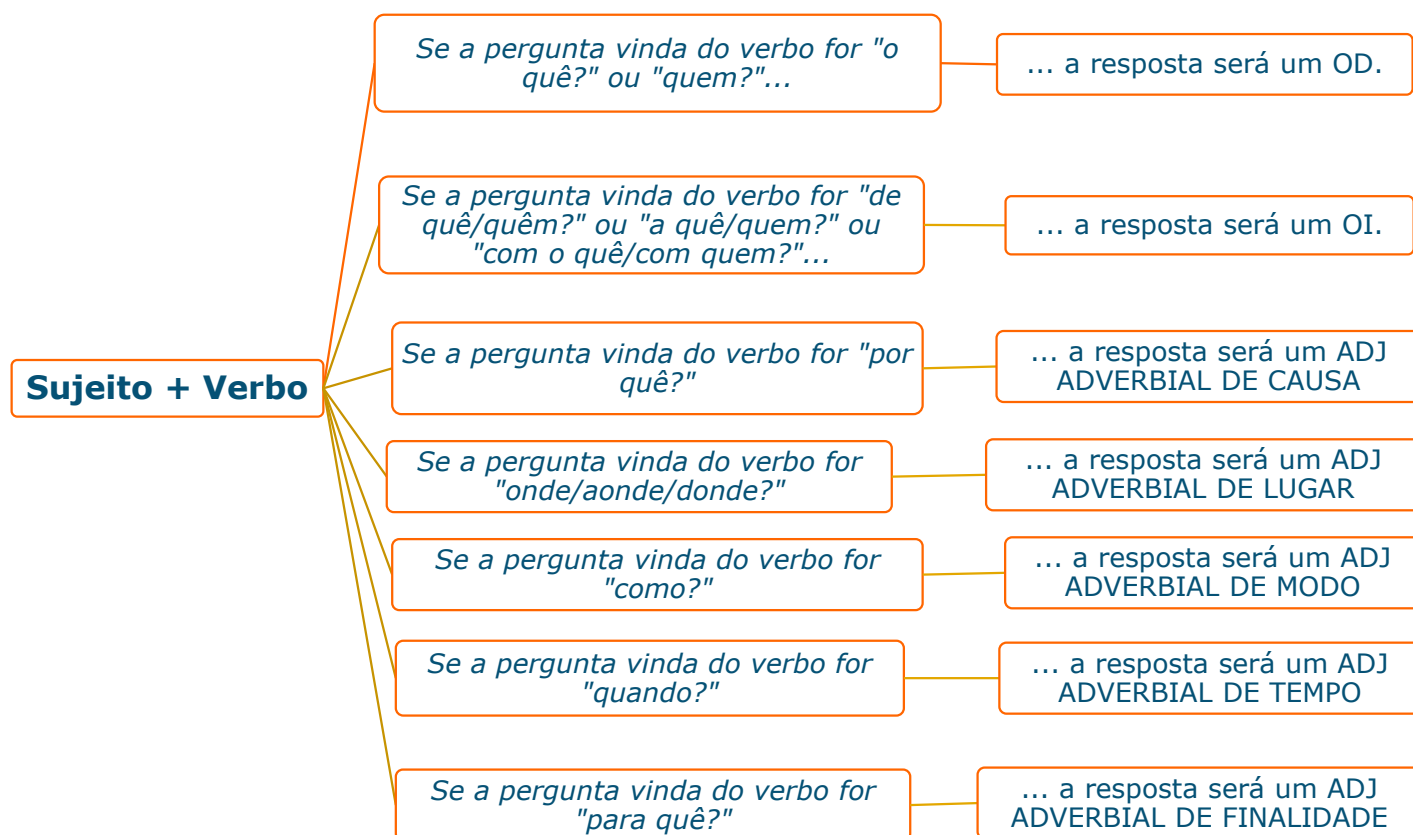
O técnico **virou** uma fera com a marcação do impedimento.

O verbo **VIRAR** é **nocional na primeira frase**, pois está associado a uma ação (**dá para imaginar a ação "virar" a bandeja, correto?**). Já na **segunda frase é de ligação**, pois está associado à ideia de estado (**troque "virar" por "ficar"**).

Ele **vive** naquele bairro há dez anos.

Ele **vive** de mau humor.

O verbo **VIRAR** é **nocional na primeira frase**, pois está associado a uma ação (**troque "viver" por "morar"**). Já na **segunda frase é de ligação**, pois está associado à ideia de estado (**troque "vive de mau humor" por "está sempre de mau-humor"**).



Passo a Passo da Análise Sintática da Oração

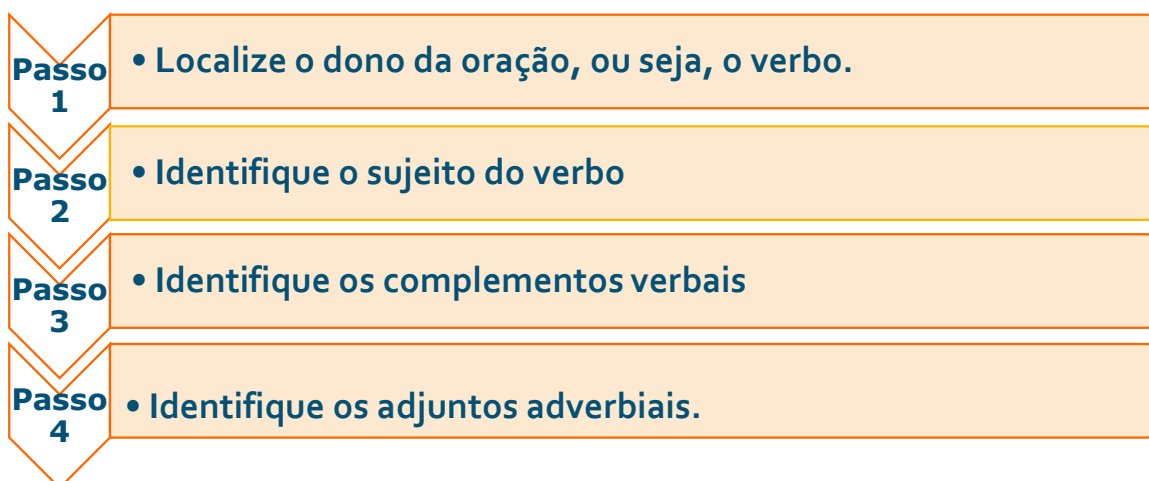
Agora que já adquirimos um pouco mais de maturidade, é importante que estabeleçamos seguinte passo a passo para analisar sintaticamente uma oração:

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Passo 4: Identifique os adjuntos adverbiais.



Vamos aplicar esse útil passo a passo na prática, nas mais diversas orações. Observe as frases a seguir:

Ainda nesta manhã, o aluno deverá enviar para a comissão julgadora, em caráter de urgência, devido ao prazo exíguo, as propostas de recurso.

Passo 1: Localize o dono da oração, ou seja, o verbo.

Resposta: O dono da oração é a locução verbal "deverá enviar".

Passo 2: Identifique o sujeito do verbo.

Resposta: O sujeito é o termo "o aluno".

Passo 3: Identifique os complementos verbais.

Resposta: "Conversando com o verbo", teremos: "Quem deverá enviar deverá enviar **ALGO PARA ALGUÉM**". Logo o verbo pede um **OD** (= as propostas de recurso) e um **OI** (=para a comissão julgadora).

Passo 4: Quais os adjuntos adverbiais?

Resposta: Quem sobrou após definirmos o sujeito e os complementos? Temos "Ainda nesta manhã", um adjunto adverbial de tempo; "em caráter de urgência", um adjunto adverbial de modo; "devido ao prazo exíguo", um adjunto adverbial de causa.

IMPORTANTE!

É muito comum a precipitação na hora de se analisar sintaticamente uma oração.

Na ânsia por responder rapidamente, cometemos equívocos frequentes.



Um exemplo disso está ilustrado no *meme*: quando vemos algo após o verbo, imediatamente queremos dizer que se trata de um OBJETO.

Calma!

É necessário seguir uma ordem, sem atropelos. Vejamos a seguir o passo a passo para uma correta análise sintática:

Passo 1: Identifique o verbo;

Passo 2: Identifique o sujeito;

Passo 3: Identifique os complementos verbais;

Passo 4: Identifique os adjuntos adverbiais.

Isso posto, vamos lá!

Passo 1: Identifique o verbo "Resta";

Passo 2: Identifique o sujeito, perguntando ao verbo "O que restou?". A resposta é... "uma esperança"

Passo 3: Somente depois de identificado o sujeito, é que vamos em busca dos complementos. Conversando com o verbo "Restar", chegamos à conclusão de que ALGO RESTA A ALGUÉM. O verbo "restar" pede OBJETO INDIRETO, representado no *meme* por "ao time".

Cuidado, portanto, com as seguintes construções:

Ocorreu **UM ACIDENTE**...

Faltou **UMA OPORTUNIDADE**...

Aconteceu **UM DESASTRE**...

Saiu **O RESULTADO**...

Nas provas que você fizer, o demônio vai tentar empurrar os termos em destaque como objetos diretos, o que está **ERRADO!**

Eles funcionam como **SUJEITO**.

NÃO ESTAMOS AUTORIZADOS A IR EM BUSCA DOS OBJETOS SEM ANTES IDENTIFICAR O SUJEITO, SOB RISCO DE COMETER EQUÍVOCOS.

Não passe para o Passo 3 sem passar pelo Passo 2. Você corre o risco de chamar de Objeto Direto um termo que na verdade funciona como SUJEITO!

Adjunto Adnominal

O Adjunto Adnominal é o termo que modifica um substantivo de forma direta, **SEM INTERMEDIACÃO DE UM VERBO**. Trata-se de uma função adjetiva, desempenhada por **adjetivos e locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos**. Em suma, atuarão como adjuntos adnominais todos os satélites de um substantivo – *artigos, numerais, pronomes e adjetivos*.

Isso posto, identifiquemos na frase a seguir todos os adjuntos adnominais nela presentes:

Os meus queridos alunos do Direção Concursos conquistaram cem mil aprovações nos mais disputados concursos públicos do Brasil e do mundo.

Predicativo

O predicativo pode ser do sujeito ou do objeto. Dizer de quem é o predicativo não é tão complicado, pois basta verificar quem é modificado por ele, se o sujeito ou o objeto. Difícil é afirmar que é predicativo.

Por isso, precisamos definir de uma forma muito precisa esse termo. Podemos assim fazer apontando o predicativo como **um termo que caracteriza um nome (núcleo do sujeito ou do objeto) tendo um verbo como intermediário**. O fato de haver intermediação por parte de um verbo na ligação do nome ao predicativo é o que diferencia este do adjunto adnominal.

Como assim, professor?

Vamos explicar melhor! Para isso, dividamos o estudo em duas partes: o predicativo do sujeito e o predicativo do objeto

Predicativo do Sujeito

Muitas vezes, a identificação do Predicativo do Sujeito se dá pela presença – **explícita ou implícita** - na construção frasal de **verbos de ligação**.

Presença explícita ou implícita, professor?

Isso! Vamos visualizar algumas frases:

O professor **ficou irritado** com a falta de respeito do aluno.

- Note a presença explícita do verbo ligação “ficar”
- O atributo que o acompanha – “irritado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “irritado” modifica “professor”, intermediado pelo verbo de ligação “ficar”.

O secretário saiu da sala de reuniões **irritado**.

- Não temos agora um verbo de ligação explícito na frase, mas é possível subentendê-lo.
- Veja que a frase pode ser assim reescrita: ***O secretário saiu da sala de reuniões (e estava) irritado.***
- Note a presença implícita do verbo ligação “estar”
- O atributo que o acompanha – “irritado” – é o Predicativo do Sujeito
- Note que “irritado” modifica “secretário”, intermediado pelo verbo de ligação oculto “estar”.

IMPORTANTE!

O verbo é de ligação somente se ele estiver ligado a um predicativo.

Cuidado com as orações a seguir:

*Eu **fiquei** em casa.*

O verbo “**ficar**” não é de ligação, pois não está ligado a um predicativo. Como classificá-lo, professor? **Vamos chamá-lo, gente, de INTRANSITIVO.** Note que “em casa” é um adjunto adverbial de lugar.

*Eu **fiquei** em casa, durante esta manhã.*

O verbo “**ficar**” não é de ligação, pois não está ligado a um predicativo. Ele é **INTRANSITIVO.** Note que “em casa” é um adjunto adverbial de lugar e “durante esta manhã”, um adjunto adverbial de tempo.

*Eu **fiquei** em casa, durante esta manhã, **pensativo**.*

Agora sim, o verbo “**ficar**” é de ligação. Ele está ligado ao predicativo do sujeito “**pensativo**”. Os termos “em casa” e “durante esta manhã” são adjuntos adverbiais, respectivamente de lugar e de tempo.

Nem sempre, contudo, teremos a presença de um verbo de ligação. Vejamos os exemplos a seguir:

***Beltrano da Silva** foi nomeado **Ministro da Fazenda**.*

Observe que “Ministro da Fazenda” é atributo de “Beltrano da Silva”, tendo a forma verbal “ser nomeado” como intermediário. O termo “Ministro da Fazenda” é, portanto, um predicativo do sujeito “Beltrano da Silva”.

*O recurso foi julgado **improcedente** pela comissão*

Observe que “improcedente” é atributo de “recurso”, tendo a forma verbal “ser julgado” como intermediário. O termo “improcedente” é, portanto, um predicativo do sujeito “O recurso”.

Os verbos “julgar” e “nomear” são denominados transobjetivos. A seguir detalharei essa categoria de verbos, ok?

Predicativo do Objeto

O Predicativo do Objeto ocorre geralmente com os chamados **verbos transobjetivos, responsáveis por indicar julgamento, opinião ou designação.** Entre os principais verbos transobjetivos, destacamos **julgar, achar, considerar, deixar, nomear, etc.** Esses verbos são assim denominados, porque estarão acompanhados de um objeto seguido de um predicativo do objeto. Vejamos alguns exemplos:

*A população o **considerou** um salvador da Pátria.*

Deixei minhas alunas revoltadas.

Julguei impossível a classificação do time para a série A.

Achei bem organizado seu projeto.

Chamaram-lhe de impostor.

Mais uma vez, note que o atributo se liga ao nome, intermediado por uma forma verbal.

Adjunto Adnominal vs. Predicativo

Há similaridades entre o adjunto adnominal e o predicativo, o que faz com que, muitas vezes, ocorram confusões na identificação dessas duas funções sintáticas.

A primeira e principal diferença é que o adjunto adnominal se liga diretamente ao nome, sem intermediação de verbo. Já o predicativo se liga ao nome intermediado por verbos de ligação – explícitos ou implícitos – ou verbos transobjetivos.

A segunda diferença é que o adjunto adnominal é um atributo intrínseco, inerente, pertencente ao ser. Já o predicativo é, muitas vezes, um atributo momentâneo, circunstancial. No caso do predicativo do objeto, este representa uma opinião, um juízo de valor, ou uma designação por parte do sujeito ao objeto.

A terceira diferença é que o adjunto adnominal nunca poderá ser isolado do substantivo a que se refere por vírgulas ou travessões nem poderá sofrer grandes deslocamentos em relação ao substantivo. Já o predicativo pode ser isolado por vírgulas e distanciado do nome a que se refere.

Vejamos os inúmeros exemplos a seguir

I – O comerciante irritado saiu do banco.

- Note que “irritado” está ligado diretamente ao substantivo comerciante, sem intermediação de verbo;
- Note que “irritado” é uma característica intrínseca, pertencente ao comerciante.
- Trata-se, assim, de um **adjunto adnominal**.

II – O comerciante saiu irritado do banco.

- Note que “irritado” está ligado ao substantivo comerciante, com intermediação de verbo de ligação oculto - ***O comerciante saiu do banco (e estava) irritado;***
- Note que “irritado” não é um atributo intrínseco, permanente. Trata-se de um atributo de momento. Não se sabe por que o comerciante estava irritado.
- Note que é possível deslocar “irritado” pela frase - ***Irritado, o comerciante saiu do banco; O comerciante, irritado, saiu do banco.***
- Trata-se, assim, de um **predicativo do sujeito**.

III - Minha filha quer um carro novo.

- Note que “novo” está ligado diretamente ao substantivo comerciante, sem intermediação de verbo;
- Note que “novo” é uma característica intrínseca do “carro”.
- Trata-se, assim, de um **adjunto adnominal**.

IV - Julguei seu carro novo, apesar da quilometragem avançada.

- Note que “novo” está ligado substantivo carro, com intermediação de verbo transobjetivo “julgar”;
- Note que “novo” não é um atributo intrínseco e permanente do carro. Trata-se de um juízo de valor manifestado pelo sujeito ao objeto “carro”.
- Trata-se, assim, de um **predicativo do objeto**.

Sabemos que o adjunto adnominal faz parte do sujeito ou do objeto, enquanto que o predicativo é uma qualidade dada ao sujeito ou objeto pelo verbo, não é verdade? Veja o que vamos fazer para visualizar isso:

Eu tenho um caderno bonito.

Eu acho meu caderno bonito.

A dúvida que fica é sobre a função sintática de “bonito” nos dois casos.

Observe o que acontece quando substituímos o objeto por um pronome substantivo:

Eu tenho um caderno bonito. = Eu o tenho.

Eu acho meu caderno bonito. = Eu o acho bonito.

Na primeira frase, o pronome oblíquo o está substituindo “um caderno bonito”. Como “bonito” veio “para dentro” do pronome em companhia do substantivo “caderno”, provamos que “bonito” é um atributo inerente, pertencente ao substantivo “caderno”. Fica provado, assim, definitivamente se tratar de um adjunto adnominal.

Na segunda frase, o pronome oblíquo o está substituindo “um caderno”. Como “bonito” ficou “de fora” do pronome, provamos que “bonito” não é um atributo inerente, pertencente ao substantivo “caderno”. É sim um atributo momentâneo, um juízo valor conferido ao objeto pelo sujeito. Fica provado, assim, definitivamente se tratar de um predicativo do objeto.

Resumindo:

O adjunto adnominal modifica diretamente o nome, **sem intermediação de verbo**. Trata-se de uma característica intrínseca do nome.

Já o predicativo modifica o nome **com intermédio de um verbo – ligação ou transobjetivo**. Trata-se de uma qualidade momentânea, circunstancial, atribuída ao nome.

Complemento Nominal

Da mesma forma que os verbos, os nomes também podem pedir complemento. **Os Complementos Nominais preenchem lacunas de sentido deixadas por substantivos, adjetivos ou advérbios.** Vamos chamá-los de CNs, ok? Observe as frases a seguir:

Nós temos *amor* por nossa família.

- Note que o substantivo “amor” pede complemento (*Amor por quê/quem?*);
- O termo “por nossa família” é, portanto, **complemento nominal**.

Interesse por problemas sociais é um bom indício de consciência.

- Note que o substantivo “Interesse” pede complemento (*Interesse por quê/quem?*);
- O termo “por problemas sociais” é, portanto, **complemento nominal**.

Seja sempre *fiel* a seus princípios.

- Note que o adjetivo “fiel” pede complemento (*Fiel a quê/quem?*);
- O termo “a seus princípios” é, portanto, **complemento nominal**.

Aposto

O aposto é uma função sintática cujo núcleo é um substantivo ou pronome substantivo e tem por função explicar, esclarecer, resumir, desenvolver ou especificar outro termo da oração. Possui várias classificações, entre as quais se destacam o *especificador*, o *enumerativo*, o *resumidor* ou *recapitulativo*, o *distributivo* e, o *mais famoso deles*, o *explicativo*.

Numa linguagem matemática, suponhamos que você tenha um termo A na oração e a ele somamos um termo B que funciona como seu aposto. Teremos, gente, **A = B**. *Que maluquice é essa, professor?* Amigos, o aposto equivale ao termo que representa, essa é a ideia que detalharei a seguir. Observe!

Aposto Especificador

Como o próprio nome diz, esse aposto particulariza um termo, especificando-o. Veja as frases a seguir:

O professor *José Maria* fez elogios aos alunos do Direção Concursos.

- “professor” = A; “José Maria” = B
- A = B, o que faz do termo “José Maria” um aposto.
- Dentre tantos professores, está-se especificando qual deles: José Maria
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.

A cidade de *Brasília* está em polvorosa com a inauguração do Direção Concursos.

- “cidade” = A; “Brasília” = B

- A = B, o que faz do termo “de Brasília” um aposto.
- Dentre tantas cidades, está-se especificando qual delas: Brasília.
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.

O mês de dezembro está bastante agitado.

- “mês” = A; “dezembro” = B
- A = B, o que faz do termo “de dezembro” um aposto.
- Dentre tantos meses, está-se especificando qual deles: dezembro.
- Trata-se de um aposto especificador, portanto.

IMPORTANTE

Não confundamos o aposto especificador com o adjunto adnominal. O primeiro guarda uma relação de equivalência com o nome; o segundo, não! Observe!

A cidade de Brasília está em festa.

(cidade = A; Brasília = B; **A = B**, o que faz de “de Brasília” um aposto especificador)

O clima de Brasília é muito maluco.

(clima = A; Brasília = B; **A ≠ B**, o que faz de “de Brasília” um adjunto adnominal)

Aposto Enumerativo

Como o próprio nome diz, **expressa enumerações**, introduzidas geralmente por dois pontos ou expressões de enumeração – como, tais como, a saber, entre os quais, etc.

Várias foram as razões do acidente aéreo: o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.

O aposto enumerativo é toda a enumeração **o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.**

Note que ele está introduzido por dois pontos. Muitas questões perguntam se é possível trocar os dois pontos por um conector de enumeração – *como, tais como, entre os quais, etc.* – antecedido de vírgula. **Sim! É possível.** Observe:

Várias foram as razões do acidente aéreo, tais como o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.

Cuidado, no entanto, com construções do tipo:

Várias foram as razões do acidente aéreo, tais como: o mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, etc.

Aqui temos um problema, pois há dois caras fazendo um serviço que precisa apenas de um. Ora, o conector “tais como” introduz uma enumeração; os dois pontos também. Portanto, temos uma redundância.

Por que utilizar os dois, se precisamos apenas de um? **Dessa forma, ou se empregam os dois pontos ou se faz uso do conector para introduzir a enumeração. Os dois, ao mesmo tempo, não!**

Aposto Resumidor

O aposto resumidor cumpre uma função oposta à do enumerativo. Enquanto este detalha os termos componentes da enumeração, aquele **aglutina todos os elementos da enumeração geralmente num pronome indefinido**. Observe:

*O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, **tudo isso** causou o acidente aéreo.*

Note que o termo “tudo isso” aglutina toda a enumeração anterior. Trata-se, portanto, de um aposto resumidor.

IMPORTANTE

Não confundamos o aposto resumidor com o sujeito.

Na frase *“O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo, **tudo isso** causou o acidente aéreo.”*, o sujeito da forma verbal “causou” não é “tudo isso”, ok? **O termo “tudo isso” é aposto resumidor. O sujeito, na verdade, é “O mau tempo, a imperícia do piloto, a falta de manutenção da aeronave, o desleixo dos operadores de voo”.**

Professor, mas pera lá! O sujeito é composto, certo? Sim! E o verbo fica no singular? Sim! Ué?

Querido aluno, temos a noção de que o verbo concordará com o sujeito, não é verdade? Isso ocorrerá sempre? Ocorrerá em 99,99999% das vezes! **Existe uma situação bem particular na qual o verbo não concordará com o sujeito, e sim com o ... aposto resumidor!**

Havendo um aposto resumidor, o verbo concorda não com o sujeito, mas como o aposto resumidor. Observe mais uma frase

***João, Paulo, Francisco, Antônio, todo mundo** veio para a aula.*

Note que a forma verbal “veio” concorda **não** com o sujeito “João, Paulo, Francisco, Antônio”, e sim com o aposto resumidor “*todo mundo*”.

FIM

NÃO DESISTA!

CONTINUE NA DIREÇÃO CERTA!

